

Mary Lutyens



**KRISHNAMURTI:
OS ANOS DO DESPERTAR**

Cultrix

Mary Lutyens

KRISHNAMURTI:
OS ANOS DO DESPERTAR

KRISHNAMURTI

Jiddu Krishnamurti nasceu na Índia do Sul, em 1895, e foi educado na Inglaterra. Embora não tenha ligações com nenhuma organização filosófica ou religiosa nem se apresente com títulos universitários, vem fazendo conferências para grupos de líderes intelectuais, nas maiores cidades do mundo, há já várias dezenas de anos.

Além dos volumes editados pela Cultrix, numerosas publicações, de palestras e conferências suas, já foram lançadas em português pela Instituição Cultural Krishnamurti, com êxito igual ao obtido quando lançadas em espanhol, francês, alemão, holandês, finlandês e em vários outros idiomas além do original inglês.



OBRAS DE KRISHNAMURTI

PUBLICADAS PELA

EDITOR A C U L T R I X

(em traduções de Hugo Veloso)

A EDUCAÇÃO E O SIGNIFICADO DA VIDA

A PRIMEIRA E ÚLTIMA LIBERDADE

COMENTÁRIOS SOBRE O VIVER

REFLEXÕES SOBRE A VIDA

DIÁLOGOS SOBRE A VIDA

A CULTURA E O PROBLEMA HUMANO

UMA NOVA MANEIRA DE AGIR

LIBERTE-SE DO PASSADO

A SUPREMA REALIZAÇÃO

O MISTÉRIO DA COMPREENSÃO

A IMPORTÂNCIA DA TRANSFORMAÇÃO

O PASSO DECISIVO

FORA DA VIOLÊNCIA

A MUTAÇÃO INTERIOR

O HOMEM LIVRE

O DESCOBRIMENTO DO AMOR

KRISHNAMURTI

Os ANOS DO DESPERTAR

MARY LUTYENS

KRISHNAMURTI

Os anos do despertar

Tradução

de

OCTAVIO MENDES CAJADO



EDITORA CULTRIX

SÃO PAULO

Título do original:

KRISHNAMURTI: The Years of Awakening

© Mary Lutyens 1975

Todos os direitos reservados. Parte nenhuma desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em sistema de armazenamento de informação ou transmitida, por qualquer forma ou meio que seja, eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação ou de qualquer outra espécie, sem permissão prévia de John Murray (Publishers) Ltd., 50 Albermarle Street, London, W1X 4BD.

MCMLXXVIII

Direitos de tradução para a língua portuguesa

adquiridos com exclusividade pela

EDITORA CULTRIX LTDA.

Rua Conselheiro Furtado, 648, fone 278-4811, 01511 São Paulo, SP,
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

SUMÁRIO

Prefácio	9
1 Nascimento e infância	13
2 O escândalo Leadbeater	20
3 O descobrimento	31
4 Primeira iniciação	39
5 Primeiros ensinamentos	50
6 Na Inglaterra	57
7 Tutela legal	64
8 O processo	73
9 "O Arauto da Estrela"	80
10 Dúvidas e dificuldades	88
11 Estudando para o exame	104
12 Depois da guerra	110
13 A vida em Paris	117
14 Crítico e rebelde	124
15 Apaixonado	130
16 Regresso à Índia	139
17 Dificuldades em Sydney	146
18 O ponto decisivo	157
19 Inicia-se o processo	169
20 Intensifica-se o processo	176
21 O clímax do processo	183
22 Ensinando em Pergine	192

23	“O circo itinerante”	198
24	Nitya inspira cuidados	205
25	Os apóstolos automeados	213
26	A primeira manifestação	221
27	O reino da felicidade	229
28	“O Mestre Universal está aqui”	237
29	Libertação	243
30	Pronunciamentos revolucionários	250
31	O rio que se deságua no mar	255
32	“Todos me abandonarão”	264
33	“A verdade é uma terra sem caminhos”	272
34	A flor plenamente desabrochada	276
	Pós-escrito	285
	Cronologia	289

SUMÁRIO DE GRAVURAS

entre as págs.

1	O Bangalô Octogonal, Adyar, olhando para o mar. <i>Fotografia por cortesia de Mark Edwards</i>	32-37
2	O Edifício da sede, visto do outro lado do rio, mostrando a casa da Sra. Russak à esquerda, que era, então, o Bangalô Octogonal. Fotografia tirada por K em 1911	32-33
2	A figueira de Bengala em Adyar. <i>Fotografia cedida por cortesia de Mark Edwards</i>	32-33
3	O pai de K, Narianiah	46-47
3	K, Sivaram e Nitya. A primeira fotografia, Adyar 1909	46-47
4	Nitya e K. Depois da primeira Iniciação, Adyar 1910	46-47
5	Chegada à Estação de Charing Cross, Londres, Maio de 1911, Nitya, a Sra. Besant, K, George Arundale	92-93
6	A Sra. Besant, Leadbeater, Raja, ostentando as insígnias da Ordem da Púrpura, Benares, dezembro de 1911	92-93
7	Taormina, janeiro de 1914. <i>Em pé:</i> George Arundale, a Dra. Mary Rocke, Nitya; <i>sentados:</i> Lady Emily, K, a Srta. Arundale	106-107
8	K em Amphion, verão de 1920	106-107
9	Arya Vihara, Ojai, Califórnia, em 1924	184-185
10	Pergine, agosto de 1924. <i>Na fila de trás:</i> Helen, Rama Rao, Rajagopal, Cordes; <i>na fila da frente:</i> K, Lady Emily, Betty, Mary, Sivakamu, Malati, Ruth	184-185
11	K debaixo da macieira em Pergine, 1924	189-199
12	Chegada a Bombaim, em novembro de 1924. Nitya, a Sra. Besant, K	198-199
13	Consagração episcopal de Arundale, em Huizen, em agosto de 1925. <i>Da esquerda para a direita:</i> o Bispo Mazel, Oscar Köllerström (vestido de padre), o Bispo Arundale, Rajagopal (segurando o báculo), a Sra. Besant, o Bispo Wedgwood, o Bispo Pigott	244-245
13	K falando no acampamento de Ommen	244-245
14	K no telhado do Hotel Sheraton, em Chicago, em setembro de 1926	244-245
14	K debaixo de um gobelino, no Castelo de Eerde, em julho de 1926	244-245
15	Parte de um poema escrito por K. Uma página escrita a lápis arrancada do seu livro de notas. 1927	262-263
16	K dissolvendo a Ordem da Estrela, no acampamento de Ommen, em agosto de 1929	262-263

PREFÁCIO

Esta narrativa dos primeiros trinta e oito anos da vida de Krishnamurti foi escrita por sugestão sua e com toda a ajuda que ele pôde prestar-me. Não obstante, deram-me inteira liberdade para contar-lhe a história à minha maneira; ninguém ficou espiando por cima do meu ombro, e nem Krishnamurti nem qualquer pessoa mais chegada a ele pediu, ou foi solicitada, para aprovar o texto. Trata-se de um relato extremamente pessoal, que registra sua estranha educação e as muitas fases por que passou até atingir a maturidade — suas dificuldades, suas dúvidas, sua infelicidade, suas relações pessoais e seu despertar espiritual, seguido de anos de intenso sofrimento físico. Revela, acima de tudo, as circunstâncias em que desabrocharam os ensinamentos de Krishnamurti e demonstra-lhe a extraordinária realização ao libertar-se das muitas mãos que o agarravam, na tentativa de forçá-lo a assumir o papel do Messias tradicional.

Krishnamurti pediu primeiro ao Sr. Shiva Rao, membro por muitos anos do Parlamento hindu e que o conhecia havia mais tempo do que qualquer outra pessoa viva, que escrevesse este livro. Aceitando a incumbência, o Sr. Shiva Rao coligiu e ordenou grande quantidade de documentos. Grave moléstia da vista, no entanto, impediu-o de aproveitar num livro o seu material. A essa altura, concordei em escrevê-lo, e o Sr. Shiva Rao, meu amigo íntimo há cinquenta anos, entregou-me generosamente toda a sua documentação. Mal se passou um mês nos últimos dois anos sem que ele me mandasse da Índia uma resposta às inúmeras perguntas com que o tenho assediado. Não acredito que dois autores tenham tido, algum dia, colaboração mais afortunada.

Minhas habilitações para encarregar-me do trabalho são o haver conhecido Krishnamurti desde 1911, quando eu tinha três anos de idade, o ter partilhado de muitas experiências aqui relatadas e o haver, nos três últimos anos desse período, representado um papel em sua

vida. Embora, depois disso, eu o visse muito pouco no correr de muitos anos, a ausência nunca enfraqueceu a nossa amizade.

Este livro, sem dúvida, é um registro mais íntimo do que o que teria escrito o Sr. Shiva, embora sempre tivéssemos concordado sobre a maneira de escrever a história de Krishnamurti — deixar que ela se desdobrasse por si mesma, sempre que possível, pelas palavras dos seus principais personagens. Por ser uma história estranhíssima, às vezes até quase incrível, achávamos que o seu sabor genuíno se perderia se fosse narrada de forma convencional. Com a apresentação das cartas e documentos contemporâneos o leitor disporá de todos os fatos. Esse método tem a vantagem especial de não permitir as intromissões ou distorções que a amizade pessoal poderia provocar. Figuro na história como um dos seus muitos personagens, e o que esse personagem pensou ou sentiu é tirado dos diários escritos na ocasião.

O Sr. Shiva Rao e eu também concordamos em que, depois de 1933, quando floresceu o ensino de Krishnamurti, este livro não poderia ter sido escrito da mesma maneira, pois, a partir de então, sua vida tem sido principalmente a sua obra. Não há neste volume a intenção de parafrasear ou interpretar o seu ensino atual. A única coisa que posso fazer nesse sentido é chamar a atenção do leitor para os seus muitos livros publicados a partir de 1954, por Gollancz na Inglaterra e Harper & Row nos Estados Unidos (e muitos dos quais já foram publicados em português por esta editora e pela Editora Pensamento — N. do T.).

Só lamento não poder oferecer aqui um retrato das qualidades que a Sra. Besant há de ter possuído para inspirar tamanha devoção em milhares de pessoas no mundo inteiro. Se o fizesse, estaria fugindo ao principal escopo deste livro. A lealdade foi talvez sua característica mais notável e um conflito de lealdades lhe ensombreceu os últimos anos de vida e fê-la parecer antes a vítima de um logro do que uma força por si mesma. O amor que lhe votou Krishnamurti e que transparece tão claramente nas cartas dele há de ter sido o melhor tributo que ela recebeu nesse período de sua vida em que, tendo renunciado aos seus poderes psíquicos, passou a contar com os poderes alheios, nos quais confiava. Quanto à integridade de C. W. Leadbeater, a pessoa de que ela mais se fiava em todos os assuntos esotéricos, não pude ainda chegar a uma conclusão, muito embora passasse, no ano de 1925, nove meses em sua comunidade de Sydney, em contato diário com ele. Eu então acreditava implicitamente em sua clarividência. Hoje não a descredito. Homem extraordinário, encantador e magnético,

apresentava uma sinceridade que era difícil pôr em dúvida; daí que ele continua sendo um enigma para mim.

Adeptos, Mestres e entidades espirituais altamente desenvolvidas, como os Bodisatvas, o Senhor Maitreya, o Mahachohan e outros, encontram-se em todas as culturas religiosas em que se difundiram o hinduísmo e o budismo. Os significados que lhes são dados e as funções particulares que lhes são atribuídas variam de uma cultura para outra. Nesta obra, seus nomes têm o sentido que lhes conferem os teosofistas. As descrições visuais desses seres, no entanto, e a criação por atacado de Iniciados e Discípulos de grau inferior no Caminho do Discipulado pertencem à era em que C. W. Leadbeater exercia a maior influência esotérica sobre a Sociedade Teosófica. Devo esclarecer que a Teosofia em que Krishnamurti foi educado era a "Teosofia de Leadbeater", hoje, se não me engano, muito desacreditada pelos teosofistas, embora ainda haja uma Seção Esotérica da Sociedade.

Não há nenhuma intenção de menosprezo no fato de não se mencionarem pelo nome os muitos amigos de Krishnamurti que trabalharam por ele com tanta dedicação durante o período abrangido por este livro. Mas eu me senti na obrigação de nomear apenas os que ele mencionou em suas cartas ou que tiveram alguma influência no curso do seu desenvolvimento.

NASCIMENTO E INFÂNCIA

Jiddu Krishnamurti nasceu no dia 11 de maio de 1895, na cidadezinha de Madanapalle, erguida nas montanhas, uns duzentos e quarenta quilômetros ao norte de Madrastra. Como o oitavo filho do sexo masculino, de acordo com a ortodoxia hindu, recebeu o nome de Sri Krishna, que também havia sido um oitavo filho. A família Jiddu se compunha de brâmanes que falavam o télugo, e pertencia, portanto, à casta mais elevada. O bisavô de Krishnamurti exercera um cargo de responsabilidade na East India Company e dedicara-se também ao estudo do sânscrito; seu avô também fora homem de muito saber, funcionário público, ao passo que o pai, Jiddu Narianiah, depois de diplomar-se pela Universidade de Madrastra e ser nomeado funcionário do Departamento de Rendas da administração britânica, acabou sendo guindado, ao fim da sua carreira, à posição de Tashildar (cobrador de aluguéis) e Juiz Distrital. De acordo com os padrões indianos, portanto, a família não era pobre.

Narianiah desposara sua prima segunda, Jiddu Sanjeevamma, que lhe deu onze filhos, seis dos quais sobreviveram à infância. Parece ter sido um casamento felicíssimo. Narianiah descreveu a esposa como dona de uma voz muito bonita e melodiosa, que gostava de cantar para ele. Naquele tempo, a vida indiana era primitiva e o sistema de castas rigidamente repetido. Um escoadouro aberto, destinado a transportar toda a água utilizada nos serviços caseiros corria ao lado da casa em que Krishnamurti nasceria; os varredores, os "intocáveis", que não pertenciam a casta nenhuma, eram os encarregados de limpá-lo. Não se permitia que os varredores entrassem na casa, a não ser para recolher as águas servidas e, numa residência brâmane, nenhuma comida poderia ser preparada, cozida ou servida por um não-brâmane; além disso, no Sul da Índia o cozinheiro era invariavelmente um brâmane

do Sul da Índia, visto que as regras da casta vedavam aos hindus do Sul, vegetarianos rigorosos, até a ingestão de ovos. Nada havia que impedisse um brâmane pobre de encarregar-se de algum trabalho doméstico na casa de outro brâmane, embora, naturalmente, não pudesse realizar nenhuma das tarefas que cabiam aos varredores ou castas inferiores. Não podia haver casamento entre membros de castas diferentes e ninguém poderia mudar de casta a não ser numa existência futura. Os europeus figuravam no mesmo nível dos "intocáveis". Sanjeevamma jogaria fora a comida se a sombra de um europeu tivesse incidido sobre ela e, se um inglês entrasse na casa para tratar de assuntos oficiais, as salas por que ele passasse eram esfregadas e as crianças obrigadas a vestir roupas limpas. Tal era o ambiente em que nasceu Krishnamurti.

Sanjeevamma teve o pressentimento de que seu oitavo filho se notabilizaria de um modo ou de outro e insistiu em que a criança nascesse na sala *puja*, no andar térreo, uma sala especial destinada às orações nas casas das famílias hindus ortodoxas. Narianiah consentiu no capricho da esposa, se bem normalmente ninguém entrasse na sala *puja* à noite depois da última refeição ou de manhã antes das abluções.

Só uma prima com experiência de parteira se achava presente ao parto, que, à diferença dos outros partos de Sanjeevamma, foi rápido e fácil. Narianiah permaneceu sentado na sala contígua com o relógio na mão. À meia-noite e meia abriu-se a medo a porta da sala *puja* para que a prima pudesse sussurrar "Sirasodayam", o que quer dizer em sânscrito "a cabeça está visível". Para os hindus, este é o momento preciso do nascimento, indispensável aos cálculos astrológicos. Como na astrologia hindu o dia começa às 4 horas da manhã de um dia e termina às 4 da manhã do dia seguinte, Krishna nasceu no dia 11 de maio, ao passo que, pelos cálculos ocidentais, teria nascido à meia hora do dia 12.

O horóscopo da criança foi feito no dia imediato por Kumara Shrowtulu, um dos mais renomados astrólogos da região, o qual assegurou a Narianiah que seu filho seria, sem dúvida, um homem muito grande. Durante muitos anos, todavia, pareceu pouquíssimo provável que se cumprisse a predição. Todas as vezes que o astrólogo se encontrava com Narianiah, perguntava: "Como vai o menino Krishna?" E a resposta, evidentemente, nunca era muito animadora, pois o astrólogo teimava em afiançar ao pai decepcionado: "Espere. Eu lhe disse a verdade; ele ainda será alguém maravilhoso e grande."

Em novembro de 1896, Narianiah foi transferido para Cudappah, cidade muito maior e uma das piores do distrito pela incidência da

malária. No ano seguinte, péssimo ano de fome, o menino Krishna, de dois anos de idade, foi acometido de uma crise tão violenta de malária que ninguém dava nada pela sua vida e, conquanto Narianiah fosse novamente transferido em 1900 para a cidade mais saudável de Kadiri, Krishna sofreu, por muitos anos, acessos periódicos da febre e constantes hemorragias nasais.

Em Kadiri, aos seis anos de idade, como todos os meninos brâmanes no início da sua educação, Krishna passou pela cerimônia do fio sagrado, ou *Upanyanam*, que lhes assinala o ingresso na *Brahmacharya*. Isso significa que eles assumem as responsabilidades do sacerdócio brâmane, eis que todo menino brâmane é um sacerdote nato. Narianiah descreveu essa ocasião importante:

É nosso costume fazer uma festa de família, e os amigos e parentes foram convidados para jantar. Quando todas as pessoas estavam reunidas, banharam o menino e vestiram-no com roupas inteiramente novas — usaram-se roupas muito ricas quando os pais estão em condições de fornecê-las. Krishna foi trazido à sala e colocado sobre meus joelhos, ao passo que, com a mão estendida, eu segurava uma bandeja de prata cheia de grãos de arroz. A mãe do menino, sentada ao meu lado, tomou-lhe o dedo indicador da mão direita e, com ela, traçou no arroz a palavra sagrada AUM, que, em sua representação sanscrita, consiste numa única letra, a letra que, pelo som, é a primeira do alfabeto sânscrito e de todos os vernáculos. Tiraram-me depois o anel do dedo e colocaram-no entre o dedo e o polegar da criança, e minha esposa, segurando a mãozinha, voltou a desenhar a palavra traçada em letra téluga com o anel. Em seguida, outra vez, porém sem o anel, a mesma letra foi traçada mais três vezes. Depois disso, o sacerdote oficiante recitou mantras e abençoou o menino, para que ele fosse espiritual e intelectualmente bem dotado. Ato contínuo, levando Krishna conosco, minha esposa e eu nos dirigimos ao templo de Narasimhaswami a fim de fazer nossas devoções e orar pelo êxito futuro de nosso filho. Dali nos endereçamos à mais próxima escola indiana, onde Krishna foi entregue ao mestre, que, na areia, executou a mesma cerimônia de traçar a palavra sagrada. Entrementes, muitos amigos dos escolares se haviam reunido na sala, e nós distribuímos entre eles coisas que podiam servir de regalo para os alunos. Assim iniciamos nosso filho em sua carreira educacional de acordo com o antigo costume brâmane.

O irmãozinho de Krishna, Nityananda, exatamente três anos mais moço, corria-lhe empós quando ele ia à escola, em Kadiri, ansiando por acompanhá-lo. Nitya era tão vivo quanto Krishna era vago e sonhador; sem embargo disso, um elo muito estreito unia os dois irmãos. Krishna voltava amiúde da escola para casa sem o lápis, a lousa ou o livro, que dera a algum menino mais pobre. De manhã, mendigos se achegavam à casa, e era costume verter certa quantidade de arroz não-fervido em cada mão estendida. A mãe de Krishna mandava-o distribuir o arroz e ele voltava sempre em busca de mais, dizendo que o des-

pejara todo na sacola do primeiro homem. Ao entardecer, quando Narianiah se sentava com os amigos na varanda, de volta da repartição, os mendigos retornavam para pedir comida cozida. Nessa ocasião, os criados tentavam enxotá-los, mas Krishna corria para dentro de casa a fim de buscar a comida solicitada, e quando Sanjeevamma fazia doces especiais para as crianças, Krishna ficava apenas com parte da sua quota e dava o resto aos irmãos; apesar disso, Nitya nunca deixava de pedir mais e Krishna nunca deixava de fazer-lhe a vontade.

Todas as noites, enquanto estiveram em Kadiri, Krishna e Nitya iam com a mãe ao grande templo de Narasimhaswami, famoso pela sua santidade. Krishna sempre revelou pendores religiosos e, por mais estranho que isso pareça, uma queda para a mecânica. Um dia, quando o pai se achava ausente, desmontou o relógio paterno e recusou-se a ir à escola e até a comer enquanto não tornou a montá-lo. Essas duas inclinações mais ou menos contraditórias de sua natureza, assim como a generosidade, persistiram durante toda a sua vida.

As freqüentes remoções de Narianiah, bem como os acessos de febre de Krishna interromperam a vida escolar do menino (durante um ano inteiro não pôde ir à escola), de sorte que, nas lições, ele se mostrava muito atrasado em relação aos outros garotos da sua idade. Além disso, detestava o aprendizado livresco e era tão sonhador que, por vezes, parecia um retardado mental. Não obstante, sabia observar quando sentia despertado o seu interesse. De quando em quando, deixava-se ficar por longo tempo observando árvores e nuvens, ou se acocorava no chão a olhar para plantas e insetos. Essa atenta observação da natureza foi outra característica que ele conservou.

Em 1903, depois de três breves transferências, a família voltou para a cidade infestada de malária de Cudappah, onde, no ano seguinte, faleceu a irmã mais velha de Krishna. Narianiah registrou que sua esposa “ficou prostrada pela dor em virtude da morte da filha, jovem de apenas vinte anos, altamente espiritual, que não ligava para nada que o mundo pudesse dar-lhe”. Foi pouco depois da morte dela que Krishna revelou, pela primeira vez, sua clarividência. Numa dissertação sobre a sua infância, escrita aos dezoito anos, ele diz que a mãe “era, até certo ponto, médium” e via com freqüência a filha morta:

Elas conversavam e havia um lugar especial no jardim a que minha irmã costumava dirigir-se. Minha mãe sabia sempre quando minha irmã estava lá e, às vezes, levava-me consigo ao local, e me perguntava se eu também via minha irmã. A pergunta, a princípio, me fazia rir, mas ela me pedia para olhar outra vez e então, às vezes, eu via minha irmã. Depois disso, sempre pude vê-la. Devo confessar que eu sentia muito medo, porque a vira morta e vira-lhe o corpo sendo queimado. Eu geral-

mente me agarrava às saias de minha mãe, e ela me dizia que não havia razão para ter medo. Eu era o único membro da família, além de minha mãe, que via aquelas visões, embora todos acreditassem nelas. Minha mãe era capaz de ver as auras das pessoas e eu, por vezes, as via também.

Em dezembro de 1905, quando Krishna tinha dez anos e meio e a família ainda se achava em Cudappah, o pior dos golpes se abateu sobre ela — a própria Sanjeevamma faleceu. Krishna escreveu nessa mesma dissertação:

As lembranças mais felizes da minha infância giram em torno de minha querida mãe, que dispensava a todos nós os cuidados amorosos pelos quais são bem conhecidas as mães indianas. Não posso dizer que eu me sentisse particularmente feliz na escola, pois os professores não eram muito bondosos e me davam lições demasiado difíceis para mim. Eu gostava dos jogos não muito violentos, pois tinha a saúde delicada. A morte de minha mãe em 1905 privou-nos, aos meus irmãos e a mim, daquela que mais nos amava e mais se preocupava conosco, pois meu pai, ocupado demais, não podia dar-nos muita atenção... Não havia realmente ninguém que cuidasse de nós. Em relação à morte de minha mãe, posso dizer que a vi com frequência depois que ela morreu. Lembro-me de que, certa vez, subi a escada no encalço da forma de minha mãe. Estendi a mão e pareceu-me agarrar-lhe o vestido, mas ela desapareceu assim que chegou ao topo da escada. Até há pouco tempo, eu costumava ouvi-la atrás de mim quando ia à escola. Lembro-me disso em particular porque escutava o som dos braceletes que as mulheres indianas usam nos pulsos. A princípio, eu olhava para trás meio assustado, e via-lhe a vaga forma do vestido e parte do rosto. Isso acontecia quase sempre quando eu saía da casa.

Narianiah confirmou que Krishna via sua mãe morta:

Temos o costume de colocar, sobre uma folha, parte da comida preparada para a família e depositá-la perto do lugar onde jaz a pessoa falecida, e assim fizemos no caso de minha esposa. Entre as 9 e 10 horas da manhã do terceiro dia, Krishna foi tomar banho. Entrou no banheiro e mal despejara alguns jarros de água sobre a cabeça, quando saiu correndo, sem roupas [embora usasse uma tanga] e inteiramente molhado. A casa em que eu morava em Cudappah era uma casa comprida e estreita, cujos cômodos se sucediam, um atrás do outro, como os compartimentos de um trem. Quando Krishna passou por mim a correr, vindo do banheiro, agarrei-lhe a mão e perguntei-lhe o que acontecera. O menino disse que sua mãe estivera no banheiro com ele e que ele, ao vê-la sair, saíra-lhe no encalço para ver o que ela ia fazer. Eu disse, então: "Você não se lembra de que sua mãe foi levada para o crematório?" "Sim", retrucou ele, "eu me lembro, mas quero ver aonde é que ela vai agora." Soltei-lhe a mão e segui-o. Ele chegou até o terceiro aposento e parou. Era o lugar em que os sáris de minha esposa costumavam ser estendidos para secar durante a noite. Krishna quedou-se a olhar, muito atento, para alguma coisa e perguntei-lhe o que estava acontecendo. Ele respondeu-me: "Minha mãe está despindo as roupas molhadas e vestindo roupas secas."

Em seguida, dirigiu-se para a sala vizinha e sentou-se perto da folha em que fora colocada a comida. Fiquei ao pé dele alguns minutos e ele contou que sua mãe estava comendo. A pouco e pouco, levantou-se, caminhou para a escada, e continuei a segui-lo. Parou no meio da escada e disse que já não podia vê-la. Em seguida nos sentamos ao lado um do outro e perguntei-lhe qual era a aparência dela e se ela lhe dirigira a palavra. Ele respondeu-me que a sua aparência era a de sempre e que ela não lhe falara.

Após a morte da esposa, Narianiah tirou alguns meses de licença e tornou a Madanapalle por amor da saúde das crianças; quando voltou ao trabalho, foi-lhe possível permanecer ali até aposentar-se. Krishna e Nitya ingressaram ambos, no dia 17 de janeiro de 1907, na Escola Secundária de Madanapalle, que freqüentaram até janeiro de 1909.

A uns três quilômetros, mais ou menos, da casa deles havia um morro solitário em cujo topo se erguia um templo, e Krishna gostava de subir até lá todos os dias depois da escola. Nenhum dos outros meninos se dispunha a acompanhá-lo, pois era uma árdua escalada por terreno pedregoso, mas ele insistia sempre em levar Nitya consigo. Também gostava de ir com os amigos a piqueniques. Como o pai era agora Juiz Distrital, posição de alguma importância, os irmãos de Krishna entendiam que não condizia com a sua dignidade carregar a comida até o local do piquenique; Krishna, que não dava tanta importância a si mesmo, tirava a comida das mãos dos criados e ele mesmo a carregava.

Se bem fosse um brâmane ortodoxo, Narianiah era membro da Sociedade Teosófica desde 1882 (a Teosofia abrange todas as religiões) e Sanjeevamma, evidentemente, simpatizara com as idéias do marido, pois Krishna se lembrava de que, tendo ficado tanto tempo em casa, com febre, durante a infância, enquanto os irmãos estavam na escola, ia muitas vezes à sala *puja* de sua mãe cerca do meio-dia, enquanto ela executava as cerimônias diárias e lhe falava sobre a Sra. Annie Besant, um dos vultos mais importantes da Teosofia, muito querida na Índia em virtude do seu trabalho em prol da educação indiana. Também se lembrava de que, nas paredes, além dos retratos das divindades hindus, havia uma fotografia da Sra. Besant em trajes índicos sentada, de pernas cruzadas, sobre um *chowki* coberto com uma pele de tigre.

Quando se aposentou, no fim de 1907, aos cinquenta e dois anos de idade, com uma pensão de apenas 112 rupias mensais, metade do salário anterior, Narianiah escreveu à Sra. Besant, presidenta da Sociedade Teosófica, oferecendo-lhe seu “trabalho dedicado e integral” em qualquer capacidade, em troca de acomodação gratuita para ele e para seus filhos na sede internacional da Sociedade em Adyar, perto

de Madrasta. Enquanto estivera a serviço do governo, explicou ele, tivera a seu cargo uma área de mais de dois mil quilômetros quadrados, que continha 160 aldeias, e sentia-se capaz de administrar uma propriedade bem grande. Acentuou que era viúvo, tinha consigo quatro filhos, cujas idades variavam entre quinze e cinco anos, e que, como sua única filha se casara, não havia ninguém, a não ser ele mesmo, para cuidar dos meninos. Sivaram, o irmão mais velho de Krishna, tinha quinze anos. O menino de cinco, Sadanand, cinco anos mais moço do que Nitya, era mentalmente deficiente.

A Sra. Besant recusou-lhe a oferta alegando que a escola mais próxima distava de Adyar mais de cinco quilômetros; que isso acarretaria a despesa de mandar as crianças para lá de carro e que, de qualquer maneira, os meninos exerceriam uma influência perturbadora no recinto. Destemido, Narianiah reiterou por mais três vezes o pedido nos meses seguintes. Por sorte sua, em fim de 1908, um dos secretários da Sociedade precisou de um assistente e sugeriu o nome de Narianiah para o posto. Depois de conhecê-lo na Convenção Teosófica realizada em dezembro, a Sra. Besant concordou afinal em aceitar-lhe os serviços e, a 23 de janeiro de 1909, ele se mudou para Adyar com quatro filhos e um sobrinho. Sivaram ingressou no Presidency College de Madrasta, preparando-se para estudar medicina, ao passo que Krishna, Nitya e o primo foram para a Escola Secundária Subramaniana de Pennathur em Mylapore, percorrendo todos os dias, a pé, duas vezes por dia, os cinco quilômetros que os separavam da escola. O pequeno Sadanand não se achava física nem mentalmente em condições de frequentar escolas.

Como não houvesse casa disponível no interior da propriedade, a família passou a morar numa casa de campo dilapidada nos arredores, sem instalações sanitárias internas. A irmã de Narianiah, que acabara de brigar com o marido, foi ficar com eles, a princípio para cozinhar e cuidar da casa, mas parece que, sobre ser desmazelada, era péssima cozinheira. Os meninos chegaram a Adyar em lamentáveis condições físicas. Entretanto, nunca será demais louvar a persistência de Narianiah pois, se ele não tivesse conseguido ir para Adyar, é pouquíssimo provável que algum de seus filhos atingisse a maturidade.

O ESCÂNDALO LEADBEATER

Na ocasião em que Narianiah foi viver em Adyar, a propriedade da Sociedade Teosófica compreendia cerca de 260 acres à margem meridional do amplo Rio Adyar, ao sul de Madrasta, tendo um quilômetro e meio de rio por divisa frontal e quase um quilômetro de praia particular. O edifício da sede, ergue-se à beira do rio. Consiste numa biblioteca, sala de convenções, santuário, escritórios, quartos de hóspedes e suítes para os líderes da Sociedade, e continua virtualmente sem qualquer modificação. O caminho que vai desse edifício diretamente para o mar ainda passa por um coqueiral e, mais adiante, sob os arcos da famosa figueira de Bengala, a segunda maior figueira da Índia, para desembocar em amplo trecho de praia arenosa, onde o rio despeja suas águas na Baía de Bengala. Com o seu perfeito clima de inverno, poucos sítios haverá no mundo mais belos do que Adyar.

O edifício da sede foi outrora modesta casa anglo-indiana, chamada Jardins de Huddleston, flanqueada de dois pavilhões octogonais. Estes, juntamente com vinte e sete acres de terra, foram comprados por 600 libras esterlinas em 1882 pelo primeiro presidente da Sociedade, o Coronel Olcott. Pouco a pouco, adquiriram-se as propriedades vizinhas, construíram-se casas novas e reconstruíram-se as velhas, a fim de acomodar o número cada vez maior de residentes e visitantes teosóficos. Essas casas e propriedades, além de um prelo, uma cozinha comunal hindu e uma fazendinha, fundiram-se num grande conglomerado. Até os Jardins de Huddleston foram tão alterados e ampliados que nada se pode discernir da casa original a não ser os dois pavilhões.

Depois que a Sra. Besant se tornou presidenta em 1907, animaram-se os membros da Sociedade a construir casas que pudessem ocupar sempre que visitassem Adyar, ficando entendido que ela, na

ausência deles, poderia dispor das casas como lhe aprouvesse e que, por morte dos construtores, os edifícios passariam a pertencer à Sociedade.

A Sociedade Teosófica fora fundada nos Estados Unidos em 1875 pelo Coronel Henry Steel Olcott, veterano da Guerra Civil interessado em espiritualismo e mesmerismo, e pela Sra. Helena Petrovna Blavatsky, a famosa russa, considerada pelos inimigos como refinada impostora e adorada pelos adeptos como vidente e capaz de fazer milagres, cujos poderes ocultos derivavam da mais alta fonte espiritual. A Sociedade tinha três objetivos: 1. Formar um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor; 2. Incentivar o estudo da religião comparada, da filosofia e da ciência; 3. Investigar as leis não-explicadas da natureza e os poderes latentes no homem. A sede da Sociedade foi transferida em 1882 dos Estados Unidos para o clima mais espiritual da Índia, de onde a Teosofia se espalhou com rapidez pelo mundo inteiro.

Olcott, que tinha quarenta e três anos quando a Sociedade foi fundada, era o seu presidente, mas coube à Sra. Blavatsky, um ano mais velha, o papel de inspiradora do seu centro oriental ou esotérico, retirado da sabedoria antiga de várias religiões — virtualmente uma sociedade dentro da Sociedade. E enquanto o público em geral era persuadido a ingressar na organização externa, só os teosofistas que pertenciam à Sociedade há mais de dois anos podiam pleitear seu ingresso na Seção Esotérica, onde só se admitiam os que houvessem realizado algum trabalho para a Sociedade. (Narianiah pertencia à S.E., como era chamada, e foi como assistente do secretário da S.E. que pôde mudar-se para Adyar com a família.)

Inerente a este ensino interior havia a crença na evolução através de uma série de vidas até o atingimento da perfeição suprema, quando o ego, a alma, se liberta da roda do carma, a lei inexorável pela qual cada um colhe o que semeia, tanto de bem quanto de mal, de uma vida a outra. Em certa fase da evolução, o ego está pronto para entrar no Caminho do Discipulado, que o conduzirá finalmente à condição de Adepto e membro da Grande Fraternidade Branca de seres perfeitos que governam e dirigem o mundo. Alguns desses Adeptos (Mestres ou Mahatmas, como eram chamados) decidiam voluntariamente permanecer em forma humana a fim de auxiliar a evolução dos que acabavam de ingressar no Caminho. Os dois Mestres que haviam tomado a Sociedade Teosófica sob sua proteção especial, o Mestre Morya e o Mestre Kuthumi, viviam no Tibete. Conservavam ainda os corpos de sua última encarnação e, não tendo sido tocados por tristezas nem

cuidados, tinham vivido até uma idade muito avançada, embora parecessem estar sempre no vigor dos anos. Esses corpos, todavia, eram tão sensíveis que não podiam suportar o impacto da vida no mundo cotidiano.

O Mestre Kuthumi usava o corpo de um brâmane de Caxemira e tinha a tez tão alva quanto qualquer europeu, olhos azuis, barba e cabelos castanhos, ao passo que o Mestre Morya, seu amigo íntimo e companheiro, magnífico cavaleiro, era um rei rajaputro que possuía um belo corpo trigueiro indiano, cabelos pretos e cintilantes olhos negros. Antes de fundar a Sociedade Teosófica, a Sra. Blavatsky vivera por algum tempo num mosteiro do Nepal e afirmava ter encontrado freqüentemente esses Mestres em sua forma humana. Mas não era necessário ir fisicamente ao Tibete para vê-los; eles podiam ser visitados no plano astral por seus pupilos terrenos, ou se materializavam em suas formas etéricas para os que tivessem o privilégio de vê-los, atravessando portas fechadas. Depois de conhecer a Sra. Blavatsky, o Coronel Olcott desenvolveu seus poderes psíquicos e, como a sua colega, era às vezes visitado pelos Mestres ou ia procurá-los em seus lares tibetanos.

Acima dos Mestres vinha uma hierarquia de seres gloriosos, um dos quais é inseparável de qualquer narrativa da vida terrena de Krishnamurti: o Senhor Maitreya, o Mestre Universal — Cristo no Ocidente, Bodisatva no Oriente, que se não deve confundir com o Buda, o qual, de acordo com os teosofistas, era uma entidade ainda mais elevada. Sustentavam eles que o Senhor Maitreya se apossara por duas vezes de um corpo humano a fim de trazer ao mundo novos ensinamentos num período de extrema necessidade — primeiro o de Sri Krishna no século IV a.C. e depois o de Jesus. Não tardaria a ocasião em que o Senhor Maitreya tomaria posse, mais uma vez, de um veículo humano e daria uma nova religião ao mundo. Entrementes, também vivia nos Himalaias, numa casa com um jardim maravilhoso, bem perto das residências dos Mestres Morya e Kuthumi, num corpo da raça céltica, com barba e cabelos de um vermelho de ouro e olhos violeta. O corpo humano que escolheria quando fosse chegado o momento teria de ser tão sensível que lhe permitisse funcionar através dele, porém menos sensível do que o que usava no Tibete, pois este não teria podido sobreviver por muito tempo ao barulho e ao estresse de uma cidade.

Em 1889, a Sra. Blavatsky dissera a um grupo de estudiosos de Teosofia que o verdadeiro propósito de fundar a Sociedade era preparar

a humanidade para receber o Mestre Universal quando ele tornasse a aparecer na terra, e isso foi repetido mais publicamente pela Sra. Besant em 1896, cinco anos depois da morte da Sra. Blavatsky. Os teosofistas acreditavam também que, sempre que surgia, um grande mestre religioso introduzia uma nova sub-raça. Desta vez seria a sexta sub-raça da quinta raça-tronco, que se desenvolveria na Austrália. (Mais tarde o berço dessa sub-raça foi transferido para a Califórnia.) Em 1909, numa conferência pública pronunciada em Chicago sobre o seu tema favorito “A Raça Futura e o Futuro Mestre”, a Sra. Besant anunciou: “Esperamos que Ele, desta vez, apareça no mundo ocidental — e não no Oriente, como fez o Cristo há dois mil anos.” Em realidade, o veículo ocidental já fora selecionado na pessoa de um rapazinho muito bem parecido e muito inteligente de treze anos, Hubert van Hook, filho do Dr. Weller van Hook de Chicago, secretário-geral da Sociedade Teosófica nos Estados Unidos. O menino fora escolhido pelo colega mais íntimo da Sra. Besant, C. W. Leadbeater, durante uma *tournee* de conferências pela América do Norte poucos anos antes, e levado à Europa, onde a Sra. Besant o conhecera; quando ela tornou a vê-lo em Chicago em 1909, ficou também tão impressionada com ele que conseguiu persuadir a mãe do menino a deixar o marido e levar o filho à Europa e à Índia, onde ele receberia um adestramento especial a fim de preparar-se para o seu maravilhoso destino. Nesse ínterim, à revelia da Sra. Besant, Leadbeater já escolhera outro veículo para o Senhor Maitreya, e Hubert logo seria posto de lado.

Charles Webster Leadbeater, C.W.L. como era chamado muitas vezes, nascera no mesmo ano que vira nascer a Sra. Besant, 1847, mas abraçara a Teosofia cinco anos antes. Pouco se sabe do princípio da sua vida, a não ser que, ainda menino, foi para o Brasil, onde o pai era empreiteiro de estrada de ferro, e levou uma vida de aventuras no correr da qual seu pai morreu e seu irmão mais moço Gerald foi assassinado em 1862 por bandidos. Voltando à Inglaterra, ingressou na Universidade de Oxford, mas precisou abandoná-la pouco depois quando, em 1866, quebrou o banco em que estava depositado o dinheiro da família. Não obstante, conseguiu tomar ordens sacras em 1878 e tornou-se coadjutor da igreja de St Mary, em Bramshott, no Hampshire. O seu interesse inato pelo ocultismo foi estimulado pelos livros de A. P. Sinnett, um dos líderes da Teosofia na Inglaterra, sobretudo *The Occult World* (O Mundo Oculto), e em 1883 ingressou na Sociedade. Um ano depois, apresentado por Sinnett à Sra. Blavatsky, pediu para tornar-se seu discípulo. Quando ela o aceitou, ele abandonou a Igreja,

fez-se vegetariano, cortou todos os elos com a Inglaterra e acompanhou-a à Índia. Afirmava que ela lhe modificara inteiramente o caráter em sete semanas. Homem muito tímido, uma das primeiras tarefas que ela lhe cometeu, à guisa de desafio durante a viagem para a Índia, foi carregar um urinol cheio por toda a extensão do convés principal de passageiros, em plena luz do dia. Ele declarou que nunca mais se incomodou com o que os outros poderiam pensar a seu respeito, o que, a julgar pelos fatos subseqüentes, não deixava de ser verdade.

Leadbeater ficou no Oriente, a princípio em Adyar e depois no Ceilão, nos cinco anos seguintes. Em Adyar desenvolveu seus poderes mediúnicos e, no Ceilão, tendo-se tornado budista assim que chegou ao Oriente, lecionou numa escola para meninos budistas pobres, fundada pelo Coronel Olcott sob a égide da S.T. Em 1887, o Sr. Sinnett, que ainda o considerava seu protegido, pediu-lhe que regressasse à Inglaterra, a fim de ser preceptor de seu filho e de outro menino, George Arundale, sobrinho e filho adotivo da Srta. Francesca Arundale, uma das muitas senhoras ricas atraídas para a Teosofia. George Arundale desempenharia um papel considerável no princípio da vida de Krishna.

Leadbeater concordou com o pedido de Sinnett, mas impôs-lhe uma condição: a de poder levar consigo, para estudar na Inglaterra, um dos seus discípulos cingaleses, C. Jinarajadasa, que ele acreditava ser uma reencarnação de seu irmão assassinado. No ano anterior à volta de Leadbeater à Inglaterra, a Sra. Besant se convertera à Teosofia, quando a incumbiram de escrever um artigo de crítica para a *Pall Mall Gazette* sobre os dois maciços volumes de *The Secret Doctrine* (A Doutrina Secreta) da Sra. Blavatsky; mais tarde, apresentada à autora, caiu, como Leadbeater, instantaneamente sob o seu fascínio. Em 1890, a Sra. Besant e Leadbeater se encontraram pela primeira vez numa reunião teosófica em Londres e, após a morte da Sra. Blavatsky no ano seguinte, ele passou a ser a maior influência humana na vida da Sra. Besant.

Annie Besant, que em solteira se chamava Wood, já tivera uma carreira tempestuosa quando se converteu à Teosofia. Casada aos vinte anos com um sacerdote da Igreja da Inglaterra, Frank Besant, irmão de Sir Walter Besant, separou-se dele seis anos depois, em 1873, embora isso significasse para ela separar-se do filho; tendo deixado de acreditar na divindade de Cristo, sua consciência não lhe permitia receber o Sacramento. Em 1876 sua filha também foi legalmente arrancada ao seu convívio depois de um longo processo judicial, em

que ela dirigiu a própria defesa.¹ Dali por diante, continuou a lutar, intransigente, pelas causas que esposara e em defesa dos princípios que considerava vitais: a liberdade de pensamento e de expressão, os direitos das mulheres, o socialismo fabiano, o controle da natalidade e os direitos dos trabalhadores nos primeiros dias do movimento sindical. Antes da sua conversão à Teosofia, Charles Bradlaugh, o Dr. E. B. Aveling e Bernard Shaw tinham sido seus amigos e colaboradores mais íntimos, e os dois primeiros provavelmente seus amantes. (A semelhança entre Leadbeater e Shaw era impressionante, mormente na velhice.) Annie Besant deve ter sido uma moça muito bonita e durante toda a sua existência conservou um encanto extraordinário. Desde o princípio da sua carreira, tanto antes quanto depois da conversão, foi escritora prolífera e oradora vigorosa. A Índia, onde esteve pela primeira vez em 1893, veio a ser o seu lar espiritual; a partir dessa data, nos quarenta anos que ainda viveu, dedicou sua espantosa energia e seus talentos extraordinários ao serviço da Índia e à difusão da Teosofia pelo mundo inteiro. Mas a liberdade e o progresso da Índia eram-lhe ainda mais caros do que a Teosofia e, em todas as esferas — educativa, social, religiosa e política — trabalhou pelo bem-estar da Índia. Suas maiores qualidades eram a coragem, a capacidade de resistência e a lealdade.

A coragem, a energia e o magnetismo também constituíam características notáveis de Leadbeater mas, assim como a Sra. Besant o suplantava em assuntos que não fossem teosóficos, assim ele a eclipsava em capacidade psíquica. Em 1895, na Inglaterra, eles realizaram juntos investigações esotéricas no cosmo, nos primórdios da humanidade, na química e na constituição dos elementos, além de visitarem, frequentemente juntos, em seus corpos astrais, os Mestres (Mestre Morya era o guru da Sra. Besant; Mestre Kuthumi, o do Sr. Leadbeater). Descobriram-se também capazes de “ver” a vida pregressa de alguns dos seus dedicados discípulos, bem como a sua própria e, quando verificaram que eles mesmos e seus amigos tinham mantido relações íntimas em encarnações anteriores, entraram a fazer mapas dessas vidas passadas. Nesses anos, antes do início do século, os poderes psíquicos da Sra. Besant se achavam no auge. Aos poucos, porém, ela permitiu que se dissipassem, à proporção que o seu trabalho em prol da Índia, para o qual acreditava ter sido dirigida por seu Mestre, a absorvia cada vez mais, até que passou a fiar-se quase que exclusivamente de

1. Os dois filhos voltaram para ela quando atingiram a maioridade e ambos se tornaram teosofistas. Depois da separação ela mudou a pronúncia do seu nome de Bezant para Bésant.

Leadbeater para as comunicações mediúnicas. Embora continuasse a fazer conferências na Europa e na América, a Índia converteu-se no seu lar e ela sempre passava ali os meses do inverno.

Tendo granjeado grande reputação na Sociedade como escritor, orador, clarividente e professor — principalmente de grupinhos de meninos — Leadbeater realizou duas longas *tournées* de conferências nos Estados Unidos e no Canadá entre os anos de 1900 e 1904, e outra em Sydney em 1905, levando consigo um dos seus discípulos ingleses favoritos e conseguindo novos na América. O escândalo em que a Sociedade não tardaria a ver-se envolvida não poderia ter sido grande surpresa para ele. A própria Sra. Besant ouvira, durante algum tempo, rumores acerca de práticas imorais, que ela negara, indignada. Desde o seu tempo de coadjutor se ouviram falatórios a respeito dele e de alguns meninos do coro da igreja, e dizia-se que o Sr. Sinnett retirara o filho dos seus cuidados. Entretanto, nenhum desses rumores ficou provado. Depois, em 1906, após o regresso de Leadbeater à Inglaterra, o filho do secretário-correspondente da Seção Esotérica de Chicago, menino de catorze anos que Leadbeater levara consigo a São Francisco na primeira *tournee* de conferências, confessou aos pais a razão da antipatia que votava ao seu mentor, ao qual, a princípio, se mostrara muito dedicado — Leadbeater incentivara nele o hábito da masturbação. Quase ao mesmo tempo, o filho de outro funcionário teosófico de Chicago acusou Leadbeater do mesmo delito, sem que tivesse havido, aparentemente, qualquer conluio entre os dois meninos. Em seguida se apresentou uma carta datilografada, sem assinatura, sem data, cifrada, recolhida por uma suspeitosa mulher de limpeza do chão de um apartamento em Toronto, em que Leadbeater estivera com o segundo menino e que, segundo se dizia, fora escrita pelo ex-coadjutor. O código era simples e, decifrado, revelou uma passagem tão obscena, para o tempo, que a carta, por lei, não pôde ser impressa na Inglaterra. Decifrada, a passagem delituosa dizia: “A sensação prazerosa é muito agradável. Mil beijos, querido.”

Quando a Sra. Besant, na Índia, soube de tudo isso, escreveu, consternada, a Leadbeater. Ele negou a autoria da carta incriminadora, se bem confessasse, despidoradamente, haver advogado a masturbação como medida profilática em certos casos, como um mal muito menor do que o trato com prostitutas ou a criminosa obsessão com pensamentos eróticos. Prometeu, contudo, nunca mais incentivar a prática dentro da Sociedade Teosófica, não porque não acreditasse nela mas em atenção à Sra. Besant. Ela deu-se por satisfeita e declarou aos detratores de Leadbeater que a carta havia sido forjada.

Não se permitiu que o assunto ficasse nisso — o que era, aliás, perfeitamente compreensível num período em que não somente o público em geral abominava o homossexualismo, mas também em que se afirmava que a masturbação conduzia à loucura. O Comitê Executivo da Seção Norte-Americana da Sociedade nomeou uma comissão e mandou-a a Londres a fim de levar o caso ao conhecimento do presidente, Coronel Olcott, que não teve outra alternativa senão pedir a Leadbeater que comparecesse perante o Conselho da Seção Britânica para responder às acusações. Leadbeater estava disposto a atender ao convite mas, antes da reunião no Hotel Grosvenor, no dia 16 de maio de 1906, apresentou seu pedido de demissão, no intuito de poupar um constrangimento à Sociedade, como ele mesmo disse a Olcott. O Conselho instou com Olcott para que o expulsasse da Sociedade, mas acabou concordando em aceitar-lhe o pedido de demissão, a fim de evitar a publicidade.

Foi um choque terrível para a Sra. Besant, que não fora à Inglaterra assistir ao julgamento, saber que Leadbeater, reperguntado, admitia que, no caso de outros meninos, assim como no dos dois em apreço, não somente advogara a prática regular da masturbação, mas também poderia ter fornecido certa dose de “ação indicativa”, como poderia ter aconselhado a mesma prática a certos meninos antes do desenvolvimento dos seus impulsos sexuais. (Ele negou esta última parte ao ver o relato taquigrafado e atribuiu-a a uma falha na transcrição.) Depois de um primeiro impulso, em que pensou até em renunciar à Sociedade por uma questão de lealdade para com Leadbeater, a Sra. Besant voltou-se momentaneamente contra ele e chegou a duvidar das experiências esotéricas que tinham realizado juntos. Enviou uma circular às secretarias da Seção Esotérica do mundo inteiro condenando-lhe o procedimento e afirmando que ela e Leadbeater haviam sido “fascinados” e, nesse estado, levados a acreditar que tinham visto os Mestres, sendo a palavra “fascinados” empregada no sentido mais pejorativo. Àquela altura, a Sra. Besant e Leadbeater já haviam percorrido um largo trecho do Caminho do Discipulado, tendo dado juntos os seus passos em presença dos Mestres, e eram agora altos Iniciados. Sendo a absoluta pureza sexual um dos primeiros requisitos para a Iniciação, a Sra. Besant encontrava-se numa situação difícil: se fosse impuro, Leadbeater não poderia ser Iniciado e, se não fosse Iniciado, as visões que ela tivera de estarem juntos diante dos Mestres seriam ilusões.

A Sociedade Teosófica cindiu-se em torno do escândalo Leadbeater; a única pessoa que permaneceu perfeitamente fria e não-arrependida

durante todo o tempo foi o próprio Leadbeater, embora despojado, depois de vinte e dois anos de trabalhos para a Sociedade, do seu meio de vida e da sua reputação. Numa carta de 30 de junho de 1906, antes que a Sra. Besant se voltasse definitivamente contra ele, tentou explicar-lhe, com maior precisão, o seu ponto de vista:

Minha querida Annie... Minha opinião sobre o assunto, que tanta gente julga tão errada, formou-se muito antes dos dias teosóficos... Existe uma função natural do homem, que em si mesma não é mais vergonhosa (a não ser que seja satisfeita à custa de outra pessoa) que o comer e o beber... Ocorre a acumulação, que se descarrega a intervalos — geralmente de quinze em quinze dias, conquanto, em alguns casos, a freqüência seja muito maior, sendo que a mente na última parte de cada intervalo é constantemente obcecada pelo assunto. A idéia era tomar a iniciativa antes da idade em que o assunto se torna tão forte que é praticamente incontrolável, e instituir o hábito de descargas artificiais regulares, porém menores, sem nenhum pensamento durante os intervalos... O intervalo geralmente sugerido era de uma semana, posto que, em alguns casos, se permitisse por algum tempo a metade desse período. Recomendava-se sempre que se encompridasse o intervalo até um ponto compatível com a evitação de pensamentos ou desejos sobre o assunto. Você compreenderá, naturalmente, que não se deu nenhuma importância especial a esse lado sexual da vida, citado apenas como uma entre muitas diretrizes para a regulação da existência... Assim sendo, quando os meninos eram colocados aos meus cuidados, eu lhes mencionava o assunto entre outras coisas, sempre tentando evitar toda a sorte de falsas vergonhas, e fazendo que tudo parecesse o mais simples e natural possível, embora, naturalmente, não fosse matéria que se devesse tratar diante de outros... Com muitíssimo amor, sou, como sempre, Seu muito afetuoso C. W. Leadbeater.

Seis meses mais tarde, depois que ela o repudiou, ele escreveu:

... você me fará a justiça de lembrar que eu nunca disse uma única palavra ligando o conselho que tenho dado a qualquer tipo de prática iogue, ou reivindicando para ele algo mais esotérico do que a intenção de manter os pensamentos sensuais sob controle e evitar a coabitação com mulheres. Creio que você, nesse particular, foi um tanto ou quanto enganada... Nunca tive o costume de despertar tais sentimentos [de sexo] antes que eles existissem; como eu lhe disse em carta anterior, nunca falei nesses assuntos sem antes ter vislumbrado sintomas preliminares... Não tenho o menor desejo de persuadi-la a adotar essas opiniões, mas eu me sentiria muito grato se lograsse tirar do seu espírito a idéia de que estávamos enganados quando fomos juntos à presença dos Mestres, porque essa idéia não só me parece um erro por si mesma, como também está levando muita gente a duvidar do testemunho que demos da existência deles, o que é triste.

A Sra. Besant não podia suportar o afastamento de Leadbeater por muito tempo e, conquanto ainda não tivesse autoridade para rein-

tegrá-lo, a fé que nele depositava reviveu de todo, de modo que, em fevereiro de 1907, ele pôde escrever a ela: "Não sei dizer o quanto estou contente por ver o véu finalmente levantado e a idéia do fascínio banida do seu espírito."

Depois da sua demissão, Leadbeater viveu sossegado por quase três anos, no interior da Inglaterra ou em Jersey com visitas ocasionais ao Continente. Se bem não pudesse trabalhar publicamente para a Teosofia, continuava a dar aulas particulares e era financeiramente ajudado por contribuições dos muitos amigos que ainda tinha na Sociedade. A maioria dos meninos e rapazes que tinham estado a seu cargo lhe atestava a absoluta pureza. Entre eles se incluía Jinarajadasa, que ele trouxera da escola do Ceilão em 1889. Depois de diplomar-se em Cambridge em sânscrito e filologia, Raja, como costumava ser chamado, tornara-se valioso conferencista para a Teosofia e, enquanto excursionava pelos Estados Unidos logo depois do escândalo, defendeu com tanta veemência o velho preceptor, que o Coronel Olcott o expulsou da Sociedade por causar dissensões. Outros amigos fiéis nos Estados Unidos eram os van Hooks. A Sra. van Hook mostrou a confiança que tinha em Leadbeater levando Hubert para ficar com ele perto de Dresden no verão de 1907. Foi nessa ocasião que a Sra. Besant conheceu Hubert, que tinha onze anos apenas. Só dois anos depois a Sra. Besant instaria com a mãe do garoto para que o levasse à Índia a fim de treiná-lo com o objetivo de ser o veículo do Mestre Universal. A Sra. Besant e Leadbeater fizeram novas investigações esotéricas enquanto estavam em Dresden e examinaram as vidas pregressas de outros amigos seus, inclusive as de Hubert.

Nesse meio tempo, o Coronel Olcott falecera em Adyar em fevereiro de 1907. A Sra. Besant era a sua sucessora natural no cargo de presidente; e não somente ele o desejava como também fora visitado por diversas vezes em seu leito de morte pelos Mestres e deles recebera instruções para indicá-la. A presença deles foi testemunhada pela Sra. Besant e pela Sra. Marie Russak, viúva norte-americana, teosofista e rica, que se encarregara do coronel quando a saúde dele decaiu durante a última viagem dos Estados Unidos à Índia. Os Mestres também asseguraram ao coronel que a Sra. Besant não fora vítima de "fascínio" nenhum e que ele, Olcott, tratara Leadbeater com demasiada severidade. Assim sendo, o moribundo, agora ansioso por reconciliar Leadbeater com a Sociedade, escreveu a este último uma carta em que pedia desculpas, mas lhe rogava que abrisse mão do seu conselho aos meninos, que os Mestres consideravam errado, porque "ofendia

o padrão de idéias da maioria da Sociedade”, e dava a entender, ao mesmo tempo, que logo voltariam a precisar da sua ajuda.

Mas tendo a Sociedade compreendido que, eleita a Sra. Besant, Leadbeater seria fatalmente reintegrado, ela precisou lutar pela sucessão, mormente nos Estados Unidos, onde os sentimentos contra Leadbeater eram mais violentos, de modo que só em junho de 1907 conseguiu eleger-se e, então, por imensa maioria. É claro que, depois de uma campanha bem-sucedida em seu favor, Leadbeater foi readmitido na Sociedade no fim de 1908 e solicitado a regressar a Adyar, posto que nunca mais voltasse a exercer nenhum cargo oficial na Sociedade. Por esse tempo, Jinarajadasa também foi trazido de volta ao aprisco.

A Sra. Besant precisava muito da ajuda de Leadbeater em Adyar, onde ela passava agora a maior parte do ano, mas sem dúvida queria também ficar de olho nele apesar da sua promessa de nunca mais advogar seus controvertidos ensinamentos no interior da Sociedade. Na Convenção Teosófica anual, em dezembro, antes da chegada de Leadbeater, ela referiu-se publicamente a ele chamando-o mártir injustiçado, por ela e pela Sociedade, e assegurando que nunca mais se interporia entre ela e seu irmão de Iniciação uma sombra sequer.

O DESCOBRIMENTO

Leadbeater chegou a Adyar no dia 10 de fevereiro de 1909, menos de três semanas depois que Narianiah ali se instalara em companhia de Krishna e seus irmãos. A Sra. Besant partiu de Adyar para outras partes da Índia logo após a sua chegada; voltou no dia 9 de abril e tornou a viajar para a Europa no dia 22.

Leadbeater veio a ocupar o mesmo pavilhão, cognominado o Bangalô Octogonal, ou o Bangalô do Rio, que ocupara ao chegar pela primeira vez a Adyar com a Sra. Blavatsky em 1884. Consiste em duas salas cercadas por uma varanda, faz parte da casa original e ainda se ergue no lado oriental do edifício da sede. Embora já tivesse quase sessenta e dois anos, Leadbeater continuava ativo e efervescente. Seu principal trabalho era lidar com a imensa correspondência que chegava de todos os cantos do mundo. Trouxera consigo, como secretário, um jovem holandês, Johann van Manen, que vivia na sala contígua ao Bangalô Octogonal; alegrava-o também a ajuda de um jovem inglês, Ernest Wood, que sabia taquigrafia e já trabalhara durante três meses em Adyar na publicação mensal oficial, a revista *Theosophist*. Wood vivia no chamado Quadrângulo, o lugar mais barato para morar em toda a propriedade — velhas construções anexas convertidas em vinte e uma celas com um mínimo de mobiliário. No quarto pegado ao de Wood morava um jovem indiano, Subrahmanyam Aiyar, grande amigo de Narianiah. Wood conhecera Krishna e Nitya, e tanto ele quanto Subrahmanyam ajudavam os meninos nas tarefas escolares.

Von Manen e Wood haviam adquirido o hábito de interromper o trabalho por uma hora a fim de descer à praia e tomar banho com um grupo de amigos, que incluía Subrahmanyam. Krishna e Nitya, com outras crianças que moravam fora do terreno da Sociedade, iam

à praia também para remar e observar os nadadores. Uma tarde, Leadbeater foi tomar banho com seus jovens assistentes e, ao tornar ao bangalô, contou a Wood que um dos meninos na praia possuía a aura mais maravilhosa que ele já vira, sem a menor partícula de egoísmo. Wood mostrou-se sumamente surpreendido ao saber que o menino era Krishna pois, tendo-o ajudado a fazer suas tarefas escolares, considerava-o de compreensão particularmente obtusa. Sem se deixar abalar, Leadbeater predisse que, um dia, o menino seria um mestre espiritual e grande orador. “Grande como? Tão grande quanto a Sra. Besant?” perguntou Wood. “Muito maior”, replicou Leadbeater. Não se sabe a data exata em que ocorreu o primeiro encontro entre Leadbeater e Krishna mas, como a Sra. Besant saiu de Adyar no dia 22 de abril, sem ter tido, aparentemente, notícia alguma nesse sentido, é provável que o encontro só se tenha verificado após a sua partida.

A aparência externa de Krishna não podia ter impressionado Leadbeater pois, tirante os olhos maravilhosos, ele nada possuía de atraente naquele tempo. Subnutrido, magricela e sujo, as costelas lhe apareciam através da pele; vivia tossindo, tinha maus dentes e usava os cabelos ao costumeiro estilo brâmane do Sul da Índia, rapados na frente até o alto da cabeça e caindo, atrás, num rabicho que lhe chegava abaixo dos joelhos; de mais a mais, a expressão apática dava-lhe um aspecto quase imbecil. As pessoas que o conheceram antes de ser “descoberto” por Leadbeater afirmavam haver pouca diferença entre ele e o irmão mais moço, Sadanand. Além disso, de acordo com Wood, era fisicamente tão fraco que o pai o declarou, mais de uma vez, destinado a morrer.

Pouco depois de haver-se encontrado com Krishna pela primeira vez, Leadbeater revelou a Wood que o menino seria o veículo do Senhor Maitreya “a não ser que alguma coisa gorasse” e que ele, Leadbeater, recebera instruções para ajudar a treiná-lo com essa finalidade.

Em junho, chegou a Adyar outro jovem inglês, Richard Balfour Clarke, antigo mecânico que esperava encontrar trabalho no centro teosófico e foi rapidamente atraído para o círculo de Leadbeater. Leadbeater repetiu-lhe o que já dissera a Wood — que Krishna era portador de uma aura extraordinária, assim como o era seu irmão Nitya, embora a deste último não fosse tão notável. Leadbeater contou também a Clarke que Mestre Kuthumi lhe dissera: “Há um propósito para a presença aqui dessa família, e os dois meninos serão submetidos a um treinamento do qual você terá notícias mais tarde.”



O Bangalô Octogonal, Adyar, olhando para o mar.
Fotografia por cortesia de Mark Edwards



O edifício da sede, visto do outro lado do rio, mostrando a casa da Sra. Russak à esquerda, que era, então, o Bangalô Octogonal. Fotografia tirada por K em 1911

A figueira de Bengala em Adyar. *Fotografia cedida por cortesia de Mark Edwards*

No dia em que Dick Clarke chegou, os residentes de Adyar estavam presentes no *Upanyanam* de Nitya. (Nitya acabara de completar onze anos, de modo que o seu *Upanyanam* se realizou muito mais tarde do que era costume. A morte de sua mãe pode ter sido a razão disso.) Leadbeater ficou observando Krishna com suma atenção durante toda a cerimônia e, assim que ela terminou, pediu a Narianiah que lhe levasse o filho notável ao seu bangalô num dia em que não houvesse aula. Narianiah acedeu ao pedido. Leadbeater fez sentar o menino ao seu lado no sofá, descansou a mão sobre a sua cabeça e começou a descrever-lhe a vida anterior. Dali por diante, aos sábados e domingos, as visitas e a narração de vidas passadas continuaram, sendo as vidas escritas por Narianiah, que, a princípio, estava sempre presente. Mais tarde, elas foram taquigrafadas por Wood.

O próprio Krishna recorda:

Quando entrei pela primeira vez na sala dele fiquei com muito medo, pois a maioria dos meninos indianos têm medo de europeus. Não sei por que se criou esse medo mas, pondo de lado a diferença de cor, que é sem dúvida uma das causas, havia, quando eu era menino, grande agitação política e nossas imaginações viviam alvoroçadas pelos boatos que ouvíamos. Devo também confessar que os europeus na Índia, de um modo geral, não são nada bondosos para nós e eu costumava assistir a muitos atos de crueldade que me deixavam ainda mais amargo. Para nós, portanto, foi uma surpresa descobrir quanta diferença havia no inglês que era também teosofista.

Na ocasião em que Leadbeater o descobriu, Krishna falava pouquíssimo inglês, de modo que a comunicação entre ele e o novo amigo, a princípio, praticamente não existiu, mesmo que se ponha de lado o acanhamento e a timidez do menino. Era igualmente difícil para Krishna comunicar-se na escola, cujas aulas eram dadas em inglês ou tâmul, que ele conhecia tão pouco quanto o inglês. Tão estúpido parecia o garoto que o professor o mandava constantemente para fora da sala e esquecia-se dele até que, mimoseando outro aluno com o mesmo epíteto de estúpido, voltava a lembrar-se de Krishna e mandava buscá-lo. Ele era surrado quase todos os dias por sua incapacidade de aprender a lição. A metade do tempo na escola passou-a chorando na varanda; quando o professor se esquecia de chamá-lo de volta, Krishna seria capaz de ficar na varanda a noite inteira se o esperto Nityazinho não lhe pegasse na mão e não o arrastasse para casa.

Leadbeater não levou imediatamente ao conhecimento da Sra. Besant a nova descoberta; só no dia 2 de setembro lhe escreveu, expressando a sua consternação pelas condições de superlotação e desasseio do "casebre" em que Narianiah estava vivendo, com uma aldeia de

párias logo atrás. Não havia instalações sanitárias e a família toda dormia no chão, sem mosquiteiros. Leadbeater sugeria que fossem transferidos para uma casa no terreno da Sociedade, a cem metros de distância do edifício da sede, que se achava desocupada, embora necessitada de reparos. Acrescentou que os filhos de Narianiah, muito quietinhos e bem comportados, não causariam transtorno algum; ele e van Manen os estavam ensinando a nadar e tinham ajudado “o mais velho” em composição e leitura de inglês, de modo que este “já conhecia um pouco das duas coisas”. Continuava dizendo que utilizara “um dos meninos” como um caso para investigar vidas passadas e descobrira que ele tinha um passado de grandíssima importância — “uma série de vidas melhor até que a de Hubert, embora me pareça menos sensacional”. Estava certo, continuava, de que o menino ali não se encontrava por acaso:

Não me surpreenderia descobrir que o pai foi trazido para cá por causa desse menino; e foi essa outra razão por que me senti chocado ao ver a família tão ignobilmente acomodada, pois me parece que, se pertence ao nosso carma assistir, ainda que de forma indireta, na educação de alguém que o Mestre usou no passado e espera usar no futuro, podemos dar-lhe, pelo menos, a oportunidade de crescer decentemente!

O nome dado ao garoto em todas as suas vidas sucessivas era Alcíone, que se pronunciava com c duro. Leadbeater escreveu, entusiasmado, à Sra. Besant acerca das investigações que estava realizando nessas vidas, as quais lhe ocupavam quase todo o tempo, e mandou-lhe trechos delas para ler enquanto estivesse ainda no estrangeiro; mas só no dia 6 de outubro a informou de que “Alcíone é agora um menino de treze anos e meio, chamado Krishnamurti, filho de Narianiah, assistente de secretário da sua S.E.”. Na verdade, Krishna já tinha catorze anos e meio mas, durante alguns anos, Leadbeater, como todo o mundo, o acreditou nascido em 1896, pois o seu horóscopo só veio à luz algum tempo depois.

Em novembro, Leadbeater investigara vinte vidas e descobriu outras dez no ano seguinte. Essas trinta *Vidas de Alcíone* começaram a aparecer na revista *Theosophist* em abril de 1910 sob o título “Rasga-se o Véu do Tempo”. Elas iam desde o ano 22662 a.C. até 624 d.C. cada qual com um elenco maior de *dramatis personae*. Alcíone foi mulher em onze delas. A Sra. Besant aparecia em todas sob o pseudônimo de Heracles, Leadbeater como Sirius, Nitya como Mizar, a mãe de Krishna como Ômega e seu pai como Antares; Hubert van Hook era Órion. Inúmeras outras pessoas apareceram nas “Vidas” sob um pseudônimo, o que deu origem a muita inveja e esnobismo

depois que elas foram publicadas. “Você está nas Vidas?” passou a ser a pergunta mais a miúdo formulada por um teosofista a outro e, em caso de resposta afirmativa, “Qual era o seu grau de relacionamento com Alcíone?”

Shiva Rao, que lecionara muito jovem na escola preparatória anexa ao Colégio Central Hindu de Benares e ia a Adyar ajudar Leadbeater a redigir as tabelas que compreendiam uns duzentos personagens, todos aparentados uns com os outros através de trinta encarnações, acreditava naquela época, e ainda acredita, nos poderes de clarividência de Leadbeater.

O tabelamento das várias vidas com os muitos milhares de detalhes das ligações familiares revelou-me o cuidado meticuloso que deve ter caracterizado as investigações clarividentes [afirmou recentemente Shiva Rao]. Está claro que não poderia haver nenhum indício positivo da sua autenticidade: mas a capacidade de traçar, com um número relativamente pequeno de erros, os laços familiares de um grupo tão grande de almas de uma vida depois da outra no meio de um labirinto de pormenores, é algo tão acima dos recursos mentais de qualquer pessoa, por mais prodigiosa que seja a sua memória, que elimina qualquer possibilidade de invenção. De quando em quando eu topava com uma discrepância e anotava-a. Quando reunia três ou quatro casos assim, levava-os ao conhecimento do Sr. Leadbeater. Ele, então, fechava os olhos por alguns minutos e dizia: “Tem razão; substitua A por B, X por Y, etc.” E eu verificava depois que as revisões sugeridas se ajustavam precisamente ao esquema.

A identidade de Alcíone deve ter sido revelada à Sra. Besant por alguém de Adyar antes que Leadbeater lha contasse, pois ela escreveu a este último, de Paris, no dia 8 de outubro: “Krishnamurti foi evidentemente levado para Adyar a fim de ser ajudado, e nós precisamos fazer todo o possível por ele. O Mestre lhe dirá o que deseje que se faça.”

A essa altura, a Sra. van Hook e Hubert estavam a caminho de Adyar, cheios de esperanças, encorajados pela Sra. Besant, que estivera com eles naquele ano em Chicago e lhes prometera treinar Hubert para ser o veículo do Senhor Maitreya.

Se Alcíone e Mizar [Nitya] pudessem partilhar de algumas aulas com Hubert seria bom [a Sra. Besant escreveu a Leadbeater de Genebra, em meados de outubro], e é provável que se sintam atraídos um pelo outro, conhecedores que são de suas relações no passado e estando ambos sob os cuidados do mesmo Mestre [Kuthumi, o Mestre de Leadbeater]. O que quer que Ele deseje terá de ser obviamente feito, e não podemos permitir que outra opinião interfira. Conte comigo para fazer todo e qualquer serviço que esteja ao meu alcance.

É muito para duvidar que ela já tivesse percebido, nessa ocasião, que Hubert fora suplantado.

As instruções ditadas pelo Mestre a Leadbeater eram de grande alcance. Como Leadbeater contou a Dick Clarke:

Temos um trabalho muito difícil para executar; precisamos tirar esses dois meninos de um ambiente ortodoxo, modificar-lhes a dieta, ensinar-lhes exercícios físicos e métodos ocidentais de banho. Precisamos tirá-los da escola onde estão sendo surrados por um professor que devia estar vendendo cordões para sapatos em lugar de lecionar. Haverá muita oposição a tudo isso e, no entanto, tudo terá de ser feito.

“Tudo isso”, naturalmente, teria sido executado com muito maior facilidade se Leadbeater tivesse podido tirar os meninos imediatamente da casa paterna mas, como ele escreveu à Sra. Besant no dia 14 de outubro, “Estou tentando seguir um curso cauteloso; é claro que devo levar a cabo as instruções que me foram dadas [pelo Mestre] mas depois de tudo o que aconteceu nos últimos anos, não posso demonstrar um interesse muito conspícuo por meninos de 13 anos! Quando você estiver aqui serei mais ousado”. Narianiah, ajuntava ele, mudar-se-ia para a casa no terreno da Sociedade assim que ela estivesse “limpa e repintada”.

Uma surra particularmente brutal aplicada aos dois meninos em meados de outubro que “lhes perturbou muitíssimo os corpos astrais” deu a Leadbeater uma desculpa para tirá-los de vez da escola. Narianiah hesitou muito a princípio porque, sem uma educação recebida numa escola oficial, não lhe seria possível arranjar empregos em qualquer uma das profissões ou no serviço público; Leadbeater, no entanto, prometeu ao pai que a Sra. Besant se interessaria pelo bem-estar dos garotos e talvez até os mandasse estudar na Inglaterra; entretantes, enquanto aguardavam o regresso dela, ele e seus amigos zelariam por que nada faltasse aos garotos em matéria de ensino. Narianiah aceitou a solução temporária e Dick Clarke, Subrahmanyam Aiyar, Ernest Wood e Don Fabrizio Ruspoli (antigo tenente da marinha italiana, casado com uma inglesa, que abrira mão da carreira para tornar-se teosofista) lhes davam aulas regulares no Bangalô Octogonal, ao passo que o próprio Leadbeater lhes ensinava história quando lhe sobrava tempo. Mas o inglês era a matéria mais enfatizada, pois todos faziam muito empenho em que Krishna pudesse falar com a Sra. Besant quando esta regressasse a Adyar no fim de novembro.

Dick Clarke fora também incumbido de arrumar os meninos; eles foram espiolhados — tinham piolhos até nas sobrancelhas; deixaram os cabelos crescer na frente e cortaram-nos à altura dos ombros; o

dentista forneceu a Krishna uma chapa que Clarke apertava todos os dias; mas parece ter sido Leadbeater o supervisor do banho deles, zelando por que não se esquecessem de lavar-se entre as pernas. Ele deplorava o modo cerimonial hindu de limitar o banho ao simples despejar de jarros d'água sobre o corpo enquanto a pessoa continuava usando uma tanga; mas a maneira européia de banhar-se causaria, mais tarde, muitos transtornos.

Ao treinar os seus meninos, uma das principais preocupações de Leadbeater era eliminar o medo deles. Krishna contou que, de uma feita, quando Leadbeater o ensinava a nadar, ele evitou, acovardado, um buraco particularmente fundo e assustador. E só se deu conta de que isso fora observado quando, mais tarde, ao entardecer, Leadbeater lhe disse: "Agora vamos voltar ao mar e procurar aquele buraco." Mas o próprio Leadbeater se exasperava, às vezes, com a aparente estupidez de Krishna. Não raro, durante as lições, o menino se quedava ao pé da janela escancarada, com a boca aberta e os olhos perdidos no espaço. Reiteradamente lhe diziam que fechasse a boca; ele obedecia à ordem mas, logo depois, sua boca tornava a abrir-se. Finalmente, um belo dia, Leadbeater se sentiu tão irritado que pespegou um tapa no queixo do menino. Isso, declarou Krishna, selou o fim das suas relações; a boca permaneceu fechada, mas seus sentimentos nunca foram os mesmos em relação a Leadbeater.

Embora continuassem dormindo no "casebre" paterno, e fizessem em companhia dele as duas refeições principais, os meninos passavam o resto do tempo com Leadbeater, sempre acompanhados dos seus muitos preceptores. Estabeleceu-se para eles uma rotina diária: levantavam-se às cinco horas, realizavam as abluções brâmanes ortodoxas com água fria ao lado de um poço, faziam sua meditação matutina e dirigiam-se depois ao Bangalô Octogonal a fim de tomar leite quente servido por um criado da casta, para não fugir ao sentimento ortodoxo. Reuniam-se, a seguir, à volta de Leadbeater para uma rápida palestra sobre "coisas mais elevadas", faziam depois alguns exercícios ortodoxos ao ar livre e voltavam ao bangalô para tomar banhos quentes, vestir roupas limpas e estudar as lições do dia.

A Sra. van Hook e Hubert haviam chegado em meados de novembro. A Sra. van Hook simpatizou imediatamente com os dois meninos hindus e começou a ensiná-los juntamente com Hubert, um ano mais moço do que Krishna porém muito mais alto e muito mais adiantado intelectualmente. A Sra. Russak, que estivera ao pé do Coronel Olcott quando este se achava no fim e assistira às visitas que lhe fizeram os Mestres, chegou com os van Hook. A Sra. Russak

construíra para si uma casa de dois andares em Adyar à beira do rio, entre o edifício da sede e o Bangalô Octogonal. Os van Hooks instalaram-se no andar térreo da casa, enquanto que a Sra. Russak ocupava o andar superior, ligado ao prédio da sede por uma ponte.

Embora todos se empenhassem em ensinar inglês a Krishna, não se descurou, evidentemente, do seu progresso espiritual. Leadbeater contou à Sra. Besant que, na noite do dia 1.º de agosto, levava os dois meninos em seus corpos astrais, enquanto eles dormiam, à casa de Mestre Kuthumi, que os submetera à provação como seus discípulos. O Discipulado sob a direção de um Mestre fazia-se em duas fases — a provação (que poderia durar até sete anos) e a aceitação, quando o discípulo entrava em tão íntima unidade com o Mestre que este já não podia expulsá-lo da sua consciência. Esses dois passos, dados no Caminho do Discipulado, constituíam um preparativo para a primeira Iniciação, que tornava o discípulo membro da Grande Fraternidade Branca, se bem que em nível ainda muito inferior, pois a ela se seguiam mais quatro iniciações até o atingimento da condição de Adepto. Leadbeater e a Sra. Besant haviam passado juntos a quarta Iniciação quando ela se tornou presidenta em 1907. O martírio de Leadbeater em 1906 fora necessário, criam eles, a esse quarto grande passo. Um passo apenas os separava agora da perfeição.

As habilitações até para a primeira Iniciação pareciam quase fora do alcance humano — perfeita saúde física, absoluta pureza mental e física, total desprendimento, caridade universal, compaixão por todas as coisas animadas, veracidade e coragem em todas as emergências e uma calma indiferença por tudo o que constituía o mundo transitório, acompanhada de uma justa apreciação dele.

Nos cinco meses que medearam entre o início da provação e a aceitação de Krishna, Leadbeater levou-o todas as noites, em sua forma astral, à casa do Mestre para receber quinze minutos de instruções, ao cabo das quais o Mestre sumariava sua palestra numas poucas sentenças singelas para facilitar a memorização de Krishna, que, na manhã seguinte, no Bangalô Octogonal, procurava pôr por escrito o que delas recordava. Tanto Dick Clarke quanto a Sra. Russak atestaram que essas notas foram laboriosamente escritas pelo próprio Krishna, que as palavras eram suas, ou melhor, eram as que ele conseguira “trazer” da entrevista com o Mestre e o que lhe ficara das palavras dele, e que a única ajuda externa que recebeu se referia à ortografia e à pontuação. Essas notas, ao depois, foram reunidas num livrinho intitulado *Aos pés do Mestre*, já traduzido para vinte sete idiomas, em quarenta edições e que continua sendo impresso.

PRIMEIRA INICIAÇÃO

No dia 27 de novembro de 1909, ao regressar afinal a Adyar de uma excursão de sete meses, a Sra. Besant teve o seu primeiro encontro com Krishna. Este e Nitya se achavam no meio do grande grupo que foi à estação de Madrastra recebê-la. Krishna, que tinha os cabelos agora crescidos e vestia roupas brancas e limpas, recebeu uma grinalda de rosas para jogar sobre ela. O trem atrasou-se em virtude de um acidente ocorrido na linha. Krishna, mais tarde, descreveu-lhe a chegada:

... alguns de nós estávamos descalços e essa parte da plataforma, não protegida pelo telhado, ficou muito quente. O incômodo foi tão grande para meus pés que, depois de dançar por algum tempo, busquei refúgio sobre os pés de Don Fabrizio Ruspoli... Afinal ela chegou e toda a gente correu para o vagão de que ela desceu. Tamanha foi a afluência de pessoas que eu mal conseguia ver-lhe uma parte do vulto e só consegui aproximar-me dela o suficiente para atirar a grinalda e saudá-la à nossa maneira indiana. Vieram depois outras pessoas e duvido que ela tivesse reparado em mim. Por fim, a Sra. Besant e o Sr. Leadbeater saíram de automóvel, enquanto que Don Fabrizio Ruspoli, o Sr. Clarke, Nitya e eu os seguimos no carro de *Sir* Subrahmanyam.¹ Chegados a Adyar, voltamos ao bangalô do Sr. Leadbeater e lá esperamos muito tempo enquanto ele conversava com a Sra. Besant no edifício principal. Afinal ouvimos o chamado peculiar com que o Sr. Leadbeater costumava avisar-nos de que queria falar conosco. Ele estava em pé na varanda da Sala do Santuário, que dá para o seu bangalô, e disse a meu irmão e a mim que a Sra. Besant desejava ver-nos. Nós subimos a escada muito nervosos pois, embora tivéssemos muita vontade de vê-la, tínhamos ouvido falar da sua extraordinária grandeza. O Sr. Leadbeater entrou conosco no quarto

1. *Sir* Subrahmanyam Aiyar, vice-presidente da S.T. durante o período 1907-11 e ex-juiz do Superior Tribunal de Madrastra. Krishna acertou ao escrever *Sir* Subramanian, pois era assim que o nome teria sido pronunciado sem o nome da família.

e demos com ela em pé no meio do aposento. O Sr. Leadbeater disse: "Aqui estão Krishna e seu irmão." Como é o costume em nossa terra em presença de pessoas pelas quais sentimos grande reverência, nós nos prostramos a seus pés. Ela ergueu-nos e abraçou-nos. Não me lembro do que nos disse, pois eu ainda estava muito excitado, embora cheio de uma grande felicidade. Não ficamos ali por muito tempo, visto que deveria realizar-se uma reunião dos membros da S.T., como sempre, no grande salão no mesmo andar. Ao entrar no salão encontramos meu pai, e a Sra. Besant lhe disse: "Imagino que seja esta a primeira reunião privada da S.T. a que seus filhos assistem. Espero que o senhor aprove a presença deles." Ele respondeu que estava muito contente. Sentei-me aos pés dela, defrontando as pessoas que ali se achavam reunidas, e sentindo-me muito nervoso.

Durante as três semanas em que a Sra. Besant permaneceu em Adyar antes de subir para Benares, onde participaria da Convenção Teosófica¹ anual, os meninos iam vê-la todos os dias em seu quarto e, a 5 de dezembro, ela os admitiu na Seção Esotérica. Logo após a sua partida, Leadbeater "trouxe" mensagens do Mestre, segundo as quais era preciso fazer o pai dos meninos compreender que seus filhos já não lhe pertenciam, mas pertenciam ao mundo; devendo ser-lhe comunicado ainda, "de modo claro e inconfundível", que ele não podia interferir de forma alguma no tocante à comida deles ou a qualquer outro pormenor das suas vidas; era desejo do Mestre que, nos próximos anos, ambos permanecessem "inteiramente apartados de outros meninos e só mantivessem relações com os que se achavam sob influência teosófica".

Antes de partir para Benares no dia 14 de dezembro, a Sra. Besant deixara estabelecido que, na sua ausência, os meninos dormiriam em seu quarto, visto que a casa nova de Narianiah ainda não estava pronta. Narianiah concordou de bom grado com isso por se tratar de um desejo dela. De modo que Leadbeater tinha agora os meninos onde os queria, longe da esfera de influência do pai. O quarto e o balcão da Sra. Besant seriam rigorosamente reservados para eles e somente a Sra. Russak tinha permissão para entrar no quarto a fim de limpá-lo, de modo que nenhuma outra influência feminina viesse a contaminá-lo. Dez dias após a partida da Sra. Besant, Krishna escreveu sua primeira carta para ela. Escreveu-a do próprio punho, imitando muito de perto a caligrafia de Leadbeater:

1. A Convenção anual da S.T. celebrava-se em anos alternados em Adyar ou Benares. Benares era o centro da Seção Indiana e Adyar o centro internacional. Antes de tornar-se presidente, a Sra. Besant vivera principalmente em Benares, onde tinha casa alugada, Shanti Kunja. Em 1912 essa casa foi comprada por subscrição para toda a duração da vida da Sra. Besant e de Krishna.

Minha querida Mãe,

Permite que lhe chame minha mãe quando lhe escrever? Agora não tenho outra mãe para amar, e sinto que a senhora é como se fosse nossa mãe, porque tem sido tão boa para nós. Nós dois lhe agradecemos muito por haver-nos tirado de nossa casa e deixado que dormíssemos em seu quarto; estamos muito felizes ali, mas preferiríamos que a senhora estivesse aqui, mesmo que precisássemos dormir em casa. Eles são muito bons para nós, deram-nos bonitas bicicletas, e já aprendi a andar na minha, com que saio todos os dias. Já percorri 31 milhas e meia [50,5 quilômetros, mais ou menos], e espero percorrer mais algumas esta tarde. Tenho visto a senhora, às vezes, na sala do santuário, e freqüentemente a sinto à noite e vejo a sua luz. Mando-lhe muito amor.

Seu filho que a ama
Krishna

Dick Clarke e Ruspoli sempre os acompanhavam nos passeios de bicicleta e, às vezes, Leadbeater também. De manhã cedinho atravessavam de bicicleta a Ponte de Elphinstone e pedalavam ao longo de toda a extensão do Ancoradouro de Madrastra na direção do Forte de São Jorge. A 30 de dezembro, dez dias depois que os garotos ganharam as bicicletas, Leadbeater pôde contar à Sra. Besant que o ciclômetro de Krishna acusava agora 143 milhas [quase 230 quilômetros] e que ele era um ciclista rápido e intemerato, capaz de decidir prontamente numa crise. Pouco depois, foram todos de bicicleta a Chingleput, numa distância de sessenta e seis milhas [oitenta quilômetros] de ida e volta.

Além dos passeios de bicicleta e da nataçao, aterrou-se um velho tanque de água, logo atrás do Bangalô Octogonal, e ali se construiu uma quadra de tênis. Krishna achava "muito maravilhosa a maneira com que o Sr. Leadbeater jogava, apesar de já ter passado dos sessenta anos de idade. Creio que ele era mais ativo do que qualquer um de nós e jogava com muita firmeza".

Além de Nitya, parece que Hubert era o único menino que Krishna tinha licença para ver, conquanto nem ao próprio Hubert se permitisse tocar-lhe a bicicleta, a raqueta de tênis ou qualquer outra coisa que lhe pertencesse. Isso deve ter consternado Krishna, visto que o dar e o partilhar eram características essenciais da sua natureza. É provável que Hubert invejasse Krishna, e Leadbeater deve tê-lo visto em sua aura. Leadbeater acreditava que os objetos inanimados podiam ser magnetizados para o bem ou para o mal; por conseguinte, uma emanção maléfica de Hubert poderia transferir-se para a raqueta ou para a bicicleta de Krishna e, dali, para o próprio Krishna. É evi-

dente que a Sra. van Hook aceitou de muito boa sombra a posição inferior de Hubert e parece que o mesmo fez o Dr. van Hook em Chicago. Por irônico que pareça, o doutor trabalhara mais do que qualquer outra pessoa nos Estados Unidos pela readmissão de Leadbeater na Sociedade.

Leadbeater persuadiu Narianiah a permitir que os meninos comessem no “Dharmashala”, nova cozinha-sala-de-jantar construída especialmente para a Sra. Besant e uns poucos amigos privilegiados, onde a comida, cozinhada e servida por brâmanes, era melhor e menos condimentada do que em casa deles. Leadbeater estava-lhes também preparando um quarto no prédio da sede, para onde pudessem mudar-se quando a Sra. Besant regressasse a Adyar. Ele não tinha a menor intenção de permitir que tornassem à companhia paterna, nem mesmo que a casa nova estivesse pronta para ser ocupada. Ele talvez permitisse a Nitya voltar para junto do pai, mas Krishna não quis separar-se do irmãozinho, de que tanto dependia.

Havia atritos freqüentes entre Narianiah e Leadbeater, que não tinha paciência com as idéias e sentimentos ortodoxos hindus e atribuía ao egoísmo a relutância natural do pai em permitir que os filhos fossem completamente arrancados da sua influência. Leadbeater foi impiedoso. Grossoeiro em muitos sentidos, rude — especialmente com as mulheres, embora nunca o fosse com a Sra. Besant — não hesitava em praguejar. Aprendera sem dúvida com a Sra. Blavatsky que esse procedimento não era incompatível com a santidade, pois ela mesma, sumamente grosseira, tinha o vizo de praguejar. Nunca houve afinidade natural entre Leadbeater e Krishna, que era tão delicado, e cuja delicadeza brâmane se chocava amiúde com os modos ríspidos daquele inglês vigoroso, exatamente como Leadbeater se sentia chocado pelas práticas ortodoxas hindus.

A Sra. Besant tinha muito mais tato no trato com Narianiah. Ele fora a Benares para assistir à Convenção e ela lhe falou muito seriamente, convencendo-o de que todas as instruções dos Mestres aos meninos, transmitidas por Leadbeater, deviam ser postas em prática, incluindo uma nova ordem que acabava de ser trazida: os meninos só poderiam ausentar-se por uma hora a fim de assistir à cerimônia tradicional que seria realizada no dia 7 de janeiro, por ocasião do aniversário da morte de sua mãe; eles não poderiam perder o leite naquele dia nem a refeição no “Dharmashala”, e esta seria a última vez em que teriam permissão para participar de uma cerimônia dessa natureza. Narianiah, que reverenciava a Sra. Besant, folgou de cumprir-lhe os desejos e voltou a Adyar com uma disposição de espírito muito

amistosa. Por fim, os meninos nem sequer assistiram à cerimônia porque, ao chegarem ao local, tudo já terminara.

Leadbeater telegrafou à Sra. Besant no dia 31 de dezembro para contar-lhe que, naquela noite, Mestre Kuthumi anunciara que aceitaria Krishna como seu discípulo e para pedir-lhe que não deixasse de comparecer à cerimônia em casa do Mestre em seu corpo astral. Leadbeater também lhe escreveu no dia 31: “Esta é a provação mais curta de que já tive notícia — apenas cinco meses.” O astrólogo G. E. Sutcliffe escrevera um artigo para *Theosophist* prevendo uma insólita conjunção de estrelas e planetas no dia 11 de janeiro de 1910, que, acreditava Sutcliffe, pressagiava o nascimento do Cristo naquele dia. “Se fosse um pouco mais tarde”, escreveu Leadbeater na mesma carta de 31 de dezembro, “não poderia ser o *segundo* nascimento do corpo de Cristo? Mas creio que ainda é muito cedo para alimentar esperanças nesse sentido. Mesmo assim, as coisas caminham com tão maravilhosa rapidez que nada parece bom demais para ser verdade”. Krishna acrescentou um pós-escrito à carta: “Até parece que isso [sua aceitação] poderia não ser verdade, mas Ele é bom demais. Por favor esteja lá, querida Mãe. Mando-lhe muito amor. Krishna.”

Respondendo ao telegrama de Leadbeater, em carta datada de 1.º de janeiro de 1910, a Sra. Besant falou das lembranças que trouxera da noite anterior, pediu que lhes confirmasse a exatidão, e perguntou se era verdade que “Surya” (pseudônimo do Senhor Maitreya nas “Vidas”) entregara Krishna aos cuidados dela e de Leadbeater. Leadbeater respondeu: “É verdade que o Senhor Maitreya o entregou solenemente aos nossos cuidados em benefício da Fraternidade. Krishna ficou impressionadíssimo e tem-se mostrado diferente desde então.”

O próprio Krishna deu à Sra. Besant a sua versão do que acontecera, embora não parecesse dar tento da parte desempenhada pelo Senhor Maitreya:

Foi muito bonito. Quando fomos à casa de nosso Mestre, nós O encontramos juntamente com Mestre Morya e Mestre Djwal Kul,¹ em pé conversando e eles falaram com muita bondade. Nós todos nos prosternamos, e o Mestre puxou-me para o Seu joelho, e perguntou-me se eu seria capaz de esquecer-me inteiramente, nunca ter um pensamento egoísta, e pensar apenas na maneira de ajudar o mundo; e eu disse que sim e que só desejava ser como Ele algum dia. Ele então me beijou e passou Sua mão sobre mim, e eu pareci ser, de certo modo, parte d'Ele, e me

1. Esse Mestre ainda estava usando o corpo tibetano em que obtivera a condição de Adepto poucos anos antes e que revelava sinais de envelhecimento. Vivia numa cabana que construíra com as próprias mãos, perto do Mestre Morya, cujo discípulo fora.

senti muito diferente e muito, muito feliz, e desde então tenho tido esse sentimento. Depois os três me abençoaram e nós voltamos.

No dia 3 de janeiro a Sra. Besant escrevia de novo a Leadbeater: "Sinto-me felicíssima por Krishna e lamento ser de tão pouca serventia, embora esteja fazendo o pouco que posso. Alegro-me, porém, que ele se encontre em mãos tão fortes e amantes quanto as suas. Não me surpreenderia se a iniciação se seguisse muito depressa, talvez no dia 11."

Cinco dias depois verificou-se dramática troca de telegramas. Leadbeater para a Sra. Besant em Benares: "Iniciação ordenada para o dia onze. Surya em pessoa oficiará. Ordenada para depois uma visita a Shamballa.¹ Envolve trinta e seis horas de retiro." Veio a resposta: "Feche o santuário e minha varanda trancando a porta da escada pelo tempo necessário. Use meu quarto, o da minha secretária e o da Sra. Lübke² se for preciso. Você tem minha autorização para tudo."

Desde a noite de 10 de janeiro, que foi um domingo, até a manhã do dia 12, Leadbeater e Krishna ficaram encerrados no quarto de dormir da Sra. Besant. A Sra. Lübke já fora posta para fora e o seu quarto limpo e caiado, pois era o quarto que Leadbeater preparava para Krishna e Nitya; fechou-se a sala do santuário (havia uma escada separada por meio da qual os residentes podiam ir à sala do santuário a fim de meditar); Ruspoli dormia do lado de fora da sala do santuário para evitar que os visitantes madrugadores "batessem suas lanternas com demasiado vigor"; e Nitya ou Dick Clarke mantinham uma vigília constante fora da porta da Sra. Besant. Clarke lembrou-se de que Leadbeater e Krishna "permaneceram separados dos seus corpos durante boa parte de duas noites e um dia, voltando apenas de vez em quando e mesmo assim só parcialmente, embora o suficiente para ingerir alimentos (sobretudo leite quente) que administrávamos à beira de suas camas". Krishna jazia na cama da Sra. Besant e Leadbeater deitara-se no chão.

De acordo com Leadbeater, em carta que escreveu à Sra. Besant no dia 12 de janeiro, Krishna despertou na manhã de terça-feira (dia

1. Um oásis no deserto de Gobi, onde vivia o Rei da hierarquia esotérica, o Sanat Kumara da escritura hindu.

2. A Sra. Helen Lübke, senhora de idade que trabalhou na biblioteca de Adyar de 1908-11. Seu quarto, que fora originariamente o da Sra. Blavatsky, era contíguo à sala de estar da Sra. Besant. Leadbeater não aprovava. Ele escrevera à Sra. Besant no dia 15 de dezembro de 1909: "... positivamente não convém ter uma criatura tão depauperante quanto a Sra. Lübke impregnando a atmosfera em que eles dormem".

11) gritando: “Eu me lembro! Eu me lembro!” Leadbeater pediu-lhe que lhe contasse tudo o que recordava e as lembranças foram postas por escrito:

corrigindo-lhe os tempos de verbos onde estavam errados e intercalando uma palavra aqui e ali, onde ele não conseguia expressar-se, mas tendo o máximo cuidado em *não* acrescentar o que quer que fosse do meu conhecimento, nem em modificar de qualquer maneira as suas expressões. Tudo o que está escrito sobre a força do mar e o sorriso como a luz do sol foi, palavra por palavra, dito por ele, e parece realmente uma inspiração para um menino de treze anos que escreve numa língua estranha. Ele tencionava escrever tudo isso à mão, mas o trabalho lhe tomaria dois dias, e o seu cansaço era tanto que a Sra. Russak se ofereceu para datilografá-lo, baseando-se nas minhas notas. Mas a escolha das palavras é inteiramente dele, e não dela... Ele não diz, todavia, que, depois de voltarmos da grande audiência ontem à noite para a casa do Mestre, Este recebeu-o como Filho [o que significa uma relação ainda mais íntima entre Mestre e discípulo], e aceitou Nitya “mercê do seu amor transbordante e da sua abnegada dedicação a Meu filho Krishna”, como Ele mesmo disse. Por isso temos excelentes motivos para regozijar-nos.

A tensão existente acabou por cansá-lo, mas ele está muito bem e riosamente feliz. O pai comportou-se de forma admirável, abraçou-o com muito afeto, prostrou-se diante de mim, regozijou-se em excesso e, de um modo geral, houve-se como um ser humano. Só contei a muito pouca gente o que ia acontecer mas, de um modo ou de outro, a história deve ter transpirado, pois creio que quase todos aqui já sabem. Pelo que me consta, todos estão interpretando a coisa da maneira certa, e muito felizes com isso, mas ainda não tive tempo de avistar-me com ninguém.

Segue-se o relato feito por Krishna de sua Iniciação e que ele dirigiu à Sra. Besant:

12 de janeiro de 1910.

Quando deixei meu corpo na primeira noite, fui imediatamente para a casa do Mestre e ali O encontrei com o Mestre Morya e o Mestre Djwal Kul. O Mestre falou-me de modo sumamente bondoso durante muito tempo, e contou-me tudo a respeito da Iniciação, e o que eu deveria fazer. Em seguida, fomos todos à casa do Senhor Maitreya, onde eu já estivera uma vez, e lá encontramos muitos Mestres — o Mestre veneziano, o Mestre Jesus, o Mestre Conde, o Mestre Serapis, o Mestre Hilarião ¹ e os dois Mestres Morya e K. H. [Kuthumi]. O Senhor Maitreya estava sentado no meio, e os outros se achavam em pé em torno d’Ele, formando um semicírculo assim [diagrama].

1. Um grego, maravilhosamente belo, e mais jovem do que os outros Adeptos. O Mestre veneziano, assim chamado porque nascera em Veneza, era, contudo, o mais belo de todos. O Mestre Conde era o Príncipe Ragozci, Conde de St. Germain, aristocrata que vivia no castelo de sua família na Hungria. Jesus, cujo corpo o Senhor Maitreya usara da última vez, era agora um mestre e vivia entre os drusos do Monte Líbano num corpo sírio.

Depois o Mestre [Kuthumi] tomou-me a mão direita, e o Mestre Djwal Kul a mão esquerda, e conduziram-me à presença do Senhor Maitreya, estando a senhora e meu Tio [Leadbeater] em pé logo atrás de mim. O Senhor sorriu para mim, mas disse ao Mestre: —

“Quem é este que trazes assim à minha presença?” E o Mestre respondeu:

“É um candidato que pleiteia admissão na Grande Fraternidade.”

E o Senhor perguntou:

“Respondes por ele como digno de admissão?” O Mestre replicou:

“Respondo.” O Senhor continuou: —

“Encarregar-te-ás de guiar-lhe os passos ao longo do Caminho em que ele deseja entrar?” E o Mestre respondeu: —

“Eu me encargo.” E o Senhor perguntou: —

“Nossa regra requer que dois dos Irmãos mais altos respondam por cada candidato; estará algum Irmão mais alto preparado para apoiar esta solicitação?”

O Mestre Djwal Kul disse: —

“Estou preparado para fazê-lo.” Em seguida, disse o Senhor: —

“O corpo do candidato é muito jovem. Se for admitido, haverá membros da Fraternidade que ainda vivem no mundo exterior prontos para encarregar-se dele e ajudá-lo em seu caminho ascensional?” Nesse momento a senhora e meu tio se adiantaram, inclinaram-se e disseram: —

“Estamos prontos para encarregar-nos dele.” E o Senhor continuou: —

“Vossos corações estão cheios de amor a ele, de modo que essa direção seja fácil?” E os senhores dois responderam: —

“Eles estão cheios de amor, proveniente de muitas vidas no passado.”

Então o Senhor me dirigiu a palavra pela primeira vez: —

“E tu, de tua parte, amas esses dois Irmãos, de modo que te submeterás alegremente à direção deles?” E eu, naturalmente, respondi: —

“Eu os amo deveras de todo o coração.”

Ele perguntou: —

“Desejas, pois, ingressar na Fraternidade que existe de eternidade a eternidade?” E eu disse:

“Desejo ingressar quando estiver apto a fazê-lo.”

Ele perguntou: —

“Conheces o objetivo dessa Fraternidade?” Eu repliquei: —

“Realizar o trabalho do Logos [a trindade que governa nosso Sistema Solar] ajudando o mundo.”

Então ele replicou: —

“Tu te comprometes a dedicar toda a tua vida e toda a tua força daqui por diante a esse trabalho, esquecendo-te absolutamente de ti mesmo para o bem do mundo, fazendo que tua vida seja toda amor, exatamente como Ele é todo amor?”

E eu respondi: —

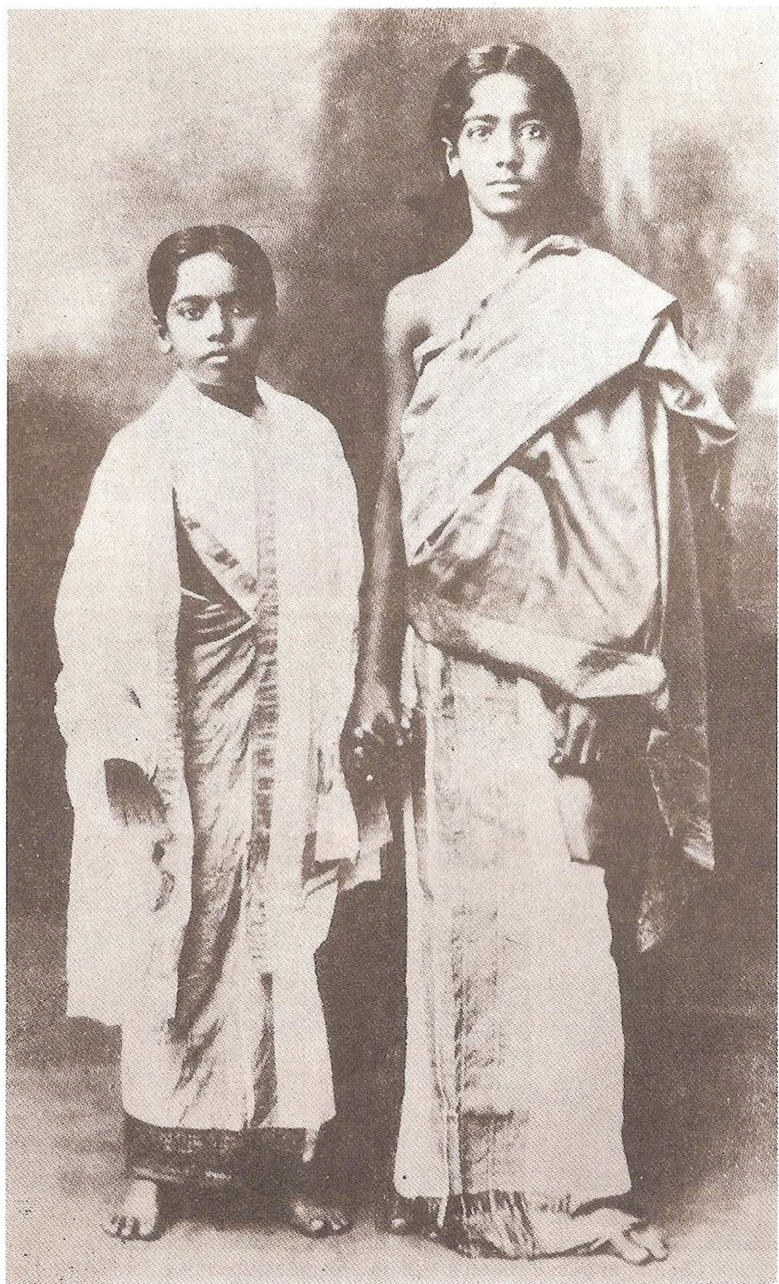
“Assim o farei, com a ajuda do Mestre.” Ele continuou: —

“Prometes manter secretas as coisas que te ordenarem que mantenhas secretas?” E eu disse: —



O pai de K, Narianiah

K, Sivaram e Nitya. A primeira fotografia, Adyar 1909



Nitya e K. Depois da primeira Iniciação, Adyar 1910

"Prometo." A seguir, Ele me mostrou muitos objetos astrais e precisei dizer-Lhe o que eram. Tive de distinguir entre os corpos astrais de um homem vivo e de um homem morto, entre uma pessoa real e a imagem mental de uma pessoa, e entre um Mestre de imitação e um Mestre verdadeiro. Depois Ele me mostrou muitos casos, e perguntou-me como eu ajudaria cada um deles, e respondi da melhor maneira que pude. Finalmente, Ele me mostrou a imagem do meu pior inimigo [seu mestre-escola?], um homem cruel que eu odiara, porque muitas vezes nos torturara, a meu irmãozinho menor e a mim; e Ele disse:

"Ajudarás até esta criatura, se ela precisar da tua ajuda?" Não pode haver ódio na presença do Mestre, por isso repliquei: —

"Por certo a ajudarei." Afinal, Ele sorriu, disse que as respostas haviam sido muito satisfatórias e perguntou a todos os outros Mestres: —

"Todos os presentes concordam com a recepção deste candidato em nossa companhia?" E todos responderam que concordavam.

Em seguida o Senhor afastou os olhos de mim e bradou na direção de Shamballa: —

"Faço isto, ó Senhor da Vida e da Luz, em Teu nome e por Ti?" E, incontinenti, a grande Estrela de Prata fuzilou sobre a Sua cabeça, e de cada lado dela surgiu no ar uma figura — uma do Senhor Gautama Buda e outra do Mahachohan.¹ E o Senhor Maitreya voltou-se e chamou-me pelo verdadeiro nome do Ego e depôs Sua mão sobre minha cabeça e disse: —

"Em nome do Iniciador, cuja Estrela brilha acima de nós, eu te recebo na Fraternidade da Vida Eterna; diligência para que sejas um digno e útil membro dela. Estás agora em segurança para sempre, pois entraste na corrente; possas logo atingir a praia mais distante!"

A seguir, Ele me deu a Chave do Conhecimento e mostrou-me como poderei sempre e em qualquer lugar reconhecer um membro da Grande Fraternidade Branca quando O encontrar; mas essas coisas, disse Ele, não devo repetir.

Depois, dirigindo-se aos meus dois padrinhos, pediu-lhes que se encarregassem das experiências búdicas necessárias. Ato contínuo, todos os Mestres, um por um, tocaram minha cabeça, falaram bondosamente comigo e deram-me os parabéns, e o Senhor Maitreya deu-me a Sua bênção. Finalmente a Estrela desapareceu, todos viemos embora e eu acordei sentindo-me maravilhosamente feliz e seguro.

Pouco depois voltei a adormecer e, durante todo esse dia, estive ausente do meu corpo, recebendo lições sobre o plano búdico e sobre a maneira de formar um corpo búdico e um *mayavirupa* [corpo astral materializado]. Mas não me lembro disso muito claramente neste cérebro; porque isso desceu através de vários planos.

Na noite seguinte levaram-me para ver o Rei, e esta foi a mais maravilhosa de todas as experiências. Ele é um menino não muito mais velho

1. O Mahachohan, o Buda e Manu eram os três aspectos do Logos que atingira os graus de Iniciação que lhes davam consciência dos planos da natureza além do campo da evolução da humanidade. Se bem executassem funções diferentes, possuíam *status* igual e vinham imediatamente abaixo do Rei do Mundo na hierarquia esotérica.

do que eu, mas o mais belo que já vi em toda a minha vida, resplandecente e glorioso e, quando sorri, é como a luz do sol. Ele é forte como o mar, de modo que nada poderia opor-se-lhe por um momento que fosse e, não obstante, Ele é só amor, de sorte que eu não poderia sentir o menor pingo de medo d'Ele. E a Estrela de Prata que vimos é parte d'Ele — não mandada para lá, pois Ele está lá e em toda a parte o tempo todo mas, de certo modo, feita de um jeito que podemos ver. E quando não a podemos ver, Ele está lá do mesmo jeito. Ele me disse que eu procedera bem no passado, e que no futuro procederá ainda melhor; e se o meu trabalho fosse difícil, eu nunca deveria esquecer a Sua presença, pois Sua força estaria sempre atrás de mim, e Sua Estrela brilharia sobre mim. Depois Ele ergueu Sua mão para abençoar-nos e nós viemos embora. Havia três outras Entidades Resplandecentes que se achavam atrás d'Ele, mas não olhei para Elas, pois não conseguia desviar meus olhos d'Ele. Quando fui para lá e quando voltei vi ruínas enormes e uma grande ponte, diferente de todas as outras que já vira; mas eu estava pensando tanto n'Ele, que não lhes dei muita atenção.

A Sra. Besant “recordou” as próprias lembranças da cerimônia sem nenhuma instigação da parte de Leadbeater, pois ela lhe escrevia a 12 de janeiro:

Fui para lá — como é claro que você sabe, às cinco horas [da manhã do dia 11], e ali permaneci até às 6:15. Assim ficou definitivamente estabelecido que o Senhor Maitreya tomará o corpo desta querida criança. Afigura-se-me uma responsabilidade muito pesada defendê-la, de modo que se torne apropriada para Ele, como Ele disse, e sinto-me acabrunhada, mas nós estamos juntos nessa tarefa e sua sabedoria nos iluminará. Creio que aceitamos uma tarefa muito solene e nela empenhamos nossas vidas. E depois Shamballa — na presença do Rei. Eu gostaria imenso de conversar sobre o assunto com você. O querido menino estava lindo, como uma imagem do Cristo menino, com os grandes olhos solenes, cheios de amor e confiança. Ter-se-á lembrado de tudo?

A Sra. Besant ia até mais longe do que Leadbeater ao afirmar que estava “definitivamente estabelecido” que o Senhor Maitreya tomaria o corpo de Krishna.

Ela escreveu ao próprio Krishna em resposta ao seu relato da Iniciação, e ele respondeu-lhe no dia 23 de janeiro: “... nesta nova vida todo o mundo é tão bom — o Senhor Maitreya e todos os Mestres, e os membros que trabalham para Eles em Adyar; todos são muito diferentes das pessoas que eu costumava conhecer, de modo que este é um mundo diferente para mim. Até meu pai está diferente agora, e tudo é belo. Espero poder ser suficientemente bom para tudo isso.”

A Sra. Besant devia estar sentindo a consciência um tanto pesada, pois escrevia a Leadbeater a 25 de janeiro: “É claro que não podemos esperar tanto de Hubert quanto do querido Krishna, uma vez que as

vidas precedentes foram tão diversas. Além disso, naturalmente, é difícil para o menino norte-americano ser tão modesto e tão dócil quanto o indiano. Mas já que ele foi considerado uma possível morada para o Senhor Maitreya, poderemos trabalhar por ele com muita esperança, você não acha?" Hubert, que fora submetido à provação antes de sua chegada a Adyar, só foi aceito em dezembro de 1912.

Pouco depois do seu regresso a Adyar em fevereiro, a Sra. Besant perguntou a Leadbeater: "Charles querido, por que você sempre se subestima e me superestima tanto? Estou certa de que faz muito mais pelos caros meninos do que eu. Sempre tem má opinião de si mesmo e não percebe o quanto vale, pois foi você quem descobriu os meninos e os salvou." Ele, sem dúvida, lhe fizera ver o quanto era indispensável a presença dela em Adyar.

PRIMEIROS ENSINAMENTOS

A verdade é que as relações entre Narianiah e Leadbeater não poderiam continuar amistosas por muito tempo. Conquanto se houvesse entusiasmado com a Iniciação de Krishna, Narianiah estava agora provocando sérias complicações. É claro que ele conhecia a crônica anterior de Leadbeater e, como antipatizava com ele e não confiava nele, estava sempre pronto para ouvir as histórias que lhe eram trazidas pelo criado da Sra. Besant, Lakshman. Lakshman ficara profundamente chocado quando, um dia, ao entrar no banheiro da Sra. Besant, encontrara Krishna em pêlo, ao passo que Leadbeater, vestindo apenas uma camisa que lhe chegava até a metade das coxas, lavava os cabelos do menino. A nudez era uma abominação para a ortodoxia hindu e uma quebra das regras de casta. Lakshman também afirmava ter surpreendido Krishna nu em presença de Leadbeater no Bangalô Octogonal.

Essas histórias chegaram ao conhecimento da Sra. Besant, que concluiu que só havia uma coisa que se poderia fazer, a saber, persuadir Narianiah a transferir para ela a guarda legal dos meninos. No princípio de março, portanto, depois do seu retorno a Adyar, ela pediu a *Sir* Subrahmanyam Aiyar, vice-presidente da Sociedade, que redigisse um documento que seria subscrito por Narianiah e em que este, depois de expressar toda a sua gratidão a ela pelos cuidados e solicitude dispensados aos meninos, lhe conferia os plenos direitos de tutora deles. A única condição inserida no rascunho rezava que, por morte dela, o documento perderia automaticamente o valor e a custódia dos menores reverteria ao pai. Narianiah assinou o documento no dia 6 de março e, ao que tudo indica, de muito bom grado. A única coisa que ele pretendia, segundo parece, era afastar os garotos das proximidades

dades de Leadbeater. Sabendo que Leadbeater seria na verdade o verdadeiro tutor deles, a Sra. Besant decidiu, muito sabiamente, permanecer na Índia pelo resto do ano de 1910, e manter os meninos tão próximos dela quanto possível, a fim de evitar novos mexericos. Os meninos mudaram-se para o quarto da Sra. Lübke, vizinho do quarto dela, que fora dividido ao meio acrescentando-se outro banheiro ao conjunto. Krishna e Nitya ocuparam a metade oriental e Dick Clarke a outra metade. Embora ao mesmo tempo Leadbeater se mudasse do Bangalô Octogonal e fosse dormir no edifício da sede, o seu quarto distava o mais possível do quarto deles, e ele continuou a utilizar o Bangalô Octogonal como escritório e sala de aulas para os meninos.

Os garotos passaram a levar uma vida de tranqüila rotina após o regresso da Sra. Besant. Krishna se recordava: "Nossa mãe nos dava uma hora de leitura todas as manhãs. Lemos juntos 'O Livro do Jângal' de Rudyard Kipling, de que gostei muito. 'O Valente Capitão', 'O Pimpinela Escarlata', 'Eu Restituirei' e algumas peças de Shakespeare." Os passeios matinais de bicicleta prosseguiram, Leadbeater continuou tomando nota das milhas registradas no ciclômetro de Krishna, e havia tênis e natação à noite.

Mas assim que a Sra. Besant partiu de Adyar para uma breve visita a Benares, Narianiah entrou a criar dificuldades outra vez. "Ele parece ter tido um acesso de insanidade", contou Leadbeater a ela no dia 18 de abril. Leadbeater, contudo, pôde assegurar-lhe que o Mestre compreendia tudo aquilo com as próprias palavras d'Ele:

"O trabalho que estás fazendo para mim é de tal importância que não podes esperar que ele escape à atenção dos poderes mais escuros, e o pai nominal, através da sua cólera e da sua inveja, lhes oferece um instrumento conveniente. Repito-o mau grado meu... quanto menos ele vir os meninos nos próximos anos, tanto melhor. Será preciso fazê-lo compreender, com bondade mas com firmeza, que ele não pode interferir na vida dos filhos de maneira alguma, como tampouco pode interferir na vida do irmão deles, Hubert... Aprovo os cuidadosos arranjos que fizeste em relação ao banho, à comida e ao sono; quando se fizer necessária alguma alteração, eu mesmo to direi."

Alguns meses mais tarde o Mestre continuava a dar instruções a Leadbeater:

"Eles [os meninos] viveram por muito tempo no inferno; procura mostrar-lhes alguma coisa do Paraíso. Quero que tenham tudo ao contrário das condições anteriores. Em lugar de hostilidade, desconfiança, sofrimento, miséria, irregularidade, desleixo e sujeira, quero-os cercados de uma atmosfera de amor e felicidade, confiança, regularidade, perfeito asseio físico e pureza mental... Conserve-os o quanto possível dentro

da sua aura e da de Annie, de modo que possam ser protegidos de todos os pensamentos maus e carnaís... Quero que tu os civilizes; que os ensines a usar colheres e garfos, escovas de unhas e escovas de dentes, a sentar-se com desembaraço em cadeiras em vez de acocorar-se no chão, a dormir racionalmente na cama e não num canto qualquer, como um cão. Longas horas de sono são especialmente necessárias, mas vela por que não durmam de pijamas, responsáveis por tanto mal em nossa civilização. As roupas de baixo devem ser sempre de seda, linho ou pano, mas nenhuma lã nem flanela há de tocar-lhes a pele. Nenhum aperto indevido será permitido em parte alguma e a nenhum pretexto se estragará a forma do pé. Conserve-lhes a cabeça sempre fria e, sempre que possível, descoberta. O corpo dele [de Krishna] precisa desenvolver-se direito e forte, ágil e musculoso, com um porte marcial, o peito largo e grande capacidade pulmonar. O asseio mais escrupuloso, em todas as condições, é de importância primacial."

Era a insistência de Leadbeater no "asseio escrupuloso", sobretudo no costume europeu de tomar banho em pêlo e lavar-se entre as pernas, que provoca tantos comentários desagradáveis em Adyar. Leadbeater mostrou, sem dúvida, a Krishna como lavar-se desse jeito, mas tanto Krishna quanto Nitya sempre sustentaram que nunca houve a mais leve insinuação de imoralidade.¹

No fim de setembro de 1910, a Sra. Besant levou os meninos a Benares e eles ficaram em casa dela, Shanti Kunja, na propriedade teosófica de quinze acres, perto do Colégio Central Hindu, por ela fundado em 1898 e que era talvez, dentre todas as suas realizações, a de que mais se orgulhava. Os meninos já conheciam alguns professores do Colégio Central Hindu, que foram passar as férias em Adyar, mas agora uma profunda amizade se desenvolveria entre Krishna e o diretor do colégio, George Arundale (Fides em *As Vidas de Alcione*), homen-zarrão, trigueiro, bem-apegoado, de trinta e dois anos, ex-pupilo de Leadbeater na Inglaterra e que fora para Benares em 1903 depois de haver-se diplomado em Cambridge, com distinção, em Ciência Moral. Krishna também se travou de amizade com o professor de inglês do colégio, A. E. Wodehouse, irmão mais velho de P. G. Wodehouse, que lecionara inglês no Colégio Elphinstone antes de interessar-se por Teosofia e mudar-se para Benares a pedido da Sra. Besant. Wodehouse conquistara o Prêmio Newdigate de poesia quando estava no Colégio

1. Hubert jurou mais tarde, diante da Sra. Besant, que Leadbeater "abusara" dele, mas em vista da sua natureza extremamente vingativa por esse tempo, o seu testemunho, se bem não fosse desmentido, talvez não merecesse toda a confiança. Hubert agüentou a vida em Adyar durante cinco anos. Depois disso foi para Christ Church, Oxford e, mais tarde, para a Northwestern University, Illinois. Casou-se e exerceu a advocacia em Chicago. (*The Last Four Lives of Annie Besant*, de A. H. Nethercote, p. 193n., Hart-Davis, 1961.)

de Corpus Christi, em Oxford, bem como o Chancellor's Essay Prize. (Um livro dos seus poemas foi publicado depois da primeira guerra.)

Assim como Arundale, Krishna escolheu quatro outros membros dos mais chegados seguidores da Sra. Besant, conhecidos como o Grupo do Xale Amarelo (porque todos usavam xales amarelos de seda nas reuniões), pelos quais se sentia particularmente atraído e que considerava repletos de promessas espirituais. Pediu licença à Sra. Besant para ensinar a esses cinco homens as qualificações indispensáveis ao discipulado, que lhe haviam sido ensinadas no ano anterior pelo Mestre entre a sua provação e a sua aceitação. A Sra. Besant ficou encantada e, ao referir-lhe o pedido a Leadbeater, acrescentou: "É tão bom vê-lo desabrochar!" Ela folgou de receber a carta de aprovação de Leadbeater, dizendo-lhe, na resposta que lhe escreveu: "Sou de opinião que, em assuntos dessa natureza, o melhor é deixá-lo seguir o próprio coração e os próprios impulsos, que saberão guiá-lo... Ele está-se desenvolvendo muito depressa, e já não revela traço algum de acanhamento ou timidez, senão uma bonita e graciosa dignidade." E no dia seguinte, tornou a escrever: "O inglês de Krishna sob a tensão do diálogo melhorou muito, e ele apadrinha George [Arundale] de modo singular."

O próprio Krishna escreveu a Leadbeater a fim de pedir-lhe que lhe mandasse as notas tomadas por ele, Krishna, com base nas instruções do Mestre Kuthumi.

Arrumei-lhe as notas da melhor maneira que pude [afirmou Leadbeater mais tarde], e datilografei-as. Depois me pareceu que, sendo elas sobretudo palavras do Mestre, era melhor certificar-me de que não havia mal nenhum em registrá-las. Levei, portanto, minha cópia datilografada ao Mestre Kuthumi e pedi-lhe que me fizesse o favor de lê-la. Ele leu-a, alterou uma ou duas palavras aqui e ali, acrescentou algumas notas conectivas ou explanatórias e umas poucas sentenças, que me lembro de O ter ouvido pronunciar. Depois disse: "Sim, parece correto; isto servirá"; mas juntou: "Vamos mostrá-lo ao Senhor Maitreya." E assim fomos juntos, Ele levando o livro, que mostrou ao próprio Mestre Universal. Este leu, aprovou e disse: "Deveríeis fazer um bonito livrinho disto a fim de apresentar Alcione ao mundo." Não tínhamos a intenção de apresentá-lo ao mundo; não nos parecera desejável que uma massa de pensamentos se concentrasse num menino de treze anos, que ainda não completara sua educação. Mas no mundo esotérico fazemos o que nos mandam fazer e, por isso mesmo, colocamos este livro nas mãos do impressor na manhã seguinte.

Antes de chegarem as notas datilografadas de Leadbeater, a Sra. Besant, acompanhada de Krishna e Nitya, da Sra. van Hook e Hubert, fizera breve excursão a Laore e Deli. Foi essa a primeira vez que os

meninos indianos estiveram no Norte e tanto se queixaram do frio que a Sra. Besant mandou fazer casacos acolchoados de seda para eles, assegurando a Leadbeater que “não há transpiração neste clima e nenhum perigo de cheiro”. Ela deve ter recebido a carta de Leadbeater a respeito do texto datilografado enquanto estava ausente pois, no dia 23 de outubro lhe escrevia, emocionada, de Deli: “Estamos encantados com a aprovação do Mestre e do Senhor Maitreya ao primeiro esforço literário de Alcione. Precisamos imprimi-lo e encaderná-lo lindamente — a primeira dádiva dele ao mundo. Será ‘Alcione’ ou Krishnamurti? Fá-lo-emos assim que eu regressar.”¹ Ela acrescentava que as maneiras de Krishna eram agora “perfeitas, dignas e suaves, sem nenhum traço de timidez”.

Até hoje se discute se *Aos pés do Mestre* foi ou não escrito por Krishna. A Sra. Besant parece não ter dúvidas quanto à sua autenticidade, se bem que o próprio Krishna haja declarado no Prefácio: “Estas palavras não são minhas; são do Mestre que me ensinou.” Como as notas originais, quase certamente redigidas por ele, não existem mais, não há meio de saber até que ponto foram revisadas por Leadbeater. Como quer que fosse, a cópia já estava em Benares quando Krishna para lá voltou no fim de outubro, e ele começou, baseado nelas, a ensinar as quatro qualificações para o discipulado — Discriminação, Ausência de Desejo, Bom Procedimento e Amor. Como os cinco membros do seu grupo especial fossem todos muito mais velhos do que ele (além de Arundale havia também I. N. Gurtu, diretor da escola preparatória dos meninos, anexa ao Colégio), Krishna era naturalmente comparado a Cristo ensinando os Anciãos no Templo. Esse grupo especial, cujo número foi aumentando aos poucos, tornou-se um núcleo interno do Grupo do Xale Amarelo. Passou a ser conhecido como a Ordem da Púrpura graças às suas insígnias — o xale purpurino, a faixa cor de púrpura bordada de ouro e com a inscrição J. K., que usavam por cima do ombro, e um distintivo de prata sobre uma fita purpúrea. Krishna era seu Chefe e a Sra. Besant e Leadbeater seus Protetores.

Não se negligenciaram, todavia, as lições nem os exercícios. Todas as tardes havia porfiadas partidas de ténis, quando Krishna e George

1. O autor era “Alcione”. A primeira edição do livro, publicada em dezembro, foi encadernada em pano azul com uma gravação em ouro do Caminho que conduz a um pórtico egípcio. O frontispício era a mais recente fotografia de Alcione. Também foram tirados doze exemplares encadernados em couro azul. Todo o dinheiro apurado na venda foi entregue à Sra. Besant, a pedido de Krishna.

jogavam contra Hubert e Wodehouse e quase sempre ganhavam. Em Benares, Krishna também ganhou uma câmara fotográfica, que ele amava e com a qual se tornou um fotógrafo sumamente paciente e cuidadoso.

Wodehouse escreveu sobre ele nessa ocasião:

O que mais nos impressionava era a sua naturalidade... não havia nele o menor traço de afetação. Conservava ainda o natural retraído, modesto e deferente para com os mais velhos e cortês para com todos. Aos que ele apreciava, além disso, mostrava uma grande afeição, singularmente atraente. Parecia não ter a menor consciência da sua posição "oculta". Nunca aludia a ela — nunca, por um único momento, permitia que a alusão mais leve a ela se intrometesse em sua fala ou em seus modos... Outra qualidade era um sereno altruísmo. Parecia não ter a menor preocupação consigo mesmo... Não éramos devotos cegos, preparados para ver nele apenas a perfeição. Éramos pessoas mais velhas, pedagogos, e possuíamos alguma experiência da juventude. Tivéssemos nós vislumbrado nele um traço sequer de presunção ou afetação, ou alguma pose de "criança sagrada", ou de timidez puritana, e teríamos, sem dúvida alguma, proferido uma sentença contrária.

Krishna nunca perdeu suas belas maneiras em razão de uma inata consideração pelos outros e, apesar de toda a adulação que recebeu desde os catorze anos de idade, sempre se mostrou modesto e discreto.

Era evidente que Leadbeater fazia pressão para que Krishna continuasse sua educação na Inglaterra, pois a Sra. Besant lhe escreveu no dia 3 de novembro com certa rispidez, pelo menos dessa feita: "Não precisamos decidir coisa alguma a respeito da Inglaterra antes do meu regresso. Nessa ocasião discutiremos o caso e saberemos o que nos aconselha o Mestre. Se for possível evitar os transtornos dos estudos e despesas que nisso estão envolvidos, tanto melhor." Não existe registro escrito do conselho do Mestre nesse particular, mas como a Sra. Besant regressou com os meninos a Adyar no fim de novembro, Leadbeater deve ter-lhe comunicado verbalmente as instruções do Mestre: os garotos deveriam estar na Inglaterra dentro de seis meses, no máximo.

A 11 de janeiro do ano seguinte, 1911, aniversário da Iniciação de Khrisna, George Arundale, em Benares, formou outra organização, a Ordem do Sol Nascente, cujo propósito era reunir os que na Índia acreditavam na próxima vinda de um grande mestre espiritual, ajudar a preparar a opinião pública para recebê-lo e criar uma atmosfera de boas-vindas e reverência. Poucos meses depois, a idéia foi entusiasmamente adotada pela Sra. Besant e Leadbeater e, sob o novo nome de Ordem da Estrela no Oriente, converteu-se numa organização inter-

nacional. Nomearam-se funcionários para cada país, que consistiam num representante nacional e num secretário organizador. A Sra. Besant e Leadbeater foram feitos Protetores da Nova Ordem, cujo Chefe era Krishna. Arundale, por sua vez, era secretário do Chefe e Wodehouse, secretário organizador. Não havia regras nem subscritções. Cada membro recebia um certificado de membro e tinha permissão para usar o distintivo da Ordem, uma estrela de prata de cinco pontas, em forma de broche, brinco ou alfinete. Os representantes nacionais e outros altos funcionários podiam usar estrelas de ouro. Também se fundou uma revista trimestral, impressa em Adyar e chamada *Herald of the Star* (Arauto da Estrela), cujo diretor nominal era Krishna; o primeiro número apareceu em janeiro de 1911.

Alguns dos membros mais antigos da Sociedade Teosófica contestaram o direito da Sra. Besant de fundar uma organização dessa natureza com um propósito específico fora dos três objetivos da Sociedade, mas a Sra. Besant recordou aos críticos o fato de haver a Sra. Blavastky “considerado missão da S.T. preparar o mundo para o advento do próximo grande Mestre, embora, no seu entender, esse evento só deva ocorrer daqui a meio século”.

Por esse tempo, só tinha a Sociedade uns dezesseis mil membros ativos em todo o mundo. Os teosofistas dividiam-se em Lojas, de acordo com a localidade ou as atividades especiais; cada cidade tinha liberdade para fundar a própria Loja, e as grandes cidades podiam ter várias Lojas — de modo que os dezesseis mil membros se distribuíam por mais de seiscentas lojas. Esse sistema tinha os seus perigos, pois facilitava a cisão de facções, que podiam tornar-se independentes de Adyar. Uma brecha dessa natureza abriu-se nos Estados Unidos poucos anos antes, e agora a fundação da Ordem da Estrela no Oriente acarretava um cisma ainda mais sério, pois Rudolph Steiner, da Alemanha, um dos membros importantes, afastou-se, levando consigo a maioria das Lojas alemãs e com os dissidentes formou a sua própria Sociedade Antroposófica. A S.T., porém, recuperou-se desse golpe e continuou a crescer; por volta de 1920 havia 36.350 membros e em 1928 ela atingiu o seu ponto culminante com 45 mil membros.

NA INGLATERRA

Depois de uma excursão pela Birmânia em janeiro e fevereiro de 1911, a Sra. Besant deixou Adyar no dia 22 de março com Krishna e Nitya, a caminho da Inglaterra. Em Benares, por onde passaram antes de chegar a Bombaim, compraram-se roupas européias para os meninos e um médico incumbiu-se da tarefa de costurar os grandes orifícios abertos nos lobos das suas orelhas, furados, como acontecia com todas as crianças hindus, quando eles eram pequeninos. Leadbeater insistira em que o "corpo de Krishna não poderia ser entregue com aqueles buracos". A anestesia local empregada pelo médico aparentemente surtiu pouco efeito. A Sra. Besant ficou muito transtornada com a operação, que provocou maior sofrimento em Krishna do que em Nitya e levou mais tempo. Ela ficou segurando a mão dos meninos o tempo todo e tentou, sem êxito, transferir a dor para si mesma.

Acompanhados por George Arundale, que tirara alguns meses de licença no Colégio Central Hindu para tornar-se preceptor dos meninos, zarparam de Bombaim no dia 22 de abril no S.S. *Mantua*. A Sra. Besant contou na primeira das suas cartas semanais a Leadbeater que, conquanto os garotos achassem os sapatos novos muito apertados, davam-se bem com as roupas inglesas e Nitya já sabia vestir-se sozinho. Só não conseguia dar o nó na gravata sem ajuda. Krishna estava entusiasmado porque o capitão do navio, o Capitão Normand, velho conhecido da Sra. Besant, lhe permitira "ver alguma coisa do funcionamento do navio, em particular o 'aparelho de Marconi' ". O grupo desembarcou em Brindisi e foi de trem a Calais, via Turim, por causa do enjôo de mar, de que a Sra. Besant sofreu muito durante toda a vida. Krishna e Nitya também se revelaram péssimos marinheiros.

Registrrou-se, naturalmente, tremenda comoção entre os teosofistas ingleses quando a Sra. Besant chegou a Londres. *As Vidas de Alcione*

tinham começado a aparecer publicadas na revista *Theosophist* no ano anterior e sabia-se que a Sra. Besant trazia consigo o próprio “Alcione”, como também não se fazia segredo do papel maravilhoso que ele estava destinado a desempenhar. Grande multidão, portanto, estava à espera dela e dos seus tutelados quando estes chegaram à Estação de Charing Cross no dia 5 de maio. Entre as pessoas reunidas na plataforma se achava *Lady Emily Lutyens*, esposa do arquiteto Edwin Lutyens, recém-convertida à Teosofia depois de ler alguns livros da Sra. Besant e que, em seu entusiasmo, já fundara uma nova Loja Teosófica, destinada à aplicação prática da Teosofia aos problemas sociais.

Lady Emily registrou sua primeira impressão de “Alcione”: “Eu só tinha olhos para Krishna, estranha figura de longos cabelos pretos, que lhe chegavam quase até os ombros, e enormes olhos negros com uma expressão vazia. Vestia um casaco de Norfolk. A Sra. Besant pilotava-o ao longo da plataforma, ansiosa por impedir que a multidão o comprimisse.” Quando saiu da estação, *Lady Emily* encontrou um dos membros do sexo feminino da S.T. quase desmaiada; possuindo poderes mediúnicos, esta fora dominada pela glória da aura de Krishna.

A Sra. Besant e os meninos hospedaram-se em Drayton Gardens 82, South Kensington, em casa de suas amigas mais íntimas, a viúva de Jacob Bright e sua filha solteira Esther.¹ A primeira reunião da Sra. Besant em Londres realizou-se a 8 de maio na sede da Sociedade Teosófica, em Bond Street, quando ela anunciou a formação da Ordem da Estrela no Oriente e disse que todos os que quisessem pertencer a ela poderiam dar seus nomes a George Arundale. *Lady Emily* foi uma das primeiras a fazê-lo e, poucos dias depois, a Sra. Besant convidou-a para ser a Representante Nacional da Ordem na Inglaterra.

Duas outras recém-convertidas, trazidas para a Sociedade por *Lady Emily*, eram a Srta. Mary Dodge, riquíssima e generosíssima dama norte-americana, paralisada pela artrite, e sua grande amiga Muriel, Condessa De La Warr, que morava com ela em Warlick House, em St. James's. A Srta. Dodge colocou um carro à disposição da Sra. Besant enquanto esta estivesse na Inglaterra.²

1. Jacob Bright, M.P., P.C. (1821-99), era o irmão mais moço de John Bright. A casa de Drayton Gardens, 82 pertence hoje à Sociedade de Autores. Possuía então um jardim maior, onde se erguiam algumas árvores de grande porte.

2. *Lady Emily* conhecera a Srta. Dodge através do marido, cuja cliente ela fora. *Lady De La Warr* era filha do Conde Brassey. Desposara o Conde De La Warr em 1891 e obtivera o divórcio em 1902. *Lady Emily* era filha do 1.º Conde de Lytton, que fora Vice-Rei da Índia. Casara em 1897. Suas ligações com a Índia interessaram à Sra. Besant.

Krishna e Nitya permaneceram na Europa quatro meses, durante os quais Krishna assim como a Sra. Besant enviaram relatórios regulares de suas atividades a Leadbeater em Adyar. Arranjou-se para eles um programa de estudos sob a direção de Arundale, entremeados de exercícios e alguns divertimentos, sem que jamais se esquecesse a importância de uma dieta nutritiva e de dez horas de sono todas as noites. A essa altura, evidentemente, já ficara decidido que iriam para Oxford, pois a Sra. Besant escreveu que não precisavam prestar exame de latim a fim de bacharelar-se em humanidades. Por enquanto, estudavam aritmética, álgebra até as equações simples, sânscrito, redação de ensaios e Shakespeare. Como exercícios tinham aulas de equitação, iam ao famoso ginásio de Sandow em St. James's Street e jogavam croqué no quintal da casa da Sra. Bright, onde ficariam o tempo todo que permaneceram em Londres. A Sra. Besant deu-lhes dois "lindos botes" para velejar no Lago Redondo em Kensington Gardens, e Arundale presenteou Krishna com um modelo de motor a vapor, que ele adorou. A despeito de tudo isso, eles acharam o barulho de Londres muito fatigante, e as botas, embora largas, lhes cansavam tanto os pés que eles relutavam em andar. Nitya, que, naquela época, era quem dava mais atenção às roupas, suplicou que o deixassem vestir calças, por serem os calções presos à altura dos joelhos (*knickerbockers*) "demasiado juvenis". Ele ganhou também um paletó igual ao que vira e cobiçara num menino de Eton. A Sra. Besant levou Nitya, quase cego da vista esquerda, ao que supunha ser o melhor oftalmologista de Londres, o Sr. Treacher Collins, que declarou nada poder fazer por ele: "A retina sofreu uma lesão durante o nascimento, ou antes dele, e sobre a lesão se formou um tecido fibroso." Não se notava a cegueira parcial de Nitya, a não ser com um estrabismo quase imperceptível.

O que Krishna mais apreciou foram os teatros. Durante a estada em Londres eles viram *O Prisioneiro de Zenda*, *O Pimpinela Escarlata*, *Júlio Cesar* com Herbert Tree no papel de Antônio, *Macbeth*, *The Only Way*, *Baby Mine*, *Hope*, George Grossmith em *Peggy*, *Kismet*, *A Royal Divorce* e o *Kinemacolour* no Scala. As partidas de críquete entre Oxford e Cambridge e Eton e Harrow, no Lords, também foram muito apreciadas, assim como o museu da Sra. Tussaud, o Torneio Militar, "Trooping the Colour" e os fogos de artifício na White City, ao passo que o Jardim Zoológico, a catedral de São Paulo e os Kew Gardens lhes machucaram os pés. Quanto ao "tubo elétrico", detestaram-no.

Lady Emily conseguiu arrumar lugares para eles no palanque do Almirantado para assistir à procissão da Coroação de Jorge V no dia

22 de junho e ela mesma os levou em companhia de seus dois filhos mais velhos: Barbara, três meses mais moça do que Nitya, e Robert, de onze anos de idade.¹ *Lady Emily* descreveu a ocasião:

Não houve meio de encontrar o nosso carro depois, por causa da multidão, e tivemos de voltar a pé para minha casa em Bloomsbury Square. Caminhar, naquela época, era uma agonia para os dois meninos, que nunca tinham usado sapatos antes de vir para a Europa. Era também uma tortura para Krishna, tímido e retraído de seu natural, ser obrigado a enfrentar multidões, mormente porque seus cabelos compridos, com as roupas européias, sempre provocavam comentários como este: “Vá cortar esse cabelo, *seu!*” A razão para esse estilo especial de corte de cabelo era que o Buda, ao sair de casa como Príncipe Siddartha em busca de iluminação, cortara as longas melenas ao nível dos ombros com a espada. E os encarregados de cuidar de Krishna, seguindo provavelmente as instruções do Mestre, haviam decidido que, devendo ele ser um futuro Buda (em Mercúrio, daqui a alguns milhões de anos), já devia adotar o penteado budista. Não parecem ter levado em consideração os sentimentos do tímido menino sujeito a essa penitência. Enquanto nos afastávamos do Almirantado através das densas multidões, constantes remoques eram atirados ao pobre Krishna. Houve uma notável exceção: ao passarmos pelos Seven Dials, uma mulher, à porta de sua casa, exclamou, ao ver-nos: “Bendito seja o seu belo rosto!”

As lições não eram tão importantes que impedissem a Sra. Besant de levar os meninos consigo a vários lugares da Inglaterra e da Escócia quando ia presidir a reuniões teosóficas e angariar membros para a Ordem da Estrela. Foram primeiro a Oxford, onde passaram duas noites e onde *Lady Emily*, que foi com eles, os recordou numa recepção ao ar livre num dia frigidíssimo de maio — “dois tiritantes menininhos indianos” que pareciam tão infelizes e tão frios que ela sentiu vontade de envolvê-los nos braços e protegê-los. Não admira que Krishna escrevesse a Leadbeater no dia 26 de maio que Oxford “era muito frio e não nos divertimos nada”. A Sra. Besant aludiu a certas dificuldades para conseguir o ingresso de hindus em Oxford, mas esperava que “as coisas melhorassem dali a quatro anos”. Em agosto seus nomes foram inscritos para ingresso em Balliol e New College. Eles esperavam conseguir residência em outubro de 1914.

Em junho, a Sra. Besant levou os meninos a Paris a fim de ali passarem alguns dias e onde, no dia 12, fez uma conferência na Sor-

1. A Sra. Besant escreveu a Leadbeater acerca de Robert Lutyens dizendo tratar-se de um garotinho encantador, de quem Krishna havia gostado, e acrescentou que era bisneto de Bulwer Lytton. Isso não deixaria de impressionar Leadbeater, que considerava Bulwer Lytton um grande ocultista. Leadbeater sustentava que somente um Iniciado poderia ter escrito *Zanoni*.

bonne sobre o tema: “Giordano Bruno, apóstolo da Teosofia no século XVI.” Como a própria Sra. Besant havia sido Bruno numa das suas encarnações anteriores, a conferência deve ter sido pelo menos convincente, de modo que não surpreende que o anfiteatro, capaz de receber quatro mil espectadores, estivesse à cunha e centenas de pessoas fossem mandadas de volta. Krishna contou a Leadbeater no dia seguinte: “A conferência da Sorbonne foi um grande sucesso. Vi ali o Conde.”¹

Krishna registrou apenas outra experiência esotérica enquanto estava na Europa: lembrava-se de ter ido com George Arundale à casa do Mestre Kuthumi na noite de 27 de junho, quando o Mestre aceitou George, que já fora submetido à provação, por seu discípulo. Krishna escreveu a Leadbeater pedindo-lhe a confirmação do fato e recebeu um telegrama que o confirmava.

A Sra. Besant pronunciou três conferências nos Queen's Hall de Londres, em junho e julho, sobre “A Vinda do Mestre Universal”. A sala estava tão cheia, como na Sorbonne, que centenas de pessoas foram impedidas de entrar. Na Índia, ela usava sempre um alvo sári mas, na Europa, limitava-se a um longo vestido branco. Com os cabelos brancos, curtos e crespos, era uma figura impressionante sobre o estrado, a despeito da pequena estatura; sua retórica tendia a ser florida, mas ela possuía, em grau extraordinário, a qualidade vital do orador — o magnetismo. Depois da última conferência, Krishna escreveu a Leadbeater: “Ela é, de fato, a melhor oradora do mundo.” Enid Bagnold, dramaturga e romancista, lembra-se da Sra. Besant falando no Queen's Hall em 1912: “Quando ela subiu ao estrado, estava ardendo. Sua autoridade estendeu-se a toda a parte.”

Krishna também teria uma participaçãozinha no trabalho de propaganda. A 28 de maio, na primeira reunião da Mesa Redonda celebrada na sede geral da S.T. em Londres, uma ramificação para os jovens da Ordem da Estrela, pronunciou algumas palavras. “George e eu tínhamos preparado Krishna para falar”, contou a Sra. Besant a Leadbeater no dia 31 de maio. “Ele estava nervoso demais e esqueceu-

1. Não se confirmou se o Conde (o Mestre, o Conde de St. Germain) estava em seu corpo físico ou em seu corpo astral materializado quando Krishna o viu. Embora se afirme que o Conde morreu por volta de 1784, Leadbeater em *The Masters and the Path* (Os Mestres e o Caminho) (1925), afirmava tê-lo encontrado em seu corpo físico perambulando pelo Corso em Roma. O Conde subiu com ele aos jardins de uma colina romana e ficou conversando com ele por mais de uma hora sobre a obra de Sociedade Teosófica. Leadbeater não se lembra da data do encontro.

-se de muita coisa, mas encantou todo o mundo e foi fascinante.” As palavras triviais que pronunciou só são interessantes por terem sido o primeiro discurso que proferiu em sua vida.

No dia 15 de setembro ela pôde dizer que ele se tornara “muito viril” e dirigira a palavra “a mais de 200 pessoas numa reunião da Estrela do Oriente, falando realmente muito bem. Pareceu-me avisado aproveitar a oportunidade, embora se tratasse de uma provação para ele”.

Em agosto os meninos tinham ido, em companhia da Sra. Besant, passar alguns dias em Esher, Surrey, com os Brights, que ali possuíam uma casa de campo. Puderam jogar croqué todas as tardes, se bem ainda tivessem de estudar álgebra e ir a Londres duas vezes por semana para as aulas de equitação e os exercícios no ginásio de Sandow. *Lady Emily* visitou-os diversas vezes em Esher com Robert, a única pessoa jovem que Krishna conheceu na Inglaterra naquele ano e que considerou “promissor” — isto é, com possibilidades de ingressar no Caminho. *Lady Emily* contou que os meninos se divertiram juntos até onde o permitiu a terrível indigestão que acometeu Krishna na ocasião.

Dores agudas no estômago mantinham-no acordado boa parte da noite. C.W.L. [Leadbeater] estabelecera uma dieta para ele, supostamente por ordens diretas do Mestre K.H. Uma dieta cruel para quem quer que sofresse de indigestão. Copos inumeráveis de leite tinham de ser ingeridos durante o dia, além de mingau e ovos ao jejum. Ainda vejo Krishna, depois de uma noite de vigília e sofrimentos, forcejando por comer o jejum prescrito, sob o olhar severo da Sra. Besant. Como eu gostaria de arrancar-lhe aquele prato e dar algum repouso às suas vísceras! Essa perturbação digestiva, com dores agudas, persistiu até 1916, mais ou menos.

Por outro lado, *Lady Emily* também se lembrou de que eles acharam a comida sem tempero tão insípida que a inundaram de sal e pimenta. Nitya observou, certo dia: “Não creio que a Srta. Bright tenha compreendido o quanto gostamos de arroz.” A Srta. Bright achou Nitya “um sujeitinho encantador, com um rosto sério e olhos penetrantes, amistosos, indagadores; uma bela e grande natureza naquele corpinho indiano”.

O último acontecimento antes do regresso dos meninos à Índia foi, no dia 3 de setembro, o lançamento da pedra fundamental da nova sede da Sociedade Teosófica em Tavistock Square (hoje sede da British Medical Association). A Sra. Besant pediu a Edwin Lutyens que preparasse projetos para o prédio. Ele acedeu ao pedido, embora mais por amor à esposa do que à Sra. Besant ou à Teosofia, que já começava

a solapar-lhe a vida conjugal. Lançado um apelo, angariaram-se 30.000 das 40.000 libras necessárias à construção, doadas, em sua maioria, pela Srta. Dodge.

Embora a Srta. Dodge, *Lady De La Warr* e *Lady Emily* estivessem todas, a essa altura, profundamente envolvidas na Teosofia, só no ano seguinte começaram a desempenhar um papel saliente na vida de Krishna. Miúda, rija, muito bem vestida e distante dos três filhos, *Lady De La Warr* não saía de ao pé da Srta. Dodge, cuja voz rouca, profunda e intimidante desmentia a bondade do seu coração. À medida que se lhe agravava a artrite, ela se viu presa a uma cadeira de rodas e incapaz de qualquer tipo de atividade em prol da Teosofia, além de proporcionar ajuda financeira e hospitalidade em Warwick House. *Lady Emily*, por outro lado, alta, ardente e impulsiva, pronunciava conferências, escrevia artigos e recebia colegas teosofistas em Bloomsbury Square. Escrevia com facilidade mas, sendo muito tímida, o falar em público, a princípio, foi uma tortura para ela. A determinação, contudo, e o entusiasmo pelo tema — a vinda iminente do Mestre Universal a que tudo em sua natureza respondia — triunfou sobre o acanhamento e permitiu-lhe exercitar-se e transformar-se numa bela oradora. Tão boa oradora, com efeito, que, afinal, a Sra. Besant lhe concedeu o *status* de Conferencista Internacional da S.T. Apesar dos transtornos que isso lhe causou ao casamento, por obrigá-la a estar muito tempo fora de casa, ela se sentiu plenamente realizada pela primeira vez na vida.

TUTELA LEGAL

Em companhia de Krishna e Nitya, a Sra. Besant foi ter com Leadbeater em Adyar no dia 7 de outubro. George Arundale voltara à Índia com eles, mas regressara ao Colégio Central Hindu em Benares. Só depois de dois meses em Adyar é que foram todos para Benares, onde se realizaria naquele ano a Convenção Teosófica. No fim da Convenção aconteceu uma coisa que pareceu a Leadbeater de “tão transcendente importância” que, no dia 31 de dezembro, enviou um relato do fato a Fabrizio Ruspoli, que ficara em Adyar.

Boa quantidade de membros ingressou na Ordem da Estrela no Oriente durante a Convenção, e alguém sugeriu (de modo inteiramente casual) que seria um grande prazer para eles receber os certificados de membros das mãos do próprio Chefe da Ordem [Krishna]. A idéia foi acolhida com entusiasmo, e outros membros mais antigos também pediram licença para devolver os seus, a fim de poderem recebê-los de novo diretamente do Chefe. Por isso fixou-se uma hora (6 da tarde do dia 28 de dezembro) e nós descemos à Sala da Seção Indiana. Pensávamos naquilo como numa cerimoniuzinha formal, e eu tinha até minhas dúvidas quanto ao comparecimento da presidenta, que estava cansada depois da conferência das 4.

Só se admitiram membros da Estrela, mas a Sala estava cheia; acredito que houvesse ali umas quatrocentas pessoas. A maioria sentou-se no chão, mas havia uma linha de bancos encostados às paredes e umas poucas cadeiras na extremidade superior. A presidenta e eu nos sentamos ali, com a Srta. Arundale [tia de George] e Nitya e mais algumas pessoas, e os bancos foram ocupados principalmente por senhoras européias. Estava tudo arranjado para que o Chefe ficasse em pé diante de nós, com Telang [Representante Nacional na Índia] ao seu lado. Os membros deveriam passar em fila por eles e cada qual entregaria o certificado a Telang, que leria o seu nome em voz alta, passaria o documento para Krishna e este o devolveria ao dono... os dois ou três primeiros receberam seus certificados com uma reverência e um sorriso e voltaram aos seus lugares.

Imediatamente, toda a Sala se encheu de um tremendo poder, que fluía tão evidentemente através de Krishna que o membro seguinte lhe

caiu aos pés, subjugado por esse maravilhoso ímpeto de força. Eu nunca vira nem sentira coisa alguma semelhante a isto; lembrou-me irresistivelmente um vento impetuoso e forte e a efusão do Espírito Santo em Pentecostes. A tensão era enorme e todas as pessoas na sala se sentiram prodigiosamente tocadas. Era exatamente a espécie de coisa a cujo respeito lemos nas velhas escrituras e julgamos exagerada, mas ali estava ela, diante de nós, em pleno século XX.

Depois disso, cada qual se prosternou quando chegou a sua vez, muitos com lágrimas a rolar-lhes pelo rosto. A cena, de fato, foi memorável, pois o fluxo de devotos era de um caráter notavelmente representativo. Havia membros de quase todos os países da Europa, da América e de todas as partes da Índia, e o mais notável e o mais belo era ver, irmanados, brancos e pretos, brâmanes e budistas, parses e cristãos, orgulhosos príncipes rajaputros e mercadores garridamente vestidos, homens grisalhos e crianças, todos prostrados numa devoção embevecida aos pés do nosso Krishna. As bênçãos que jorravam eram tão óbvias que todos os presentes ansiavam por compartilhá-las, e os que não tinham certificados tiravam seus distintivos da Estrela e os entregavam, para poder receber também alguma coisa das mãos dele.

Ele ficou-se o tempo todo donairoso e senhor de si, sorrindo delicadamente e estendendo as mãos para abençoar cada pessoa prostrada à sua frente. Creio que a culminação da cena estranhamente comovente ocorreu quando o nosso querido Nitya se arremessou aos pés do irmão, e toda a congregação prorrompeu em aplausos frenéticos — não saberei dizer por que mas, no momento, aquilo não me pareceu irreverente, senão totalmente apropriado e natural.

Quando o último da grande companhia fez sua reverência, Krishna voltou para sentar-se entre nós, e seguiram-se uns poucos minutos de silencioso êxtase, estranho temor e expectativa.

Nisso, a presidenta sussurrou a Krishna que encerrasse a reunião. Ele levantou-se, estendeu a mão direita sobre as cabeças do auditório e disse, em tom solene: "Que as bênçãos do grande Senhor repousem para sempre sobre vós." Voltamos de novo ao mundo de todos os dias, e saímos da sala, sentindo que havíamos conhecido uma das maiores experiências de nossas vidas, e que de fato bem fora que tivéssemos estado lá, pois aquela havia sido para nós, nada mais e nada menos, a casa de Deus e a porta do paraíso...

Numa reunião [da Seção Esotérica] levada a efeito no dia 29, a presidenta disse pela primeira vez que, depois do que haviam visto e sentido, já não era possível nem mesmo simular esconder o fato de que o corpo de Krishna tinha sido escolhido pelo Bodisatva e já estava sendo harmonizado por Ele.

Dali por diante, o dia 28 de dezembro passou a ser uma data sagrada para a Ordem da Estrela no Oriente. No dia 30 repetiu-se a cena, posto que com menos força. Nessa ocasião, a Sra. van Hook e Hubert estiveram entre os que se prosternaram diante de Krishna. Não se sabe quais foram os sentimentos de Krishna nessa ocasião, mas a única pessoa que manifestou seu desprazer foi o pai de Krishna, que

se queixou à Sra. van Hook de que essa deificação os transformaria, a ele e aos filhos, em alvo das chalaças de toda a Índia. A Sra. Besant tinha muitos inimigos entre os hindus ortodoxos e os extremistas antibritânicos, que, vendo um jeito de prejudicá-la através de Narianiah, puseram-se a trabalhá-lo, insinuando que a intenção dela era fazer os meninos desclassificarem-se e abandonarem o Hinduísmo em favor do Cristianismo teosófico, e revolvendo o escândalo de Leadbeater em 1906.

Em Calcutá, por onde passou ao voltar para Adyar, em janeiro de 1912, a Sra. Besant recebeu uma carta de Narianiah, em que este ameaçava mover um processo no intuito de destituí-la da tutela de seus filhos. Em Adyar, no meado do mês, ela mandou chamar *Sir* Subrahmanyam Aiyar e mais uma ou duas outras pessoas e, na presença deles, perguntou a Narianiah quais eram os seus verdadeiros desejos em relação aos meninos. Ele respondeu que exigia completa separação entre os garotos e Leadbeater, e que até as comunicações escritas entre eles deveriam cessar. De acordo com Narianiah, a Sra. Besant anuiu a essa condição e ele, portanto, no dia 19 de janeiro, assinou um documento em que declarava não fazer nenhuma objeção a que ela os levasse para a Inglaterra a fim de estudarem. O pobre Narianiah deve ter hesitado terrivelmente entre a aversão e a desconfiança que lhe inspirava Leadbeater e as vantagens sociais e financeiras de uma educação britânica para os filhos, mormente se estes se diplomassem em Oxford, pois isso projetaria também uma grande glória sobre ele, apesar da inevitável desclassificação.

Leadbeater acreditava chegado o momento da segunda Iniciação de Krishna e pensara em levar os meninos a Ootacamund, nas Montanhas Nilgiri, onde passariam alguns meses e ele poderia preparar Krishna para esse passo. Agora, porém, a atitude de Narianiah não permitia que se pusesse em prática essa idéia. Entretanto, nem a Sra. Besant nem Leadbeater permitiriam que Narianiah interviesse no progresso espiritual de Krishna, de modo que, no fim de janeiro, Leadbeater foi para a Europa incumbido de encontrar um lugar adequado à preparação de Krishna, quando os apoiadores de Narianiah deram a entender que ele fugira do país com medo de ser preso.

A Sra. Besant estava aflitíssima para tirar os meninos da Índia antes que Narianiah mudasse de idéia. “Só me sentirei segura depois que houvermos deixado as águas indianas”, escreveu ela a Leadbeater no dia 23 de janeiro. Aproveitando-se da ausência de Narianiah, que fora passar uma semana em Cudappah, partiu à pressa com os garotos para Bombaim, dizendo que dali zarpariam a 10 de fevereiro. Na realidade, porém, partiram no *Salsette* no dia 3. No dia 7, do Oceano

Índico, a Sra. Besant escreveu a Narianiah pedindo-lhe que saísse imediatamente de Adyar e declarando que pretendia manter os meninos na Europa até completar-lhe a educação.¹

Dessa vez Dick Clarke e Jinarajadasa foram com eles como seus preceptores. Jinarajadasa — Raja, como será chamado daqui por diante — era, como o leitor deve estar lembrado, o discípulo cingalês que Leadbeater levava para a Inglaterra em 1887. Agora, aos trinta e sete anos, um dos líderes da Sociedade Teosófica, possuía um encanto e uma proficiência em línguas que faziam dele valiosíssimo conferencista para a Teosofia em todas as partes do mundo. Embora morasse em Adyar, estava no exterior quando Krishna foi “descoberto”.

Lady Emily dirigiu-se a Dover a fim de recebê-los no dia 16 de fevereiro (eles tinham vindo novamente por terra, desta vez de Brindisi) e lembra-se de haver achado os dois meninos muito mais escuros. Krishna trazia agora os cabelos cortados numa altura convencional. Nas suas recordações daquele tempo, via sempre Nitya, que vestia um paletó de Eton, encostado a uma parede lendo um livro ou uma revista. Os meninos nunca pareciam sentar-se; Krishna vivia numa nuvem e dava um salto quando alguém o interpelava de repente.

Eles voltaram a ficar em Drayton Gardens com os Brights e reencretaram a antiga rotina das lições e exercícios no ginásio de Sandow. Depois, volvidas algumas semanas, tornaram a partir — desta feita para a Holanda com a Sra. Besant, Raja, Dick Clarke e *Lady Emily*. Entrementes, Leadbeater instalara-se num local que tinha a atmosfera e o magnetismo exatos para a preparação de Krishna — Taormina, na Sicília. No dia 25 de março, os meninos, acompanhados apenas de Raja e Clarke, deixaram a Holanda e, depois de passar uma noite em Paris, chegaram no dia seguinte a Taormina, onde Leadbeater os esperava. No dia 27, vindo diretamente da Índia, foi ter com eles George Arundale. Hospedaram-se todos no Hotel Naumachia, onde ocuparam o último andar.

A Sra. Besant compreendeu, naturalmente, que Narianiah se sentiria ultrajado se soubesse que os meninos estavam de novo em companhia de Leadbeater pois, de volta a Londres, escreveu a este último, entre outras coisas, o seguinte: “Não creio que o nosso Krishna deva

1. Isto foi ventilado mais tarde no tribunal, durante o processo, e representou, no dizer do juiz, “uma declaração de guerra”. Narianiah estivera morando com os outros dois filhos numa casa no terreno da Sociedade, perto da Tipografia Teosófica, preparada para Krishna e Nitya, mas onde estes nunca tinham morado. A casa ainda está de pé, mas a “chopa” em que viveram ao chegar a Adyar pela primeira vez foi demolida há vários anos. Narianiah mudou-se para Madrasta.

escrever para a Índia da Sicília. Se correr a notícia de que ele está lá, poderemos ter alguma interrupção. De mais a mais, conviria manter a atmosfera isenta de formas inúteis de pensamento.”

Eles se demoraram quase quatro meses em Taormina, tendo a Sra. Besant ficado ali com eles de maio a julho. Conquanto Leadbeater houvesse escrito um relato da segunda Iniciação de Krishna, que ocorreu na noite de plenilúnio de 1.º de maio, o próprio Krishna só a mencionou numa mensagem de aniversário dirigida aos membros da Ordem da Estrela no Oriente, que enviou no dia 25 de maio à Srta. Arundale em Benares:

Neste ano, foram submetidos à Provação cinco pessoas da Nossa Ordem e quatro do Grupo [a Ordem da Púrpura], e parece-me que isso devia animá-la e fazê-la compreender que também pode consegui-lo. Ademais, como sabe, Raja e eu demos o segundo passo e isso deveria encorajá-la e dar-lhe força. Espero... que George e Nitya façam logo a primeira Iniciação, para que haja sete Iniciados no coração da Sociedade.

A Sra. Besant, Leadbeater, Krishna, Raja, George e Nitya seriam seis iniciados. O que se sabe do sétimo é incerto. Embora nessa época já tivesse sido fixado o ano do nascimento de Krishna — sabia-se agora que ele tinha dezessete anos — ainda se supunha que o dia fosse 25 e não 11 de maio.

Leadbeater recebeu novas instruções do Mestre depois da segunda Iniciação de Krishna:

Devo dar ênfase, mais uma vez, aos cuidados que hão de ser dispensados aos pés... já existe até um ligeiro princípio de distorção... Vista-os sempre com o melhor material que houver... e lembre-se de que tanto a cabeça quanto os pés devem permanecer descobertos sempre que possível. Não permita que a sua vigilância original nesses assuntos esmoreça... Não considere insignificante nada que ajude a proporcionar um perfeito veículo ao Senhor.

No dia 29 de maio Krishna contava à Srta. Arundale que escrevera um novo livro denominado *Education as Service* (A Educação como Serviço), que seria publicado em Londres. Nesse livro descreve ele uma escola ideal em que o amor impera e inspira, em que os estudantes crescem e se transformam em nobres adolescentes sob os cuidados alentadores de mestres que sentem a grandeza da sua profissão. *Lady Emily* afirma que o livro era “obviamente obra de George Arundale” assim como Leadbeater fora “a verdadeira inspiração” de *Aos pés do Mestre*. Entretanto, diante da carta de Krishna em que ele afirma tê-lo escrito, *Lady Emily* parece haver exagerado a parte de George em sua composição. Não há dúvida de que George o ajudou e fez algum tra-

balho de editoração, e o estilo de Krishna deve ter-lhe sofrido quase certamente a influência, assim como uma criança modela seus escritos pelo autor que costuma admirar.

A Sra. Besant tornou a Londres no dia 4 de julho e George regressou à Índia no dia 12, depois de haver feito sua primeira Iniciação. (É de presumir-se que Nitya tivesse feito a sua na mesma ocasião, se bem não exista registro disso.) O resto do grupo partiu dois dias depois para ficar alguns dias em Villa Cevasco, perto de Gênova, em casa de velhos amigos que tinham estado em Adyar quando Krishna foi “descoberto” pela primeira vez — o Sr. e a Sra. William Kirby.¹ No fim de julho, Krishna e Nitya, em companhia de Raja e Dick Clarke voltaram à Inglaterra, enquanto Leadbeater permanecia em Gênova com os Kirbys. Leadbeater nunca mais retornou à Inglaterra. Diziam os seus inimigos que ele tinha medo de ser processado mas, se assim fosse, como se explica que tivesse ousado permanecer na Inglaterra durante quase três anos depois do escândalo de 1906?

No dia 30 de julho, de Londres, a Sra. Besant contou a Leadbeater que recebera, pelo último correio, uma carta registrada de Narianiah, em que este “cancela a cessão que me fez dos filhos e exige que eu lhes apresente e entregue no fim de agosto. Minha resposta será esta: ‘Senhor, tomo a liberdade de acusar o recebimento de sua carta datada do mês próximo passado. Cordialmente, Annie Besant’”. A carta de Narianiah foi mais tarde publicada na íntegra pelo jornal de Madrasta, o *Hindu*, um dos mais influentes jornais da Índia, que se preparava para desferir violento ataque à Sra. Besant, a Leadbeater e à Sociedade Teosófica. A notícia da secreta e íntima associação de Leadbeater com Krishna e Nitya nos quatro últimos meses chegara sem dúvida à Índia. A Sra. Besant temia agora que os partidários de Narianiah tentassem raptar os meninos; portanto, antes de retornar à Índia, onde pretendia lutar contra o esperado processo judicial, certificou-se de que os dois se achavam seguramente escondidos na Inglaterra. Depois de passar algumas semanas com os Brights em Esher, onde Nitya foi acometido de violenta congestão pulmonar, dirigiram-se a Old Lodge, Ashdown Forest, um casarão colocado à sua disposição por Lady De La Warr, grande amiga da Srta. Dodge. Ali ficaram cinco meses, de novembro a abril de 1913, guardados à vista por Raja, Dick Clarke e dois outros jovens ingleses, antigos alunos de Leadbeater — Basil Hodgson-Smith

1. Italiana e artista, Maria-Luisa Kirby inspirara-se em recordações do plano astral para pintar retratos dos Mestres, que se viam pendurados na sala do santuário em Adyar. William Kirby trabalhava num banco inglês em Gênova.

(diplomado em Oxford) e Reginald Farrar, ficando a Sra. e a Srta Bright encarregadas do governo da casa. Em Old Lodge havia corridas compulsórias para os meninos antes do desjejum, todos os dias, até com o chão coberto de neve, horas regulares de estudos e passeios de automóvel à tarde e, duas vezes por semana, os guarda-costas de Krishna levavam-no a Londres para arrumar os dentes.

Lady Emily visitou Krishna várias vezes em Old Lodge e percebeu que ele folgava de vê-la, como era de esperar. Krishna preferia a sociedade feminina à masculina e, embora gostasse muito de Raja, não se dava tão bem com ele quanto se dava com George. Raja era um professor muito mais severo e um grande disciplinador.

Antes disso, em setembro, *Lady Emily* fora convidada para ir a Gênova com Barbara e Robert a fim de conhecer Leadbeater. Ele a fascinou, embora a chocasse a maneira desleal com que ele discutia a Sra. Besant com os Kirbys, apresentando exemplos da falta de discernimento dela na escolha das pessoas que a cercavam. *Lady Emily*, no entanto, achou “perfeitos” seus modos com os meninos. “Ele lhes é muito afeiçoado — lê para eles — fala com eles — esforça-se muito por fazê-los falar e deixa-os à vontade — e é evidentemente dedicado às crianças, posto que os adultos o entendiam.” Para grande surpresa de *Lady Emily*, ele se sentiu muito mais atraído por Barbara do que Robert.

A importância dessa visita, contudo, foi que, por diversos meses depois do seu regresso à Índia, Leadbeater escreveu a *Lady Emily* em todas as malas postais, e suas cartas apresentam um registro circunstanciado do processo movido por Narianiah contra a Sra. Besant para recuperar os filhos. Em outubro, Leadbeater escreveu de Adyar:

O velho e condenável pai de Krishna deu entrada, afinal, ao processo contra a Sra. Besant que ameaçava mover, declaradamente, para recuperar a posse dos filhos e afastá-los da minha perniciosa influência. Trata-se, evidentemente, de uma farsa porque ele o inicia quando sabe que os filhos estarão realmente separados de mim por um período de quatro ou cinco anos por força da sua educação universitária na Inglaterra. A verdade é que o homem é um instrumento do partido político hindu inimigo do governo inglês, e está sendo simplesmente usado como arma contra a Sra. Besant e contra a Sociedade Teosófica, organização que sempre esteve a favor da lei e da ordem. A Sra. Besant provocou especialmente a inimizade dessa seção do povo porque se recusou a permitir a pregação de doutrinas sediciosas aos estudantes no Colégio Central Hindu e tem atirado sistematicamente o peso da sua grande influência contra a propaganda deles de bombas e assassinio... Sabemos das tentativas levadas a efeito contra a vida dela, e a campanha do jornal [o Hindu] é um ataque à sua reputação e à sua influência, proveniente do mesmo setor.

Essa gente apoderou-se do pobre coitado e, segundo se diz à boca pequena, ele mesmo afirma ter sido *forçado* a mover o processo.

Na queixa original Narianiah sustentava haver testemunhado com os próprios olhos um ato de sodomia entre Leadbeater e Krishna, mas ele mesmo retirou a acusação no decorrer das audiências preliminares. A Sra. Besant, todavia, pegou-o no pulo e exigiu que ele declarasse a hora e o lugar.

Em resposta [informou Leadbeater a *Lady Emily* em carta de janeiro de 1913] ele agora (sob juramento, não se esqueça) atenuou de tal sorte a acusação que a transformou num caso inteiramente diverso e muito menos importante. Temos agora, portanto, diante do tribunal, dois depoimentos dele, feitos sob juramento, sobre o mesmo ponto, absolutamente irreconciliáveis. Acontece que estamos em condições de provar de forma irrefutável que até a acusação modificada é pura invenção, pois duas senhoras se achavam presentes em meu quarto no momento em que ele afirma ter visto certas coisas censuráveis. Quando a presidenta [a Sra. Besant] viu o seu depoimento, observou, jubilosa: “O Senhor entregou meu inimigo em minhas mãos!”

Narianiah diluía as acusações, transformando-as em atos “impróprios” e “desnaturais”, que afirmava ter presenciado entre Leadbeater e Krishna na segunda semana de abril de 1910, no Bangalô Octogonal, quando os meninos ali foram tomar um copo de leite antes do passeio de bicicleta. Ao prestar depoimento no tribunal, Leadbeater afirmou que a Sra. van Hook e a Dra. Mary Rocke (médica e assistente social inglesa que morava em Adyar na ocasião em que Krishna foi “descoberto”) estavam em seu quarto todas as manhãs a partir das 5 horas e meia, desde outubro de 1909 até o fim de abril de 1910.

Lutadora nata, a Sra. Besant parece ter, a princípio, folgado com o caso. Ela dirigiu a própria defesa, exatamente como o fizera trinta e seis anos antes, ao lutar para conservar a custódia da filha, mas agora com muito maior vigor e experiência. Em novembro de 1912 escrevera a *Lady Emily*: “Ruspoli está-lhe mandando os documentos do processo contra mim. Sinto-me muito feliz com isso e contente por ter, pelo menos, a oportunidade de defrontar o inimigo em campo aberto.” Ela assinou “Sua muito belicosa Heracles (que, mazinha como é, está-se divertindo imensamente à irlandesa)”. Heracles era o seu pseudônimo em todo o transcorrer de *As Vidas de Alcione* e ela sempre se orgulhou do seu sangue irlandês pelo lado materno. Sentia vigorosamente não ser apenas a sua pessoa e a de Leadbeater, mas toda a Sociedade Teosófica, que estavam sendo atacadas.

O lado para o qual pendiam as simpatias de Krishna é revelado nesta carta escrita de Old Lodge à Sra. Besant.

5 de janeiro de 1913.

Minha Mãe muito querida,

Estou muito contente por saber que a senhora acha que minha caligrafia melhorou e tomo muito cuidado com ela.

Querida Mãe, a senhora deve estar passando por um período muito difícil e eu quisera estar ao seu lado fisicamente e ser para a senhora um filho amante na hora do sofrimento. É muito duro para a senhora, na sua idade, lutar contra essa gente horrorosa. Imagino que isso terá de acabar algum dia! De qualquer maneira, a senhora conhece minha dedicação e minha lealdade, e eu a amo muitíssimo como minha Mãe muito querida. Imagino que tudo sejam provas para a 5.^a Iniciação e deve ser muito penoso para a senhora suportar todas elas. Ainda que o mundo inteiro se volte contra a senhora, existe uma pessoa que *nunca, nunca* abandonará sua idolatrada Mãe.

Estou-lhe mandando minhas poucas recordações,

Seu fervoroso e dedicado
filho
Krishna

Krishna jamais perdia uma mala postal para mandar à Sra. Besant uma notazinha afetuosa. Era em obediência às instruções do Mestre, reveladas por intermédio de Leadbeater, que ele agora sublinhava sempre a sua assinatura. Tratava-se, igualmente, de uma prática invariável do próprio Leadbeater, cuja significação nunca foi explicada, como tampouco nunca se explicou a prática de exigir de todos os discípulos do Mestre que repartissem o cabelo no meio.

O PROCESSO

Em virtude de várias delongas e adiamentos o caso só foi apresentado ao Superior Tribunal de Madrastra no dia 20 de março de 1913, quando dele tomou conhecimento o juiz Bakewell, presidente daquela corte de justiça. Alegava Narianiah que, no documento por ele assinado no dia 6 de março de 1910, em que transferia à Sra. Besant a tutela dos filhos, nenhuma cláusula havia que lhe facultasse delegar a citada tutela a uma terceira pessoa. Esse poder, conferido tão-somente a ela no interesse da educação dos meninos, não podia ser transferido a uma pessoa que lhe inspirava a mais robusta aversão; ele assinara o documento numa ocasião em que se achava completamente sob a influência e o controle da Sra. Besant, e sua demora em mover a ação legal contra ela devia-se à crença, partilhada por muita gente, de que a Sra. Besant era semidivina. Não seria necessário provar de maneira concludente a acusação contra Leadbeater de que este mantivera relações impróprias com o mais velho dos meninos; uma suspeita bem-fundada, um temor razoado bastavam ao pai para insistir em seu direito inerente à guarda e custódia dos filhos até os vinte e um anos de idade. (Suas acusações contra Leadbeater eram tão indecentes que não podiam ser feitas oralmente; ele pôs por escrito uma parte da sua prova e entregou-a ao tribunal.) Narianiah também fazia objeções ao fato de haver sido o menino mais velho deificado pela declaração da Sra. Besant de que ele seria o Senhor Cristo, razão pela qual grande número de pessoas respeitáveis se prosternara diante dele. Além disso, conhecendo intimamente o menino, não o acreditava capaz de ter escrito *Aos Pés do Mestre*. Narianiah estava disposto a depositar 10.000 rupias nas condições determinadas pelo juiz para a instrução e educação dos dois filhos. Como também estava disposto a permitir que uma pessoa de indisputada respeitabilidade se associasse a ele na tutela dos garotos.

(Os partidários da Sra. Besant acreditavam que o apoio financeiro de Narianiah proviesse do *Hindu*, ao passo que as custas da Sra. Besant eram pagas pela Sociedade Teosófica.)

Em sua defesa, a Sra. Besant refutou a acusação de haver violado o contrato colocando os meninos sob a tutela de uma terceira pessoa; eles estavam na Inglaterra e Leadbeater ficara em Adyar. Sustentava ela que o tribunal devia preocupar-se apenas com o bem-estar dos menores. O mais velho completaria dezoito anos de idade dali a cinco semanas, quando, de acordo com a lei comum da Inglaterra, estaria inteiramente livre da autoridade dela e nada poderia impedi-lo de voltar à Índia e para junto do pai, se assim o desejasse. Isso, no parecer dela, constituía o absurdo fundamental do caso.

No respeitante ao bem-estar intelectual dos meninos, se eles continuassem com ela, os desejos do pai seriam cumpridos à risca, e o objetivo da carta de tutela de 6 de março de 1910, alcançado. A transferência dos meninos da Inglaterra para a Índia frustraria o objetivo que levava o pai a assinar a citada carta e eles se veriam privados da educação numa universidade inglesa. Em seguida, mencionou cinco testemunhas que lhe confirmaram a alegação de que ela não prometera manter os meninos inteiramente afastados de Leadbeater quando o pai consentira, no dia 19 de janeiro de 1912, na ida deles para a Europa.

Um fator mais importante, a que ela deu o devido destaque, foi o bem-estar moral dos garotos. O caráter do mais velho estaria irremediavelmente arruinado se, por ordem do tribunal, ele fosse recambiado a Madrastra. A sua volta à companhia paterna seria uma confirmação das acusações que lhe fizera o pai, sem falar no sofrimento que ele teria de suportar se fosse novamente colocado em poder de um pai que o acusara de coisas tão terríveis. Na Inglaterra os meninos eram cercados de pessoas que os tratavam com zelo e amor — pessoas requintadas e cultas, eminentes na vida intelectual, moral e social.

Ventilara-se a alegação de que Krishnamurti estava sendo preparado para a vida de um *sanyasi* hindu. A Sra. Besant declarou que esta era uma idéia totalmente falsa. Não acreditava que ele viesse a casar, mas não se lhe fazia nenhuma imposição externa dessa natureza. Ele estava qualificado para a vida religiosa, o que queria dizer que não seria excluído de nenhuma profissão douta, com exceção da política partidária.

A Sra. Besant sustentava que, sob a falsa aparência de uma ação civil pela custódia dos menores, o processo, praticamente, era uma ação penal contra duas, se não três, pessoas acusadas de um crime

muito sério — o filho mais velho, Leadbeater e ela mesma. Tendo intentado a demanda judicial e dado publicidade a uma terrível querela, o pai não se achava em condições de cumprir o seu dever. Quanto à acusação contra Leadbeater, ela colocara voluntariamente todos os documentos relacionados com a guarda dos meninos e quanto dissesse respeito ao assunto à disposição do advogado do querelante, porque pretendia projetar toda a luz possível sobre o caso e não guardar coisa alguma.¹ O depoimento do pai era contraditório e altamente improvável, asseverava ela. Embora se contassem histórias diferentes sobre o pretense delito, o lugar em que se dizia ter ele ocorrido permanecia inalterado e, apesar disso, várias testemunhas haviam afirmado ser impossível para alguém ver o sofá em que se dizia que Leadbeater estava deitado na ocasião em que o autor afiançava tê-lo visto. Nenhum pai humano, que tomasse a peito o bem-estar dos filhos teria escondido o caso de outros se fosse verdadeiro, como esse pai fizera. Mesmo depois do pretense delito, ele permitira que os meninos tivessem contato com o pretense delinquente até 1912. Ela rematava a defesa pedindo ao magistrado uma decisão baseada no bem-estar dos dois meninos. Se o juiz desse acolhida às razões da acusação, Krishnamurti, assim como Leadbeater, ficariam marcados, como criminosos, com uma nódoa escura em seus nomes para o resto da vida.

Nosso caso terminou afinal [escreveu Leadbeater a *Lady Emily* no dia 11 de abril antes de ser prolatada a sentença], e estamos todos encantados por ver-nos livres da sua preocupação. Compareci pessoalmente na terça-feira [4 de abril] e na quarta-feira desta semana — no primeiro dia para prestar meu depoimento e, no segundo, para ouvir o discurso final da presidenta, magistral e magnífico ao mesmo tempo. Ela tratou primeiro de vários pontos legais... Em seguida, focalizou o depoimento, e contou toda a história como a ela se afigura, desenredando, um por um, todos os fios do grande enredo de falsidades tecido pela aleivosia do queixoso. Fê-lo com maravilhosa habilidade, pois tinha todo o assunto na ponta dos dedos; eu só não sabia se a mente do juiz teria rapidez bastante para segui-la através de todas as complexidades. Ele, porém, bondoso e prestativo, deu-se ao trabalho de assinalar alguns pontos a que ela devia responder. Enseguiu-lhe sobretudo a oportunidade de falar a meu respeito, de que ela se valeu para fazer o mais laudatório dos discursos, destinado

1. Esses documentos, incluindo cartas particulares trocadas entre a Sra. Besant e Leadbeater em 1906, e a incriminadora carta "cifrada", acabaram caindo nas mãos do Dr. T. M. Nair, um dos mais ferrenhos inimigos da Teosofia, que os publicou num jornal de Madrastra, *Justice*, do qual era diretor. Em 1918 incluiu-os num livro, *The Evolution of Mrs. Besant* (A Evolução da Sra. Besant). Em 1910, o Dr. Nair já publicara um artigo maldoso intitulado "Psychopathia Sexualis in a Mahatma" (Psicopatologia Sexual num Mahatma) numa publicação médica local, o *Antiseptic*, em que atacava Leadbeater e sugeria que ele havia sido Onan numa encarnação anterior.

a desmanchar o efeito provocado pelo seu pronunciamento de 1906. [A circular que ela escrevera às secretarias da Seção Esotérica.] Finalmente, concluiu com um apelo eloqüente à justiça da Inglaterra para que lhe salvasse o tutelado do estigma lançado sobre ele pela maldade de um pai desnaturado. Feito no seu melhor estilo, isso produziu um efeito tremendo sobre o público apinhado no tribunal.

Em meu depoimento, tive ocasião não só de negar essas recentes falsidades, mas também de esclarecer parte da desagradável questão de 1906. O relatório do Conselho Consultivo de Londres foi posto de lado por ser obviamente destituído de valor, se bem o advogado do autor me tenha feito duas ou três perguntas a respeito, às quais respondi com suma franqueza. A carta cifrada forjada [a carta apanhada no apartamento em Toronto] foi colocada nas mãos dos nossos adversários pela presidenta, mas eles ficaram com medo de apresentá-la em juízo, de modo que não se me ofereceu o ensejo de repudiá-la realmente. A impressão geral parece ser a de que esse depoimento esclareceu sobremodo as coisas e deu-lhes uma aparência muito melhor.

Todos os dias o jornal *Hindu* tem falsificado sistematicamente o depoimento do modo mais evidente. Parece-me espantoso que nem o tribunal nem o governo interfiram num caso como esse. Eles alegam que podemos processá-lo por difamação e calúnia; mas o fato é que já estamos fartos de demandas e não nos interessa iniciar mais uma.¹

Foi preciso aguardar a sentença até o dia 15 de abril. No correr da sua recapitulação o juiz discutiu circunstanciadamente a acusação de relações impróprias entre Leadbeater e o menino mais velho e observou que, pelo seu modo de proceder no banco das testemunhas, o pai parecia possuir “um temperamento emocional, propenso às lágrimas e incapaz de muito autocontrole”. O juiz aceitou a declaração de algumas testemunhas em favor da Sra. Besant de que Narianiah se mostrava um pai ciumento e suspicaz. Brâmane ortodoxo, ele desconfiava naturalmente que um europeu pudesse levar seus filhos a violar as regras de casta. Não havia dúvida de que, na ocasião de assinar o documento em que transferia a custódia dos meninos para a Sra. Besant, ele fora influenciado por várias considerações, incluindo a vantagem que adviria para eles de uma educação inglesa; entretanto, não havia provas de que a Sra. Besant tivesse exercido sobre ele alguma influência indevida.

A acusação de relações impróprias, feita na queixa original, referia-se a um delito que, segundo se dizia, ocorrera nos últimos dias de março de 1910, ou nas proximidades desses dias, mas essa acusação fora abandonada na ratificação da queixa e a data da ocorrência apre-

1. A Sra. Besant processara o *Hindu* por haver publicado parte dos artigos do Dr. Nair sobre Leadbeater dados à estampa no *Antiseptic*, e também, com algum atraso, o próprio *Antiseptic*, cujo diretor era Nair. Mas perdera os dois processos.

sentada como tendo sido a segunda semana de abril de 1910. O juiz acrescentou:

Se o queixoso acreditava originalmente que um crime repelente fora cometido na pessoa de seu filho ou mesmo que a pessoa de seu filho fora tratada de modo indecente, como ele agora afirma, por um homem que teria considerado como um pária, é difícil acreditar que não voltasse chorando para casa com os filhos e relatasse o fato a toda a família.

Em seu depoimento Narianiah disse que se limitara a ralar com o menino mais velho por estar nu. Nenhuma queixa da pretensa ocorrência foi dirigida a *Sir Subrahmanyam*, vice-presidente da Sociedade e representante da Sra. Besant durante a ausência desta última de Adyar, conquanto o pai o tivesse consultado sobre vários assuntos ligados à Sociedade. Ele também permitiu que os filhos mantivessem contato com Leadbeater nos meses seguintes e até os deixou sob a sua guarda durante uma curta ausência sua e da Sra. Besant.

Em face das discrepâncias observadas em relação à data da pretensa ocorrência e das alterações na natureza e na data da mesma ocorrência na queixa ratificada, e tendo em vista a incoerente conduta do pai na ocasião, era manifesto que o seu depoimento não merecia fé. A negativa de Leadbeater foi corroborada pela natureza pública da sala em que se dizia haver-se registrado o ato e pela rotina cotidiana a que se referiam as testemunhas da Sra. Besant.

Por solicitação de ambas as partes, o criado da Sra. Besant, Lakshman, fora chamado para depor. O juiz referiu-se ao seu depoimento, em cujo transcorrer ele dissera: "Os hindus não costumam banhar-se despidos. É pecaminoso. Não creio que o Sr. Leadbeater estivesse agindo mal." O juiz aceitou a explicação de Leadbeater de que achara necessário ensinar os meninos a banhar-se à maneira inglesa, sem roupas. O pai perguntara a *Sir Subrahmanyam Aiyar* quais eram os efeitos legais da carta de tutela e ficara sabendo que, ao assiná-la, desistira dos direitos de pai e não poderia revogá-la à sua vontade. Concluiu o juiz que esse parecer deveria tê-lo induzido a procurar alguma coisa que forçasse o tribunal a revogar o acordo e, por isso mesmo, revivera as acusações feitas contra Leadbeater em 1906. Não obstante, o próprio reconhecimento, por parte de Leadbeater, dos seus pontos de vista fazia dele um companheiro perigosíssimo para as crianças, apesar da sua promessa à Sra. Besant de não os expressar nem praticar. O pai tinha obrigações legais e morais para com os filhos no tocante à educação, ao sustento e à instrução; ele tentara, sem dúvida, fortalecer o seu caso com mentiras contra Leadbeater, mas não

se poderia dizer que isso o incapacitasse para a guarda dos filhos. E como os seus desejos tinham sido desatendidos, ele podia pedir que os filhos voltassem à sua custódia.

No tocante à jurisdição do tribunal, os meninos eram súditos do Rei-Imperador, domiciliados na Índia britânica e apenas temporariamente residentes na Inglaterra, para onde tinham sido levados pela Sra. Besant a fim de serem educados. Na opinião do tribunal, ela infringira o acordo que lhe facultava levá-los para fora da Índia. Em tais circunstâncias, afiançava o juiz, competia à corte decidir sobre a custódia das crianças. Acrescentou que, pelas razões aduzidas, era necessário, no interesse dos meninos e para sua proteção futura, que fossem postos sob a tutela do tribunal. O juiz, portanto, ordenou à Sra. Besant que entregasse ao pai a guarda dos dois meninos até o dia 26 de maio de 1913. Com relação às custas do processo, como o seu curso havia sido indevidamente dilatado em virtude das alegações contra Leadbeater, Narianiah foi intimado a pagá-las, não só as de sua responsabilidade mas também as de responsabilidade da Sra. Besant.

A decisão do juiz em nosso caso foi uma decisão mista, como já esperávamos [informou Leadbeater a *Lady Emily* no dia 19 de abril]. Fomos avisados de que, para obter plena investigação dos fatos precisávamos arriscar-nos a ter sentenças contrárias sobre pontos legais — as quais, entretanto, poderiam mais tarde ser reformadas numa apelação; por isso mesmo a presidenta desistiu de muitos pontos em que poderia ter insistido. O juiz inocentou Krishnaji totalmente de qualquer imputação de crime, dizendo com muita ênfase que as pretensas abominações tinham sido inventadas pelo pai em razão do ciúme que ele tem de mim, e sua impossibilidade ficou claramente demonstrada. Mas ele disse, com estas mesmas palavras: “O fato de ser um mentiroso não destitui o homem do direito aos filhos.” (Pois eu pensaria que essa mentira o destituisse.) Por isso se dizia compelido a ordenar que os meninos lhe fossem restituídos, ficando, porém, sob a tutela do tribunal, a fim de que este pudesse exercer vigilância sobre eles. Está claro que não podemos aceitar uma coisa dessas, de modo que apelamos incontinenti da decisão e seremos, sem dúvida, bem-sucedidos. Mas a presidenta está tão exultante com a nossa esmagadora vitória no tocante aos fatos que isso, de momento, quase que prevalece sobre as dificuldades legais. Vamos organizar uma grande festa e alimentar uma grande multidão de pobres para comemorar a vindicação de Krishnaji. Ficou estabelecido que a presidenta apresentará os meninos no fim de maio — e sobre isso, naturalmente, ela não pode fazer nada; mas *Sir Subrahmanyam Aiyar* nos afirma que a sentença é incoerente, contrária à própria lei, e será inevitavelmente reformada no Tribunal de Apelação. E como este não tocará nas questões de fato, nada interferirá no veredito definido que temos sobre esse ponto. O juiz, a propósito, expressou a opinião de que meus pontos de vista no tocante às questões de sexo são imorais e perigosos, observação que me pareceu desnecessária! O jornal *O Hindu* sugere que o governo deve deportar-me do país como pessoa perigosa — o que viria a representar um fim divertido para a controvérsia,

pois suponho que não exista em toda a Índia um súdito mais leal ao Rei do que eu. E a lei se destina a criminosos políticos! O juiz, contudo, decretou que todas as custas sejam pagas pelo querelante, o que indica com toda a clareza a opinião que faz dele o meritíssimo.

Leadbeater acrescentou parecer estranho que, “depois de haver Bakewell afirmado, em pleno tribunal, ‘Esta é uma acusação clara de perjúrio contra o queixoso, e de perjúrio de uma natureza exacerbante e infamíssima’ o tribunal deveria perceber que o bem-estar dos meninos estaria muito mal servido se eles fossem devolvidos à custódia de um pai desse tipo”. Conquanto as palavras de Bakewell não figurem no relatório oficial do caso, ele deve tê-las pronunciado pois, ao criticar a sentença do juiz Bakewell, o *Standard* de Madrasta lembrou aos leitores que da própria boca do magistrado haviam saído as palavras “Esta é uma acusação clara de perjúrio contra o queixoso...”, isto é, exatamente as mesmas que Leadbeater escrevera.

Leadbeater ficou aborrecido, como ele mesmo confidenciou a *Lady Emily* em carta de 27 de maio, porque tanto o jornal *Mail* de Madrasta, o melhor jornal da cidade na sua opinião, quanto o *Times* de Londres haviam publicado, nas notícias sobre o caso, que o juiz o descrevera como um indivíduo imoral, em vez de aplicar o qualificativo apenas às suas opiniões. O *Mail* estampou uma bonita justificativa, mas ele supunha que seria “querer muito esperar que o infalível *Times* fizesse o mesmo”.

Com efeito, a 2 de junho de 1913, *The Times* publicou uma carta da Sra. Besant chamando a atenção do público para a falta de exatidão no relato do caso feito através das páginas do jornal. “Todas as pessoas que conhecem pessoalmente o Sr. Leadbeater”, escreveu a presidenta da Sociedade Teosófica, “se dão conta de que o seu procedimento é impecável, seja qual for a sua opinião acadêmica”. E essa opinião, prosseguia ela, “baseava-se no desejo de proteger as mulheres da ruína por um pecado que as destrói para o resto da vida, ao mesmo passo que o homem se safa são e salvo”. A Sra. Besant nunca perdia a vez de defender um colega ou de lutar pelos direitos das mulheres.

“O ARAUTO DA ESTRELA”

A Sra. Besant requereu uma suspensão de execução até o julgamento da sua apelação, que entraria em pauta quando as cortes voltassem a abrir em julho. Tendo sabido, no dia 25 de abril, que o seu requerimento fora deferido, embarcou para a Europa a fim de pronunciar uma conferência em Estocolmo, cumprindo um compromisso. Levou consigo George Arundale, que acabara de pedir demissão do cargo de diretor do Colégio Central Hindu de Benares no intuito de servir de preceptor a Krishna e a Nitya até que estes entrassem em Oxford.

Os meninos deixaram Ashdown Forest em abril e foram, em companhia de Raja, passar uma temporada em Septeuil, perto de Paris, onde o Sr. Charles Blech, secretário-geral da S.T. na França, possuía uma casa. No dia 7 de maio, de Septeuil, Krishna escrevia uma carta magoadada a Leadbeater: “O senhor insinua que não permanecerei leal a ela [a Sra. Besant]; pois não creio que deva ter medo disso. Amo-a *demais* e sou-lhe muito dedicado. Não pense, por favor, que eu seja ingrato ao que os senhores fizeram por mim. Mas não devia ter insinuado que deixarei de ser leal a ela.” Três semanas depois, ainda em Septeuil, ele mesmo expressava sua devoção nos seguintes termos:

29 de maio de 1913.

Minha Mãe muito querida,

No dia 25 deste mês atingi a maioridade [de acordo com a Sra. Besant. Ele tinha dezoito anos de idade]. Desejo agradecer-lhe todos os cuidados afetuosos que me dispensou desde que me viu pela primeira vez na plataforma de Madrastra em 1909. Sei que os únicos agradecimentos que deseja são que eu ajude os outros como a senhora me ajudou, e

sempre me lembrarei disso agora que sou maior de idade e livre para seguir minha vontade sem a sua tutela.

Embora eu seja agora meu próprio amo, serei sempre

Seu Filho devotado

Krishna

A Sra. Besant fora diretamente para Londres ao chegar da Índia mas, como lhe cumpria fazer uma curta visita a Paris, os meninos e Raja foram encontrar-se com ela em Calais nos primeiros dias de junho. Ela não os via desde outubro último. De regresso a Londres, escreveu a Leadbeater em data de 6 de junho: "O nosso amado Krishna está encantador como sempre, mas ganhou imensamente em confiança em si e em dignidade. Perdeu a timidez e mostra-se autoconfiante. Compreende perfeitamente a situação atual e forma sua opinião com muita firmeza... Nitya está muito crescido e desenvolvido em todos os sentidos." Nitya fizera quinze anos.

No dia 28 de junho os meninos foram para Varengeville, na costa da Normandia, onde o Sr. Guillaume Mallet lhes oferecera sua casa, Les Communes, para que ali passassem o verão. George Arundale e sua tia, a Srta. Francesca Arundale, solteirona de aparência formidável com os cabelos esticados para trás, muito antiquada em todos os sentidos, e bem assim Raja e Dick Clarke figuravam como hóspedes da casa. *Lady Emily* e seus cinco filhos aboletaram-se na aldeia para a temporada de verão, e a Dra. Mary Rocke, uma das testemunhas da Sra. Besant, que agora morava em Londres, também alugou um quarto na aldeia. O nome, Dra. Rocke, ajustava-se perfeitamente a ela. Com os cabelos curtos e grisalhos, o corpo erecto e anguloso e os traços agradáveis, porém austeros, conquistara a confiança e o afeto dos teosofistas.

Conquanto, a princípio, as lições dos meninos continuassem, inexoráveis, pela manhã, aquela foi uma época relativamente feliz para eles, que tinham uma grande quantidade de companheiros da mesma idade. *Lady Emily* levava Barbara e Robert todos os dias a *Les Communes* para participarem das leituras de Shakespeare e, à tarde, do tênis e de uma espécie de beisebol primitivo (*rounders*) na outra casa dos Mallets, *Les Bois des Moutiers*, quando se juntavam ao grupo alguns jovens primos da família Mallet. Krishna sempre gostara de Robert Lutyens, e Nitya e Barbara, que tinham a mesma idade, tornaram-se muito amigos. A essa altura, *Lady Emily* já passara a considerar Krishna, ao mesmo tempo, seu filho e seu mestre.

Ele despertou toda a minha ternura maternal [escreveu ela] — pois parecia tão só e tão infeliz! Estava [com dezessete anos como ela ainda julgava] mas era, em certos sentidos, muito moço para a idade e muito sonhador. Nunca lhe permitiam estar só. Um dia ele saiu sozinho e pôs-se a passear ao longo do penhasco e logo se organizou um grupo de busca, que partiu à sua procura. George estava aflitíssimo porque havia ordens terminantes para que ele fosse sempre atendido por dois Iniciados.

Não obstante, Krishna também sabia ser muito crítico e censor. Ele disse a *Lady Emily* que suas duas filhas menores, Betty e Mary, de sete e cinco anos respectivamente, tinham modos muito feios, que precisavam ser corrigidos.

Lady Emily ficou radiante quando foi submetida à provação por Mestre Kuthumi na noite de 8 de agosto. Esse passo, inteiramente baseado na exclusiva autoridade de Krishna, só foi confirmado por Leadbeater, num telegrama, depois de Krishna “trazer” exatamente o que havia ocorrido.

Até agora tenho tido êxito em minha estada aqui [escreveu ele a Leadbeater no dia 21 de agosto], pois *Lady Emily* foi submetida à provação e espero sinceramente que o mesmo aconteça com Barbie e Robert. Pretendo conseguir que eles sejam submetidos à provação antes de deixarmos este lugar e parece-me sentir que isso ainda vai acontecer. *Farei o melhor que puder...* Amo realmente *Lady Emily*. Ela é muito boazinha. Além de me ser devotadíssima, acha que sou o seu Mestre.

As esperanças de Krishna realizaram-se, pois Barbie e Robert foram submetidos à provação no dia 18 de setembro.

Mas a maior parte das cartas de Krishna endereçadas a Leadbeater de Varengeville — e ele lhe escrevia todas as semanas, como escrevia à Sra. Besant — relacionava-se com a reconstrução do *Herald of the Star* (*Arauto da Estrela*), que a Sra. Besant e Leadbeater haviam decidido transformar, a partir do início de 1914, numa revista mensal ampliada, impressa na Inglaterra. O número total de membros da Ordem da Estrela no Oriente em todo o mundo era agora, aproximadamente, de 15.000, 2.000 dos quais viviam na Inglaterra, se bem nem todos fossem teosofistas. De qualquer maneira, sentia-se que havia necessidade de uma revista mais internacional. Seria, contudo, um empreendimento dispendioso, uma vez que os custos de impressão eram muito mais elevados na Inglaterra do que na Índia. Lançou-se um apelo e, como sempre, começaram a pingar pequenos donativos, embora fosse a sempre generosa Srta. Dodge a autora da maior contribuição — 200 libras anuais durante os próximos cinco anos. Nem a Sociedade Teosófica nem a Ordem da Estrela se viram, alguma vez, impedidas de levar avante um projeto seu por falta de fundos, e a revista apa-

receu pontualmente em forma ampliada no dia 1.º de janeiro de 1914. Deixava, assim, de ser pouco mais que um folheto para converter-se numa publicação de sessenta e quatro páginas acetinadas com vinte e quatro ilustrações de página inteira, algumas em cores. Posto que George Arundale fizesse a maior parte do trabalho, Krishna era o diretor nominal, e seu nome aparecia em letras grandes na capa. Krishna, de fato, durante alguns meses, escreveu as notas editoriais sob o título de “À Luz das Estrelas”.

As cartas escritas por Krishna de Varengeville acerca do novo *Herald* eram curtas e fatuais. *Lady Emily* talvez tenha descrito a verdadeira atmosfera que envolvia o empreendimento:

George nos deixou a todos febricitantes de emoção. Krishna seria o diretor nominal e ele, o diretor-gerente. A revista seria impressa com tinta azul e teria uma capa azul e uma estrela de prata. Destinar-se-ia a comentar todos os acontecimentos do mundo à luz da vinda do Senhor... George e a Dra. Locke também planejaram abrir uma loja da estrela e George fez logo uma porção de planos para a organização das coisas que ali seriam vendidas — livros para comemorar o aniversário natalício de Alcione, calendários, mata-borrão azul, caixas de selos de papel azul com estrelas de prata.¹ Os estudos foram abandonados. Relegou-se Shakespeare à estante e nós passamos todo o tempo em febril atividade sobre papel azul e prateado. Jinarajadasa, desesperado, tentou em vão reconduzir-nos a uma atmosfera mais calma e estudiosa.

De acordo com *Lady Emily*, George era clarividente e “trouxe” uma mensagem sobre a nova revista do próprio Senhor Maitreya, que não queria que ele “encetasse nenhuma outra atividade nem assumisse responsabilidade alguma além da educação de meus filhos [Krishna e Nitya] e da publicação do meu *Herald*”.

Nessa ocasião todos aguardavam com ansiedade o resultado da apelação que estava sendo julgada em Madrastra pelo juiz Oldfield. Levaram-se meses revendo o primeiro caso e, sem dúvida, a turma de Varengeville se alegrava por ter algo tão emocionante quanto o novo *Herald* para ocupá-la durante o período de incerteza.

Voltaram todos a Londres no fim de setembro e, a partir de então, Krishna passou a ser “toda a vida” de *Lady Emily*. O marido, o lar, os filhos “foram-se esfumando aos poucos no fundo do quadro”. Essa devoção exclusiva e intensa causaria problemas para Krishna e para ela também.

1. Inaugurou-se mais tarde em Londres uma Livraria da Estrela no número 290 de Regent Street, perto de Langham Place, onde todos esses artigos se achavam à venda.

Em outubro, Krishna escreveu à Sra. Besant e a Leadbeater, de Drayton Gardens, onde estava passando algum tempo, que a Srta. Dodge colocara um carro à sua disposição e fixara para ele uma renda anual vitalícia de 500 libras, e outra de 300 para Nitya enquanto este estivesse em Oxford. Ela também estipulou uma renda para a Sra. Besant, deu a *Lady Emily*, que estava longe de ser rica, 100 libras por ano para as suas viagens a serviço da Estrela e ajudou muitos outros que participavam do movimento. Krishna escreveu que a Srta. Dodge era “uma mulher maravilhosa” e “extraordinariamente bondosa” para eles. Também contou na carta do dia 10 que, no dizer do médico, George estava à beira de um colapso nervoso. Tinham-se verificado atritos entre George e Raja e entre George e *Lady Emily*, em virtude do ciúme cada vez maior que ele sentia dela, o que lhe parece ter influído no sistema nervoso. Krishna estava passando por maus bocados no meio dos três personagens.

A Srta. Dodge também lhe oferecera uma casa no topo de Hampstead Heath. Ele desejava morar ali, pois a casa tinha jardim, o ar era bom e, além disso, seria conveniente para o escritório do novo *Herald* em Tavistock Square, 19. De mais a mais, como ele mesmo disse à Sra. Besant, queria viver em Londres porque *Lady Emily* estava lá. Mas isso não aconteceria e, depois de alguns dias numa casa de campo perto de Crowborough, em Sussex, onde Krishna aprendeu, pela primeira vez, a jogar golfe, e de uma conferência de trabalhadores da Estrela em Londres, que ele mesmo dirigiu com êxito porque George estava indisposto, os meninos foram levados por Raja e George para junto dos Kirbys na Villa Cevasco, perto de Gênova. Foi ali, no dia 31 de outubro, que lhes chegou um telegrama de Adyar, assinado pela Sra. Besant e transmitido de Londres pela Srta. Bright: “Apelação falhou. Meninos precisam ver Pole Londres sem falta.” Pole era o Major David Graham Pole, advogado e teosofista escocês, mais tarde membro do Parlamento, que a Sra. Besant levara consigo à Índia para ajudá-la no caso da apelação. Não somente o Tribunal de Apelação confirmara a decisão de primeira instância, mas também inverteu o disposto no tocante às custas. A Sra. Besant decidiu recorrer incontinenti ao Conselho Privado da Inglaterra.

Krishna escreveu no dia seguinte à Sra. Besant, de Villa Cevasco:

Minha Mãe muito querida, lamento muitíssimo que o caso tenha virado contra nós... Receio que a senhora esteja muito cansada dele e eu quisera estar em sua companhia e amá-la. A senhora sabe que a amo muito e lhe sou muito devotado. As palavras não poderão exprimir minha devoção. George escreveu a C.W.L. [Leadbeater] explicando todas as nossas dificuldades aqui. Concordo plenamente com o que ele diz.

C.W.L. vai mostrar-lhe a carta. Eu mesmo estou-lhe escrevendo uma carta que ele lhe mostrará.

A carta de Krishna a Leadbeater, datada de 31 de outubro de 1913, é muito importante porque nela se ouve soar, a súbitas, uma nota completamente nova de autoridade, uma consciência do seu próprio poder sobre as pessoas. Ficamos a imaginar se a renda que devia à generosidade da Srta. Dodge incutira nele maior confiança em si, bem como um senso maior de independência.

Meu querido Irmão [como os discípulos de Leadbeater costumavam dirigir-se a ele]

Você deve ter recebido duas cartas — uma de Raja e outra de George, que vão inclusas. Li as duas e desejo expressar minha própria opinião. Creio que já é chegado o momento de tomar eu mesmo as rédeas dos meus negócios. Acho que serei capaz de cumprir melhor as instruções do Mestre se elas não me forem impostas e tornadas desagradáveis, como o têm sido de alguns anos a esta parte. Sinto-me responsável e farei o melhor que puder pois, tendo agora 18 anos, sou de opinião que posso dar conta do recado com alguns conselhos. É claro que cometerei erros, mas conheço, de um modo geral, a natureza das minhas obrigações. Nunca me foi concedida a oportunidade de sentir minhas responsabilidades e tenho sido arrastado de um lado para outro como criança de peito. Não escrevi antes sobre isto porque não desejava causar preocupações à Sra. Besant, mas creio que vocês dois conhecem agora toda a posição.

O que proponho é o seguinte: se o caso [a demanda judicial] o permitir, eu gostaria de ter uma casa na costa marítima de Devonshire. Na minha opinião, seria melhor encarregar a Srta. Arundale [tia de George] dos arranjos da casa, mas disponho agora de dinheiro suficiente para fazer frente a todas as despesas. Outro assunto importante é o que diz respeito aos estudos. A dificuldade reside no sânscrito, pois não posso estudar essa disciplina sob a orientação de Raja. Acredito que seja fácil fazer arranjos com respeito às outras matérias e, se George só ficar incumbido dos assuntos mais importantes ligados ao *Herald*, ele talvez possa fazer tudo o que é preciso em matemática, etc. Os estudos, ultimamente, têm sido muito descuidados e precisamos dar grande atenção a eles. Para falar a verdade, creio que tudo iria muito bem se Raja fosse desobrigado das suas tarefas. Eu poderia controlar e guiar George e o resto do grupo. Parte das dificuldades de George, como ele lhe explica em sua carta, deve-se ao fato de que não me tem sido possível cuidar dele como seria do meu desejo, e ele se melindra muito com a atitude de Raja para comigo. Resultado: tenho passado por um período muito difícil, e parece-me que a única maneira de fazer que as coisas corram bem será entregar-me a sua direção. Eu gostaria que tudo se arranjasse o mais depressa possível. Se não pudermos morar na Inglaterra, os mesmos arranjos servirão no estrangeiro. Sei que tudo se fez com a melhor das intenções, mas não deu certo.

Esta carta é tanto para a Sra. Besant quanto para você. Mando-lha para que possa mostrá-la a ela e conversar a respeito num momento favorável...

Lamento muito que a Sra. Besant tenha trabalhado tanto e que o resultado aparente tenha sido um fracasso. Imagino que Pole [Major

Graham Pole] nos dirá o que ela quer que façamos, mas estou resolvido a deixar bem claro que sei o que faço e nada me induzirá a voltar para junto de meu pai. Nitya também não voltará.

George continua sendo meu primeiro discípulo e o primeiro no meu coração, mas ele não entendeu direito minhas relações com *Lady Emily*. Isto se deve, sem dúvida, em grande parte, ao fato de ter muito trabalho para fazer, o que o impede de enxergar as coisas com clareza. Gosto muitíssimo dos dois e nenhuma dessas trivialidades alterará meus sentimentos. Sinto que *Lady Emily* é minha mãe e discípula e que George é meu filho e discípulo. Agora que está livre, ele começa a compreender.

As novidades não são muitas. Espero que vocês dois ponderem cuidadosamente o que escrevi.

Com muito amor,

Afetuosamente seu,

Krishna

Eles retornaram a Londres no dia 14 de novembro, depois de uma excursão que abrangeu Roma, Florença, Veneza e Milão. Na noite do regresso avistaram-se com Graham Pole, conforme as instruções que haviam recebido. Em Londres, hospedaram-se no Hotel Gwalia, em Great Russell Street, perto da casa de *Lady Emily* em Bloomsbury Square, e mal se passava uma noite em que ela não jantasse com eles ou eles com ela. A liberdade de ver *Lady Emily* sempre que o desejava, sem que os seus encontros fossem imediatamente comunicados à Sra. Besant pelos Brights, deve ter sido uma grande alegria para Krishna, que encontrava completa relaxação no quarto das crianças em casa dos Luytens — sempre se sentiu muito à vontade com os pequenos — onde ele e Nitya eram considerados pelos miúdos como irmãos muito mais bondosos do que o próprio Robert, que implicava cruelmente com eles.

A Sra. Besant, que ainda se encontrava em Madrastra, contratara o advogado de *Lady Emily*, Francis Smith, para coligir pronunciamentos e declarações de Raja e dos dois meninos sobre se Leadbeater havia, alguma vez, procedido mal com eles. Para *Lady Emily*, Krishna nem sequer compreendia a natureza das perguntas que lhe eram feitas nesse sentido.

Não parece haver dúvidas de que Narianiah servira de instrumento para os inimigos políticos da Sra. Besant ao intentar a demanda judicial contra ela, pois no dia 21 de novembro Leadbeater escrevia a *Lady Emily*: “O velho patife do queixoso procurou a presidenta com a intenção de propor-lhe uma conciliação, pedindo-lhe que tomasse igualmente a seu cargo o irmão mais velho e o educasse também na

Inglaterra — proposta francamente cômica, quando se considera que, durante todo esse tempo, ele não fez outra coisa senão afirmar com a máxima veemência que seus outros filhos tinham sido arruinados por ela.”

No dia 1.º de dezembro, a Sra. Besant apresentou em Madrasta uma petição em que solicitava permissão para recorrer ao Comitê Judicial do Conselho Privado em Londres; a petição foi-lhe deferida. Talvez se passassem meses antes que o Conselho tomasse conhecimento do recurso, mas ela esperava que uma suspensão da execução, enquanto não se julgasse o recurso, lhe fosse concedida, em janeiro, pelo Conselho Privado.

DÚVIDAS E DIFICULDADES

Em consequência da carta de Krishna a Leadbeater do dia 31 de outubro de 1913, Raja foi chamado de volta à Índia, mas a carta propriamente dita não deve ter sido bem recebida, pois Krishna escrevia à Sra. Besant a 12 de dezembro:

Creio que surgiu algum mal-entendido em relação à carta que escrevi a C.W.L. Não me parece que eu seja ingrato de meu natural e sei o quanto vocês todos fizeram por mim. Também sei que me sinto muito mais feliz e muito melhor de quatro anos a esta parte. Eu *não* tencionava ser ingrato com C.W.L. Apenas quis dizer que Raja e eu não conseguimos entender-nos e, por favor, não creiam que eu também seja ingrato com Raja.

Acima de tudo, querida Mãe, pelo amor de Deus não imagine nem por um momento que eu seja ingrato com a senhora, que tem sido tão boa e tão generosa comigo e tem aturado tanta coisa por minha causa! Agora parece que lhe sou ingrato. Isso *nunca* poderia acontecer. Posso ser mau de muitas maneiras, mas nunca poderia ser-lhe ingrato. Eu quisera poder vê-la para então explicar tudo.

Raja lhe explicará todas as nossas dificuldades. Ele leva consigo, por escrito, tudo o que julgamos desejar. Está claro que isso terá de ser submetido à sua apreciação. É evidente que não sou o que deveria ser. De um jeito ou de outro todos temos dificuldades aqui. Estou fazendo o que posso. Acho que Raja está satisfeito por haver sido exonerado da sua posição e por estar voltando à Índia. Ele enfrentou muitas dificuldades conosco e espero que esteja melhor em Adyar.

Minha Mãe muito querida, ainda que eu possa ser ingrato, amo-a muitíssimo.

Mais ou menos nessa época, os advogados, novamente receosos de uma tentativa de seqüestro dos rapazes, pediram a George que os levasse para um esconderijo tão secreto que, a princípio, nem a Sra. Besant dele foi informada. Em Londres, somente Basil Hodgson-Smith conhecia o endereço dos dois, de modo que pudesse enviar-lhes a

correspondência. A data da sua partida é incerta mas, no dia 16 de janeiro de 1914, tinham sem dúvida voltado a Taormina, na Sicília, pois nesse dia Krishna escrevia à Sra. Besant: "Agora a senhora já sabe onde estamos. Se eu pudesse fazer o que penso, não teria partido dessa maneira... Raja, a esta altura, já lhe terá falado a respeito do nosso esconderijo." Acrescentou que os advogados os queriam em Londres no dia 27 de janeiro, quando seria julgado o pedido de suspensão da execução.

Lady Emily ficou desolada com a perspectiva de separar-se de Krishna. Mas, pouco antes da partida dos rapazes, George informou-a do segredo do esconderijo deles, sem dúvida por insistência de Krishna, e convidou-a para segui-los, com a condição de que não revelasse a ninguém, nem à família, o seu destino. Isso provocou profundo ressentimento em Barbara e Robert. Como o marido estivesse na Índia, pois fora nomeado arquiteto de Nova Deli em 1912, não havia necessidade de informá-lo da viagem secreta.

O grupo de Taormina, que consistia em Krishna, Nitya, George, a Dra. Mary Rocke, a Srta. Arundale e *Lady Emily*, voltou a ocupar todo o último andar do Hotel Naumachia. *Lady Emily* conta que, certa noite, enquanto estavam lá, Krishna, que estivera olhando para uma imagem do Buda em *Myths of the Hindus and Buddhists* (Mitos dos hindus e dos budistas), de repente ergueu os olhos e exclamou: "O Senhor Buda está aqui." Todo o seu rosto se alterou completamente e ele saiu correndo da sala. Pouco depois voltou e contou-lhes que vira o Senhor Buda, em pé, ao seu lado.

Estavam todos excitadíssimos com a expectativa da ocorrência de grandes acontecimentos na noite de 10 de janeiro, pois o dia 11 era o aniversário da primeira Iniciação de Krishna. Quando se estavam sentando para jantar no dia 10, Krishna afirmou, em tom decidido: "Alguma coisa vai acontecer esta noite, tenho certeza. Sinto-me muito excitado." Todos esperavam dar mais um passo no Caminho. Pela manhã, entretanto, nenhum se lembrava de muita coisa, de modo que Krishna telegrafou a Leadbeater: "Lembranças da noite passada vagas. Telegrafe acontecimento." A resposta foi decepcionante: quatro pessoas tinham sido aceitas e oito submetidas à provação — mas todas membros da Estrela na Índia. De acordo com *Lady Emily*, ela, George e Krishna "passaram por uma séria crise de depressão". Teria sido a carta de Krishna a Leadbeater, escrita de Gênova, que lhe revelava pela primeira vez o espírito de independência, o motivo de não haver o grupo de Taormina dado nenhum passo esotérico? É o que parece mais provável, já que a carta causara profundo e evidente desgosto.

O grupo deixou Taormina no dia 23 de janeiro a fim de estar de volta a Londres no dia 27, para a audiência do Conselho Privado, que se realizou na Câmara do Conselho Privado em Downing Street e foi presidida pelo Lorde Chanceler, Lorde Haldane, amigo da Sra. Besant. Esta não compareceu à audiência, mas os dois garotos se achavam presentes. Nitya ficou assombrado, como ele mesmo escreveu a Leadbeater no dia 30 de janeiro, "ao ver os mais altos juizes do país, um dos maiores poderes da Inglaterra, encarando tudo de modo casual, fácil e sem a menor formalidade". Os rapazes, que haviam sido arrolados como intervenientes por decreto real, eram representados pelo Lorde Advogado (Robert Munro); dois procuradores da coroa tomaram a defesa da Sra. Besant, ao passo que o Sr. Kenworthy Brown representava Narianiah. Em resposta a uma pergunta do Lorde Chanceler, o Lorde Advogado afirmou que se achava inteirado dos desejos dos meninos: "Eles desejam ardentemente permanecer neste país e são de todo avessos à idéia de voltar para a Índia." Deferiu-se o pedido de suspensão da execução. Na presunção de que os Meritíssimos Juizes antecipariam a audiência em que seria julgada a apelação, o Lorde Chanceler concordou em que seria absurdo mandar os garotos de volta à Índia, visto que teriam de regressar à Inglaterra logo depois, mas pediu-lhes que ficassem em solo inglês até a audiência, a qual, ao que tudo indicava, seria provavelmente realizada em maio.

Lady Emily não tardou a pagar pela alegria de estar em companhia de Krishna em Taormina, ao saber da desaprovação da Sra. Besant e de Leadbeater. Recebeu uma carta severa da primeira censurando-a por haver deixado os filhos, que eram sua responsabilidade, para partir com Krishna, que não o era. Embora sentisse indubitavelmente que *Lady Emily* o substituíra nas afeições de Krishna, George também parece ter-se aborrecido deveras com o efeito emocional que o amor dela exercia sobre Krishna. Este a amava sem dúvida e queria estar sempre com ela, mas ela mesma compreendia que o amor dele era apenas filial.

Tendo perdido a mãe quando era ainda muito jovem, ele ansiava sempre por voltar-lhe aos braços [escreveu ela]. Vira, um dia, no *Daily Mirror*, o retrato de um menininho sentado num banco do Parque e sonhando estar sentado no colo da mãe. Recortou o retrato e disse-me sentir ser ele o menininho... Meu maior desejo era compensá-lo dessa perda.

Ela acreditava que Krishna houvesse perdido a mãe quando tinha, mais ou menos, quatro anos de idade mas, na realidade, por ocasião da morte dela, ele já tinha dez.

George também ficara muito deprimido nessa época em virtude de uma carta de Leadbeater, procedente de Adyar, em que este descrevia uma nova “descoberta”, um menino de treze anos chamado Rajagopalacharya (filho de V. K. Deskacharya), brâmane do Sul da Índia que, mais tarde, representaria um papel importante na vida de Krishna, e um dos indianos submetidos à provação no dia 11 de janeiro. Dizia-se que tivera um passado maravilhoso, pois fora São Bernardo de Clairvaux em sua última existência, e que teria um futuro mais maravilhoso ainda: tornar-se-ia um Buda, provavelmente sucedendo a Krishna em Mercúrio. Não era de estranhar que George se sentisse muito conturbado, uma vez que essa grande posição já lhe fora prometida.

Depois de passar algumas semanas em Drayton Gardens, após a suspensão da execução, os meninos, seguindo as instruções do Mestre, mudaram-se para Shanklin, estação balneária da Ilha de Wight. George estava com eles, assim como A. E. Wodehouse, mandado de Benares para tomar o lugar de Raja como segundo preceptor. A Srta. Arundale encarregou-se do governo da casa em The Leasowes, Victoria Avenue. Krishna contou à Sra. Besant que estava estudando composição inglesa, literatura, história, matemática e ciência. Nitya fazia o mesmo, mais latim. Eles tencionavam demorar-se em Shanklin dois meses e estudar bastante.

Lady Emily, que substituíra George na direção do *Herald*, encontrava inúmeros pretextos para ir freqüentemente a Shanklin a fim de consultá-lo sobre assuntos editoriais mas, a julgar pelo diário dela, os dois não discutiram nenhum assunto editorial: ela passava o tempo caminhando com Krishna pela praia ou pelos bosques. “Naqueles dias, ele só se interessava por poesia”, recordava ela. “Gostava sobretudo de Shelley e Keats e murmurava constantemente o verso ‘Amo a morte que conforta’.” Nos bosques de Shanklin, um dia, ele perguntou-lhe “Está vendo aquela fadazinha?” e descreveu-lhe uma criaturinha encantada saltitando por ali; mas pareceu surpreendido quando ela confessou que não podia vê-la também.

A Sra. Besant chegou à Inglaterra no dia 1.º de maio para a audiência do seu recurso, que se realizaria três dias depois. (Narianiah não comparecera.) Os rapazes foram recebê-la em Dover. Embora tivesse apreciado a luta no começo, o caso agora se arrastava por mais de dezoito meses e ela estava exausta. *Lady Emily* foi vê-la no dia seguinte em Drayton Gardens e disse-lhe que amava Krishna como filho e como mestre. A Sra. Besant respondeu que se tratava de um relacionamento muito curioso, mas não lhe opunha objeção alguma

enquanto *Lady Emily* fosse discreta e não criasse dificuldades para ele. Nesse momento, Krishna entrou na sala e ajoelhou-se ao lado da Sra. Besant, que abençoou os dois.

Os rapazes não se achavam presentes à Câmara do Conselho quando, no dia 5 de maio, depois de uma audiência de dois dias, a Sra. Besant ganhou o seu recurso. A sentença completa só foi publicada no dia 25 de maio. Os motivos que deram ganho de causa à recorrente foram principalmente os seguintes: os desejos dos meninos não haviam sido consultados e eles não tinham sido representados no tribunal. Na opinião dos Meritíssimos Juízes, o processo no Superior Tribunal de Madrastra fora mal interpretado. Os meninos não desejavam regressar à Índia e o mandado expedido pelo tribunal de Madrastra não poderia ser cumprido sem o consentimento deles. Se a Sra. Besant, acatando a ordem do tribunal de Madrastra, os tivesse levado de volta à Índia contra a vontade deles, estaria automaticamente sujeita a um processo na Inglaterra pela impetração de um *habeas corpus*. Nenhuma corte pode expedir uma ordem capaz de conduzir a tais conseqüências. O processo foi encerrado, portanto, com o pagamento das custas, mas sem prejuízo de nenhuma solicitação que o réu (o pai) houvesse por bem fazer ao Supremo Tribunal da Inglaterra, que consultasse os interesses dos filhos e estivesse de acordo com os desejos deles. Compreendendo que estava derrotado, Narianiah, naturalmente, não tomou nenhuma outra medida.

Tão satisfeita ficou a Sra. Besant com a vitória que decidiu não protestar contra o pagamento das custas, que lhe fora imposto, conquanto já tivesse pago as custas iniciais por ordem do Tribunal de Apelação de Madrastra. Sabedor das boas notícias, Krishna foi a Hatton Garden a fim de comprar-lhe um broche de pérolas, num gesto carinhoso de reconhecimento por tudo o que ela fizera e sofrera por ele. No dia 13 de maio, foram os dois sozinhos a Paris, onde passaram três noites.

Enquanto esteve em Londres, a Sra. Besant pronunciou cinco conferências no Queen's Hall, com casa cheia como sempre. Antes de regressar à Índia no fim de junho, ela deve ter falado seriamente com Krishna acerca da necessidade de estudar com afinco para entrar em Oxford, do seu relacionamento com *Lady Emily* e da importância de tornar George feliz, pois foi um Krishna contrito que, no dia seguinte ao da partida dela, se dirigiu para Bude, uma praia em Cornxall do Norte, em companhia de Nitya, George, Dick Clarke e da Srta. Arundale. (Wodehouse ficou em Londres para ajudar *Lady Emily* na direção do *Herald*.) Eles tinham alugado o vicariato e elaborou-se



Chegada à Estação de Charing Cross, Londres, Maio de 1911,
Nitya, a Sra. Besant, K, George Arundale,



A Sra. Besant, Leadbeater, K, Raja, ostentando as insígnias da
Ordem da Púrpura, Benares, dezembro de 1911

lhes um novo programa de estudos. Como diversão, havia lições de golfe todas as tardes com um excelente profissional; o mais emocionante, todavia, foi a licença dada a Krishna para comprar uma bicicleta motorizada, uma Williamson, em Londres, e levar a Bude. Todas as semanas ele escrevia respeitosas cartinhas à Sra. Besant contando-lhe que estava estudando muito e que fazia o possível para tornar George feliz. Além das 500 libras anuais da Srta. Dodge, Krishna recebia agora 125 libras por mês da Sra. Besant para as suas despesas.

A 16 de julho, Shiva Rao, então com vinte e três anos, chegou a Bude, mandado da Índia pela Sra. Besant para ensinar sânscrito aos rapazes. Shiva Rao vira Krishna e Nitya pela primeira vez em Benares em 1910 e conhecera-os bem mais tarde, quando se mudara para Adyar a fim de ajudar Leadbeater na compilação de *As Vidas de Alcione*.

A deflagração da guerra (não-prevista, aparentemente, pelos Mestres, embora explicada pela Sra. Besant como a grande convulsão entre as nações que sempre precede o advento do Mestre Universal) a princípio não fez diferença alguma para o estilo de vida em Bude. “Os alemães não são tão maus quanto os fazem os jornais”, escreveu Krishna à Sra. Besant em carta de 3 de setembro, “e tenho grande simpatia por eles. São muito corajosos. Pergunto a mim mesmo se devo ou não entrar na guerra e quero saber sua opinião a respeito”. A Sra. Besant julgou péssima a idéia, não tanto porque ele talvez tivesse de matar alguém, mas porque teria de poluir o corpo comendo carne.

Krishna — e isso talvez seja significativo — não contou à Sra. Besant que *Lady Emily* com os cinco filhos alugara uma casa em Bude, em setembro, perto do vicariato, onde passava a maior parte do tempo em sua companhia. A grande proximidade dela provocou o transtorno costumeiro, agravado agora pelo fato de George apaixonar-se por Barbie, o que deixava Nitya, que também amava Barbie, muito infeliz. Krishna sentia-se igualmente infeliz.

Ele acreditava na idéia dos Mestres [disse *Lady Emily* nessa ocasião], e freqüentemente “trazia” entrevistas com o Senhor [Maitreya]. Aceitava sua situação, mas não tirava dela nenhuma satisfação pessoal. Nunca desejava nada para si — dinheiro, poder ou posição. George instava sempre com ele para que se lembrasse do que acontecera em outros planos. “Por favor, traga”, dizia-lhe sem cessar, mas Krishna permanecia impassível, e só “trazia” quando realmente se lembrava de alguma coisa.

Ela o supunha desesperadamente infeliz. Ele odiava a publicidade; ambicionava uma vida normal. E amiúde lhe perguntava: “Por que me escolheram, a mim?” Os únicos prazeres reais que encontrava em

Bude eram o golfe e a bicicleta motorizada. Nada lhe dava mais prazer do que poli-la ou mexer-lhe no motor e, de acordo com Dick Clarke, era um mecânico de primeira ordem. Como ciclista, mostrava-se um tanto excêntrico e, quando levava *Lady Emily* a passeio no *sidecar*, ela precisava agarrar-se à idéia de que ele tinha por si a proteção divina.

Nitya partiu no outono para estudar com um preceptor em Oxford, e Krishna ficou em Bude, privado até das visitas de *Lady Emily*, pois quando ela regressou a Londres no fim do verão, ambos combinaram que ela se afastaria por algum tempo, a fim de que ele ganhasse maior confiança em si. Só em janeiro de 1915, para sua grande alegria, ela foi chamada a Bude por George, a fim de levar-lhe um cachorro, “um siberiano branco”, e conseguiu esticar a visita por uma semana. Sua estada, porém, não foi um sucesso, como o prova a carta que George lhe escreveu depois e na qual lhe dizia que ela estava atrapalhando “a obra do Mestre ao enfatizar a natureza inferior de Krishna *à custa da sua natureza superior*” e que ela conhecia muito pouco o verdadeiro Krishna.

George deve ter transmitido à Sra. Besant sua ansiedade no tocante a Krishna e a *Lady Emily*, mas sem revelar até que ponto sua análise do relacionamento deles sofria a influência do próprio ciúme pois, em fevereiro, Krishna recebeu uma carta da Sra. Besant, em que ela lhe dizia: “Sua felicidade está no trabalho, e você será inquieto e infeliz se dele se afastar. Nada mais durará, como verás. Um homem chamado para os serviços mais altos perde ‘a vida inferior’ e, se tiver a coragem de deixá-la perder-se, encontrará uma esplêndida e inalterável felicidade.” Krishna ficou tão impressionado com esse trecho da carta que o copiou e mandou-o para *Lady Emily*, a qual, por sua vez, o transcreveu em seu diário no dia 6 de fevereiro.

Nessa época, a Sra. Besant se achava quase que exclusivamente absorva no trabalho político, tendo sido orientada por seu Mestre, pouco antes da deflagração da guerra, para aderir à luta pela Autonomia Política da Índia. A tarefa tremenda, que incluía a direção de um jornal diário, *New India* (Nova Índia) (o antigo *Standard* de Madrastra), lhe açambarcava cada vez mais as energias. Se estivesse menos ocupada com a política, talvez houvesse uma percepção mais profunda da solidão e do tédio do seu tutelado indiano, abandonado num melancólico vicariato à beira-mar, em pleno inverno inglês, em tempo de guerra, sem nenhum companheiro jovem após a partida de Nitya, e tendo na cerimoniosa e respeitável Srta. Arundale a única influência feminina na casa, desde que George conseguira banir *Lady Emily*.

Na mesma ocasião, Leadbeater também se deixara absorver por novos interesses. Vigoroso imperialista britânico, não simpatizava com as atividades políticas da Sra. Besant, de modo que ela se sentiu alegríssima quando, em 1914, ele partiu para uma *tournee* de conferências que incluía a Birmânia, Java, a Austrália e a Nova Zelândia. Tão bem-sucedida foi a *tournee* que, com a mesma alegria, ela lhe deu permissão para demorar-se indefinidamente na Austrália, onde ele acreditava estar crescendo a nova sub-raça destinada a servir o Mestre Universal quando este aparecesse. Leadbeater chegou a dizer que seria uma grande bênção morrer na guerra, pois estaria assim ajudando o plano da hierarquia esotérica a tirar velhos egos do Oeste para um rápido renascer de famílias teosóficas em corpos da nova raça. No princípio de 1915, vivendo em Sydney, ele reunira à sua volta um grupo de jovens que considerava maduros para o treinamento especial. Por enquanto não havia mais nada que pudesse fazer por Krishna. Os planos para o futuro imediato do “veículo” tinham sido estabelecidos com o máximo cuidado e a única obrigação do menino era estudar bastante para entrar em Oxford o mais depressa possível. Concentrado nos novos discípulos, Leadbeater desistira até de escrever a Krishna.

Mas se bem Leadbeater e a Sra. Besant parecessem haver perdido momentaneamente o interesse pelo veículo, isso não os impedia de continuar apregoando, mês após mês, na linguagem mais florida, o advento do Mestre Universal em várias publicações teosóficas, e raras vezes deixavam de advertir os leitores do perigo de não reconhecer o Senhor quando este chegasse ou de rejeitá-lo como o haviam rejeitado na Galiléia, porque ele diria, sem dúvida, coisas inaceitáveis para mentes fechadas e corações prenhes de preconceitos.

O próprio veículo, contudo, sentia-se agora compelido a reatar a comunicação com Leadbeater depois de um longo silêncio de ambos os lados. A admoestação da Sra. Besant acerca do “mais alto serviço” deve ter-lhe pesado no espírito, bem como o sofrimento a miúdo reiterado de *Lady Emily* por não ter sido ainda aceita pelo Mestre; além disso, na véspera do sexagésimo-oitavo aniversário de Leadbeater, 17 de fevereiro de 1915, enquanto *Lady Emily*, Barbie e Robert passavam um fim de semana em Bude, Shiva Rao falara a todos sobre os primeiros dias em Adyar e, evidentemente, explicara a Krishna algumas aparentes rudezas de Leadbeater naquele tempo. Disso resultou o envio, por parte de Krishna, de um telegrama de aniversário e a escrita de uma carta fascinantemente reveladora, não só das suas dificuldades atuais, mas também da existência de atritos entre ele e Leadbeater

nos primeiros dias, dos quais não há outra notícia, visto que o próprio Krishna pouco se lembra desses anos:

Bude, 18 de fevereiro de 1915.

Faz muito tempo que lhe escrevi pela última vez e o lamento *muito*. Receio *não* ser nada bom nos estudos e não ter cabeça para eles, por isso avanço a custo e devagar. A Srta. Arundale, George, Dick, Shiva Rao e eu estamos aqui. Ela trata dos assuntos da casa, Shiva Rao me ensina matemática e sânscrito, George me ensina inglês. E, assim, você fica sabendo o que fazemos aqui.

Quero contar-lhe *tudo* e não sei por onde começar, visto que há muita coisa para contar. Muitas coisas aconteceram desde que o vi pela última vez em Gênova, isto é, fisicamente.

Primeiro que tudo quero saber como está e tudo o que lhe diz respeito. Faz muito tempo que não me escreve e suponho que ande ocupadíssimo! Quando eu estava com você *não* gostei do que fez, mas *agora tudo* é diferente. Você é o mesmo velho C.W.L. para mim e eu o amo *muito*. Fui tolo e idiota por não o haver percebido e por não o haver amado quando eu estava em sua companhia. Quero esquecer-me de tudo isso e virar completamente a página. Você foi a primeira pessoa que deu tanto de mim e lhe sou grato, você me trouxe para grandes coisas e eu lhe devo *tudo* isso, meu caro C.W.L. É muito difícil para mim escrever o que sinto, mas você compreenderá o que quero dizer. Quando estava em sua companhia, eu o feri de muitas maneiras e agora o vejo e lamento *muito*. Esqueçamos o passado, com exceção dos momentos felizes, e espero ainda poder torná-lo feliz. Pergunto a mim mesmo se você compreende o que quero dizer a respeito de tudo isso. Quero ser digno de você e fazer que o seu nome brilhe como uma luz para *todos*. Quero que todos saibam o que você realmente é.

Temos conversado a seu respeito e acho que me comportei como um animal em relação a você, mas eu não o compreendia como agora o compreendo. Como quer que seja, vou tentar compensá-lo de tudo.

Quanto a George, está numa situação difícil. Acontece que ele andava muitíssimo ocupado com o C.C.H. [Colégio Central Hindu] e trabalhava da manhã à noite, sempre cercado de gente moça, entusiástica e desejosa de aprender. Agora vem para cá e leva uma vida horivelmente monótona. Não há muitos meninos para ajudar e ninguém para admirá-lo e tudo isso o melindra muitíssimo. *Não* estou entusiasmado por *nada* e ele se sente meio desesperado. O trabalho lhe interessa tremendamente, mas não me interessa, embora eu me esforce por fazer o que se espera de mim. Ele pensa que não gosto dele como gostava, mas isso é bobagem e, como você sabe, minhas afeições não mudam com tanta facilidade. Ele faz sozinho o seu trabalho da Estrela, não o ajudo, e isso também o melindra. Sinto pena dele e quero fazer o melhor. É tudo muito difícil, nada é fácil e não sei o que fazer. Sei que eu devia estar interessado pelo trabalho e por tudo isso, mas no momento receio não estar. Esforço-me bastante para fazer minha obrigação, mas é muito difícil. *Sei* que tudo me voltará e que servirei os Mestres mas, por enquanto, não é nada fácil. Entretanto, continuarei tentando assim mesmo. George não está muito bem de saúde, pois teve um colapso nervoso, que o transtornou em muitos sentidos.

Ele quer que eu me interesse pelo trabalho imediatamente e receio que não tem a paciência necessária. Acha que o Mestre não está perto dele e que esta não é a casa do Mestre, como devia ser. Na sua opinião, eu devia assumir a direção, mas não me sinto disposto a fazê-lo e a única coisa que quero é sossego. Ele também se julga responsável por minhas ações e minha vida aqui. Compreende o que quero dizer?

Depois vem *Lady Emily*. Imagino que você já tenha ouvido de outras fontes tudo o que se falou a respeito dela e de mim. Conhece, portanto, o lado deles e quero agora que conheça o meu. Quando estivemos em Varengeville, em 1913, durante o verão, nós nos encontramos com *muita* frequência enquanto jogávamos tênis e durante as conversas teosóficas. Fiquei gostando muito dela. Eu disse-lhe que me sentia como um filho dela e que a amava muito. Quando fui para Londres, queria estar junto dela e tudo o mais que você pode compreender. Depois, a eterna gente, que não sabe tratar apenas da sua vida, começou a falar e fez uma encrenca tremenda. Depois chegou a Sra. Besant e nos disse, a *Lady Emily* e a mim, que não devemos demonstrar abertamente nossas emoções pois isso pode criar encrenca. Acho que temos sido egoístas, mas eu tenho-me esforçado bastante para não o ser, e ela também. Você *sabe* tudo a respeito dela e a meu respeito nos outros planos e, por isso, de certo modo, está a par de tudo, mas ainda assim preciso contar-lhe. Ademais, o marido dela, que não é lá muito amigo da Teosofia, começou a dizer que ela não devia mostrar-se tão afetuosa comigo, visto que sou indiano. Ele é anglo-indiano e você compreende essas coisas.¹ Ele não gosta da Teosofia e acredita que ela só tem coisas más, além das outras bobagens em que a maioria das pessoas acredita quando *não* reflete no assunto. Por aí você pode ver qual é a posição dela. Nós nos colocamos, um ao outro, à frente do trabalho e foi esse o mal. Agora compreendemos que os Mestres e o trabalho vêm antes de todas as outras coisas, tomamos nossa decisão a respeito e estamos tentando cumpri-la com todas as nossas forças. Depois George pensou que eu já não o amava e isso foi *muito* duro para mim. Quero que os dois sejam grandíssimos amigos, visto que os amo *muito* a ambos. Ela me ajudou *muito* e me fez, sem dúvida, muito feliz. Aí George disse que ela me prejudicou, etc., mas *não* é verdade pois, ao contrário, ela me ajudou em épocas difíceis e eu lhe sou muito grato. Amo ao *todo* quatro pessoas e estas são você, a Sra. Besant, George e *Lady Emily* e isso nunca mudará, aconteça o que acontecer. Ela não foi aceita pelo Mestre no ano passado e por nossa culpa não lhe agradou. Mas tem-se esforçado muitíssimo ultimamente e espero que o Mestre esteja satisfeito com ela. É o maior desejo dela, e espero que Ele esteja. Neste ano ela *precisa* ser aceita e vou ajudá-la com toda a minha capacidade e não serei egoísta.

Você sabe que a amo com *muita* pureza e que não faço mais nada além disso. Amo-a realmente muito e desejo ajudá-la e fazê-la feliz. Nisso, como em tudo o mais, quero a sua ajuda. Você é meu irmão mais velho e quero a sua ajuda. Você precisa ajudar-nos, a mim e a ela.

Lady Emily está aqui passando o fim de semana e folgo em dizer que, a meu ver, ela tem feito o que o Mestre deseja. Não é tão egoísta

1. Edwin Lutyens, com efeito, sempre tratou Krishna com muita simpatia, e Krishna gostava dele e apreciava suas brincadeiras. Lutyens não foi muito justo quando atribuiu inteiramente à Sra. Besant o entusiasmo da esposa pela Teosofia.

quanto era e, nesse sentido, creio que eu também estou melhor. Ela quer fazer o melhor que puder e espero que seus esforços sejam bem-sucedidos. Tenho notado que George e ela estão bem agora. *Lady Emily* gosta muito dele, acha-o uma grande pessoa e tudo o mais. Os dois são ótimos à sua maneira e eu os amo muito. George andou com um pouco de ciúme dela, mas agora, graças a Deus, tudo acabou. Eu a amo *muito muito* puramente e alegra-me não ser como as pessoas comuns nesse sentido. Não sou assim e *nunca* o serei.

Depois, Barbie e Robert. George gosta muito de Barbie e creio que ela gosta dele também. Ela é a última moda em todas as coisas terrenas e eu o lamento muito. Não gosta de Teosofia por enquanto, o que é natural, mas sei que, como acontece comigo, isso passará. Acredito que a considerem muito bonitinha e todas essas coisas, mas isso não é nada. Há seis meses, Nityam e ela foram grandíssimos amigos. Amavam-se e ajudavam-se um ao outro, mas depois apareceu George; Barbie gostou dele e o pobre Nityam ficou com ciúmes. Barbie, de certo modo, o abandonou e ele está sofrendo muito com isso.

E Robert. Continua o mesmo, sempre meu amigo. É o oposto de Barbie em tudo, acho eu. Gosto dele e amo-o *muuuuuito*. Possui esplêndidas qualidades, mas é muito moço e muito juvenil... É muito artista, o que, na minha opinião, é uma grande coisa. Robert e eu temos, mais ou menos, as mesmas qualidades e somos muito parecidos em vários sentidos. 1

Agora preciso falar-lhe de Nityam. Pobre Nityam, receio que não esteja muito feliz. Andou estudando um bocado e seus olhos ficaram num estado terrível. Foi consultar o oculista, que disse que ele não pode trabalhar demais, só uma hora por dia e mais nada. Acontece que a Sra. Besant queria que Nityam passasse no exame vestibular de Londres, em julho, que é terrivelmente difícil. Por isso ele tem dado um duro danado com o seu preceptor em Oxford. Sua saúde é má, seus olhos estão mal e, de modo geral, ele não está bem. Nityam e eu somos agora muito mais íntimos, ele me conta todas as suas dificuldades e isso o ajuda muito. Está claro que é *muito* seu amigo e você poderia ajudá-lo muito mais que qualquer outra pessoa. Eu gostaria de que ele pudesse vê-lo. Nityam sente-se muito só, como quase todos nós, e não há ninguém que ele aprecie ou ame de modo especial, o que torna as coisas duplamente difíceis. Anda muito amargo, duro e frio. Está sofrendo muito e receio não poder ajudá-lo grande coisa. Ele quer alguém que o ame primeiro e acima de tudo e a quem possa confiar todas as suas dificuldades. Quer uma mãe a quem possa amar, como eu tenho *Lady Emily*. Receio que ele não goste de muita gente. Como eu, *neste momento*, não está interessado no trabalho, mas acho que isso passará. Ele cresceu, mas não está nada bem para a idade. Esteve duas vezes aqui e o fato de estarmos separados nos aproximou ainda mais. Ele agora gosta de mim e eu também gosto dele. Somos irmãos e você pode compreender. Ele é terrivelmente inteligente, como sempre, e esperto. Está agora em Londres e o Sr. Fleming, um

1. Robert reagiu violentamente contra a Teosofia mas continuou muito amigo de Krishna por muitos anos. Barbie amara Nitya em Varengeville, mas jamais gostara de George em momento algum. Tinha muito ciúme do amor de sua mãe a Krishna e reagiu com muito maior violência do que Robert contra a Teosofia.

médico, tem-se ocupado dele e creio que isso lhe fará bem.¹ Robert e ele são grandes amigos e ambos se apreciam. Está morando em Drayton Gardens 82, com a Srta. Bright. A mãe dela tem passado *muito* mal e poderá morrer a qualquer momento. [Morreu no dia 12 de março.]

A Srta. Arundale continua a mesma e muito antiquada.

Espero que esta carta chegue seguramente às suas mãos. Você precisa responder a todas as minhas coisas.

Meu caro C.W.L. amo-o *muitíssimo* e espero que isso nos aproxime ainda mais.

Não se conhece a resposta de Leadbeater ao seu apelo, mas o amor de *Lady Emily* a Krishna continuava a causar preocupação um mês depois, como se depreende da leitura de uma carta de 20 de março que a Sra. Besant endereçou a ela e que deve ter magoado terrivelmente *Lady Emily* , sobretudo vindo depois de todos os seus esforços para ser menos egoísta.

Alegro-me de que as coisas estejam melhorando. O assunto causou-me grande pesar e sofrimento, e o verdadeiro Krishna ficou tanto tempo sem poder superá-lo que foi uma tristeza. Está-se fazendo um novo esforço para afetar a consciência inferior, e já há um pouco mais de resposta. Sua saúde não pode ser boa quando sua verdadeira vida não consegue alcançar-lhe o corpo e ele está num torvelinho de paixão ao qual sua constituição delicadamente equilibrada não se ajusta de maneira alguma. Escrevi a você uma vez durante esse período infeliz, mas não mandei a carta, pois eu já lhe dissera tudo o que poderia ser dito antes de partir, e senti que mais seria desnecessário. A delicada natureza dele foi sacudida e inteiramente desafinada, e ele se culpa a si mesmo, pobrezinho! Espero que tudo agora vá melhor.

Mais ou menos no fim de março Nitya conseguiu escapar para a França como estafeta do exército a fim de alcançar o Dr. Haden Guest (mais tarde Lorde Haden-Guest), teosofista e médico-chefe de uma unidade hospitalar em Paris. Desejoso de afastar-se da claustrofobia de Bude, Krishna escreveu à Sra. Besant em abril pedindo-lhe permissão para ir também e sentiu-se emocionado ao receber o telegrama com o consentimento dela. “Teremos de usar um uniforme, o que muito me agrada”, contou-lhe ele. “Levarei minha bicicleta motorizada e creio que assim serei muito mais útil.” Saiu de Bude, imaginando que o fazia para sempre, foi a Londres e conseguiu o uniforme,

1. Fleming era um curador que vivia em Half Moon Street. Mais tarde Krishna veio a conhecê-lo muito bem, e o mesmo aconteceu a *Lady Emily* , que ia procurá-lo regularmente para tratar-se, sem êxito algum, das enxaquecas que a atormentaram durante toda a vida. Ele também tratou da Srta. Dodge sem muito sucesso.

mas o plano gorou; após um mês de espera em Londres, soube que fora tudo cancelado, pois o Dr. Guest deixara seus hospitais em Paris para dirigir um hospital militar em Londres, que seria instalado no prédio do Endsleigh Palace Hotel, em Bloomsbury. Krishna, Nitya (de regresso da França em companhia do Dr. Guest), George e *Lady Emily* foram todos trabalhar ali antes mesmo que ele abrisse as portas, esfregando o chão, raspando a gordura das lareiras, tarefa particularmente odiosa para vegetarianos, e executando outros trabalhos servis.

Ao noticiar que Krishna trabalharia num hospital, uma revista teosófica comentou: "Afortunados, ou melhor, bem-aventurados os feridos que tiverem o privilégio de ser atendidos por tais mãos." Na realidade, porém, assim que o hospital foi inaugurado, o comitê que o dirigia decidiu que os serviços de Krishna já não eram necessários. Nas quatro semanas seguintes ele esforçou-se muito por conseguir outro serviço; parecia, contudo, que ninguém queria saber dele por ser indiano, o que se lhe afigurou "muito extraordinário". E quando, afinal, se lhe ofereceu a ocasião de trabalhar num hospital inglês em Dunquerque, ficou sabendo que a Sra. Besant se recusava a deixá-lo ir. Só no fim de setembro veio a saber, por intermédio de *Lady De La Warr*, que a Sra. Besant preferia que ele renunciasse à idéia de realizar um trabalho de guerra e continuasse tranqüilamente seus estudos. Pouco depois, ouvia a mesma coisa da própria Sra. Besant. Sua decepção evidencia-se na carta que lhe escreveu de Drayton Gardens, em 7 de outubro:

Muito obrigado pela sua longa carta. A senhora não sabe o quanto sinto haver-lhe causado alguma ansiedade. Diligenciarei para que isso não volte a acontecer. Realmente, lamento-o muito.

Sei que, até agora, não tenho levado minha vida muito a sério e hei de fazê-lo a partir deste momento. Começarei meus estudos na próxima segunda-feira. Eu já decidira estudar depois da carta que a senhora escrevera a *Lady De La Warr*. Estudarei sânscrito, inglês, matemática, história e francês. Terei preceptores para cada uma dessas matérias e pretendo ingressar em Oxford o mais depressa que puder. Estudarei com todas as minhas forças e, depois de Oxford, terei o meu trabalho, que os Mestres e a senhora estabeleceram para mim. Pretendo sinceramente fazê-lo e o farei custe o que custar. Levarei minha vida muito a sério, ajudarei os outros e os farei felizes. Também sei que tenho pensado demasiado em minha felicidade, o que é realmente uma grande tolice, e desde a noite passada, quando recebi sua carta, decidi fazer deveras o que nela está escrito. Andei brincando demais e vou parar com isso. Prometo-lhe que não tornará a ouvir de outras pessoas a mínima queixa de que estou perdendo o meu tempo. Sei que tenho sido um néscio por brincar, ao invés de preparar-me para o meu trabalho futuro. Farei tudo o que puder, minha santa mãe, e homem nenhum pode fazer mais do que isso.

Pensei que a senhora realmente desejasse que eu fosse trabalhar na França. Se eu soubesse que a senhora queria mesmo ver-me criar juízo e estudar, tê-lo-ia feito sem a menor hesitação. Só agora fiquei sabendo o que a *senhora* queria que eu fizesse. Lamento muito se lhe causei algumas preocupações, pois na verdade a amo muitíssimo. Todo o mundo tem-lhe escrito a meu respeito e tenho sido um tolo não escrevendo primeiro.

Tentarei entrar em Oxford assim que puder e farei quanto puder. Na próxima semana já poderei dar-lhe o meu programa de estudos. Eu quisera antes ir para um colégio em vez de ter professores particulares, o que não é uma coisa nem outra. Isto é, se a *senhora* concordar, naturalmente.

Querida Mãe, amo George como sempre e meu amor a *Lady Emily* será o mesmo. Ela não me afastou de George. A princípio, ele ficou enciumado e isso ergueu um muro entre nós. O que é realmente estúpido, porque amo muitíssimo os dois e é tolice dizer que não devo amar mais ninguém. Espero que compreenda o que quero dizer. George está agora mais feliz e creio que tudo irá bem. Farei o melhor que puder e espero que as pessoas lhe escrevam de novo para dizer que tudo melhorou.

Krishna foi obrigado a renunciar ao sânscrito por não encontrar outro professor da matéria depois que a Sra. Besant chamou Shiva Rao para ajudá-la na direção do jornal diário de Madrastra, *New India*. Nessa ocasião, Edwin Lutyens escrevia a *Lady Emily* de Deli, onde passava agora todos os invernos: "Pergunto a mim mesmo se, ao atingir a maioridade [ele só completaria vinte e um anos no mês de maio seguinte], Krishna se sujeitará ao ambiente desnatural em que vive e aos seus métodos de educação, etc.; alimentado com colher e babadouro, deve estar-se incapacitando para o trabalho, a não ser o esotérico, e a sua pobre Índia brada por homens de ação em que possa confiar — e não padres nem políticos."

Por enquanto, todavia, Krishna não tinha outra alternativa senão submeter-se e, assim, em outubro, a vida enfadonha recomeçou para ele e Nitya. Instalados em Drayton Gardens, em companhia da Srta. Bright, recebiam aulas particulares, ao passo que George, num elegante uniforme da Cruz Vermelha anglo-francesa, trabalhava no hospital em que fora transformado o Endsleigh Palace Hotel.

Uma influência brilhante, todavia, penetrara recentemente na vida descolorida dos rapazes na forma de Harold Baillie-Weaver, advogado casado com uma viúva muito mais velha do que ele. Alto, com uma bonita cabeça e uma presença imponente, fora um grande dândi em sua época mas, depois do casamento e da conversão à Teosofia, renunciara à vida de luxo e aboletara-se numa casa de campo em Essex. Continuava, porém, a vestir-se com extrema elegância e conservava a

sua *joie de vivre*. Instilou em Krishna e Nitya um grande amor às boas roupas, apresentou-os ao melhor alfaiate e camiseiro, ensinou-os a engraxar os sapatos e, nos anos que se seguiram, dirigiu-lhes as finanças e ajudou-os pecuniariamente. Era o primeiro homem de sociedade a entrar em contato com eles e os dois se afeioaram muito ao antigo advogado. Além disso, sentiam-se à vontade em sua companhia divertida. Sempre que lhes era possível escapar da sagrada atmosfera da Teosofia, gostavam de sair a compras ou de ir ao cinema, principalmente para assistir a filmes de *cowboy*, ou ficavam mandriando em casa, envoltos num *chambre*. Em Baillie-Weaver ("Padre", como lhe chamavam) encontraram um amigo à sua feição, que exerceu sobre eles uma influência inteiramente boa e humanizadora.

No começo de novembro George Arundale foi nomeado secretário-geral da Sociedade Teosófica na Inglaterra e no País de Gales e, a partir de então, entregou-se às novas obrigações, embora não abandonasse o trabalho no hospital, e Krishna viu-o relativamente pouco. As relações entre eles nunca mais seriam íntimas.

Na terceira semana de novembro, os dois rapazes estavam tossindo tão feio que o médico os mandou para o campo. Voltaram, portanto, a Bude, acompanhados apenas de Wodehouse. Desta feita alugaram quartos numa casa particular, em Sumerleaze, 9, pois o dinheiro andava curto. A Sra. Besant encontrava dificuldade, por causa da guerra, para manter seus pagamentos em dia. Descobriram um padre belga que se dispôs a ensinar-lhes francês. Trabalhando bastante, Krishna esperava passar no primeiro exame para o grau de bacharel em humanidades em Oxford (*Responsions*) em outubro de 1916, dois anos depois do que originalmente se pretendia.

Com George fora do caminho, Krishna e Nitya aproximaram-se mais um do outro; Nitya, além disso, sentia-se muito mais feliz depois do tempo que passara na França, onde ganhara duas medalhas de ouro pelo trabalho que fizera em favor da Cruz Vermelha francesa. "Ele está muito diferente do que no ano passado", escreveu Krishna a Leadbeater em janeiro de 1916. "Está menos duro e, para falar a verdade, muito melhor em todos os sentidos. Irá para Oxford antes de mim, pois é tão inteligente!" E quinze dias depois Nitya escrevia à Sra. Besant a respeito de Krishna:

26 de janeiro de 1916.

Minha querida Mãe

... Krishna mudou tremendamente. Possui uma grande dose de compreensão dos caracteres e é capaz de julgá-los por si mesmo. Já se

apóia muito mais do que antes nos próprios pés e, embora não seja agressivo nem jamais venha a sê-lo, algumas pessoas se irritam com o que denominam sua repentina firmeza e atribuem-na à influência de quem estiver na hora, mais perto dele. Creio que se esquecem de que o seu julgamento pouco provavelmente estará muito errado. O seu amor a *Lady Emily* já não é uma paixão desarrazoada, mas um sentimento muito firme que, na minha opinião, não se alterará, pois o seu temperamento não é suscetível de alterações.

Estou-lhe escrevendo tudo isso porque sei que ele mesmo jamais o faria, e não conheço ninguém capaz de expor os fatos de modo impessoal, pois estive afastado de todas as últimas complicações.

Seu filho devotado

Nitya

A acusação de que Krishna sofria a influência de “quem estivesse, na hora, mais perto dele” acompanhou-o durante toda a vida. Raras vezes se compreendeu que a influência exercida sobre ele de tempos a tempos pelas pessoas sempre foi inteiramente superficial. Quando o “descobriram” em Adyar pela primeira vez, deve ter passado pela cabeça de Leadbeater a idéia de que a mente vazia do menino era um solo idealmente fértil para a implantação de idéias teosóficas. Isso era um fato, mas ninguém compreendeu que tais idéias nunca deitaram raízes. As sementes espalhadas surdiram, obedientes, como plantinhas anuais sensaboronas de ocultismo teosófico. Todos os anos de estudos e condicionamento teosófico mal deixaram sua marca no espírito de Krishna. O que está nele hoje lá estava no princípio. Durante todo esse tempo, o seu verdadeiro ser se desenvolvia e desabrochava lentamente, secretamente, escondido até dele mesmo.

ESTUDANDO PARA O EXAME

As cartas um tanto desconexas de Krishna à Sra. Besant, escritas nos primeiros meses de 1916, giravam todas em torno das suas esperanças de ingressar em Oxford. “Minha dificuldade agora”, contou ele de Bude, em janeiro, “é que meu cérebro, ou o que quer que lhe faça as vezes, não é muito desenvolvido e isso transparece quando trabalho”. Ele reiteraria as observações sobre a insuficiência do seu cérebro durante o ano todo. Mas a aprovação no primeiro exame não era a única dificuldade. New College cancelara os nomes dos meninos por ocasião do processo, e agora Harold Baillie-Weaver, que conhecia o deão de Christ Church, estava tentando colocá-los nesse colégio ou em Balliol, através da influência de um amigo seu, Sir Robert Younger.

Os meninos deixaram Bude para sempre no fim de abril, quando Wodehouse se alistou entre os Guardas Escoceses e, depois de dois meses passados em Londres, foram para a casa de um professor particular, que Baillie-Weaver lhes arranajara — John Sanger, cuja esposa era teosofista — em The Little Hermitage, perto de Rochester, Kent, um casarão com um belo jardim, quadra de tênis e um campo de golfe nas proximidades, e onde já moravam mais três estudantes. Krishna achou o Sr. Sanger um excelente preceptor e gostou do lugar, se bem se sentisse decepcionado quando Sanger lhe disse não haver esperanças de que ele viesse a passar nos exames antes de março de 1917. Decidiu-se, logo, que os dois meninos ficariam em The Little Hermitage até então.

No dia 11 de novembro foram a Londres assistir ao casamento de Raja, que voltava de uma *tourné*e de conferências pela Europa, com uma dama inglesa, a Srta. Dorothy Graham, que ele conhecera em Adyar. Krishna considerou o casamento “muito extraordinário; ele

é a última pessoa que eu imaginaria ver casada". Com efeito, a idéia do matrimônio de um Iniciado era profundamente chocante para a maioria dos teosofistas, a maioria dos quais arruinara casamentos existentes pela abstinência sexual. Dali a uma semana, os rapazes voltaram a Londres a fim de despedir-se dos recém-casados, que embarcavam para a Índia. Dois dias depois de regressar a Rochester, Krishna escrevia a *Lady Emily*. Embora se saiba, por intermédio dela, que, após saírem de Varengeville, em setembro de 1913, eles se escreviam quase que diariamente quando estavam separados, esta é a primeira das cartas dele para ela que sobreviveram e, portanto, aí vai na íntegra:

Nov.: 19: 16.

11,30 da manhã.

Minha Mamãe muito querida,

Foi horrível deixá-la, mãe. Eu sabia que você ficaria triste e também fiquei triste. Pensei em você durante todo o tempo naquele carro em que havia 8 soldados e todas as janelas estavam fechadas. Eles foram rudes quando lhes perguntei, muito polidamente, se não podiam abrir um pouquinho a janela. De qualquer maneira, acabei conseguindo o que queria. Mamãe querida, haverá tantas separações nesta vida que precisamos acostumar-nos a elas se quisermos ser felizes. A vida, na verdade, é uma imensa separação quando se ama *muito* e *puramente* alguém. Nesta vida temos de viver para os outros e não para nós e não devemos ser egoístas. Minha mãe não sabe o quanto me ajudou ultimamente, pois foi você quem despertou em mim o desejo de trabalhar e fazer o que o Mestre quer que eu faça. Foi você também quem me fez viver puramente, pensar em coisas puras e afastar os pensamentos que incomodam tanta gente. Como vê, minha *santa* mãe, você tem-me ajudado, se bem pense muitas vezes que tem sido um estorvo para mim. Agora é minha vez de ajudá-la e de fazê-la como o Mestre a quer, pois quero que Ele veja que minha mãe bem-amada não é como o resto do mundo e satisfará às suas expectativas. Não pense que estou pregando, mãe, só quero ajudá-la como você está-me ajudando, não quero receber tudo sem dar nada em troca. Meu amor a você é muito grande e passará por tudo para ajudá-la nas menores coisas. Você sabe que são muito poucas as coisas que eu não faria por você. Não quero gabar-me, mãe, mas quero que saiba que sou capaz de fazer e farei tudo por você. Pronto! Chega de pregações pois, do contrário, acabaremos todos enjoados disso.

Recebi sua querida carta hoje cedo e, antes de responder a ela, dir-lhe-ei o que tenho feito. Quando voltamos na sexta-feira fizemos café, trabalhamos um pouco e fomos para a cama. Estava horivelmente frio, mas felizmente nos tinham dado botijas de água quente. Ontem nevou e choveu o dia inteiro e, à tarde, todos serramos madeira e tentamos aquecer-nos. Prentice, aquele sujeito ordinário de cara comprida foi-se embora de vez e nunca mais lhe veremos a carantonha. Toda a gente ficou muito satisfeita com isso. Hoje cedo escrevi à Sra. Besant e ao resto do pessoal e li um pouco os dois jornais que você nos mandou [*o New Statesman* e *o Nation*]. Vamos guardá-los todos e se você ou nós quisermos encaderná-los, poderemos fazê-lo. Nityam está mergulhado neles.

Depois do almoço pretendo lê-los com muita atenção e, mãe, se você quiser que leiamos algum artigo especial, assinale-o, assim como os que lhe parecerem interessantes. Será muito divertido.

Responderei agora à sua carta de hoje. Não se preocupe conosco, mamãe, pois estamos de fato muito aquecidos e não queremos edredons, pois há aqui uma porção de coisas e seria um desperdício inútil. Prometo-lhe, mãe, que nos cuidaremos. Não precisa incomodar-se com isso, minha querida mãe. Não há muita coisa para responder em sua carta. *Por favor*, mande-me dizer quanto estamos devendo, ou então, *por favor*, diga-o ao Sr. B.W., que ele pagará. Você *precisa* dizer-me, pois não podemos explorá-la assim, minha querida mãe.

Saiba que penso em você o tempo todo e mando-lhe todo o meu amor e devoção. Estou ouvindo os outros rapazes que voltam da igreja e, por isso, ficarei por aqui. Tornarei a escrever-lhe na segunda ou na terça-feira. Oh! minha mãe, você é muito santa e muito amada por mim.

Seu filho devotadíssimo

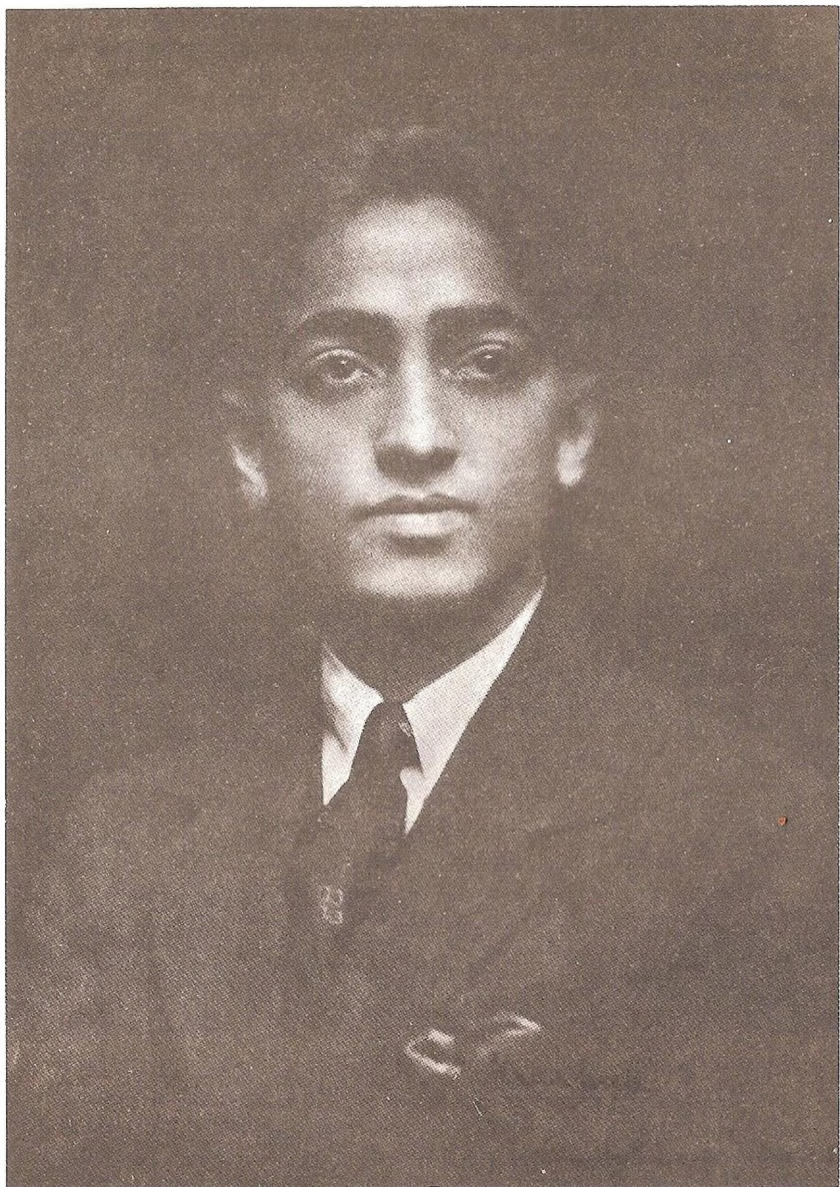
Krishna

Depois de umas longas férias passadas, em parte, com a Srta. Dodge em West Side House, Wimbledon Common, que ela comprara para acrescentar a Warwick House e, em parte, com os Baillie-Weavers em Essex, os rapazes regressaram à casa do Sr. Sanger em Kent em janeiro de 1917. Os olhos de Nitya, nessa ocasião, estavam em tão mau estado que ele já não podia trabalhar com luz artificial, de modo que precisava trabalhar muito mais durante o dia. Os dois pretendiam prestar o primeiro exame em Oxford a 20 de março e Krishna tinha esperança de passar. No começo de fevereiro, entretanto, frustravam-se-lhes todas as esperanças de ingressar em Christ Church ("O deão está assustado", escreveu Krishna à Sra. Besant). Baillie-Weaver tentou outros colégios, além de Balliol mas, já no começo de março, era certo que nenhum estabelecimento de Oxford os aceitaria. O Sr. Sanger esperava agora mexer os pauzinhos para fazê-los entrar em seu velho colégio de Cambridge, embora nesse caso eles precisassem estudar novas matérias, o que demandaria outros oito meses de estudos. Em junho, todavia, compreendeu-se que tampouco havia esperanças de ingresso em Cambridge; agora não lhes restava outra alternativa senão tentar a Universidade de Londres, cujos exames vestibulares seriam ainda mais difíceis que os de Cambridge.

Não admira que Oxford e Cambridge se recusassem a aceitar um menino indiano que, além de ter sido proclamado o futuro Messias, fora acusado de homossexualismo pelo próprio pai; mas nem por isso foi menor o desapontamento de Krishna, que trabalhara realmente com afinco, embora, ao que tudo faz crer, mais para agradar à Sra. Besant do que pelo possível valor que atribuía aos estudos livrescos.



Taormina, janeiro de 1914.
 Em pé: George Arundale, a Dra. Mary Locke, Nitya;
 sentados: Lady Emily, K, a Srta. Arundale



K em Amphion, verão de 1920

Ao que consta, ele nunca se apresentou para uma entrevista com os diretores de nenhum dos colégios. Se o tivesse feito, é bem possível que os resultados fossem outros.

Entrementes, com a ajuda de George Arundale, que agora tornara à Índia, a Sra. Besant estivera empenhada numa campanha tão vigorosa pela Autonomia Política da Índia que, no fim de junho de 1917, ela e George foram internados por três meses em Ootacamund, nas Montanhas Nilgiri. A Sra. Besant nunca advogou a independência da Índia; sua luta visava a conseguir para esse país o *status* de Domínio — isto é, um governo próprio — e se a sua campanha tivesse triunfado, ter-se-ia evitado muito derramamento de sangue. Mas na situação que então vigorava, tanto o governo britânico quanto os extremistas indianos, que desejavam libertar-se inteiramente da soberania britânica, viam nela um perigoso inimigo.

As cartas de Krishna à Sra. Besant agora já não chegavam ao seu destino, de modo que ele se pôs a escrever a Raja, que tinha permissão para ir vê-la em Ootacamund. Krishna contou a Raja, a 8 de julho, que os dois esperavam prestar exames em janeiro próximo futuro e que ele estava estudando inglês, latim, francês e história. Mais tarde estudaria literatura, enquanto que Nitya tencionava cursar a Faculdade de Direito. “Como vê, meu caro Raja”, ajuntou, “serei educado corretamente e não arrastado ao longo do caminho da Educação”. Confessava ser “um desastre em francês”, mas parece ter-se esquecido da matemática, que também precisava estudar e que era a sua pior disciplina. Uma semana depois, escrevia: “Espero, meu caro Raja, que você tenha esquecido meu mau comportamento e minhas tolices de outros tempos.” E, numa carta ulterior: “Como sabe, sou meio puritano, mas gosto de divertir-me um pouco e de uma ‘pândega’ de vez em quando, o que você também sabe por experiência própria.”

A Sra. Besant teve uma tremenda recepção em Madrasta, no dia 21 de setembro, ao voltar para lá depois de ter sido libertada incondicionalmente. Embora sua saúde tivesse sofrido, sobretudo mercê da inatividade forçada, os três meses de martírio serviram apenas para aumentar-lhe a influência e o prestígio, já consideráveis, junto aos defensores da Autonomia Política. Krishna, como não podia deixar de ser, era totalmente favorável a ela, e também manifestou, nessa ocasião, interesse pela política inglesa, pendendo suas simpatias para o Trabalho. George Lansbury, membro trabalhista do Parlamento, que ele conhecera através da Sra. Besant, tornou-se grande amigo seu e membro da Ordem da Estrela no Oriente. “Sou pacifista e quero

ser um cosmopolita completo”, dissera Krishna, em abril, à Sra. Besant. E recusava-se a acreditar nas histórias das atrocidades alemãs.

Conquanto Krishna sempre tivesse aborrecido a violência em qualquer forma e continuasse a fazê-lo, os movimentos políticos lhe interessavam realmente tão pouco quanto os livros. Como deve ter-se sentido entediado nessa ocasião com a interminável e insípida preparação para os exames, estudando matérias para as quais não revelava aptidão alguma! Mas um dos seus poderes inerentes ia agora começar a desenvolver-se.

Você talvez se alegre por saber que estou tratando dos olhos de Nitya [contou a Raja no dia 11 de novembro], que melhoraram muitíssimo, de modo que ele já pode enxergar com a vista esquerda. O Sr. Fleming deu-me algumas lições sobre métodos de cura e, pessoalmente, estou muito entusiasmado com isso... Aqui [em casa do Sr. Sanger], quando alguém tem dor de cabeça ou dor de dentes vem procurar-me, e por aí você pode fazer idéia da minha popularidade.

E, algumas semanas mais tarde, escrevia à Sra. Besant:

Tenho pensado muitíssimo na senhora nestes últimos tempos e daria qualquer coisa para rever o seu querido rosto. Como é engraçado este mundo! Sinto-me tão triste por sabê-la fraca e, no entanto, espero que esteja trabalhando demais, como de costume! Eu só quisera estar aí para poder cuidar da senhora e acredito que a deixaria boa outra vez. Estou desenvolvendo o poder de curar as pessoas e tratando todos os dias dos olhos de Nitya, que já estão muito melhor.

Em dezembro foram para Londres, onde haviam alugado um apartamento em Robert Street, 2, Adelphi, e no dia 14 de janeiro de 1918 prestaram os exames, que duraram quatro dias, para ingressar na Universidade. No dia 17, muito animados, certos de sua aprovação, comemoraram o fato indo com *Lady Emily* assistir à revista *Yes Uncle*. Krishna contou à Sra. Besant no dia 20 que os poucos do exame tinham sido difíceis, mas que em latim, matéria em que estava mais fraco, tinha a certeza de haver acertado cinquenta por cento. No começo de março, no entanto, ficaram sabendo que, embora Nitya houvesse passado com distinção, Krishna “dera com os burros n’água”. Era-lhe preciso, portanto, voltar à casa de Sanger para fazer nova tentativa em junho. O nome de Nitya foi registrado em *Lincoln’s Inn* e em junho ele começou a freqüentar-lhe os jantares, sendo que o jantar no refeitório da Universidade era uma preliminar necessária à freqüência da escola de Direito e, portanto, ao futuro exercício da advocacia.

O Sr. Sanger ficou muito decepcionado com a reprovação de Krishna. Ele observara que, embora Nitya possuísse a mente mais aguçada, a de Krishna era maior que a do irmão, pois tinha uma compreensão mais ampla dos assuntos, se bem levasse a desvantagem de não poder expressar prontamente seus pensamentos.

DEPOIS DA GUERRA

Desde o regresso de George à Índia, *Lady Emily* se tornara responsável pela direção do *Herald* e, de acordo com as idéias e sentimentos de Krishna, emitia uma nota pacífica. O nome de Krishna como diretor fora retirado da capa em setembro de 1917 e não se leu uma única palavra dele nem sobre ele na revista, desde o princípio da guerra até 1919. Numa carta da Austrália, Leadbeater transmitira à Sra. Besant a grave decepção do Senhor Maitreya com a revista (a qual, com certeza, não publicara um artigo mandado por Leadbeater); o desprazer do Senhor foi retransmitido a *Lady Emily* num longo telegrama de Adyar, que ela recebeu no dia 5 de maio de 1918, e que sugeria, entre outras coisas, a sua substituição como diretora por Wodehouse, que dera baixa do exército por haver sido ferido numa perna. "Outro golpe amargo para mim, outro fracasso", anotou ela em seu diário. Escreveu imediatamente a Krishna e foi confortada três dias depois por "uma querida carta" dele, "tão sábia". Era o tipo de carta que lhe caberia escrever muitas vezes no futuro:

De certo modo, estou *muito* contente por você ter recebido esse choque, porque a personalidade será posta fora de combate, e tenho absoluta certeza de que só por esse meio se pode realmente servir o Senhor... A personalidade é a maldição dos teosofistas e não deixe que ela seja a sua. A vida é difícil e através das dificuldades passamos para um estado melhor e mais feliz. Entrementes, o sofrimento deve ser suportado e não se pode permitir que ele interfira com coisa alguma. Pronto!

Ele disse-lhe, ao mesmo tempo, que também não estaria preparado para prestar exame em junho; ser-lhe-ia preciso esperar até setembro.

Não obstante, no dia 24 de maio, saiu de vez, agradecido, da casa do Sr. Sanger e, no dia 30, numa reunião em Londres a que

ele compareceu, ficou decidido que Wodehouse e *Lady Emily* trabalhariam juntos como diretores associados do *Herald*. Krishna contou esse fato a Raja no mesmo dia, acrescentando que a revista devia ser "internacional". "Usando a palavra 'internacional' quero incluir assim os inimigos como os aliados. É muito importante ter isto em mente, pois acho que não haverá distinção alguma entre o aliado e o inimigo quando chegar o Senhor, que terá uma mensagem tanto para o pretenso inimigo quanto para o aliado." Dizendo isto, Krishna lançava sua vontade contra a de Leadbeater, antigermânico inveterado e que dera a entender, na mensagem que "trouxera" do Senhor Maitreya ao queixar-se da deterioração do *Herald*, que as simpatias da Hierarquia Esotérica pendiam também inteiramente para os aliados.

Krishna e Nitya passaram o verão, em parte, em Old Lodge, Ashdown Forest, onde haviam ficado em 1912, e, em parte, em West Side House, Wimbledon, que a Srta. Dodge partilhava com *Lady De La Warr*. Nesse casarão com o seu belo jardim, que incluía duas quadras de tênis, os meninos viram-se cercados de todos os luxos imagináveis, pois a Srta. Dodge vivia em grande estilo.¹ Mas a fruição desse luxo por parte deles, depois dos alojamentos baratos de Bude e Little Hermitage, foi um tanto prejudicada por um senso de restrição. Eles tinham de comportar-se de maneira muito formal e sabiam que seus deslizes, tais como uma frivolidade indevida ou o malbarato do tempo, podiam ser relatados à Sra. Besant por *Lady De La Warr*. A Srta. Bright também se mudara para uma linda casa georgiana que lhe dera a Srta. Dodge em Wimbledon Common, e também se achava em constante comunicação com a Sra. Besant.

No dia 9 de setembro Krishna voltou a prestar exames e, embora tivesse a impressão de haver-se saído bem em todas as matérias, exceto o latim, verificou, quando foi saber dos resultados na Universidade de Londres no dia 1.º de outubro, que fora reprovado em matemática. Os Baillie-Weavers alugaram então uma casa em Wimbledon Common, The Brockencote, Burghley Road, onde os rapazes passaram a viver em maior liberdade que em West Side House, e Krishna viajava todos os dias de ônibus e metrô para assistir a conferências na Universidade de Londres. Essa viagem diária por um meio sempre abarrotado de transporte público, depois da tranqüila rotina com professores particulares,

1. West Side House em West Side, Wimbledon Common, construída no reinado de Jorge II, foi hoje transformada em apartamentos. Não se alterou a fachada, nem tampouco o vestíbulo e a escada, conquanto a maior parte do jardim tenha sido incorporada ao Cannizaro Park, franqueado ao público. Não obstante, ainda é possível traçar as antigas divisas do jardim de West Side House.

exerceu severa pressão sobre o seu sensível sistema nervoso (como ele mesmo escreveu mais tarde a Raja, “sou democrata, mas não gosto de gente muito perto de mim”) e, em novembro, a gripe que então grassava na capital inglesa derrubou-o também. Como, por ocasião do seu completo restabelecimento, faltassem poucos dias para o término do período letivo, desistiu dos estudos e foi para o campo em companhia de Nitya, que também estivera doente. Krishna sabia que não adiantaria prestar exames em janeiro, como pretendia inicialmente.

Antes de partir de Londres, ele contou à Sra. Besant, em carta de 15 de dezembro, que os olhos de Nitya estavam melhores mas não haviam sarado de todo. “Ele é um esplêndido sujeito, ainda que eu não devesse dizê-lo”, acrescentou. Também contou que, na véspera, dia de eleição, estivera em Bow “a fim de ajudar na votação do Sr. Lansbury”. (Lansbury foi derrotado por pequena margem pelo candidato da Coalizão, Major Blair. A Coalizão venceu as eleições por 262 votos.) Krishna esperava que a Sra. Besant fosse para Londres em fevereiro de 1919.

Não posso dizer-lhe o que estou sentindo à idéia de sua vinda para cá e também à idéia de vê-la [escreveu na mesma carta]. Faz mais de quatro anos e meio que a vi pela última vez e muitas coisas aconteceram desde então. A senhora constatará uma grande mudança em mim exceto numa coisa, a saber, que minha devoção e amor à sua querida pessoa nunca mudou. As palavras são muito fúteis e não podem, de maneira alguma, transmitir os verdadeiros sentimentos de uma pessoa, ainda que se trate de um mestre no assunto. Por isso, mãe muito querida, eu, que ainda não sou nenhum feiticeiro em matéria de palavras, não posso expor-lhe no papel, por meio delas, os pensamentos que estão constantemente em meu cérebro e em meu coração. Para mim será uma nova vida, dar-me-á um ponto de vista diferente sobre a vida e modificará totalmente minha perspectiva da natureza humana.

A senhora pode dar-me tudo o que enobrece e, no entanto, ser uma mãe que, em minha opinião, não se encontra na civilização moderna, sobretudo aqui. Só posso fazer muito pouco em comparação com o que a senhora tem feito por mim. Posso dar-lhe, e os darei, mãe querida, a devoção e o amor mais puros e ser um filho de verdade, em que a senhora poderá apoiar-se. Isso no tocante aos meus pensamentos mais íntimos.

Mas a chegada da Sra. Besant só ocorreria dali a cinco meses. Quando voltaram a Londres, os rapazes tornaram a partilhar do apartamento de Robert Street, pois a viagem desde Wimbledon era demasiado cansativa para Krishna; este ia todos os dias à Universidade de Londres, enquanto Nitya continuava a estudar Direito. Embora Krishna já tivesse quase vinte e quatro anos e Nitya quase vinte e um, ainda eram chamados “os meninos”.

A Sra. Besant chegou no dia 6 de junho. Achava-se agora tão profundamente envolvida em sua lida pela Autonomia Política da Índia que pusera de lado de propósito os últimos vestígios dos seus poderes psíquicos e, dali por diante, passou a fiar-se inteiramente das pessoas de sua confiança em matéria de comunicações ocultas; não obstante, continuava a proclamar o advento do Mestre Universal em todas as oportunidades, não só nas conferências mas também nas páginas do *Theosophist*. Leadbeater apregoava igualmente a vinda do Mestre em *Theosophy in Australia*, embora raras vezes se comunicasse com o "veículo".

No dia 14 de junho Krishna presidiu, em Londres, a uma reunião da Estrela em que a Sra. Besant falou, o primeiro trabalho desse gênero que ele executava desde a última estada dela na Inglaterra. Impaciente e enérgica como sempre, ela percorreu toda a Inglaterra e toda a Escócia no verão de 1919, falando sobre múltiplos assuntos, conquanto sua principal preocupação naquele momento fosse pressionar o Parlamento para votar o projeto de lei do Governo da Índia e fundar uma Liga da Autonomia Política da Índia na Inglaterra.

Em julho os meninos foram passar algum tempo com *Lady De La Warr* numa casa que ela alugara à beira-mar na Escócia, em Gullane in East Lothian, perto do famoso campo de golfe de Muirfield, onde se realizava o campeonato; jogando golfe todos os dias, Krishna logo se tornou um golfista de escol. De acordo com a Sra. Jean Bindley, Representante Nacional escocesa da Ordem da Estrela no Oriente, Krishna levantou um campeonato em Gullane, que, teria ele dito a ela, foi o momento mais orgulhoso de sua vida. O próprio Krishna sustenta que nunca foi capaz de jogar bem em competições.

Quando regressaram a Londres, Krishna e Nitya encontraram um novo amigo em Jamnadas Dwarkadas, rico negociante de algodão de Bombaim, convertido à Teosofia em 1912 e que viera à Inglaterra especialmente para ver Krishna. Conheceram-se num almoço no dia 1.º de agosto em casa do Dr. Haden Guest e, no que diz respeito a Jamnadas, foi "amor à primeira vista". Tornaram-se logo tão amigos que, na manhã seguinte, ainda bem cedo, Jamnadas foi a West Side House, Wimbledon, a casa da Srta. Dodge em que Krishna se achava hospedado, e foi conduzido diretamente ao quarto de Krishna. Jamnadas ficou boquiaberto ao dar com o futuro Mestre Universal sentado no chão, com as pernas cruzadas, limpando os sapatos, e perguntou por que um dos criados não fazia esse serviço. Krishna replicou que ele o fazia muito melhor e que, se Jamnadas quisesse confiar-lhe os seus, deixá-los-ia brilhantes como nunca. Jamnadas também se tornou bom

amigo de Nitya e familiarizou-o com o seu desporto predileto, as corridas de cavalos.

Em setembro os Lutyens mudaram-se para uma casa grande em Mansfield Street, perto de Cavendish Square, que Krishna e Nitya visitavam com tanta frequência que Mary, a filha mais moça, então com onze anos, lhes procurava esperançosa, todas as tardes ao voltar da escola, sobre a mesa do vestíbulo, os chapéus moles de feltro, cor de cinza, e as bengalas de rotim com pomo de ouro. Eles usavam polainas cinzentas claras, mandavam fazer os sapatos no Lobb's (tinham os pés tão estreitos que não podiam calçar sapatos já prontos), as roupas em Meyers and Mortimer, as camisas em Beale and Inman, compravam as gravatas no Liberty's e cortavam os cabelos no Trumper's. Sendo Nitya mais baixo do que o irmão, um não podia usar as roupas do outro, mas as camisas, meias, lenços e roupas de baixo eram intercambiáveis, e todas muito bem bordadas com suas iniciais conjuntas JKN.

Mary se recorda de que eles viviam cercados de um encanto que criavam em torno de si aonde quer que fossem.

Em primeiro lugar [escreveu ela], eram muito mais asseados do que qualquer outra pessoa que eu já conhecera... seus sapatos marrons limpos estavam sempre tão bem polidos, e seus cabelos pretos e lisos, repartidos ao meio, que rescendiam a uma pomada qualquer, deliciosa, usada por ambos, eram sempre tão lustrosos!... Esses dois irmãos pareciam-se mais um com o outro do que dois irmãos ingleses, porque o fato de serem estrangeiros os colocava igualmente à parte. O sotaque com que falavam o inglês tinha uma cadência idêntica e o riso de ambos o mesmo tinido agudo... Eram ambos capazes de dobrar as primeiras juntas dos dedos sem dobrar as segundas. Nitya não seria tão classicamente belo quanto Krishna, mas seu rosto tinha um grande encanto e o seu sorriso era irresistível.

O extremo asseio físico deles e o cuidado que dispensavam às suas roupas faziam Mary sentir-se suja e mal arrumada. Ela dedicava uma atenção especial à sua aparência e lavava-se muito escrupulosamente quando sabia que ia vê-los.

Nessa época, Krishna acabara de descobrir P. G. Wodehouse e Stephen Leacock, e Mary lembra-se dele na sala de estar em Mansfield Street lendo *Nonsense Novels* e *Piccadilly Jim* em voz alta e "rindo tanto que tropeçava nas palavras". Ficava em pé, encostado à estante de livros, enquanto lia em voz alta. Nunca parecia sentar-se, a não ser às refeições.

Em outubro a Sra. Besant levou Krishna e Nitya a Paris para uma curta visita; ao regressarem, os meninos mudaram-se para um

apartamento na Duke Street, 33, St. James's, de onde, a 5 de novembro, Krishna escreveu a Sacha de Manziarly, um novo amigo que fizera em Paris:

Perguntei à Sra. Besant se faria alguma objeção a que eu vivesse em Paris ou em qualquer parte da França para aprender o francês e, de um modo geral, aumentar o cérebro que eu porventura tenha. Ela, felizmente, não opôs nenhuma objeção, de modo que espero estar aí na primavera. *Preciso* aprender o francês e estender nossa amizade. Sou péssimo para expressar meus sentimentos, mas espero que você compreenda. Venha para cá antes da primavera. Eu estava contando a *Lady Emily* tudo a seu respeito e o quanto gosto da sua companhia, como se você já fosse um grande amigo meu.

Sacha era o filho único, de vinte anos, de uma família com a qual Krishna não tardaria a ligar-se por laços de íntima amizade; era um jovem encantador, apesar de haver perdido uma perna na guerra. Da carta acima se deduz que Krishna, a essa altura, já renunciara à esperança de entrar para a Universidade de Londres. Sem embargo disso, continuou a assistir a conferências ali durante o inverno, mas não parece ter levado os estudos muito a sério, pois ia freqüentemente a Mansfield Street à tarde e, todos os fins de semana, ele e Nitya iam ao cinema com *Lady Emily* e os filhos mais moços dos Lutyens, quase sempre o New Gallery em Regent Street.

Nitya tivera um grande golpe de sorte em novembro. Jamnadas, que ainda estava em Londres, sonhara que um cavalo com as iniciais K.J. (o inverso de J.K.) ganharia uma corrida. Descobriu que um cavalo chamado King John deveria correr no "Handicap de Novembro" em Manchester. Ficou ainda mais animado a acreditar no sonho quando viu que o jóquei tinha as iniciais E.A.W. (Ernest Armine Wodehouse). Jamnadas contou a Nitya o sonho que tivera e ambos apostaram no cavalo em Londres, onde ele pagava 8 por 1. Foram juntos também, em segredo, a Manchester e puseram ainda mais dinheiro na corrida. O cavalo ganhou, proporcionando a Jamnadas um lucro líquido de 1 300 libras esterlinas e a Nitya uma soma igualmente considerável, embora menor. (A corrida aconteceu num sábado, dia 22 de novembro. King John venceu pagando 13 por 2. O jóquei foi E. Wheatley.) Os dois só voltaram a Duke Street naquele dia *depois* das onze horas da noite. Preocupadíssimo, Krishna quis saber onde haviam estado o dia todo. Muito satisfeitos consigo mesmos, eles contaram-lhe que tinham ido às corridas em Manchester, ao que ele retrucou: "Vocês dois parecem muito sujos; estão precisando de um bom banho." Falaram-lhe, então, jubilosos, do dinheiro que tinham ganho. "É por isso que parecem e se sentem sujos", replicou ele.

“Muita gente deve ter perdido para que vocês pudessem ganhar tanto dinheiro.”

Para Nitya, contudo, a corrida teve um desfecho ainda mais frustrante do que esse: com o que ganhara e mais um pouco que Jamnadas lhe emprestou, comprou um automóvel Isotta Fraschini, só para receber da Sra. Besant a ordem de livrar-se do carro incontinenti. Não se sabe que fim teve a pecúnia; é provável que ele fosse obrigado a doá-la aos fundos teosóficos. De qualquer maneira, o principal resultado desse caso foi despertar em Nitya a ambição de ganhar algum dinheiro que pudesse chamar seu.

A VIDA EM PARIS

Nitya foi aprovado nos exames de Direito Constitucional e História do Direito no dia 13 de janeiro de 1920. Krishna tentou prestar exames outra vez no dia 20, mas compreendeu que não tinha possibilidades de passar. Lembra-se de haver entregue as provas em branco. A Sra. Besant já concordara em que melhor agora para ele seria estudar línguas a fim de poder falar em todas as partes do mundo quando chegasse o momento de iniciar o trabalho de sua vida, de modo que, sem esperar pelo resultado dos exames, saiu de Londres rumo a Paris no dia 24 de janeiro. No mesmo dia, Nitya mudou-se por conta própria para um apartamento em Picadilly 69 e começou a estudar Direito Penal e a jantar com maior frequência em *Lincoln's Inn*.

Krishna hospedou-se primeiro em casa da Sra. Zelma Blech e de sua irmã, a Srta. Aimée Blech, na Avenue Montaigne, 21, onde tinha sua própria sala de estar. A Sra. Blech, viúva, irmã de Charles Blech, era a Representante Nacional francesa da Ordem da Estrela. Voltara a usar o nome de solteira, e ela e mais a irmã moravam com o irmão, que, naquele momento, estava sendo operado num hospital.

Krishna escrevia longas cartas a *Lady Emily* a cada dois ou três dias, dando conta pormenorizada de tudo o que fazia e dos seus sentimentos mais íntimos. A princípio, sentiu-se terrivelmente saudoso dela. No dia 25 de janeiro ele escreveu a respeito da sua partida na Victoria Station:

Assim que o trem começou a andar, senti o coração na garganta e tive de engolir em seco, mas não pude impedir que as lágrimas me assomassem aos olhos e fui obrigado a colocar um jornal diante do rosto. Como todas as coisas, isso passou, mas a ferida ainda está aqui e só será curada quando eu tornar a vê-la... Que foi o que você fez depois que parti? Precisa contar-me *tudo, tudo* o que faz, que pensa, que compra...

No dia 1.º de fevereiro ele escrevia: “*Nunca* realizarei meu sonho, tanto mais maravilhoso quanto mais triste e menos obténível. Você o conhece, mãe, pois é estar com você — *ad infinitum*. Mas sou um *lusus naturae* (capricho da natureza) e a natureza se diverte com o seu capricho, enquanto o capricho sofre.”

Uma das primeiras pessoas que Krishna viu em Paris foi Fabrizio Ruspoli, que estivera em Adyar quando ele fora “descoberto”. Ruspoli retornara à marinha ao rebentar a guerra e estava agora em Paris como chefe da Delegação Naval Italiana à Conferência da Paz.

Ruspoli e eu almoçamos num restaurantzinho [contou Krishna a *Lady Emily* na mesma carta de 1.º de fevereiro]. Conversamos por um tempão. Ele está muito perturbado, como eu. Pobre velho Ruspoli... Com 42 anos de idade, sente-se desamparado, não acredita em nenhuma das coisas que C.W.L. [Leadbeater] ou a Sra. Besant disseram... Não sabe o que fazer, não tem ambição. Na verdade, estamos ambos no mesmo barco infeliz... Ele pensa e sente tudo o que sinto mas, como ele diz, que é que se há de fazer? Nós dois nos sentimos desgraçados.

E dez dias depois: “Oh! mãe, sou jovem, deverei acaso envelhecer tendo a tristeza por eterna companheira? Você teve sua mocidade, sua felicidade, e teve o que pode ser dado pelo homem e por Deus, um lar. Todos nós passamos por momentos de depressão, por isso desculpe-me.” E no dia 20 de fevereiro: “Você me pergunta se sou feliz. Porventura são felizes as flores sem o seu querido sol? Deixemos, portanto, para trás essa pergunta, visto que nada pode advir dela. Estou interessado em minha nova vida mas não me sinto empolgado por ela.”

Ele não tardaria a interessar-se pelos novos amigos. Havia Isabelle Mallet, que conhecera em novembro, prima de Guillaume Mallet, bela e talentosa jovem amarrada pela paralisia a uma cadeira de rodas; havia também a família Manziarly, que ocupava um apartamento perto dos Blechs, à Rue Marbeuf, 2. A Sra. de Manziarly (em solteira Irma Luther), russa casada com um francês muito mais velho do que ela, era uma mulher de grande beleza, cultura, erudição e vitalidade, quatro anos mais moça do que *Lady Emily*. Fora um dos primeiros membros da Ordem da Estrela na Europa e nela inscrevera os quatro filhos quando estes ainda eram muito pequeninos. A filha mais velha, Mima, cursava uma universidade nos Estados Unidos quando Krishna foi a Paris pela primeira vez; Sacha tinha agora um emprego em Viviez, no Sul da França, e raro vinha a Paris; nessas condições, foram as duas filhas menores, Marcelle e Yolande (Mar e Yo), de nove e quinze anos respectivamente, que se tornaram as constantes companheiras de Krishna. Bela musicista, Mar tocava piano e compunha. Os de Man-

ziarly tinham muito maior vitalidade e alegria natural que os Lutyen e eram muito mais extrovertidos. Sacha, sobretudo, sabia ser divertidíssimo e Krishna gostava de percorrer Paris em sua companhia, enquanto que Mar e Yo o tratavam com um misto de galhofa e reverência que ele achava delicioso.

As meninas o conheceram no dia 29 de fevereiro no apartamento de Isabelle Mallet, à Rue de Miromesnil, 33. “Nosso contato foi imediato”, recorda Mar; depois disso, passaram a vê-lo todos os dias e ajudaram-no muitíssimo com o seu francês. A Sra. de Manziarly, que ele conhecera antes, era mais séria; deu-lhe lições de francês, levou-o a galerias de pintura, à Comédie Française e ao balé russo, e apresentou-o a muitas pessoas interessantes e importantes, que conhecia. “Gosto *muito* da Sra. de Manziarly”, contara ele a *Lady Emily* no dia 8 de fevereiro, “é muito amável comigo e faz tudo para agradar-me”. Levava-o ao Louvre e o “instruía”, pois tinha profundos conhecimentos de pintura. O que, no seu entender, lhe era proveitoso. Mas acrescentava, caracteristicamente: “Prefiro um belo cenário.” *Lady Emily*, por certo, nunca tentara instruí-lo; tinham ido sempre juntos a comédias e ao cinema e ela compartilhava da sua paixão pelos filmes de *cowboy*.

Isabelle Mallet sentia-se muito infeliz porque o homem que ela amava morrera recentemente. Krishna sentiu-se perturbado, pois nada podia fazer para consolá-la.

Quando chega um momento muito crítico [escreveu ele a *Lady Emily*], nem a Teosofia nem todos os seus livros são capazes de ajudar. Ela [Isabelle] quer ver os Mestres física ou mentalmente e não acredita no que disseram A.B. e C.W.L. Na verdade, ela sente o que nós [ele e Nitya] sentimos nos dois ou três últimos anos... Tentei persuadi-la a não despertar poderes ocultos e todo esse tipo de coisas, mas é por isso que ela anseia... Ao sair, beijei-lhe a pobre mão e senti-me muito mal... A pobre Isabelle desejando ver o Mestre, a Sra. de M. a mesma coisa, e eu, como você sabe, pouco me incomodando com isso.

Krishna ficou embaraçado ao descobrir que a Sra. de Manziarly, Sacha e Isabelle se sentiam “inspirados” por ele. Assegurou-lhes que havia milhares de pessoas assim, com uma diferença: eles não as tinham conhecido. A Sra. de Manziarly lhe contara, disse ele a *Lady Emily*, que, ao ver a Sra. Besant pela primeira vez dez anos antes, sua vida mudara de todo e agora, ao conhecer Krishna, soara-lhe outro momento decisivo; ele era uma “chama viva” para ela.

De repente, enquanto ela falava [prosseguiu, na mesma carta], perdi a consciência dela, da sala e de *toutes les choses, toutes*. Foi como se

eu tivesse desmaiado por um segundo, esqueci o que estava dizendo e pedi-lhe que repetisse minhas próprias palavras. É absolutamente indiscutível, mãe. Dir-se-ia que meu espírito e minha alma tivessem sido levados embora por um segundo e garanto-lhe que me senti muito estranho. A Sra. de M. não tirou os olhos de mim durante o tempo todo. Eu disse que me sentia muito esquisito e exclamou: "A sala está *muito* quente, não está?" Pois não queria que ela me julgasse "inspirado" ou qualquer coisa assim, mas o fato é que me *sentia* realmente inspirado e muito esquisito... Precisei levantar-me e ficar em pé para reunir minhas idéias. Asseguro-lhe, mãe, que foi muito estranho, muito estranho. Aqui entre nós *absolutamente*, na linguagem teosófica, havia alguém ali, mas não contei a ela.

Antes de conhecer as Manziarly ele fora para o Sul da França, a 12 de fevereiro, em companhia do Capitão Max Wardall, teosofista norte-americano, a quem Sacha o apresentara e que conhecia Leadbeater. Aliás, teria de deixar o apartamento dos Blechs de qualquer maneira, pois o Sr. Blech estava saindo do hospital e a Sra. de Manziarly prometeu arranjar-lhe um apartamento enquanto ele estivesse fora. Krishna e Max Wardall hospedaram-se primeiro no Hotel Astoria, de Nice, por três dias. No primeiro dia foram de automóvel a Monte Carlo e tomaram chá no Cassino, mas não puderam entrar nos salões de jogos porque não tinham levado os passaportes. Uma mulher no Cassino sorriu para Krishna, seguiu-o e fez tudo para atrair-lhe a atenção. Ele assegurou a *Lady Emily* que "não se mexeu uma única vez", que ficou "feito pedra", e que, dali a uns quinze minutos, ela o deixou em paz. Voltando a Nice, passaram a noite com duas moças russas, amigas de Wardall, com as quais "foram a um clube e dançaram!!" Elas não sabiam dançar, nem eu, de modo que me senti aliviado, mas dançamos assim mesmo. Nada aconteceu, mãe querida, e não se ria, mãe".

Na última tarde, enquanto tomavam chá no Cassino de Nice, Krishna sugeriu a Wardall que

seria esplêndido controlarmos a bolinha com a força de vontade. Poderíamos apostar quanto quiséssemos e quebrar a banca. Precipitamo-nos para a mesa e começamos. Imaginei colocar um pequeno elemental no meio da mesa para tomar conta da bolinha e colocá-la no 3, no 4 ou no 5. Isso funcionou e houve um momento em que chegamos a ter 100 francos, embora tivéssemos começado com 10, mas acabamos perdendo tudo. Estávamos terrivelmente entusiasmados com a história.

No fim, tiveram um prejuízo de 20 francos. Teria havido, acaso, um traço de inveja na reação de Krishna ao dia feliz e bem-sucedido de Nitya e Jamnadas em Manchester?

A 17 de fevereiro mudaram-se para o Hotel Savaurain em Cagnes, onde havia um campo de golfe e onde a diária completa era de 25

francos, sendo que uma libra, naquele tempo, se trocava por 45 francos. Krishna escreveu dali a *Lady Emily*:

Deixei a cidade detestável e feia para trás e subi o morro. Cada passo que eu dava me recordava Taormina. O cheiro da chuva e o vento fresco que vinha dos Alpes me traziam tais lembranças de alegria que quase acreditei na sua presença ali... Faz uma semana que não recebo uma carta sua, fato inédito nos últimos 6 anos... Oh! minha mãe, como eu a quero, mas nunca posso tê-la! Esse pensamento é muito deprimente e melhor será esquecê-lo.

Embora continuasse a amar *Lady Emily*, nunca mais sentiria tantas saudades dela depois do tempo passado em Cagnes. A partir de então, ela deixou de influir em sua vida, o que não a impediu, nos quinze anos que se seguiram, de continuar a ser sua principal confidente; ele se abria nas cartas que lhe escrevia como não o fazia com mais ninguém.

Antes de voltar a Paris no dia 27 de fevereiro, Krishna e Wardall foram passar alguns dias em Monte Carlo. Foi provavelmente ali que ocorreu certo incidente. Wardall saiu e deixou-o sozinho no hotel. Enquanto ele estava só, uma mulher casada dirigiu-lhe a palavra e pediu-lhe que subisse ao quarto dela para conversarem. Cheio de boa fé e inocência, ele acompanhou-a, pois ela parecia muito boazinha e não tinha nada "daquele tipo de mulher". Chegados ao quarto, ela trancou a porta e começou a abraçá-lo. Ele ficou tão apavorado que ela abriu a porta incontinenti, dizendo: "Você não é disso, é?". Só mais tarde alguém lhe fez ver, e ele já não se lembra de quem foi, como teria sido perigosa a sua posição se o marido da mulher o tivesse encontrado ali. Ela, sem dúvida, o julgou homossexual. Em realidade, todas as suas tendências eram heterossexuais mas, naquele tempo, ele acreditava, como a maioria dos teosofistas, que o sexo era algo sujo que precisava ser sublimado. Parte da atração que *Lady Emily* lhe inspirou veio do horror dele ao sexo pois, quando ele a conheceu, ela já começara a evitar esse aspecto da vida matrimonial.¹

Krishna possuía uma natureza intensamente amante, mas ainda era inocente no respeitante a mulheres, que o assustavam muitíssimo. "Não tenho tido aventuras", confessara a *Lady Emily* logo após sua

1. Estão faltando as cartas de Krishna a *Lady Emily* entre 20 de fevereiro e 7 de abril. Podemos, portanto, presumir que o incidente com a mulher ocorreu em Monte Carlo, pois se tivesse ocorrido em Cagnes ele teria sem dúvida contado a ela. Naquela ocasião, ele parecia não esconder dela nenhum pormenor de sua vida, por mais íntimo que fosse.

chegada a Paris, “nem as desejo e, quando vejo uma mulher, evito-a com cuidado: ou me afasto dela ou cravo os olhos no chão... Essas mulheres são apavorantes, pintadas, cheias de ruge e cheirando como farmácias — credo!” e quando, mais tarde, foi ver *Quo Vadis*, saiu mais cedo “antes que aparecesse a dama nua”. Mas não deixava de ser fisicamente um homem muito normal, como o mostram suas cartas: tão grande era a sua intimidade com *Lady Emily* que até podia contar-lhe, de forma tocante, os seus sonhos “maus”, que ele achava “bestiais”, e não podia compreender por que seus pensamentos eram sempre perfeitamente puros durante o dia.

Krishna encontrou Nitya em Paris quando voltou no dia 28 de fevereiro; Nitya, na verdade, lá estava desde o dia 21. Em Londres, ele andara bolando um plano para ganhar dinheiro com a formação de uma companhia importadora de automóveis e tratores para a Índia. Em conexão com isso, mandara diversos telegramas a Jamnadas, que regressara à Índia, embora o verdadeiro interessado no negócio fosse um amigo de Jamnadas, Ratansi D. Moraji, outro rico negociante de algodão e teosofista de Bombaim. Na extremidade londrina, Nitya recebera uma recomendação de *Lady Churchill* e fora por ela apresentado ao Mestre de Sempill, herdeiro de Lorde Sempill, que apoiava o plano.¹

Nitya estava muito feliz em Paris, onde conhecera Isabelle Mallet e os de Manziarly. (Nos *memoranda* do seu diário relativo à semana que terminou no dia 19 de fevereiro, ele escreveu que a execução de Marcelle era “maravilhosa” e que ele e Isabelle haviam “descoberto como ambos eram bonzinhos e tinham ficado amigos. Se ela tivesse saúde!!! Quem sabe o que seria capaz de fazer com os homens!”) Mas era à Sra. de Manziarly que Nitya se afeiçoaria particularmente; ele começou a achar que nela, afinal, encontrara uma amiga realmente sua e que não o amava só por ser ele irmão de Krishna. Yo de Manziarly também o amava muito especialmente, e o mesmo fazia Mary Lutyens, mas estas não passavam de crianças. Era de um amor maduro que ele precisava.

Nitya regressou a Londres a 8 de março e escreveu à Sra. de Manziarly no mesmo dia para dizer que “os negócios iam tão bem

1. O Mestre de Sempill (1873-1965) foi um pioneiro da aviação e também se interessava muito por automobilismo. *Lady Churchill*, filha do Conde de Lonsdale, era uma seguidora da Sra. Besant. Casara com o 1.º Visconde Churchill em 1887. O marido, menos paciente do que Edwin Lutyens, conseguiu divorciar-se dela em 1927, alegando abandono do lar.

que não podiam ser descritos com palavras”, de modo que o seu plano, a essa altura, já devia ter amadurecido. A 18 o próprio Ratansi chegou à Inglaterra. No dia seguinte houve uma reunião de negócios em que também estiveram presentes Ratansi e o Mestre de Sempill. Nessa ocasião, Nitya já decidira voltar para a Índia com Ratansi; telegrafara à Sra. Besant para dar-lhe notícia da sua intenção e reservara o seu beliche para 12 de março. Dez dias depois saiu de Londres rumo a Paris em companhia de Ratansi, tendo desocupado o apartamento e anotado em seu diário: “O exame de Direito Penal terá de esperar um pouco mais.”

Assim que pôs os pés em Paris, Nitya recebeu um telegrama da Sra. Besant ordenando-lhe que permanecesse na Inglaterra: sua principal obrigação consistia em tomar conta de Krishna; se Krisna se metesse em apuros em Paris, Nitya poderia alcançá-lo com facilidade de Londres. A destruição de todas as suas esperanças e de todos os seus planos deve ter sido um golpe terrível para ele; e embora se tivesse sentido empolgado com o empreendimento, limitou-se a fazer o seguinte reparo em seu diário: “A.B. a todo-poderosa.”

Permaneceu em Paris, confortado pelos de Manziarly, ao passo que Ratansi, que deliberara só voltar à Índia em sua companhia, regressou a Londres. Em meados de abril, Nitya embarcou para Turim a fim de ali passar uma semana, provavelmente para resolver alguns negócios de automóvel; o estado de espírito com que fez a viagem pode ser avaliado pelos comentários que inseriu em seu diário enquanto lá esteve: “Inferno, Inferno, Inferno” por três dias, e depois nos *memoranda*: “Turim, a mais desgraçada em minha vida.” À Sra. de Manziarly escreveu de Turim no dia 17 de abril: “É uma coisa extraordinária, mas até agora não desfrutei de prazer algum que não me fosse preciso pagar muito caro. A razão disso deve ser porque meus prazeres figuram com certeza entre os proibidos, ao passo que os permitidos não são desfrutáveis.”

Ele tornou a Paris e ali ficou até 28 de abril, voltando, a seguir, para outro apartamento mobiliado e solitário em Londres, em Hans Court, 22, Hans Road, perto de Harrods, a fim de recommençar os estudos e ingerir mais alguns jantares jurídicos. Com sua inteligência aguda, sua natureza menos espiritual e seus impulsos físicos mais fortes que os de Krishna, além da sua ambição de independência financeira, deve ter sido difícil para ele desempenhar o papel que lhe fora atribuído pela Sra. Besant. Perdera toda a fé e sentia-se ainda mais perdido e ainda mais infeliz do que o próprio Krishna durante todo esse tempo.

CRÍTICO E REBELDE

Nesse meio tempo, Krishna gozava sua independência num apartamentozinho de uma sala só, uma *garçonnière*, à Rue du Colonel Renard, 4, que a Sra. de Manziarly arranjava para ele durante a sua estada no Sul da França. Comia quase sempre só num restauantezinho italiano perto do apartamento (*Lady Emily* afirmava que ele passava fome para fazer economia) mas fazia muitas refeições com os de Manziarly. Num dia, ia a Fontainebleau com eles, noutro, a Versalhes. Se bem apreciasse essas expedições, queixava-se de que os de Manziarly eram tão enérgicos que o cansavam. Normalmente lhe era muito difícil vestir-se pela manhã; quando não tinham outra coisa que fazer, ele e Nitya ficavam mandriando, de chambre, até a hora do almoço.

Krishna contou a *Lady Emily* no dia 7 de abril que, dois dias antes (segunda-feira de Páscoa), “a Sra. de M., Marcelle, meu amor!!! e Yo (outro amor) vieram até aqui trazendo chá. Vesti roupas hindus e elas ficaram em êxtase. (Se eu não tomasse cuidado, poderia ser o mais presumido idiota da terra mas, graças a Deus e a você, nunca o serei”. No dia seguinte, no chá dos de Manziarly, “um eslavo tocou flauta. Foi maravilhoso. Ele tinha sido pastor de verdade e tocou canções de pastores. Senti a pele arrepiada o tempo todo. Foi realmente perfeito.) Fiquei tão comovido que lhe pedi para ensinar-me a tocar e ele vai fazê-lo. ‘Krishna tocando flauta’.” E acrescentou, na mesma carta:

Estou *mais* apaixonado e todos estão apaixonados por mim. Como já escrevi, se eu não tomasse cuidado, poderia apaixonar-me seriamente, mas diga-me com toda a sinceridade, mãe, quero saber se, na sua opinião, este é o procedimento correto. Claro está que *nunca* me casarei, isso não é para mim nesta vida, tenho coisa melhor para fazer. Não se ria, quero dizer que gosto *muito* de Marcelle, meu amor, mas não sei se estou

apaixonado por ela. Por isso não se preocupe. Você acha que eu seria capaz de esquecê-la, depois de 8 anos?

Não se sabe qual foi o conselho de *Lady Emily* acerca do caso. Mais tarde, porém Krishna mostrou-se surpreso quando ela lhe disse que estava com ciúmes. Ele já se reconciliava com a idéia de ficar sem ela. "... é a história do sol e da lua — como eles nunca podem estar juntos, quanto menos se falar no assunto, melhor", escreveu no dia 18 de abril. Na mesma carta contou-lhe que ia arranjar um professor e trabalhar arduamente, além de tomar lições de flauta todas as quintas-feiras. As lições de flauta não duraram muito, como tampouco durou a resolução de trabalhar com afinco.

No dia 6 de maio, depois de ter estado com Sacha de Manziarly, que chegara inesperadamente a Paris, escrevia ele: "Por curioso que pareça, passei o dia todo *muito* sonhador, mais sonhador que de costume e em meu coração havia uma lembrança constante do Senhor Buda. Fiquei em tal estado que precisei sentar-me e meditar. Pense em mim meditando. Extraordinário."

No dia 6 de junho foi para Londres e ficou com Nitya em Hans Court durante cinco semanas. Como a Sra. Besant não visitou a Europa nesse ano, não parecia haver razão para a sua ida à Inglaterra, a não ser a vontade de rever *Lady Emily*. Ratansi ainda estava em Londres; Nitya fazia equitação com ele todos os dias em Richmond Park, ia com ele ao teatro e passeava no seu Rolls-Royce, embora fosse evidente que não se divertia pois, como escreveu à Sra. de Manziarly, "Os prazeres levados a sério transformam-se em desgraçadas obrigações".

No dia 11 de julho Krishna e Nitya foram com Ratansi a Paris, e ali se instalaram confortavelmente, pelo menos dessa vez, no Hotel Claridge. Os de Manziarly já tinham ido para Amphion, à beira do Lago de Genebra, perto de Evian onde haviam alugado uma casa de campo para as férias de verão, e Krishna deveria ir ter com eles. Ele suplicou a *Lady Emily* que fosse também mas, como ela achasse que não devia deixar os filhos nem podia levá-los para o estrangeiro porque Barbie se casara em maio, precisou sacrificar esse prazer. Depois de uma divertida semana em Viviez com Sacha e um espanhol amigo dele, Krishna foi juntar-se aos de Manziarly no dia 20 de julho com a intenção de passar dois meses em sua companhia. Hospedou-se no Hôtel des Princes, defronte da casa de campo que haviam alugado, e fazia as refeições no hotel, mas passava o dia com eles, caminhando, remando, nadando, jogando tênis e golfe — e falando francês o tempo todo. À noite, jogavam bridge ou pôquer, com feijões à guia de fichas,

e jogos de papel. Isabelle Mallet chegou no fim de julho; Sacha veio por alguns dias e Nitya lhes fez duas visitas, uma em agosto e outra em setembro.

As férias em Amphion foram provavelmente o período normal mais feliz que Krishna já conhecera em sua vida. Ele queria que *Lady Emily* lá estivesse: “Como você gostaria de todo o lado infantil e brincalhão!” A primeira carta que lhe escreveu de Amphion foi salpicada de cruzeiros feitas a lápis — beijos das duas meninas de Manziarly, que ela conhecera durante uma visita a Paris. Ele lhe falou a respeito de uma expedição a Chamonix e ao Mer de Glace: “Essas montanhas pareciam tão calmas e tão dignas... Eu gostaria imenso que você visse o que para mim é a manifestação do próprio Deus.” Foi esta a primeira vez que ele esteve nas montanhas e nunca deixou de amá-las. Quando Sacha chegou, Krishna e ele foram ao Cassino de Evian. Krishna “ansiava por dançar” mas não tinha parceria e, mesmo que a tivesse, ter-se-ia mostrado “demasiado tímido”.

Estava lendo em voz alta para os de Manziarly *O Caminho da Virtude de Buda* quando deu com um trecho que o impressionou de tal maneira que o copiou para *Lady Emily*: “Sou onipotente e onisciente, desprendido, imaculado, desimpedido, inteiramente liberto pela destruição do desejo. A quem chamarei Mestre? Eu mesmo encontrei o caminho.” E os de Manziarly liam Turgueniev e Bergson, que ele achava de compreensão difícil. Os dois livros que lera em Paris naquele ano e que mais o haviam impressionado foram *O Idiota* e *Assim Falou Zaratustra*.

Parte da sua felicidade em Amphion devia-se ao fato de que ninguém no hotel lhe conhecia a história, embora se sentisse tão enleado por todas as mulheres que não tiravam os olhos dele que ele não tirava os olhos do prato. Mas esse tipo de enleio não era nada comparado à tortura que lhe causava, de tempos a tempos, a reputação de futuro Messias. Ele contou que Yo de Manziarly o julgava “Deus na terra — melhor do que a Sra. Besant ou C.W.L.”. “Eu disse a ela que não me virasse a cabeça e, mãe querida, não se preocupe, pois não é provável que consigam virá-la. Não sou digno disso.” Fosse como fosse, pode ter sido o tratamento que lhe dispensaram os Manziarly, como pode ter sido a leitura sobre o Buda que, de repente, despertou nele o interesse pelo papel que estava destinado a representar um dia.

Raja fora para Londres em julho e Krishna imaginou que, Raja estando lá, “tudo começaria outra vez” — isto é, as vidas passadas e os passos ocultos dados no Caminho. Ele quisera poder

sacudir os b... teosofistas! Detesto este negócio chove-não-molha em que estamos metidos agora... Como tudo isso é podre! E pensar no que poderia ser! Teremos de fazê-lo. Mudá-lo de cabo a rabo e fazer o elemento pessoal sumir-se no ar. Eu gostaria de saber o que Raja pensa de tudo mas, com certeza, ele pertence à velha escola. *Diabo!* Estou realmente farto dessa turma mas, agora, isso não me diz respeito. Um dia, como estou realmente no fundo e muito cioso de tudo, tomarei conta da história e enforcarei todos os que tiverem nela algum elemento pessoal. Oh, mãe, como isso está podre! Não se ria. *Diabo!! Sacré nom d'une pipe*, o que quer dizer a mesma coisa! Mudaremos juntos o mundo com a ajuda da Sra. de M., Mar e Yo!!!

Raja trouxera consigo para a Inglaterra Rajagopalacharya, a “descoberta” de Leadbeater em 1914 com o seu maravilhoso passado e o seu maravilhoso futuro. Krishna contou a *Lady Emily* que os de Manziarly queriam conhecer os sentimentos pessoais dela a respeito

desse pisca-pisca Rajagopalacharya (que não se perca pelo nome! Perguntam-me se tenho medo do meu rival!!!? Achem que estou enciumado! Pobre sujeito, ele pode aceitar meu notório lugar por dois *sous*. *Personnellement je m'en fiche de Raja, Rajago!!!*). Pergunto a mim mesmo o que ele vai fazer. Espero que não lhe estraguem o futuro. A ser assim, posso dar-lhe os meus pêsames. Por favor, se você o vir, dê-lhe a minha bênção e peça-lhe a sua para mim. (Senhor! como nós, mortais, somos néscios! Acreditamos em qualquer um que grite mais alto e os chamados pássaros da S.T. gritam numa selva de tolos e os tolos acreditam no que eles quiserem e isso não lhes aproveita.)

Alguns dias depois ele ouviu dizer que Raja desejava introduzir uma forma de cerimonial na Sociedade Teosófica.

Vou escrever a Raja e dizer-lhe que, enquanto ele não empregar a sua pisca-piscante cerimônia na Estrela, para mim tanto faz... Por que não esclarecer *primeiro* a confusão em que estamos e depois começar coisas novas? ¹ Tudo isso só serve para aumentar o caos existente e torná-lo ainda mais incômodo. Temos algo magnífico e quando temos o maior de todos acrescentamos-lhe criações humanas. Isso me deixa louco. Por que somos assim? Porque, sendo incapazes de encarar a Grandeza da vida, criamos Pequenas Grandezas que podemos ver.

E no dia 7 de agosto:

Escrevi uma longa carta a Raja dizendo francamente que todos esses espetáculos acessórios acabam matando o principal... Espero que não se agaste comigo! Ele mandou-me um exemplar antecipado do *Disciple*

1. Elementos dissidentes da Sociedade Teosófica estavam novamente provocando agitações nessa ocasião.

(Discípulo).¹ Meus cabelos ficaram em pé... Como você sabe, eu acredito realmente nos Mestres, etc., e não quero que isso seja metido a ridículo. Uma bela idéia ou um belo objeto nunca poderão ser feitos, mas nós, seres humanos, podemos torná-los monstruosamente corruptos. É o que faz o Discípulo. É tão miseravelmente mesquinho e sujo! Eu gostaria de fazer o seguinte: reunir A.B., C.W.L., Raja, um ou dois outros e eu mesmo em torno de uma mesa e discutir e elaborar um plano, grande e limpo, e seguir esse plano pondo de lado todas as personalidades e todas as nossas mesquinhezias. Mas não sei como isso poderá ser feito. Estamos tão longe uns dos outros... Posso falar com Raja, mas que poderemos fazer nós dois, mãe querida, no meio de tanto caos?... Vou escrever a Raja a respeito do Discípulo e depois estarei de todo em todo em bom *odeur*!! Meu estado de espírito é o mais rebelde que você pode imaginar e pessoalmente não quero pertencer a nada de que possa envergonhar-me... Obrigado por me haver contado a respeito de Rajago e de mim. Estou certo de que ele se acha "au fond", como toda a gente. Obrigado por me haver contado que ele não é meu "Rival"!! Não há ninguém para dizer a essa gente que deixe de ser boba. Esse pessoal devia ter um irmão, especialmente como Nitya. Deveria haver um para Raja. É claro que *se* [sublinhado quatro vezes] eu tiver de ocupar uma posição de destaque na S.T. a razão será pelo que *eu sou* e não pelo que outras pessoas pensam de mim ou pela posição que criaram para mim... Pessoalmente preciso estudar com afinco e deixar minha condição mental em bom estado de funcionamento. Como você mesma diz, quando eu chegar a Paris começarei a freqüentar aulas de elocução.

E no dia 25 de agosto:

Extraordinário sujeito é esse Raja e suponho que ele acredita no que *Lady D* [De La Warr] diz a nosso respeito e a respeito das nossas dívidas. Raja é como todos nós e se me tivesse contado que eles gastaram tanto dinheiro para "educar-me" (?) e que agora preciso devolver tudo isso em "serviços" à S.T., eu lhe teria dito que nunca pedi que me tirassem da Índia, etc. De qualquer maneira, está tudo podre e eu estou farto de tudo isso.

Ao escrever para a Sra. Besant ele não permitiu que nada dessa rebeldia transparecesse:

Setembro 10. 20.

Desejo apenas escrever-lhe pelo seu aniversário [o setuagésimo terceiro aniversário dela, no dia 1.º de outubro]. Milhares de pessoas lhe escreverão de todas as partes do mundo para mandar-lhe seu amor e sua devoção, e eu lhe asseguro, mãe, muito embora eu não seja capaz de

1. Um dos vários jornais publicados pela Seção Esotérica da S.T. Tendo começado em maio de 1913, saía com muita irregularidade. Nenhum número se publicou entre maio de 1920 e janeiro de 1922. É possível que o exemplar antecipado que mostraram a Krishna tenha sido suprimido depois que ele manifestou sua opinião a respeito.

expressar meus sentimentos numa linguagem florida, que consagro uma devoção e um amor profundos ao seu eu pessoal...

Ficarei aqui até o fim do mês e depois irei passar alguns dias em Londres para ver Raja, etc. Em seguida voltarei a Paris... Pretendo freqüentar a Sorbonne, pois agora compreendo e leio francês com facilidade e farei filosofia. Apanhei a mania da leitura e quero estudar com *muito* afinco nos dois ou três próximos anos. Se me permitirem dizê-lo, minha educação foi um tanto negligenciada e quero retificar essa negligência... Quero ganhar tudo o que o Ocidente pode dar e, a seguir, voltar meu rosto para a Índia onde estou certo de trabalhar. Espero não a estar enfadando com todos os meus planos... meu amor e minha devoção estão sempre à sua disposição.

Que ele estava plenamente conformado com a perspectiva de desenvolver o seu trabalho na Índia patenteia-se no que escreveu a *Lady Emily* no mesmo dia em que escrevia à Sra. Besant: "Mãe querida, terá de ser em algum momento nesta vida. A Sra. Besant ainda não me mandou chamar. Se o fizer, *todos* teremos de enfiar os sentimentos nos respectivos bolsos e eu irei decerto para a Índia."

A PAIXONADO

Krishna e Nitya chegaram a Londres, procedentes de Amphion, no derradeiro dia de setembro. Instalaram-se num apartamento muito agradável, à Robert Street, 1, Adelphi (ao lado do apartamento anterior que tinham ocupado na mesma rua), alugado para eles por *Lady De La Warr*. Não obstante, detestavam a sujeira e o barulho de Londres e a fumaça preta.

Nitya prestou exame de Direito Penal no dia 5 de outubro e soube, no dia 19, que passara, embora com um “simplesmente”. A essa altura Krishna já vira Raja muitas vezes. Conhecera também Rajagopal, que descreveu em carta a Mar de Manziarly como “um rapaz simpático”, conquanto ainda não tivesse tido muitas oportunidades de falar com ele. No dia 14, entretanto, já pôde dizer-lhe que haviam conversado longamente e que o achara “muito simpático”, tendo Rajagopal declarado que gostaria de trabalhar para ele. Nitya, porém, não ficou muito satisfeito ao saber que Rajagopal, enquanto estudasse para entrar em Cambridge, partilharia com ele do apartamento da Robert Street assim que Krishna voltasse a Paris. Havia apenas uma sala de estar e Nitya alimentara a esperança de tê-la só para si.

É bem possível que existisse alguma coisa na idéia de que Rajagopal estava sendo considerado um possível “rival” de Krishna, pois Leadbeater deve ter-se advertido, e não apenas no plano astral, do desencantamento de Krishna com o seu papel naquela ocasião. Leadbeater, com efeito, já dera uma indicação de que estava preparado para limitar a importância do “veículo” escolhido, se não para o suplantar de todo, quando escrevera no ano anterior: “Foi-me inculcado [pelo próprio Senhor Maitreya, com certeza]... que, além do corpo que usará na maior parte do tempo, e no qual viajará, Ele escolherá prova-

velmente uma pessoa em cada país, que às vezes inspirará quando o desejar, que guiará e dirigirá no tocante ao que Ele quiser que se faça.” Essas palavras dirigiam-se evidentemente aos seus jovens discípulos australianos, visto que, depois de dizer que só se esperava a vinda do Senhor para dali a quinze ou vinte anos, e que portanto ele, Leadbeater, não o veria em seu corpo atual, prosseguiu: “Vocês compreendem que, se Ele escolher um jovem através do qual possa falar, digamos aqui na Austrália, terá de ser uma pessoa que neste momento tenha, mais ou menos, a idade de alguns de vocês?” Mas esqueceu-se de dizer o que aconteceria se todas essas pessoas diferentes nos vários países, que se supunham ser pessoalmente inspiradas pelo Mestre Universal, recebessem instruções para dizer e fazer coisas contraditórias.

Krishna só voltou a Paris no dia 8 de dezembro. Nas semanas que passou em Londres, estimulou-se-lhe o interesse pelo trabalho da Estrela, provavelmente sob a influência de Raja, e ele incumbiu-se novamente de redigir as notas editoriais para a revista da Estrela, o *Herald*. Wodehouse casara e estava de malas prontas para a Índia, onde trabalharia como professor de inglês no Colégio Deccan, em Poona, de modo que a direção do *Herald*, mais uma vez, ficava inteiramente sob a responsabilidade de *Lady Emily*. Wodehouse pedira demissão do cargo de secretário organizador da Ordem da Estrela no Oriente e Nitya foi nomeado seu sucessor. Wodehouse nunca perdeu contato com Krishna e, em 1926, voltou a trabalhar para ele em Adyar.

Ainda que uma libra valesse 45 francos, Krishna precisava viver com muita economia em Paris. Hospedou-se primeiro em casa dos Blechs e mudou-se depois para um hotelzinho em que Ruspoli estava morando, o Victor Emmanuel III, na Rue de Ponthieu, mas fazia a maior parte das refeições com os Manziarly, pois o Sr. de Manziarly estava doente no Sul da França. Krishna escreveu para *Lady Emily* pelo seu quadragésimo sexto aniversário, no dia 26 de dezembro: “Lembra-se, mãe querida, que há muito tempo lhe escrevi que, a cada aniversário que passasse, meu amor aumentaria em lugar de diminuir? Pois posso dizer-lhe sinceramente que o amor que lhe consagro é imenso, sem nenhum exagero. Há um elo entre nós que *nunca* será rompido... Amo-a de todo o coração e com toda a minha alma e esse amor é o meu melhor e o mais puro.”

A despeito disso, suas cartas a *Lady Emily* em 1921 foram muito mais curtas e escassas do que nos anos anteriores, e quase sempre começavam com um pedido de desculpas por não ter escrito antes. Seguindo-lhe o conselho, ele estava tomando lições de elocução e, a 28 de dezembro, deu um passo importante: falou voluntariamente na

reunião teosófica em Paris. Não fora inscrito para falar mas, de repente, descobriu que estava com vontade de fazê-lo. Falou por dez minutos em inglês e suas palavras foram traduzidas.

Momentos antes de subir ao estrado, naturalmente, eu estava tremendo e tinha os nervos em péssimo estado mas, quando cheguei à plataforma, sentia-me tão calmo quanto um orador experimentado. As pessoas batiam palmas e sorriam sorrisos que iam de uma orelha à outra... Eu disse-lhes que não fossem sentimentais, etc. A política e a religião devem andar de mãos dadas etc... Falarei agora como gosto de falar e estou muito contente porque terei de fazê-lo algum dia.

A carta de Krishna à Sra. Besant escrita em Amphion evidentemente a magoou pois, no dia 12 de janeiro de 1921, ele lhe escrevia:

Minha carta sobre minha educação deve tê-la feito muito infeliz. Por favor, mãe, essa *não* foi minha intenção quando a escrevi e estava longe de sê-lo. Se minha educação foi negligenciada, a culpa *não* foi sua, foi da guerra e de outras coisas e por favor não diga que o lamenta, pois isso me fere profundamente. Ninguém no mundo poderia ter sido mais solícita nem mais maternal para Nitya e para mim. O que aconteceu já se acabou e, afinal, por que haveríamos eu ou a senhora de preocupar-nos com isso? Deus sabe que a senhora já tem o suficiente sem isso. Portanto, faça-me o favor de não dizer que lamenta... Escreverei o editorial todos os meses e para mim será muito difícil. O meu francês vai indo esplendidamente e, daqui a alguns meses, estarei muito bom. Estou freqüentando a Sorbonne [que era de graça] e estou fazendo um curso de sânscrito, que me será útil na Índia. Meu único desejo na vida é trabalhar para a senhora e para a Teosofia. Hei de ser bem-sucedido. Quero chegar à Índia, como Raja deve ter-lhe contado, e fazer a minha parte do trabalho. De qualquer maneira, mãe, não se esqueça de que a amo de todo o coração e com toda a minha alma e de que homem nenhum pode ser mais devotado à senhora.

A Sra. Besant ficou encantada ao saber que ele escreveria as notas editoriais do *Herald*. Seria um esforço terrível para Krishna, cujo horror a elas era cada vez maior a cada mês que passava, mas elas representavam uma grande diferença na venda da revista, agora em dificuldades financeiras, pois a Srta. Dodge deixara de emprestar-lhe o seu aval. O próprio Krishna escreveu a diversas pessoas solicitando donativos. A Sra. Percy Douglas-Hamilton, outro membro rico da Estrela, filha do milionário do fumo, Frederick Wills, e partidária fervorosa da Sra. Besant, garantiu 1.000 libras por um ano, e Joseph Bibby do *Bibby's Annual*, teosofista de longa data se bem não fosse membro da Estrela, garantiu outras 100. Em abril, Robert Lutyens, que era agora jornalista profissional e trabalhava no *Daily Mail*, encarregou-se de dirigir o *Herald* e fez dele um grande sucesso.

No começo de fevereiro Krishna foi acometido de sinusite, que acabou degenerando em bronquite. Teve febre muito alta e delirou. A Sra. de Manziarly insistiu em que ele se mudasse para a Rue de Marbeuf, onde ela e as meninas o trataram carinhosamente, até que ela foi chamada para o Sul da França, pois o marido estava malíssimo, com pneumonia. Krishna mudou-se então para a casa dos Blechs, visto que não era *convenable* ficar sozinho com as meninas. Nessa ocasião, Nitya também estava doente em Londres. Foi atacado de hexas doidas tão violentas que, a princípio, se supôs que estivesse com varíola. Krishna ficou muito preocupado e esperou que *Lady Emily* cuidasse de Nitya tão bem quanto as de Manziarly haviam cuidado *dele*.

O Sr. de Manziarly morreu no dia 10 de fevereiro. Depois da sua morte, a Sra. de Manziarly pôde dedicar-se inteiramente a Krishna e Nitya. Como Krishna ainda estivesse convalescente e Nitya fosse de opinião que nunca ficaria bom enquanto não saísse de Londres, que ele detestava, os irmãos foram juntos e sós, no dia 4 de março, para Antibes, a fim de ali passar três semanas. Hospedaram-se numa bonita casa de campo à beira-mar com uma certa Sra. Rondeau, onde parecem ter sido muito felizes. Depois disso, Nitya regressou a Londres a fim de estudar para seus exames finais e Krishna retornou a Paris a fim de morar com as de Manziarly.

Krishna tivera tempo de refletir e de olhar para si mesmo em Antibes. "Muito me alegro de que você tenha fé em mim", escreveu a *Lady Emily* depois de tornar a Paris. "... Todos seremos, algum dia, grandes mestres e precisamos chegar a esse estágio o mais depressa possível. Não sei por que haveria você de ter fé em mim, pois não fiz *nada* e, apesar disso, você e todo o mundo diz que tem fé em mim. Só Deus sabe por quê. Não estou pescando elogios e você me conhece." E, logo depois:

Preciso disciplinar-me e trabalhar duro. Estou-me disciplinando e tenciono fazer coisas. Faço um tipo vago de meditação, mas tenho de fazê-lo com maior rigor e regularidade. Essa é a única maneira. Não conheço a filosofia de minha vida, mas *beí* de ter uma... Penso muito na Ordem e na S.T. mas *surtout de moi-même*. Preciso encontrar-me e só depois poderei ajudar os outros. Na verdade, preciso fazer o Velho Senhor descer e assumir alguma responsabilidade. É provável que ele queira fazê-lo, mas talvez ache que o corpo e a mente não são bastante espirituais e agora tenho de despertá-los para a "sua" habitação. Para poder ajudar necessito de simpatia, de uma completa compreensão e *surtout* de amor infinito. Estou usando frases cediças mas, para mim, são *novas*.

Ao falar no “Velho Senhor”, Krishna referia-se ao seu ego — cumpre-lhe tornar seu corpo e sua mente suficientemente espirituais para a habitação do seu ego. A Teosofia enfatizava muito a diferenciação entre o corpo e o ego, a alma. O corpo era algo numa fase inferior da evolução e urgia cuidar dele como de uma criança ou de um animal doméstico. Krishna voltara a encontrar-se com Ruspoli com muita freqüência e isso de fazer descer “o Velho Senhor” foi originalmente a observação de Ruspoli a respeito do próprio ego.

Como Krishna ainda estivesse longe de sentir-se bem — tinha dores no estômago e um desarranjo qualquer, não-especificado, no nariz, de que padeceria toda a vida — a Sra. de Manziarly levou-o para ver um amigo seu, o Dr. Paul Carton, naturista. Este lhe deu um regime, que ele seguiu à risca. Krishna vivia interessado em novas dietas, embora nunca tivesse deixado de ser vegetariano.

Era Nitya, contudo, quem estava realmente mal. Uma tarde, em meados de maio, depois de ter estado com *Lady Emily* no cinema New Gallery, num súbito acesso de tosse, acabou tossindo sangue. Diagnosticou-se uma mancha no pulmão esquerdo. Krishna quis imediatamente que ele fosse a Paris, a fim de ser tratado pelo Dr. Carton e, a 29 de maio, com a permissão do seu médico de Londres, Nitya chegou à capital francesa. Krishna e a Sra. de Manziarly levaram-no no dia seguinte ao Dr. Carton, que morava em Boissy-St.Leger, a uma hora de viagem de Paris. O médico encontrou com dificuldade o local infeccionado, impôs-lhe uma dieta rigorosa e disse que ele precisava ser tratado como se estivesse na última fase da moléstia, única maneira de curá-lo.

Como o Dr. Carton desejasse vê-lo muito amiúde, fizeram-se arranjos para ele passar o verão em Boissy-St.Leger. Um tal Dr. Schlemmer, discípulo do Dr. Carton, possuía ali uma casa, que colocou à disposição da Sra. de Manziarly e, no dia 14 de junho, ela levou Nitya a Boissy, para um período de completo repouso, longe de toda e qualquer excitação.

Entrementes, no dia 3 de junho, Krishna fora para Londres, onde a Sra. Besant não tardaria a chegar. Ele desenvolveu grande atividade viajando com ela e, afinal, voltando com ela a Paris, no fim de julho, para a Convenção Teosófica Mundial. Essa Convenção foi seguida pelo primeiro Congresso da Ordem da Estrela no Oriente, quando Nitya foi considerado suficientemente bom para assistir a ele. A Ordem possuía agora mais de 30.000 membros em todas as partes do mundo.

Uns 2.000 assistiram ao Congresso, muitos dos quais tinham feito grandes sacrifícios financeiros para chegar a Paris.

Nitya enviou um relatório a Leadbeater:

A principal característica de todo o Congresso foi a presença e a influência de Krishna, uma revelação para todo o mundo. Até a Sra. Besant ficou muito interessada em observar-lhe o desenvolvimento. Ela e Krishna abriram juntos o Congresso [ambos falando francês] e, mais tarde, ele tomou conta de tudo; assumiu a presidência dos debates e conduziu-os com suma habilidade, concentrando a atenção das pessoas nos argumentos importantes e não permitindo que os debates se desviassem do ponto em discussão... Krishna dirigiu-se várias vezes de modo informal aos delegados e aos membros, e pronunciou uma palestra no Theatre des Champs Elysées, quando todo o mundo, como o senhor há de imaginar, perguntava a si mesmo que aspecto tinha ele e que teria para dizer na qualidade de chefe da Ordem. A Sra. Besant, toda de branco, ocupava a presidência e quedou-se a observá-lo durante todo o tempo em que ele falou; Krishna era uma figura muito esguia em traje de noite, e os dois formavam um belo contraste no enorme palco do teatro.

A Sra. Besant também escreveu, entusiasmada, no *Theosophist* de setembro, sobre a maneira com que Krishna dirigiu o Congresso:

... ele surpreendeu a todos os presentes pelo domínio das questões consideradas, pela firmeza no controle das discussões, pela clara exposição dos princípios e práticas da Ordem... Mas a maior coisa que havia nele era a intensa convicção da realidade e onipotência do Deus Oculto em todo homem e dos resultados, para ele inevitáveis, da presença dessa Divindade.

Ficou resolvido durante o Congresso que não haveria cerimoniais na Ordem. "Um ritual, por mais belo e magnífico que fosse", declarou Krishna, "tenderia inevitavelmente a cristalizar o movimento e a reduzir-lhe a esfera de ação". Em seu editorial para o *Herald* de agosto ele escrevia: "Um espírito aberto é essencial para que possamos compreender a Verdade"; os membros da Estrela não deveriam ser como os fariseus de antanho, incapazes de apreender a Verdade quando ela era enunciada. Nessa época, Raja também enfatizava no *Herald* a necessidade de desapego intelectual de todas as tradições, idéias e costumes. "Quando Ele falar conosco", escreveu, "estaremos livres de todas as nossas noções anteriores e compreenderemos que, se Ele disser algo novo, contrário a todas as tradições, deveremos abrir mão de todas as tradições e começar de novo para O compreender?" Quantas vezes essa advertência, que era um eco das palavras de Krishna, seria reiterada pelos mais antigos líderes da Teosofia e quão pouco eles mesmos lhe deram atenção quando chegou o momento!

Depois do Congresso, Krishna e Nitya foram para Boissy no dia 1.º de agosto. Quatro dias depois, *Lady Emily*, que ali alugara uma casa, chegou com as duas filhas menores, Betty e Mary, que agora tinham quinze e treze anos de idade. Mar de Manziarly, Rajagopal e um amigo austríaco de Krishna, John Cordes,¹ ficaram com *Lady Emily*, ficando Yo com sua mãe, Krishna e Nitya na casa do Dr. Schlemmer, ali perto. Nitya levava uma existência de inválido e raras vezes era visto. Os outros membros do grupo, com exceção da Sra. de Manziarly, que nunca saía de ao pé dele, jogavam beisebol à tarde e jogos infantis, como Mexericos russos, O casaco do cego e Estátuas, à noite, no jardim dos Lutyens. Era um verão muito quente e os mosquitos constituíam um tormento.

O longo repouso em Boissy não abatera a temperatura de Nitya, de modo que, no começo de setembro, ele foi para Montesano, nos Alpes suíços, acima de Montreux, com Krishna, Rajagopal e John Cordes. De Montesano, no dia 9 de setembro, Krishna escreveu a *Lady Emily* expressando todo o seu antigo amor depois das semanas que tinham vivido juntos em Boissy: "Serei sentimental com você como não o serei com mais ninguém. O amor que lhe consagro é puro e duradouro, como a neve sobre o Mont Blanc."

Eles sabiam que logo estariam separados porque, antes do regresso da Sra. Besant a Adyar, em meados de agosto, ficara concertado que Krishna e Nitya demandariam a Índia no inverno, para Krishna poder iniciar o trabalho de sua vida; mas *Lady Emily* não poderia ter adivinhado que, muito antes disso, partilharia o amor dele. Deixando Nitya em Montesano em companhia de Cordes, ele foi para a Holanda no dia 15 de setembro, a convite do Barão Philip van Pallandt van Eerde, que se oferecera para doar à Ordem da Estrela a sua bela mansão ancestral do século XVIII, cercada de 5.000 acres de matas — o Castelo Eerde (Pronuncia-se Airder) em Ommen, não muito distante de Arnhem. Krishna ausentou-se apenas por duas semanas mas, durante esse tempo, conheceu uma moça norte-americana de dezessete anos, Helen Knothe, sobrinha da Sra. Cornelia Dijkgraaf, Representante Nacional da Estrela na Holanda, e filha de Frank Knothe, dono de um próspero negócio de roupas em Nova Jérsei. Helen estava passando algum tempo com a tia em Amsterdã, estudando violino. Krishna

1. Representante Nacional da Estrela na Áustria. Cordes era um velho forte, de cabelos brancos e compleição saudável. Ele próprio era meio naturista e sua panacéia consistia em semicúpios de água gelada. Estivera em Adyar em 1910-11, encarregado dos exercícios físicos de Krishna.

sentiu-se grandemente atraído por ela e, na verdade, de acordo com *Lady Emily*, apaixonou-se realmente pela primeira vez.

Na viagem de volta a Montesano Krishna se deteve em Genebra e assistiu a uma sessão de duas horas e meia da Assembléia da Liga das Nações, de que Ruspoli era agora um representante.

Falaram velhos caturras de todos os tipos [contou ele a *Lady Emily* no dia 3 de outubro], incluindo Lorde Robert Cecil. Este falou sobre a proibição do emprego dos gases venenosos. Eles nunca vão até o fundo das coisas, proibindo *todas* as guerras; é uma turma de gente insincera, que só se preocupa em ganhar dinheiro... Sei que nós, os teosofistas, dirigiríamos muito melhor a Liga das Nações, pois somos mais desinteressados. Precisamos ter, algum dia, uma verdadeira Liga das Nações na S.T., que incluía *todas* as nações. Tê-la-emos e, na realidade, já somos uma, mas não funcionamos adequadamente. Espere um pouco, quando começarmos a andar poremos tudo numa roda-vida e venceremos todos eles em seu próprio jogo.

Logo após o regresso a Montesano ficou decidido, com a ajuda de Harold Baillie-Weaver, autor dos arranjos da viagem, que, se a saúde de Nitya o permitisse, Krishna e Nitya zarpariam de Marselha com destino a Bombaim no dia 19 de novembro. Nitya se achava, sem dúvida, muito melhor. Já era capaz de caminhar três horas pela manhã e jogar croqué à tarde. Quando *Lady Emily* soube que a data estava fixada, deve ter mandado uma carta muito infeliz a Krishna, pois este respondeu de Montesano, a 19 de outubro:

Que carta você me escreveu!! Não *quero* chorar e vai ser duro para nós dois, de modo que precisamos fazer das tripas coração, tentar sorrir e agüentar firme. É fácil!! Francamente, você me escreve como se eu devesse partir para alguma ilha deserta e distante, da qual jamais retornarei, e compara-se a um homem que está prestes a ser enforcado. Mãe querida, você sabe que mesmo que eu fosse embora por muitos anos, o amor que lhe dedico *nunca* cessará... De qualquer maneira, tudo será muito difícil... você sabe, mãe, que *não* podemos ser fracos, pois assim não nos ajudaremos... Tudo isso, como você mesma diz, tem um lado maior, que é essencial e do qual não devemos arredar pé.

Nisso, para alegria de *Lady Emily*, o marido convidou-a a acompanhá-lo a Deli naquele inverno: ela esperava chegar a Adyar para estar com Krishna durante sua estada na Índia.

No dia 20 de outubro Krishna deixou Montesano, ao mesmo tempo que Nitya se dirigia a Leysin com a Sra. de Manziarly, a fim de consultar um famoso especialista dos pulmões, o Dr. Rollier. Depois de passar quinze dias em Londres despedindo-se de várias pessoas, incluindo o Sr. Sanger e Rajagopal, que estava agora estudando Direito

no Trinity College, Cambridge, foi passar uma semana na Holanda, desta vez para assistir a uma Convenção Teosófica e da Estrela em Amsterdã. Ali tornou a ver Helen Knothe. A 17 de novembro, dia em que embarcou para Marselha, escreveu a *Lady Emily*, do apartamento dos Blechs em Paris, uma carta curta que pouco teria contribuído no sentido de facilitar a separação para ela:

Sinto-me infelicíssimo porque a estou deixando e deixando Helen por um longo período de tempo. *Estou* terrivelmente apaixonado e isso é um grande sacrifício para mim, mas *nada* mais se pode fazer. Sinto como se eu tivesse uma ferida medonha dentro de mim; não pense que estou exagerando. Deixarei de ver Helen por não sei quanto tempo e você sabe, mãe querida, o que sou. Cristo, sei que ela também sentiu o mesmo, mas que outra coisa se poderá fazer? Não será fácil; ao contrário, será mil vezes pior. Oh! bem, não adianta resmungar por causa disso. De qualquer modo, eu *a* verei logo, graças a Deus, mas — !!! Espero que não esteja enciumada, mamãe querida?? Não receberei carta sua, nem dela, pelo menos durante um mês. Alegremo-nos. Pare com isso, Krishna, que diabo! Você não sabe como me sinto. Nunca o compreendi antes, como tampouco compreendi o que tudo isso significa... “Chega de votos ociosos, que roubam tempo.” Como somos infelizes!! Deus a abençoe.

Infelizmente para Nitya, o Dr. Rollier declarou-o suficientemente bom para viajar. A Sra. de Manziarly seguiu na frente, querendo estar na Índia a tempo de recebê-lo, ficando Cordes encarregado de acompanhá-lo a Marselha, onde ele se encontrou com Krishna a 18 de novembro. No dia seguinte os irmãos zarparam rumo a Bombaim, no *Morea*.

REGRESSO À ÍNDIA

A Sra. Besant, a Sra. de Manziarly, Ratansi, Jamnadas e grande multidão de teosofistas e membros da Estrela estavam no cais para receber Krishna e Nitya quando o navio atracou em Bombaim no dia 3 de dezembro. Carregando duas grinaldas, a Sra. Besant foi a primeira a cruzar a prancha de desembarque. Como ela escreveu no *Theosophist*, “os dois irmãos, que tinham saído meninos, voltavam homens, depois de uma ausência de quase dez anos de sua terra natal”. Chegaram trajando roupas européias mas, à tarde, numa festa ao ar livre em casa de Ratansi, no Morro de Malabar, onde ficariam enquanto se demorassem em Bombaim, já envergavam trajes indianos. Como parte do seu desejo natural de apagar-se, Krishna timbrava sempre em parecer tão inconspícuo quanto possível. Por isso mesmo, usava roupas indianas na Índia e roupas ocidentais na Europa e na América, a não ser à noite, às vezes, quando podia envergar trajes indianos sem dar na vista.

Depois de ir com a Sra. Besant a Deli, Agra, Benares e Calcutá, chegaram a Adyar na segunda semana de dezembro, onde tiveram uma “recepção real”. A Sra. Besant tentou dizer umas poucas palavras de boas-vindas no Adyar Hall, mas foi-lhe difícil falar, por ser “tão acabrunhador o sentimento de fechar um capítulo e abrir outro”. Ela mandara construir uma ampla sala com varanda para os irmãos no topo do que fora a casa da Sra. Russak, que se ligava, ao nível do rés-do-chão, com o edifício da sede. A varanda dos dois tinha uma vista belíssima de Adyar.

Krishna escreveu a *Lady Emily* no dia 12 de dezembro dando-lhe as boas-vindas ao seu país, onde ela deveria chegar a 17, dizendo-lhe que a vida não era “agradabilíssima”, que ele não fora “particular-

mente feliz” e que “as coisas seriam muito difíceis no futuro”. Junto com essa carta de saudações, ele e Nitya foram para Bombaim recebê-la. “Pareciam muito estranhos”, recordou ela, “em seus trajes indianos — Krishna com um turbante lilás, um comprido casaco de tussor e um dotim (longa peça de musselina colgada em torno das pernas), e Nitya com um bonezinho redondo de veludo”. *Lady Emily* conseguiu escapar do Palácio do Governo de Bombaim, onde ela e o marido se hospedaram com *Sir George* e *Lady Lloyd*, para ir em companhia de Krishna e Nitya a Benares a fim de juntar-se à Sra. Besant e assistir à Convenção teosófica que ali se realizava naquele ano.

Em 1914 a Sra. Besant entregara o Colégio Central Hindu, e as escolas anexas para meninos e meninas a alguns hindus importantes, que o transformaram na Universidade Hindu. Durante sua visita à Índia em 1921, o Príncipe de Gales esteve no dia 23 de dezembro em Benares, onde lhe foi conferido o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Hindu. No dia seguinte outorgou-se à Sra. Besant a mesma honraria. Ela sentia-se muito orgulhosa do título e, dali por diante, mostrava gostar que lhe chamassem Dra. Besant. Voltou por certo a Benares para receber o título no dia seguinte à recepção de Krishna em Adyar. Aos setenta e quatro anos sua energia continuava pasmosa.

Krishna proferiu uma das quatro conferências da Convenção em Benares, cujo tema foi “Teosofia e Internacionalismo”. Ao falar, mostrou-se “muito hesitante naqueles dias”, rememorou *Lady Emily*,

e obviamente encontrava grande dificuldade para traduzir em palavras os pensamentos, embora preparasse do princípio ao fim suas palestras. Sua técnica é agora muito impressionante e ele tem completo domínio do público mas, no meu modo de entender, deve-o mais à força da sua personalidade do que ao seu poder de oratória. Fala sempre em inglês, que grande proporção do seu público, pelo menos na Índia, não compreende e, no entanto, todos o escutam fascinados. Creio que ele se dirige a alguma consciência interior, que não depende de palavras.

Isso foi escrito há quase vinte anos e, não obstante, muitos diriam o mesmo dele hoje em dia.

Shiva Rao estava em Benares, como também estavam George Arundale e Rukmini Devi, a bela esposa brâmane que ele desposara em abril, com dezesseis anos mal completos, filha de conhecido engenheiro e estudioso de sânscrito. (O casamento suscitara vigorosa oposição, que Rukmini enfrentara corajosamente.) Outra pessoa que ali estava era Barbara Villiers, prima de *Lady Emily* por parte dos Claundons e quase uma filha adotiva de *Lady De La Warr*, que Krishna

conhecera bem na Inglaterra e que viajara com ele no *Morea*. Ela apanhou tifo durante a Convenção e ficou muito doente, provocando profunda ansiedade. Assim que a julgaram fora de perigo, Krishna, Nitya, a Sra. Besant, a Sra. de Manziarly e um amigo indiano, Jadunandan Prasad (chamado Jadu para abreviar),¹ foram para Adyar no princípio de janeiro de 1922, ao passo que *Lady Emily* era obrigada a juntar-se ao marido em Deli.

No dia 11 de janeiro, a Sra. Besant, Krishna e Nitya falaram numa reunião em Adyar. Krishna falou durante trinta e cinco minutos. "A.B. me disse depois da palestra que falei bem", contou Krishna a *Lady Emily*, "com maior domínio de mim mesmo, idéias mais claras, etc.!! Também, pudera! Levei dois dias preparando essa maldita coisa e suei a camisa". Nessa palestra ele pressagiou o que havia de vir quando disse: "Quero dizer-lhes nesta manhã que Ele não pregará o que queremos, nem o que desejamos, nem fará concessões aos nossos sentimentos que todos apreciamos mas, ao contrário, virá acordar-nos, quer o queiramos quer não, pois precisamos ser capazes de receber golpes como homens." Na mesma carta a *Lady Emily* acrescentou:

Adyar é um lugar *muito* cheio de mexericos, e se eu começar a contá-los a você, não lhes chegarei ao fim... Helen mandou-me uma grande fotografia sua, não *muito* boa; mostrei-a à Sra. Besant e ela me perguntou: "Você não quer mandá-la emoldurar?" E ela já se dispunha a dar as ordens necessárias, quando eu disse: "Acho melhor não, pois não quero dar margem a mexericos a meu respeito, e muita gente entra no meu quarto." Ela sorriu e compreendeu... Nem tudo é divertimento por aqui. Maldição. Que vida!

Krishna sentiu-se consternado ao deparar com tantas invejas e facções antagônicas em Adyar. Decidido a fazer que todos vivessem em harmonia e a "arrebentar-lhes as panelinhas", entrou a convidar para o chá em seu quarto, diariamente, pessoas diferentes. Depois passou a oferecer almoços, aos domingos, no andar térreo da casa que fora da Sra. Russak, para umas vinte pessoas de cada vez. Esse andar era agora ocupado por Dwarkanath Telang, que se diplomara em Oxford e gerenciava o *New India*, o jornal diário de Madrastra dirigido pela Sra. Besant. Rico e generoso, Dwarkanath era o verdadeiro anfitrião desses almoços dominicais. No primeiro andar estavam morando Raja

1. Jadu nascera em Bihar e fora educado no Colégio Central Hindu, onde Krishna o conhecera em 1910. Depois disso, fora para Cambridge, onde se bacharelara em ciências naturais. Estivera em Varengeville em 1913, e ainda se tornaria muito chegado a Krishna.

e sua esposa. A própria Sra. Russak voltara a casar e vivia agora nos Estados Unidos.

Krishna tinha uma pesada correspondência a que lhe era preciso responder, além de escrever as notas editoriais do *Herald*, cada vez mais difíceis para ele, embora tivesse, “como sempre, a ajuda de Nitya”. Descansava e lia por uma hora todas as tardes; a Sra. de Manziarly dava-lhe aulas de francês e ele voltara a estudar sânscrito, de modo que levava uma vida bem ativa. Nitya repousava durante três horas à tarde e estava começando a engordar. Todos os dias, ao entardecer, depois da partida de tênis, Krishna caminhava até a beira-mar no momento exato em que o sol se punha e achava-o “realmente maravilhoso”. Sempre tivera paixão pelo ocaso. Tanto para ele quanto para Nitya, Adyar era o mais belo sítio que já tinham visto.

Fora idéia de Nitya, antes de regressar à Índia, reverem ambos o pai e tentarem fazer amizade com ele. O encontro ocorreu num dia qualquer de janeiro em Triplicane, distrito de Madrastra, onde Narianiah estava vivendo. Nitya escreveu a Mar de Manziarly: “*Nous avons vu nôtre père qui est gaga, nôtre frère ainé qui est vraiment pas mal, nôtre frère cadet qui est fou.*” A única coisa de que Krishna se lembra desse encontro é que ele e Nitya se prosternaram diante do pai e lhe tocaram os pés com a testa. Narianiah saiu correndo e foi lavar os pés, que haviam sido tocados por párias.¹

No fim de janeiro chegaram notícias de que Barbara Villiers tivera uma recaída e estava passando malíssimo. Krishna partiu imediatamente para Benares. “Quando ela souber que estou ali, um velho amigo, um curador, etc., isso talvez a alegre e ajude”, escreveu ele a Lady Emily do próprio trem. “*Vou curá-la; meu orgulho está ferido.*” Mas em Calcutá, onde teve de interromper a viagem, recebeu um telegrama que lhe anunciava a morte.

Não é horrível? [escreveu ele de Benares]. A pobre e querida Barbara se foi e para sempre. Sinto-me atordoado... Esta é a primeira vez em minha vida que morre alguém que eu realmente amava [ele parece haver-se esquecido da mãe] e isso me dá uma sensação estranha e deprimente. Mas precisamos ser filósofos, mormente quando estamos amargurados... Barbara era como uma irmã e, como a rosa tenra da manhã, ela se foi!

1. Narianiah morreu em fevereiro de 1924. Seu filho mais velho, Sivaram, tornou-se médico. Morreu em 1952, deixando quatro filhos e quatro filhas. O filho mais velho, Giddu Narayan, ensina matemática na Rudolph Steiner School em Sussex. O irmão mais moço de Krishna, Sadanand, viveu com Sivaram até sua morte em 1948. Tendo permanecido mentalmente uma criança, era muito brincalhão, gostava de jogos e sempre foi muito querido pelos sobrinhos e sobrinhas.

Nitya já se mostrava menos filosófico ao escrever, de Adyar, para Mar de Manziarly:

Pobre Barbara, foi um choque medonho para nós... É horrível ver que a vida continua, que ninguém é realmente necessário para a existência do mundo nem para a nossa existência; não importa quem morre, precisamos continuar, continuar, continuar. Tudo isso é tão cansativo, e a Teosofia é a mais cansativa de todas as coisas. *Krishna est un grand succès ici et moi aussi, mais tout ça au fond change très peu.* Você tem muita sorte, tem sua música, e pode esquecer tudo de vez em quando. *La vie prochaine*, vou interessar-me por alguma espécie de música, nem que seja para ficar apenas tocando tambor.

Krishna não viu muito a Sra. Besant enquanto estiveram em Adyar. Ela saía todas as manhãs às dez horas para a redação do *New India* em Madrastra, e só voltava às seis e meia da tarde, não gostando de ser perturbada de manhã cedo. Krishna, naturalmente, obedecia aos horários indianos, como toda a gente em Adyar, e adotava os hábitos hindus, sentando-se no chão de pernas cruzadas às refeições e comendo com os dedos os alimentos servidos em pratos que eram grandes folhas de bananeiras. Levantava-se às 5:45, tomava o desjejum com a Sra. Besant às 6:30, almoçava às 10:30, tomava chá às 3:30, jantava às 6:30 e deitava-se às 8:45. De manhã muita gente lhe solicitava entrevistas particulares. "Todo o mundo anseia ver-me, falar comigo e ouvir meus conselhos", contou ele a *Lady Emily* no dia 14 de fevereiro. "Deus há de saber por quê. Eu é que não sei. A Sra. Besant ouve minha tagarelíce com muita atenção quando falo com ela e diz que lhe serei de grande ajuda, etc. Não, mãe, não se preocupe, que não ficarei presunçoso."

A própria *Lady Emily* conseguiu escapar de Deli para Adyar por um mês, a partir do fim de fevereiro, antes de regressar à Inglaterra. A Sra. Besant colocou um quarto à sua disposição no edifício da sede e, pelo menos dessa vez, ela teve um período de plena felicidade ao lado de Krishna. E, como aconteceu a muita gente antes e depois disso, apaixonou-se pela beleza do lugar.

Quando eles chegaram à Índia, ficou decidido que Krishna e Nitya iriam a Sydney, onde Leadbeater ainda estava morando, para assistir ali a uma Convenção teosófica em abril. No dia 22 de março, zarparam de Colombo a bordo do *Omar* em companhia de Raja e sua esposa, para serem seguidos pela Sra. Besant três semanas depois. A Sra. Besant achava que não devia ir com eles, embora isso significasse para ela perder a Convenção de Sydney, pois Gandhi acabava de ser preso, e ela esperava, ficando na Índia, utilizar sua influência para

evitar derramamento de sangue. A Sra. de Manziarly permaneceu na Índia até setembro, quando voltou a Paris.

A viagem para Colombo e o calor úmido do Ceilão foram muito maus para Nitya, que recomeçara a tossir durante a viagem por mar. A ultrajante curiosidade dos passageiros desgostou Krishna; “as duas beldades” de bordo tentaram flertar com ele, e o deixaram “na fossa”.

Que vida! Valerá a pena? [perguntou ele a *Lady Emily*, uma semana depois de zarparem]. Esta luta que não acaba mais. Para que, é que não sei... Sonho e sonho com uma vida diferente... Eu quisera que você e Helen estivessem comigo, pois assim eu seria perfeitamente feliz... Desejos vãos e vazios. Isso, às vezes, me deixa meio maluco mas, como todas as coisas, boas ou más, logo passará... Você não sabe o que estou passando; há uma rebelião dentro de mim, que vem crescendo lenta, mas seguramente. Com que propósito, também não sei. Um contínuo lutar, lutar e, depois, mais um pouco de luta. Eu gostaria de chorar um choro longo e bom, e aliviar um pouco essa tensão, mas não adianta; ela voltará logo. Minha mãe estremecida, quero afastar-me, afastar-me de toda a gente e refugiar-me num lugar belo, frio e solitário, mas aí de mim!

Este trecho fazia parte de uma longa carta, que ele levava dias escrevendo, embora escrevesse várias páginas quase todos os dias. Foi uma viagem enfadonha, animada apenas por jogos de pôquer, mas ele não diz com quem jogava.

No dia 1.º de abril, véspera do dia de sua chegada a Fremantle, Krishna recebeu um radiograma de Perth, que dizia: “Os Irmãos da Estrela dão-lhe as boas-vindas.”

Senti um calafrio descer-me pela espinha [escreveu]. Onde já se viu uma coisa dessa? Aqui há gente à minha espera para dar-me as boas-vindas — para dar-me as boas-vindas — e eu desejo estar em qualquer lugar, menos aqui. É medonho e não posso explicá-lo direito a você. De certo modo é uma vergonha; não sou dos que ambicionam esse tipo de coisas e, no entanto, será assim toda a minha vida. Oh! Senhor, que foi o que fiz? Além do mais me sinto tão tímido e envergonhado do que essa gente vai pensar, os meus companheiros de viagem! Não que eu ligue para isso. Mas detesto todas essas coisas! Diga-me, mãe, que devo fazer? Sinto-me como uma criança que quer fugir para os braços maternos. Oh! céus, de que estou falando!

Contou, em seguida, que, na noite anterior, Raja foi “sentar-se ao lado de um inglês no sofá e o homem disse: ‘Está ocupado.’ Raja escusou-se, ‘Queira desculpar-me’, e afastou-se. Nisso, o homem vira-se para o amigo e explica em tom ofendido: ‘Que p... ousadia!’ Senti ganas de esmurrar-lhe a cabeça feia mas, infelizmente, tenho bom senso demais para fazer uma coisa dessas. Que é que podemos fazer com esses bárbaros ignorantes?”

De Fremantle foram a Perth, onde Krishna teve de suportar a “tortura” de falar por duas vezes. “Eu não tinha vontade alguma de falar e toda a gente ficou encantada e agradeceu-me o que eu tinha dito. Você não sabe o quanto abomino tudo isso, todo o pessoal que vem receber-nos, as reuniões e devoções. É contrário à minha natureza e não sirvo para esse trabalho.” Antes da última reunião noturna (o navio se faria ao mar às 11 horas da noite), numa sala que lhes emprestaram para descansar, ele e Nitya tentaram, durante uma hora, expor a Raja o seu ponto de vista. Krishna disse-lhe que a gente da S.T. não lhe interessava, que ele não se sentia membro do círculo deles e que, apesar disso, no mundo lá fora ele era um “excêntrico em grau superlativo”. Raja era incapaz de compreender. “Ele segue a corrente... E assim, quando duas pessoas lutam contra a detestável corrente, Raja, estupidificado e assombrado, não consegue compreender os lutadores.” Tudo o que Raja disse no fim foi: “‘Você não devia pronunciar tantas palestras’!!! E assim recomeçamos em Adelaide, Melbourne, Sydney, etc. Oh! diabo.”

A mesma coisa aconteceu em Adelaide e Melbourne — reuniões, apertos de mão, devoção e sorrisos, ao passo que Krishna ficava “cada vez mais taciturno e deprimido”, e reiterava o seu desejo de ir para algum sítio em que nenhum ser humano tivesse estado antes. Não obstante, em suas notas editoriais para o *Herald* de julho, enviadas de Adelaide, fez uma descrição lírica da beleza do trajeto de vinte quilômetros entre Fremantle e Perth e da excitação que o possuía por estar num país novo. Ao ler essas notas ninguém diria que ele não era o jovem mais feliz do mundo.

DIFICULDADES EM SYDNEY

Chegaram a Sydney numa quarta-feira, 12 de abril, e foram recebidos por Leadbeater cercado de um grupinho de meninos, e a costumeira multidão de teosofistas e membros da Estrela. “C.W.L. continua o mesmo”, escreveu Krishna a *Lady Emily*; “tem o cabelo muito mais branco, mas continua a ser o homem jovial e radiante de felicidade. Ficou muito contente ao ver-nos. Pegou no meu braço, não o largou mais e apresentou-me a todos com um ‘voilà’ em seu tom. Também tive muito prazer em vê-lo”.

Krishna, Nitya e os Raja hospedaram-se em casa do Sr. John Mackay e esposa, teosofistas eminentes, em “Malahide”, Alamang Avenue, Kirribilli, a três quilômetros e pouco do local em que Leadbeater vivia (“Crendon”, Neutral Bay), em casa de uma família holandesa chamada Köllerström. Fazia quase seis anos que Leadbeater morava em Sydney. Tinha agora uns doze jovens à sua volta, na maioria rapazes, cuja idade variava entre catorze e vinte e um anos.

Você sabe que ele é realmente um velho maravilhoso [escreveu Nitya a Ruspoli]; continua o mesmo, embora um pouco mais manso e um pouco menos cruel com as velhas damas; agora já sai dos seus cômodos para ir conversar com todas as feias... De vez em quando, porém, diz impropérios e é, então, o velho C.W.L. de Adyar. Mas exatamente como acontecia em Adyar, tudo para ele são favas contadas, nunca existe o problema de uma dúvida, nunca existe o problema de que alguém possa duvidar; está sempre seguro de que tudo é tão real para todos quanto para ele.

Havia nele, contudo, uma mudança importante desde que Krishna e Nitya o tinham visto pela última vez em 1912 — fizera-se bispo da Igreja Católica Liberal. Nesse ponto, outro personagem brilhante ingressa na história — James Ingall Wedgwood, descendente do mestre

oleiro Josiah Wedgwood. Nascido em 1883, fizera o curso de farmácia e estudara a construção do órgão; discípulo do organista de York Minster, tencionava tomar ordens sacras na Igreja Anglicana, quando, em 1911, ouviu a Sra. Besant falar em York e converteu-se imediatamente à Teosofia. Tornou-se secretário-geral da S.T. na Inglaterra e no País de Gales, antes de George Arundale ocupar essa posição, e introduziu na Ordem da Estrela, logo após sua fundação, um rito que teve vida efêmera, chamado a Cruz Rósea. Quando esta falhou, saiu à procura de outra vazão para suas inclinações cerimoniais e foi encontrá-la na Velha Igreja Católica ou Jansenista, assim chamada pelo nome do fundador, Jansênio, Bispo de Ypres, reformador do século XVII, que se afastara da Igreja de Roma por não aceitar a doutrina da infalibilidade papal. Os Velhos Católicos reivindicavam a sucessão apostólica, e Wedgwood foi ordenado padre em 1913 pelo Bispo Mathew, da Velha Igreja Católica. Três anos mais tarde, depois de consultar a Sra. Besant e Leadbeater (pois não deixara de ser membro ativo da S.T. e da Estrela), foi guindado à dignidade episcopal por outro bispo da mesma Igreja, o Bispo Willoughby. Wedgwood partiu imediatamente para a Austrália e, no dia 15 de julho de 1916, com a bênção do Senhor Maitreya, elevou Leadbeater ao cargo de Bispo Regional da Australásia da Igreja Católica Liberal, novo nome da Velha Igreja Católica. A missa obedecia ao ritual católico romano, mas as orações, que a Sra. Besant ajudara Leadbeater a compor, eram ditas em inglês; não havia confissão; e não se exigia o celibato do clero. Os padres, assim como os bispos, envergavam suntuosos paramentos.

É estranho que Leadbeater tivesse desejado essa forma de elevação, mas é possível que, durante todo esse tempo, ele anelasse voltar à antiga profissão pois, no dia 25 de julho de 1916, escrevera à Sra. Besant:

Um interessante vislumbrezinho de processos esotéricos veio-me na noite que se seguiu à minha consagração. Meu próprio Mestre [Kuthumi] referiu-se a ela com muita bondade e falou da força adicional para ajudar que ela me dera; em seguida, observou: "Você julgou haver renunciado a toda e qualquer perspectiva de um bispado ao deixar sua Igreja há trinta e dois anos para seguir Upâsika [a Sra. Blavastky]; mas posso dizer-lhe que você o alcançaria naquele mesmo ano em seu trabalho original, de modo que nada perdeu exceto os emolumentos e a posição social, e ganhou enormemente em outros sentidos. Ninguém perde jamais por servir-Nos!"

Wedgwood regressara à Inglaterra, depois da consagração de Leadbeater, para trabalhar como conferencista e escritor teosófico e cumprir

suas obrigações episcopais mas, quando a Sra. Besant foi para Londres depois da guerra, ouviu dizer que estavam sendo assacadas contra ele, pela polícia, acusações de perversão sexual. Ela decidiu exigir que ele se demitisse incontinenti da S.T., mas teve de revogar sua decisão ao receber um telegrama de Leadbeater em que este dizia que isso seria impossível porque Wedgwood fora recentemente elevado à categoria de Iniciado. Parece que a polícia não insistiu nas suas acusações contra ele e Wedgwood permaneceu mais algum tempo na Inglaterra.

Krishna e Nitya ficaram espantados ao constatar que as atividades da Igreja Católica Liberal desempenhavam um papel importante na vida dos seguidores de Leadbeater. O velho tinha agora mais força do que nunca, pois lhe era dado criar padres e distribuir promoções esotéricas. A atitude de Krishna em relação à Igreja foi expressa na primeira carta que ele escreveu de Sydney a *Lady Emily*:

Domingo de manhã [18 de abril] fui à igreja da I.C.L. [em Regent Street, Redfern], cujo padre oficiante era C.W.L. Ele fez tudo *muito* direitinho, mas você sabe que não sou cerimonialista nem aprecio tantos ornatos, com tantas orações e inclinações para um lado e para outro, tantos mantos, etc.; mas *não* atacarei nada disso. Há pessoas que o apreciam. Portanto, que direito tenho eu de atacá-lo ou desaprová-lo? A igreja durou duas horas e meia e fiquei tão entediado que já estava quase desmaiando. Aliás, receio ter dado demonstração disso. Preciso tomar cuidado para que não me interpretem mal e não haja confusões. Eles são como cães e gatos no tocante a esse negócio de igreja. Seja como for, são uns tolos. O seu excesso de zelo e falta de tato é a causa de todas as dificuldades que surgem por aqui.

Fazia muito tempo que essas dificuldades vinham fermentando no seio da S. T. entre o partido da Igreja de Leadbeater e a facção contrária à Igreja, dirigida por T. H. Martyn, secretário-geral da S.T. e chefe da Seção Esotérica na Austrália, homem rico que, antes da ida de Leadbeater para Sydney, sustentara financeiramente, durante anos, a Loja Teosófica Australiana. Martyn, agora, fazia campanha contra Leadbeater num movimento de "Retorno a Blavatsky" — pois a Teosofia de Blavatsky era considerada por muitos como Teosofia pura, não-contaminada pelo culto de personalidades, pelas promoções esotéricas distribuídas como diplomas universitários, pelo Mestre Universal e por essa Igreja adventícia, inventados por Leadbeater. Martyn fundou uma Liga da Lealdade — isto é, leal à Sra. Blavatsky. Wedgwood, em Londres, assim como Leadbeater, estava no centro da tempestade; o primeiro era acusado de mau procedimento heterossexual e homossexual e ultrajara o Sr. Martyn mantendo relações com a mulher dele em sua casa, e ultrajara ainda mais a Sra. Martyn deixando-a por

insistência de Leadbeater. Toda a desgraçada história veio a furo na Convenção da S.T., inaugurada na sexta-feira, 16 de abril, dois dias após a chegada de Krishna. Se a Sra. Besant estivesse presente, talvez lhe tivesse atalhado a erupção, pelo menos da forma tão desagradável com que ela se verificou.

Segundo Krishna, o barulho só começou no dia 19, quando um eminente teosofista australiano apresentou uma moção em que pedia à Convenção um voto de confiança aos seus dois mestres, a Dra. Besant e o Bispo Leadbeater.

Ouviu-se um imenso clamor da parte da Liga da Lealdade. Um sujeito levantou-se, tremendamente grosseiro e vulgar, e disse que não tinha confiança em C.W.L. pois este era um homem imoral e começou a enumerar todas as mentiras já proferidas contra C.W.L. Raja, que era o presidente, declarou que nada disso tinha relação com o caso em tela, etc. Depois se ouviram os defensores de C.W.L. e os seus detra-tores. Ele ficou lá o tempo todo. A tempestade de acusações e defesas durou cerca de duas horas e meia. Martyn falou e disse que C.W.L. não merecia confiança por estar ligado a Wedgwood [*sic*]. Em seguida, falamos Fritz Kunz,¹ Nitya e eu. Afirmei que conhecia C.W.L. melhor do que a maioria dos presentes, de modo que podia falar com alguma autoridade. Declarei que era um dos homens mais puros e mais notáveis que eu já conhecera. Podia-se duvidar da sua clarividência, mas não se podia duvidar da sua pureza. Quanto ao fato de se intitular Bispo, um homem pode denominar-se o que bem entender, etc. Finalmente, fiz ver que, sendo teosofistas, estávamos procedendo pior do que o homem comum e perdendo todo o nosso cavalheirismo ao atacar, etc. Martyn saiu imediatamente após a votação. 85 a favor e 15 contra. Só os delegados votaram.

Dois dias depois, Krishna e Nitya jantaram com o Sr. e a Sra. Martyn e fizeram o possível para reconciliá-los com Leadbeater. Martyn disse acreditar na pureza de Leadbeater, mas afirmou possuir provas irrefutáveis da imoralidade de Wedgwood. Krishna conhecera Wedgwood, naturalmente, mas nada sabia do seu caráter. Pediu a *Lady* Emily que descobrisse as acusações formuladas contra ele na Inglaterra. As principais acusações feitas contra ele em Sydney diziam que um detetive particular o vira entrar dezesseis vezes em "privadas públicas" no espaço de duas horas; na Inglaterra, segundo transpirou, acusavam-no de atos imorais com um dos padres. Nesse intervalo, Wedgwood pediu demissão em março da S. T., "cansado da campanha de calúnias

1. Um norte-americano de Illinois, que viera de Adyar com Krishna e seu grupo. Aos dezessete anos de idade viajara com Leadbeater e fora um dos seus secretários em 1906, por ocasião do inquérito realizado em Londres acerca do procedimento de Leadbeater.

e intrigas maldosas movida contra ele”; recusou-se a responder aos ataques pessoais que lhe eram dirigidos e declarou que tencionava recolher-se à vida privada.

Terminada a Convenção, Nitya, muito enfraquecido pela viagem por mar, foi procurar um médico em Sydney. Este descobriu pelo raio-X que não só o pulmão esquerdo estava doente mas que o direito também fora afetado. O choque foi terrível para os dois irmãos, pois o Dr. Rollier lhes assegurara que tanto o pulmão esquerdo estava curado quanto o direito se achava em perfeitas condições. O médico ordenou a Nitya que deixasse Sydney sem demora, de modo que, no dia 29 de abril, ele e Krishna foram para o Hotel Carrington, em Katoomba, nas Montanhas Azuis, a quase cem quilômetros de Sydney.

Antes de ir para Katoomba, Krishna tentou falar a sós com Leadbeater, mas chegou à conclusão de que isso era impossível porque havia sempre um número exagerado de jovens em torno dele. Krishna não se sentiu atraído por nenhum dos rapazes, mas teve ocasião de fazer amizade com uma moça inglesa que também se achava hospedada em casa dos Mackays em “Malahide” — Ruth Roberts, sobrinha da Dra. Mary Rocke, que agora morava em Sydney como auxiliar médica de Leadbeater e trouxera Ruth consigo para que Leadbeater a ajudasse em seu progresso pelo Caminho. “Ela [Ruth] é muito simpática, *muito* alta e bonita”, contou Krishna a *Lady Emily*. “Não, não estou apaixonado e não creio que venha a estar.” Dez dias depois, tornava a escrever a respeito de Ruth:

Bem, admito que ela é muito simpática e que gosto dela; ela quer submeter-se à provação e não sabe por que não pode. Fez apenas 17 anos e tivemos uma longa conversa. Alguém me contou que circularam boatos por aí de que eu me apaixonara por ela e de que isso lhe viraria a cabeça. Que idéia! Logo eu apaixonado! De mais a mais, como posso? De qualquer maneira, essa história serviu para mostrar que preciso ter o máximo cuidado com esse tipo de coisas para não granjear “alguma” reputação. Os teosofistas são muito crédulos.

Ter-se-ia ele esquecido de que declarara estar apaixonado por Helen na véspera da sua partida para a Índia? Ainda que assim fosse, não se esquecera da própria Helen, pois na carta seguinte escreveu: “Agora preciso parar e escrever para Helen. Tenho escrito meia hora para você e meia hora para Helen.” E poucas semanas mais tarde escrevia, depois de saber que *Lady Emily* conhecera Helen: “Estou *muito muito* contente por você gostar de Helen. Agrade-me saber que aprova meu gosto.”

Como Krishna e Nitya voltaram a Sydney para encontrar-se com a Sra. Besant, que chegou no dia 9 de maio, Nitya mal se demorara dez dias nas montanhas, onde logo começara a sentir-se melhor. Krishna ficou encantado ao ver a Sra. Besant: "Ela é realmente grande", disse a Lady Emily, "e muito melhor do que todos nós".

Nitya descreveu numa carta a Ruspoli o que aconteceu em Sydney após a chegada da Sra. Besant:

Martyn solicitou uma investigação sobre Wedgwood, a Igreja e C.W.L. Martyn entregou todos os seus documentos a um dos grandes jornais diários [o *Daily Telegraph*]. A.B. teve uma recepção muito amistosa ao chegar, todos os jornais entoaram loas a ela, de modo que as acusações de Martyn, naturalmente, foram uma bomba tremenda e todos os jornais lhes deram guarida. Eles remexeram em tudo, H.P.B. [Sra. Blavatsky], C.W.L., Alcione, a Estrela, a Igreja, os Mestres, tudo foi escarafunchado, e durante uns quinze dias tivemos imensas colunas nos jornais. Toda a gente escreveu; A.B. respondeu a algumas cartas; C.W.L., à sua maneira habitual, deu pouquíssima atenção ao caso. As conferências de A.B. foram muito concorridas e cada vez que ela fazia um sermão na igreja atraía, mais ou menos, umas 1.500 pessoas. Tivemos uma imensa propaganda sem pagar um tostão.

O senso comercial de Nitya era robusto. Ele, Krishna e alguns jovens de Leadbeater escreveram para o *Telegraph* em defesa de Leadbeater, mas o jornal recusou-se a imprimir-lhes as cartas. Krishna dava muito maior importância à publicidade do que Nitya.

Artigos terrivelmente vulgares têm aparecido [relatou ele a Lady Emily no dia 2 de julho], tais como "Onde Leadbeater bispa", "Os Mahatmas", "Negros de cor ajanotada", referindo-se a nós. [Outra manchete era "Leadbeater um *Swish Bish* com Meninos".] Um deles perguntou onde arranjei minhas roupas, tão bem cortadas são elas... Só Deus sabe o quanto detesto tudo isso; é muito desagradável esse tipo de notoriedade. Quando ando pelas ruas as pessoas se cutucam e me apontam; no outro dia, um sujeito disse a outro: "Lá vai aquele cara que sai nos jornais, o Messias!" E os dois caíram na gargalhada. Eu também teria rido se não estivesse ali ou não me achasse envolvido no caso. Sydney está-se divertindo à beça à nossa custa e à custa da Teosofia, graças ao Sr. Martyn e à sua turma... No outro dia eu estava andando pela rua, quando alguém disse: "Ora, viva! Lá vai aquele sujeito das 30 vidas." Quase cai duro no chão. Senhor! Como odeio tudo isso e como detesto a publicidade! E dizer-se que a terei pelo resto da vida! Céus, que foi o que fiz para merecer tudo isso?

Tão grande foi o estardalhaço nos jornais que o Ministro da Justiça se viu obrigado a ordenar a abertura de um inquérito a fim de apurar a veracidade das alegações contra Leadbeater e, no dia 25 de maio (o dia que ainda se supunha fosse o do aniversário de Krishna

— o seu vigésimo sétimo) ele e Nitya, Raja, Fritz Kunz e outros “meninos” de Leadbeater rumaram voluntariamente para o Departamento de Polícia no intuito de serem reinquiridos por um detetive. Entraram um por um, exceto Krishna e Nitya, que, por serem irmãos, tiveram permissão para entrar juntos. Krishna descreveu essa provação em sua carta de 2 de junho; ele “tremia como uma folha” e estava tão nervoso que ficou quase “maluco”. “Tornei-me mais sensível e você pode imaginar o que passei.” Teve a impressão de que os detetives não tinham prevenção contra ninguém mas queriam realmente descobrir a verdade. Ele e Nitya disseram um “não” peremptório a todas as perguntas, tais como se tinham algum dia presenciado uma imoralidade qualquer ou se tinham aprendido práticas imorais com Leadbeater. “Eles fizeram perguntas tão estarrecedoras”, contou Nitya a Ruspoli, “que o garoto menor nem as compreendeu”.

Tendo sido as acusações contra Leadbeater negadas por todos os seus “meninos”, passados e presentes, encerrou-se o inquérito. Nunca se provou coisa alguma contra Leadbeater. Este nunca negou, nem por um momento, que advogava a masturbação como medida profilática mas, ao fazê-lo, estava apenas adiante do seu tempo, e por certo não a ensinou a Krishna nem a Nitya. De mais a mais, não há prova nenhuma de que algum dos seus “meninos”, depois de crescer, se tenha tornado homossexual; quase todos, na verdade, foram felizes no casamento.

Nessa ocasião, todos chegaram à conclusão de que urgia afastar Nitya de Sydney o mais depressa possível e mandá-lo de volta à Suíça, onde ele deveria permanecer até curar-se de todo. Ir, via Índia ou África do Sul, seria demasiado quente para ele; só havia uma alternativa — ir por São Francisco. O Sr. A. P. Warrington, secretário-geral da S.T. nos Estados Unidos, que fora a Sydney para assistir à Convenção, sugeriu que os viajantes interrompessem a viagem demonstrando-se no Ojai Valley, a uns cento e trinta quilômetros de Los Angeles, cujo clima, segundo se dizia, era excelente para típicos. Um amigo dele lhes emprestaria uma casa, onde eles poderiam ficar por três ou quatro meses, indo depois para a Suíça no fim do outono. “Tive uma conversa com Amma [Mãe: a Sra. Besant] a meu respeito”, escreveu Krishna a *Lady Emily* no dia 19 de maio; “Eu disse-lhe que meu corpo mental não estava suficientemente desenvolvido e que eu queria estudar num ambiente sossegado e sem interrupções... É claro que não farei nenhum trabalho para a Estrela nem para a Teosofia, visto que realmente quero estudar”. Ele pretendia passar dezoito meses na Califórnia e na Suíça estudando filosofia, economia,

religião e educação. A Sra. Besant e Leadbeater aprovaram o plano e ficou decidido que eles, acompanhados do Sr. Warrington e de Fritz Kunz, embarcariam no dia 14 de junho para São Francisco.

A Sra. Besant retornou à Índia uns quinze dias antes do embarque dos rapazes. “Amma partiu ontem à noite”, contou Krishna a *Lady Emily* em carta de 2 de junho, “no meio de grandes aclamações. Pessoalmente fiquei *muito* triste com a sua partida, pois só Deus sabe quando tornaremos a vê-la, sobretudo nós dois. Não creio que eu a tenha alguma vez amado mais do que a amo agora. Ela é realmente maravilhosa”. Antes de partir, ela e Leadbeater tinham tido longas conversas particulares com Krishna, Nitya e Raja sobre “a história toda, Wedgwood, Iniciados, etc.”, que Krishna achou melhor não pôr por escrito. Krishna também contou a *Lady Emily* na mesma carta de 2 de junho que recebera uma mensagem do Mestre Kuthumi “trazida” por Leadbeater. Krishna copiou-a para ela:

“A teu respeito também alimentamos as mais altas esperanças. Firta-te e amplia-te e forceja sempre mais por deixar a mente e o cérebro em posição de subserviência diante do verdadeiro Ego interior. Sê tolerante para com as divergências de pontos de vista e métodos, pois cada qual tem geralmente um fragmento de verdade escondido em algum lugar no seu interior, ainda que muitas vezes deformado a ponto de tornar-se irreconhecível. Procura esse tenuíssimo lampejo de luz no meio da escuridão estígia de cada mente ignorante, pois, reconhecendo-o e secundando-o, poderás ajudar um pequenino irmão.”

Krishna acrescentou: “É isso justamente o que eu desejava, pois me inclino a ser intolerante e a não procurar o irmão!” Essa mensagem exerceria profundo efeito sobre Krishna.

Os dois irmãos chegaram a São Francisco no dia 3 de julho, depois de uma viagem sumamente aborrecida, durante a qual passageiras de todas as idades procuraram conhecer Krishna, ao passo que alguns passageiros se mostraram extremamente insultuosos. Krishna ouviu um australiano perguntar por que “um homem escuro” tinha permissão para viajar de primeira classe. Em São Francisco ficaram em casa de um membro da S.T., a Srta. Miklau, professora da Universidade de Berkeley. Nitya, que passara muito mal durante a viagem mas que, de um modo geral, se achava melhor e tossia menos, quis consultar um médico em São Francisco, de modo que eles foram obrigados a permanecer ali duas noites, já que o dia 4 era o Dia da Independência, feriado nacional. O médico mostrou-se otimista, disse não achar que o pulmão direito de Nitya estivesse comprometido e assegurou-lhe que Ojai era um lugar excelente para ele.

A Srta. Miklau mostrou-lhes toda a Universidade de Berkley, onde havia 14.000 estudantes de todas as nacionalidades. Krishna ficou maravilhado com aquilo:

Não havia a pavorosa distinção entre homens e mulheres que cria a atmosfera especial tão peculiar à Inglaterra e a outros lugares [contou ele a *Lady Emily*]. As pessoas olham umas para as outras cara a cara e não com aquele olhar enviesado tão penoso nos países mais velhos. Eu queria viver ali e reviver parte da minha vida. O *laisser-aller* de toda a gente era o meu deleite particular... Eu desejava ajudar a todos; senti-me tão amigo, tão amável, sem me preocupar sequer com que conhecessem minha história. Não havia a distância que existe entre o inglês devoto e o humilde indiano... respirava-se o ar da liberdade e da igualdade, que é a igualdade de oportunidade e de capacidade, independente da classe, do credo ou da cor. Fiquei tão emocionado que tive vontade de transportar a beleza física do lugar para a Índia e para os indianos, que são os únicos que sabem... criar a atmosfera escolástica apropriada. Aqui faltava essa atmosfera e eles não eram tão decorosos quanto nós, os indianos, o somos... oh, se uma universidade assim fosse transplantada para a Índia, com os nossos professores, para os quais a religião é tanto ou mais importante que a educação.

Na noite do dia 5 de julho, partiram de trem, num carro Pullman, para Ventura, onde chegaram na manhã seguinte às dez horas e foram recebidos pela sua anfitriã, a Sra. Mary Gray, e levados de automóvel, num trajeto de trinta e tantos quilômetros, interior adentro, até a extremidade mais distante de Ojai Valley, a 450 metros acima do nível do mar. A Sra. Gray tinha dois chalés vazios no meio de laranjais; cedeu um deles aos irmãos e o outro, a dois minutos de distância do primeiro, ao Sr. Warrington. Embora a temperatura fosse de 35 graus quando chegaram, o ar era muito seco e as noites, frias. Uma mulher vinha cozinhar-lhes o desjejum e o almoço, e eles mesmos cozinhavam o jantar. Krishna ficou assombrado ao saber que a mulher recebia 5,30 dólares por dia, cerca de 25 xelins. "Horrrível, não é? Nós não pagamos, somos hóspedes da Sra. Gray!!!" Havia verduras, frutas e cremes maravilhosos. Passaram a cavalgar pelas montanhas duas vezes por semana, o que não cansava Nitya; faziam exercícios físicos regularmente e encontraram um córrego em que tomavam um semicíupio diário. No dia 20 de julho Krishna pôde contar a *Lady Emily* que agora sabiam cozinhar panquecas, preparar ovos mexidos e fritar batatas, embora Heinz "fosse de grande utilidade". Nitya estava indo muito bem e quase não expectorava mais.

Mas uma semana depois todo o quadro se modificou. Nitya começara a ter febre e a tossir muito; Krishna passara por vários sustos, porque estavam sozinhos na casa.

Nitya é muito temperamental [escreveu ele a *Lady Emily* no dia 28 de julho] e, sendo eu seu irmão, agasta-se comigo e recusa-se a fazer o que lhe digo que faça. A Srta. Williams, irmã de uma amiga da Sra. Gray, veio outro dia fazer uma visita à casa da Sra. Gray. Bem, seja como for, nós dois gostamos dela e ela gosta de nós; não é teosofista, mas é *muito* simpática. Para encurtar a história, Nitya faz o que ela manda e, como consequência, faz o que há dez dias venho recomendando que faça. Ela é apenas uma menina de dezenove anos, mas esses americanos são capazes desde que nascem e, o que é mais, ela é *muito* animada, alegre e conserva N. de bom humor, o que é essencial. Sua irmã é uma pessoa da S.T. e, portanto, sabe de tudo mas, apesar disso, é muito boazinha. Ela partiu ontem e foi saber de sua mãe se pode voltar e, assim, de certo modo, cuidar de Nitya. Leio para ele umas três horas por dia; ele não lê absolutamente nada, o que é muito bom... Não se preocupe; tudo dará certo. Tenho mais do que certeza disso. Estamos lendo O. Henry e a Bíblia, uma boa combinação!

“O Cântico de Salomão” era, dentre os livros da Bíblia, o favorito de Krishna, depois partes do “Eclesiastes” e o “Eclesiástico” dos Apócrifos. Ele garante que nunca leu os Evangelhos.

O que Krishna não disse foi que Rosalind Williams era uma moça muito bonita, de cabelos loiros e ondulados e olhos de um azul incomum, como os de um gato siamês. Ela obteve permissão para voltar à casa da Sra. Gray, o que aliás não deixa de ser surpreendente, se considerarmos a natureza da moléstia de Nitya. Talvez a sua teosófica irmã houvesse persuadido a mãe de que a tuberculose era um preço pequeno que teriam de pagar pelo privilégio de cuidar do irmão do futuro Mestre Universal. Ficou entendido desde o princípio que Rosalind era a amiga especial de Nitya e não de Krishna.

Muitas pessoas tinham escrito ao Sr. Warrington instando com ele para que Nitya experimentasse o tratamento do Dr. Albert Abrams, que afirmava ser capaz de diagnosticar e curar a tuberculose, o câncer, a sífilis e muitas outras moléstias por meio de uma máquina elétrica de sua invenção. Afirmava o Dr. Abrams que a vacina da varíola era a causa da maioria das doenças, especialmente a sífilis; e sustentava que apenas dois por cento da população mundial estavam livres da sífilis, quer contraída quer hereditária. As únicas coisas necessárias a um diagnóstico eram algumas gotas de sangue do paciente sobre um pedaço limpo de papel mata-borrão. Os irmãos decidiram tentar o tratamento. O sangue de Nitya foi mandado para um discípulo do Dr. Abrams em Los Angeles, o Dr. Strong, sem detalhes de espécie alguma, exceto o nome; dois dias depois chegava o relatório: Nitya tinha tuberculose no pulmão esquerdo e nos dois rins (essa última parte foi um grande choque para eles) e sífilis no baço. Por intermédio de um amigo,

o Sr. Warrington conseguiu obter uma das raras máquinas Abrams chamadas "osciloclastos". Amarravam-se placas nas partes afetadas (pulmão esquerdo, rins e baço) e ligavam-se fios da máquina às placas, e Nitya precisava ficar sentado por horas a fio, todos os dias, submetido ao tratamento tedioso mas completamente indolor. O conteúdo da caixa era um segredo muito bem guardado; quando ligado, fazia o ruído de um relógio barulhento mas não produzia sensação alguma no paciente. O método de tratamento consistia em mandar ondas elétricas através das partes afetadas, que vibravam no mesmo ritmo da moléstia.

Albert Abrams (1863-1925) nascera em São Francisco, de pais muito ricos. Longe de ser um charlatão, possuía as mais altas habilitações médicas. Para Sir James Barr, distinto médico escocês, Adams era um gênio nascido antes do tempo. Upton Sinclair, que acreditava muito em Adams, escreveu: "Onde quer que estejais, ó vós que estais sofrendo, segui o meu conselho, procurai descobrir o novo trabalho e ajudai a torná-lo conhecido do mundo inteiro." Fazia-se a diagnose percutindo o torso de um jovem sadio eletricamente ligado, de uma forma complicada, ao sangue do paciente.

Duas semanas e meia depois, uma amostra do sangue de Nitya foi novamente mandada ao Dr. Strong para ser testada; segundo o relatório deste último, os germes da tuberculose e da sífilis já haviam desaparecido do corpo; apesar disso, Nitya deveria continuar o tratamento por quarenta e cinco minutos diários e tomar grande cuidado consigo mesmo. Krishna contou a *Lady Emily* que, pela primeira vez desde que contraíra a moléstia, Nitya perdera o gosto do seu escarro.

Krishna, que agora acreditava piamente na máquina, enviou uma amostra do próprio sangue e ficou sabendo que tinha um pouco de câncer nos intestinos e no pulmão esquerdo, e sífilis no baço e no nariz. "É engraçado esse negócio a respeito do meu nariz, não é?" escreveu ele a *Lady Emily*. "Lembra-se de que ele costumava aborrecer-me e os médicos não conseguiam atinar com o que era? . . . Está claro que não escrevi a ninguém sobre o meu diagnóstico e o de Nitya; isso provocaria, sem dúvida, um tremendo alvoroço." Ele se referia, naturalmente, ao diagnóstico da sífilis. Ao contar à Sra. Besant e a Leadbeater o diagnóstico do Dr. Strong e o tratamento de Nitya por meio da máquina Abrams, Krishna falou em tudo, menos em sífilis. Ele também começara a tratar-se com o "osciloclasto" e logo depois pôde escrever a *Lady Emily* que seu nariz estava muito melhor.

O PONTO DECISIVO

Não há dúvida de que Krishna fora grandemente influenciado pela mensagem de Mestre Kuthumi "trazida" antes da sua partida de Sydney. No dia 12 de agosto, umas cinco semanas após a sua chegada a Ojai, escreveu a *Lady Emily*:

Tenho meditado todas as manhãs durante meia hora ou 35 minutos. Medito das 6:45 às 7:20. Estou começando a concentrar-me melhor ainda que seja por algum tempo, e volto a meditar por uns 10 minutos antes de dormir. Tudo isso a está surpreendendo, não está? *Vou recuperar* meu antigo contato com os Mestres. Afinal de contas, essa é a única coisa que tem importância na vida. Nada mais tem. A princípio foi difícil meditar ou concentrar-me, e se bem eu o esteja fazendo apenas por uma semana, sinto-me agradavelmente surpreendido.

Cinco dias depois de ter escrito essa carta passou ele por uma experiência que lhe modificou a vida, embora decorressem ainda algumas semanas até que outras pessoas fora de Ojai soubessem o que acontecera. Tanto Nitya quanto Krishna escreveram relatos da experiência, começada no dia 17 de agosto. O de Nitya foi escrito para a Sra. Besant e Leadbeater duas semanas depois do sucedido:

Nossa casa está situada num longo e estreito vale de pomares de abricoteiros e laranjais, e o sol quente brilha dia após dia para lembrarmos de Adyar mas, ao entardecer, vem o ar frio da cadeia de montanhas que se erguem de cada lado. Muito além da extremidade inferior do vale corre a longa e perfeita estrada de Seattle, em Washington, a San Diego, no Sul da Califórnia, numa extensão aproximada de três mil e duzentos quilômetros, com um fluir incessante de tráfego barulhento. Apesar disso, nosso vale jaz felizmente desconhecido e esquecido, pois a estrada que o penetra não tem saída. Os índios norte-americanos chamavam-lhe o Ojai, isto é, o ninho, e durante séculos devem tê-lo procurado como refúgio.

Nosso chalé fica na extremidade superior e ninguém mais vive aqui por perto, a não ser o Sr. Warrington, que tem um chalé só para si a umas poucas centenas de metros; e Krishna, o Sr. Warrington e eu aqui estamos há quase oito semanas, descansando e recuperando a saúde. O Sr. Walton, vigário-geral da Igreja Católica Liberal dos Estados Unidos, que também tem uma casa no vale, vem visitar-nos de vez em quando e Rosalind, uma moça norte-americana, demora-se uma ou duas semanas aqui por perto e passa o seu tempo conosco. Há umas duas semanas aconteceu este incidente que desejo descrever-lhes, quando nós cinco estávamos reunidos aqui.

Os senhores poderão dizer-nos, se quiserem, o verdadeiro sentido do que aconteceu e a sua exata importância, mas aqui parecemos haver sido transportados a um mundo em que os Deuses tornavam a caminhar entre os homens por um curto espaço de tempo, deixando-nos a todos tão mudados que agora a nossa bússola encontrou sua estrela-guia. Creio não exagerar quando digo que todas as nossas vidas foram profundamente afetadas pelo que aconteceu.

O próprio Krishna, para falar verdade, deveria relatar a seqüência dos acontecimentos, visto que nós outros fomos meros espectadores, dispostos a ajudar quando necessário; entretanto, ele não se lembra de todos os pormenores, pois esteve fora do seu corpo grande parte do tempo, e tudo permanece claro em nossa memória, pois nós o observamos sempre com muito cuidado, persuadidos de que o seu corpo nos fora parcialmente confiado. O Sr. Warrington não está passando bem de saúde, e eu ainda não tenho permissão para movimentar-me em demasia, de modo que coube a Rosalind a boa fortuna de cuidar de Krishna, e creio que ela já recebeu a sua recompensa [ao ser submetida à provação].

Ao entardecer de quinta-feira, dia dezessete, Krishna sentiu-se meio cansado e nós notamos, no centro da sua nuca, uma excrescência dolorosa do que parecia ser um músculo contraído, mais ou menos do tamanho de uma bola de gude. Na manhã seguinte ele parecia bem disposto, até depois do desjejum, quando se deitou para descansar. Rosalind e eu estávamos sentados fora, e o Sr. Warrington e Krishna dentro de casa. Rosalind entrou a chamado do Sr. Warrington e encontrou Krishna aparentemente muito mal, deitado na cama, agitado e gemendo, como se estivesse sofrendo muito. Ela sentou-se ao seu lado e tentou descobrir o que acontecera, mas Krishna não pôde dar-lhe uma resposta clara. Começou a gemer e foi sacudido por um acesso de tremores e arrepios. Cerrava os dentes e apertava as mãos com força para atalhar os tremores; era exatamente o comportamento de um doente de maleita, com a diferença de que Krishna se queixava de um calor terrível. Rosalind mantinha-o quieto por algum tempo, mas ele tornava a ser presa de tremores e arrepios, como se estivesse com sezões. Depois empurrava-a, afastando-a de si e queixando-se de muito calor, com os olhos cheios de estranha inconsciência. Rosalind tornava a sentar-se ao pé dele e ele se aquietava de novo, quando ela lhe segurava as mãos e apaziguava-o, como faz a mãe com o filho. Sentado na extremidade oposta do quarto, o Sr. Warrington compreendeu, como depois me contou, que algum processo se estava realizando no corpo de Krishna, em resultado de influências dirigidas desde planos diferentes do plano físico. A pobre Rosalind, a princípio muito aflita, erguia os olhos indagadores e o Sr. Warrington lhe assegurava que tudo acabaria bem. Durante a manhã, no entanto, as coisas pioraram, e

quando me sentei ao lado dele, Krishna tornou a queixar-se do calor, e disse que todos estávamos muito nervosos e o cansávamos; e de poucos em poucos minutos, erguia-se subitamente na cama, empurrava-nos e recommençava a tremer. Tudo isso ainda semiconsciente, pois falava em Adyar e nas pessoas de lá como se estivessem presentes; em seguida, tornava a jazer sossegado por algum tempo até que o agitar-se de uma cortina, o bater de uma janela, ou o som de um arado distante no campo voltava a despertá-lo e ele gemia outra vez, pedindo silêncio e sossego. Persistentemente, de poucos em poucos minutos, afastava Rosalind de si quando começava a sentir-se acalorado, e logo a queria outra vez à sua beira.

Sentei-me perto, mas não muito. Fazíamos o possível para manter a casa em silêncio e no escuro, mas leves sons que mal se notam são inevitáveis. E Krishna ficara tão sensível que o menor tinido lhe deixava os nervos em petição de miséria.

Mais tarde, à hora do almoço, acalmou-se e pareceu bem disposto e plenamente consciente. Rosalind levou-lhe a comida, que ele comeu, e, enquanto todos acabávamos a refeição, permaneceu quieto. Dali a poucos minutos, no entanto, começou a gemer e, logo depois, coitado, não pôde reter o alimento que havia ingerido. E assim se passou toda a tarde; Krishna tremia, gemia, inquieto, semiconsciente e como que presa de um sofrimento agudo. Curiosamente, quando chegava o momento das nossas refeições, ainda que ele mesmo não comesse nada, ficava tranqüilo e Rosalind podia deixá-lo o tempo suficiente para alimentar-se. À hora de deitar-se, também se mostrou calmo e dormiu toda a noite.

No dia seguinte, sábado, reiniciou-se a coisa depois que ele tomou banho, mas de uma forma ainda mais aguda, e Krishna parecia menos consciente do que na véspera. E durou o dia inteiro, com intervalos regulares, em que ele descansava e pedia a Rosalind que fizesse suas refeições.

Domingo, porém, foi o pior dia e domingo assistimos ao glorioso clímax. Nos três dias anteriores tínhamos tentado manter nossas mentes e emoções imperturbadas e pacíficas, e Rosalind passou-os ao lado de Krishna, pronta quando ele a queria e deixando-o quando ele assim o desejava. Era realmente belo vê-la com ele, observar o modo com que ela derramava o seu amor desinteressado e de forma absolutamente impessoal. Antes mesmo que tudo isso acontecesse tínhamos notado essa grande característica nela e, se bem duvidássemos então de que uma mulher devesse estar por perto num momento como aquele, os acontecimentos finais deram a entender que ela talvez houvesse sido levada especialmente para lá a fim de ajudar Krishna e todos nós. Posto que tivesse apenas dezenove anos e soubesse pouca coisa de Teosofia, ela representou o papel de uma grande mãe nesses três dias.

No domingo, como eu disse, Krishna deu a impressão de estar muito pior. Parecia sofrer muito, os tremores e o calor se diriam intensificados e sua consciência mais e mais intermitente. Quando supúnhamos que ele estivesse controlando o próprio corpo, só falava em Adyar, em A.B., nos membros da Ordem da Púrpura e imaginava-se constantemente em Adyar. Em seguida dizia: "Quero ir para a Índia! Por que me trouxeram para cá? Não sei onde estou", e repetia muitas, muitas e muitas vezes: "Não sei onde estou." Quando alguém se movia dentro de casa ele quase pulava da cama e todas as vezes que desejávamos entrar em seu quarto precisávamos avisá-lo antes. Lá pelas seis horas da tarde, porém, enquanto

fazíamos nossa refeição vespertina, ele se aquietou. Depois, de súbito, a casa pareceu cheia de uma força terrífica e Krishna ficou como que possesso. Não quis que nenhum de nós permanecesse perto dele e entrou a queixar-se amargamente da sujeira, da sujeira da cama, da intolerável sujeira da casa, da sujeira de todos à sua volta e, com voz carregada de sofrimento, disse que ansiava ir para as matas. Agora soluçava alto, não nos atrevíamos a tocá-lo e não sabíamos o que fazer; ele saltara da cama e sentara-se num canto escuro do quarto, no chão, dizendo, entre soluços, que queria ir para as matas, na Índia. De repente, anunciou sua intenção de sair sozinho para um passeio, mas disso conseguimos dissuadi-lo, pois não acreditávamos que ele estivesse em condições de realizar ambulações noturnas. Depois, como ele expressasse um desejo de solidão, deixamo-lo e fomos para a varanda, lá fora, onde, dali a pouco, ele veio ter conosco, trazendo um travesseiro na mão e sentando-se o mais longe possível de nós. Tivera energia e consciência suficientes para chegar à varanda mas, assim que chegou, tornou a desaparecer de nós e seu corpo, murmurando incoerências, ali se quedou sentado.

Formávamos um estranho grupo naquela varanda; Rosalind e eu sentados em cadeiras, o Sr. Warrington e o Sr. Walton, à nossa frente, sentados num banco, e Krishna à direita, a poucos metros de distância. O sol pusera-se uma hora antes e nós contemplávamos as montanhas distantes, purpurinas contra o céu pálido no crepúsculo que se adensava, falando pouco e sentindo, cada vez mais, a iminência de um clímax; todos os nossos pensamentos e emoções estavam tensos com uma expectativa estranhamente pacífica de algum grande acontecimento.

Nisso, o Sr. Warrington teve uma inspiração mandada do céu. Diante da casa, a poucos metros de distância ergue-se uma jovem aroeira-mole, com folhas delicadas de um verde tenro, agora pesada de olorosas florescências, e que é o dia todo a “murmura guarida de abelhas”, pequenos canários e brilhantes passarinhos ativos. Ele instou gentilmente com Krishna que fosse sentar-se debaixo da árvore. Krishna, a princípio, não quis mas, pouco depois, para lá se dirigiu espontaneamente.

Estávamos agora numa escuridão pontilhada de estrelas e Krishna se sentara sob um dossel de folhas delicadas, negras, contra o céu. Ainda estava murmurando inconscientemente mas, dali a pouco, ouvimos um suspiro de alívio e ele nos interpelou: “Por que vocês não me mandaram antes para cá?” Seguiu-se breve silêncio.

E ele se pôs a cantar. Fazia quase três dias que nada lhe passava pelos lábios e seu corpo estava totalmente exausto mercê do esforço intenso, mas foi uma voz calma e cansada que salmodiou a mantra cantada todas as noites em Adyar na Sala do Relicário. Depois, silêncio.

Muito tempo atrás, em Taormina, Krishna olhara com olhos meditativos para uma bela imagem do nosso Senhor Gautama em trajes de mendicante, e nós sentimos, por um momento de bem-aventurança, a divina presença do Grande Ente, que se dignara mandar um pensamento. E novamente nessa noite, quando Krishna, sob a jovem aroeira-mole, terminava seu canto de adoração, pensei no Tatagata [o Buda] debaixo da árvore Bo, e mais uma vez senti difundir-se pelo vale pacífico uma onda daquele esplendor, como se mais uma vez Ele houvesse deixado cair uma bênção sobre Krishna.

Quedamo-nos sentados com os olhos fitos na árvore, perguntando a nós mesmos se tudo estaria bem, pois agora reinava um silêncio perfeito e, enquanto olhávamos, vi, de inopino, por um momento, uma grande Estrela brilhando acima da árvore, e compreendi que o corpo de Krishna estava sendo preparado para o Grande Ente. Inclinei-me do outro lado e chamei a atenção do Sr. Warrington para a Estrela.

O lugar parecia ter-se enchido de uma Grande Presença e senti o desejo ardente de cair de joelhos e adorar, pois conheci que o Grande Senhor de todos os nossos corações estava lá; e se bem não O víssemos, sentíamos o esplendor da Sua presença. Nesse momento os olhos de Rosalind se abriram e ela viu. O seu rosto alterou-se como nunca vi um rosto alterar-se, pois lhe foi concedida a bênção de ver com olhos físicos as glórias daquela noite. Tinha o rosto transfigurado quando nos perguntou: "Vocês O estão vendo, vocês O estão vendo?" pois via o divino Bodisatva [o Senhor Maitreya], e milhões esperam encarnações para conseguir um vislumbre assim de nosso Senhor, mas os seus olhos eram olhos de inocência e ela O servira fielmente. E nós, que não podíamos ver, vimos os Esplendores da noite espelhados no seu rosto pálido e extático à luz das estrelas. Nunca me esquecerei a expressão da sua fisionomia, pois dali a pouco, eu, que não podia ver mas exultava na presença de nosso Senhor, senti que Ele se voltava para nós e dizia algumas palavras a Rosalind, cujo rosto brilhou com êxtase divino enquanto ela respondia: "Eu o farei, eu o farei." E pronunciava as palavras como uma promessa feita com esplêndida alegria. Jamais me esquecerei do seu semblante quando olhei para ela; até eu tive quase a bênção de uma visão. O rosto mostrava o enlevo do coração, pois a parte mais íntima do seu ser estava inflamada com a presença d'Ele, mas os olhos viram. E silenciosamente orei para que Ele pudesse aceitar-me como Seu servo e todos os nossos corações se encheram dessa prece. Na distância todos ouvimos uma música divina tocada suavemente, embora estivessem ocultos de nós os Gandarvas [Anjos cósmicos, encarregados de executar a música das esferas].

O resplendor e a glória dos muitos Seres presentes duraram quase meia hora e Rosalind, tremendo e soluçando de alegria, viu tudo. "Olhem, estão vendo?" perguntava amiúde. Ou então: "Vocês estão ouvindo a música?" Pouco depois ouvimos os passos de Krishna, vimos sua figura branca destacar-se da escuridão, e tudo se acabou. E Rosalind bradou: "Oh! ele vem vindo; vão pegá-lo, vão pegá-lo", e caiu na cadeira quase desmaiada. Quando tornou em si, infelizmente, não se lembrava de nada, nada. Tudo se fora da sua memória, exceto o som da música que ainda lhe soava aos ouvidos.

No dia seguinte, mais uma vez, houve uma recorrência dos tremores e da consciência semidesperta de Krishna, posto que agora só durasse poucos minutos e os intervalos fossem longos. Durante o dia todo ele permaneceu debaixo da árvore em samádi¹ e, ao entardecer, enquanto se entregava à meditação como na noite anterior, Rosalind tornou a ver três figuras

1. Palavra sânscrita, aqui usada provavelmente para designar um estado de transe. Uma definição simples é a seguinte: "O excelente processo do Samádi destrói a morte, conduz à felicidade eterna e confere a suprema Bem-aventurança do Brâmane [Realidade]."

à sua volta, que logo se afastaram, levando-o consigo e deixando-lhe o corpo no mesmo lugar. Desde então, às primeiras horas da noite, ele se senta para meditar debaixo da árvore.

Descrevi o que vi e ouvi, mas não falei no efeito causado pelo incidente em todos nós, pois creio que levará tempo, pelo menos no meu caso, para compreender plenamente toda a glória que tivemos o privilégio de testemunhar, embora eu sinta agora que a vida só pode ser vivida de um jeito, a serviço do Senhor.

Segue-se o relato do próprio Krishna. Foi mandado ao mesmo tempo que o de Nitya, mas ele só escreveu a última parte dois dias após os acontecimentos descritos:

Desde que deixei a Austrália pensei na mensagem que o Mestre K.H. me enviou enquanto estive lá e deliberei sobre ela. Eu queria, naturalmente, cumprir essas ordens o mais depressa que pudesse e, até certo ponto, não tinha muita certeza quanto ao melhor método de alcançar os ideais que me haviam sido propostos. Não creio que se passasse um dia sem que eu pensasse um pouco sobre isso, mas envergonho-me de dizer que tudo se fez da maneira mais casual e com certa negligência.

Mas a mensagem do Mestre nunca deixou de morar no fundo da minha mente.

Pois bem, desde o dia 3 de agosto comecei a meditar, regularmente, por trinta minutos, todas as manhãs. Para meu espanto, constatei que eu era capaz de concentrar-me com muita facilidade e, dali a poucos dias, principiei a ver claramente onde falhara e onde estava falhando. Sem perda de tempo, conscientemente, pus-me a anular todas as acumulações erradas dos anos passados. Com a mesma deliberação entrei a procurar modos e meios de atingir meu objetivo. Primeiro que tudo, compreendi que eu tinha de harmonizar todos os meus outros corpos com o plano búdico [o plano mais elevado da consciência] e, para produzir essa feliz combinação, tinha de descobrir o que meu ego desejava no plano búdico. A fim de harmonizar os vários corpos eu precisava mantê-los vibrando no mesmo ritmo do búdico e, para consegui-lo, tinha de averiguar qual era o interesse vital do búdico. Com uma facilidade que me espantou, verifiquei que o principal interesse nesse plano elevado era servir o Senhor Maitreya e os Mestres. Com essa idéia clara em minha mente física, cumpria-me dirigir e controlar os outros corpos para agirem e pensarem como no nobre plano espiritual. Nesse período de menos de três semanas, concentrei-me para reter na mente a imagem do Senhor Maitreya durante o dia inteiro, e não me foi difícil fazê-lo. Descobri que eu estava ficando mais calmo e mais sereno. Todo o meu modo de ver a vida se modificou.

Depois, no dia 17 de agosto, senti uma dor aguda na nuca e precisei reduzir minha meditação para quinze minutos. Em lugar de melhorar, como eu esperava, a dor piorou. O clímax foi atingido no dia 19. Eu não podia pensar, nem fazer o que quer que fosse, e meus amigos obrigaram-me a ir para a cama. Em seguida fiquei quase inconsciente, embora me advertisse muito bem de tudo o que estava acontecendo à minha volta. Eu tornava em mim mais ou menos às doze horas, todos os dias. No primeiro em que me vi nesse estado, e mais consciente das coisas à minha volta, tive a primeira experiência extraordinária. Havia um homem con-

sertando a estrada; esse homem era eu; a picareta que ele segurava era eu; a própria pedra que ele estava quebrando era uma parte de mim; a tenra haste de relva era o meu ser, a árvore ao lado do homem era eu mesmo. Eu quase podia sentir e pensar como o homem que consertava a estrada, podia sentir o vento que passava pela árvore, e também podia sentir a formiguinha na haste de relva. Os pássaros, a poeira e o próprio ruído eram uma parte de mim. Nesse momento, um carro passava a alguma distância; eu era o motorista, o motor e os pneumáticos; à medida que o carro se distanciava de mim, eu saía de mim mesmo. Eu estava em tudo, ou melhor, tudo estava em mim, inanimado e animado, a montanha, o verme e todas as coisas que respiram. Durante o dia permaneci nesse estado feliz. Não podia comer nada e, mais uma vez, por volta das seis horas, principiei a perder meu corpo físico e, naturalmente, o elemental¹ físico fez o que bem entendia; eu estava semiconsciente.

A manhã do dia seguinte (dia 20) foi quase igual à do dia anterior, e não me era possível tolerar a presença de muita gente no quarto. Eu sentia as pessoas de forma curiosa e suas vibrações me davam nos nervos. Nesse entardecer, mais ou menos à mesma hora, ou seja, às seis da tarde, senti-me pior do que nunca. Eu não queria ninguém perto de mim nem queria que ninguém me tocasse. Eu estava extremamente cansado e fraco. Creio que chorava de exaustão e por falta de domínio. Minha cabeça ficou péssima e seu coruto dava a impressão de estar sendo atravessado por uma infinidade de agulhas. Enquanto eu me achava nesse estado, senti que a cama em que me deitava, a mesma em que estivera deitado na véspera, estava suja e nojenta além do que permitia a imaginação e não pude continuar deitado nela. De repente me vi sentado no chão e Nitya e Rosalind me pediam que voltasse para a cama. Pedi-lhes que não me tocassem e gritei que a cama não estava limpa. Continuei assim por algum tempo até que finalmente fui para a varanda e ali me sentei por alguns momentos, exausto, mas um pouco mais calmo. Principiei a recobrar consciência e, por fim, o Sr. Warrington me pediu para ir ficar debaixo da aroeira-mole, que se ergue perto da casa. Ali me sentei com as pernas cruzadas, na postura da meditação. Depois de ficar assim por algum tempo, senti que eu saía do meu corpo. Vi-o sentado, debaixo das delicadas folhas da árvore. Eu tinha os olhos voltados para o Leste. Diante de mim estava meu corpo e sobre minha cabeça, a Estrela, brilhante e clara. A seguir, percebi as vibrações do Senhor Buda; vi o Senhor Maitreya e Mestre K.H. Eu me sentia profundamente feliz, calmo e pacificado. Ainda via meu corpo e pairava perto dele. Havia uma calma profunda, assim no ar como dentro em mim mesmo, a calma de um lago fundo e insondável. Como o lago, senti que o meu corpo físico, com sua mente e suas emoções, poderia encrespar-se à superfície, mas nada, nada de nada perturbaria a serenidade de minha alma. A Presença dos poderosos Entes esteve comigo por algum tempo e depois Eles se foram. Eu me sentia supremamente feliz, pois vira. Nada mais viria a ser o mesmo. Bebi das águas claras e puras da fonte da vida e minha sede se aplacou. Nunca mais eu teria sede, nunca mais me veria na escuridão absoluta. Eu vi a Luz. Eu toquei a compaixão que cura toda a tristeza e todo o sofri-

1. A parte do corpo que lhe controla os atos instintivos e puramente físicos quando a consciência superior se retira. Está numa fase baixa de evolução e necessita de orientação.

mento; não para mim, mas para o mundo. Estive em pé no topo da montanha e olhei para os Entes poderosos. Nunca estarei na treva total; vi a Luz gloriosa e curativa. A fonte da Verdade me foi revelada e a treva, dissipada. O amor em toda a sua glória embriagou-me o coração; bebi na fonte da Alegria e da Beleza eterna. Estou bêbedo de Deus.

O Sr. Warrington também escreveu um relato da experiência, em que declarou haver lido os relatos de Krishna e Nitya e poder confirmar-lhes a veracidade. Acrescentou apenas um pormenor de interesse — sabia que a cama estava limpa porque ajudara a fazê-la pessoalmente a fazê-la com “roupas tiradas do armário de roupas brancas, naquela tarde”.

No dia 2 de setembro Krishna escrevia cartas para a Sra. Besant, Leadbeater e *Lady Emily*. A Leadbeater escreveu:

Mandei-lhe há algum tempo um telegrama pedindo-lhe para confirmar minhas impressões de que *Lady Emily* foi aceita na noite de 12 de agosto. Como não tive resposta, presumo que ela não foi aceita. Sinto muito. Estou-lhe mandando fotografias de Helen Knothe e Rosalind Williams. Conversamos sobre Helen quando estive na Austrália e tenho certeza de que ela trabalhará para os Mestres. Além disso, você me disse uma vez que ela era Piet Meuleman.¹ Escreva-me, por favor, a esse respeito, visto que ela me interessa muitíssimo. (Quase me apaixonei por ela quando a vi na Holanda!!!)

A Srta. Williams tem 19 anos, é uma moça norte-americana muito simpática e, na noite do dia 21 de agosto, tive a impressão de que ela foi submetida à provação. Diga-me, por favor, se foi ou não.

Nitya está escrevendo com alguns pormenores a extraordinária experiência por que passei na noite do dia 20 de agosto, e o modo com que os dois dias anteriores conduziram a ela. Estou enviando a você, à Sra. Besant e a Raja uma cópia para cada um. Como você está farto de saber, não tenho sido o que se chama “feliz” por muitos anos; tudo o que eu tocava me trazia descontentamento; minha condição mental, meu queridíssimo Irmão, tem sido deplorável. Eu não sabia o que queria nem me preocupava em sabê-lo; tudo me enfadava depois de pouco tempo e, na verdade, eu não me encontrava. Pelo que Nitya escreveu e pelo que acrescentei às palavras dele, verá que mudei consideravelmente em relação ao que eu era quando estive na Austrália. Naturalmente tenho refletido clara e deliberadamente acerca da mensagem que Mestre K.H. me mandou durante minha estada na Austrália. Eu começara a meditar regularmente todas as manhãs, por meia hora. Depois de alguns dias de meditação, principiei a ver com clareza onde falhara e onde estava falhando e comecei a destruir consciente e deliberadamente as acumulações erradas dos anos passados desde que tive a *desventura* de deixá-lo. Deixe-me aqui reconhecer envergonhado que meus sentimentos por você não eram o que

1. Sra. Petronella Catharina Meuleman-van Ginkel (1841-1902). Iniciou a S.T. na Holanda em 1891. Helen nasceu em 1904.

deviam ter sido. Agora são inteiramente diferentes, e creio que o amor e respeito como pouca gente o faz. O amor que eu lhe consagrava quando nos encontramos pela primeira vez em Adyar voltou trazendo consigo o amor do passado. Não imagine, por favor, que estou escrevendo simples banalidades e frases batidas. Eles não são uma coisa nem outra e você, irmão muito querido, me conhece melhor do que eu mesmo. Eu quisera, de todo o coração, poder vê-lo neste momento.

Depois do dia 20 de agosto sei o que quero fazer e o que me espera — nada mais do que servir os Mestres e o Senhor. A partir dessa data me tornei muito mais sensível e ligeiramente clarividente, visto que o vi em companhia da presidenta, na outra noite, enquanto eu estava sentado ao luar. Fazia mais de sete anos que uma coisa dessas não me acontecia. Nos últimos sete anos, com efeito, tenho estado espiritualmente cego, tenho estado metido numa masmorra, sem luz, sem ar fresco. Agora sinto que estou ao sol, com a energia de muitos, não física senão mental e emocional. Sinto-me novamente em contato com o Senhor Maitreya e o Mestre e não há mais nada que fazer senão servi-l'Os. Toda a minha vida, agora, no plano físico, é conscientemente dedicada ao trabalho e não é provável que eu mude.

Diga-me, por favor, sem reservas, o que pensa de tudo o que escrevi e senti.

Sua carta à Sra. Besant foi mais ou menos uma repetição da anterior. Escrevendo a *Lady Emily*, ele expressou seus sentimentos com maior intimidade:

Faz mais de quinze dias que não lhe escrevo uma carta comprida; sinto muito, mas não pude evitá-lo, como você verá quando eu continuar explicando. Estive doente, mas como você depreenderá do que mandei à Srta. Dodge, não estive exatamente doente. Creio que tive a felicidade de retornar à consciência do Mestre e ao meu velho contacto com o Senhor Maitreya. Enviei meu depoimento escrito à Srta. Dodge, em primeiro lugar porque aqui não podemos obter muitas cópias e porque eu também queria que ela o recebesse, pois não está passando bem e isso talvez a alegre e ajude. Eu sabia que você não se zangaria se eu o mandasse a ela, e espero que não se zangue! Vou escrever a ela e pedir-lhe que o entregue depois a você. Creio que será melhor que um de vocês a leia quando estiverem todos juntos. Escreverei à Srta. Dodge nesse sentido. Por esse depoimento você verá que estou “mudado” e que minha felicidade transcende a felicidade humana. Sinto e vivo em estado de exaltação, que não é a exaltação do orgulho. Nitya e o Sr. Warrington escreveram também o seu relato e eu escrevi o meu desajudado. Sobre tudo a última parte foi escrita dois dias depois do evento e quando eu ainda me achava em estado de exaltação e adoração. Continuo a sentir-me assim quando penso no caso. Tudo o que escrevi é absolutamente genuíno e profundo. Nunca mais serei o mesmo. Não vou deixar de amá-la, mãe querida, nunca, mas minha atitude em relação à vida modificou-se; ela não me reserva mais nada além do trabalho. Posso, decerto, mais energia mental e emocional, mas ainda não possuo a energia física, que virá a seu tempo. Sinto-me como se estivesse sentado no topo de uma montanha em atitude de adoração e que o Senhor Maitreya está perto de

mim. Sinto como se caminhasse sobre o ar delicado e fragrante. O horizonte de minha vida é claro e a linha do céu é bela e precisa.

Portanto, mãe, você está vendo que mudei e com essa mudança em mim mudarei a vida dos meus amigos. Quero que eles escalem a mesma montanha e dali contemplem as glórias dos Grandes Entes... Quero que você esteja lá em cima comigo... ajudarei o mundo inteiro a subir a um plano um pouco mais elevado do que o seu plano atual e você, mãe, precisa ajudar-me e, para ajudar, precisa ter escalado de modo que possa dirigir as pessoas ao longo do caminho. Você precisa mudar, mudar com deliberação e com um propósito firmado... Não pense, por favor, que estou pregando para você mas, tendo mudado e julgado haver-me encontrado, quero ajudá-la a compreender o seu próprio ego e a crescer. Você precisa ser grande, pois não há mais nada para fazer no mundo além de palmilhar a Senda gloriosa e sagrada e, mãe querida, eu vou ajudá-la. Não há nada mais para fazer senão vir a ser como Eles em todas as coisas e segui-l'Os e servi-l'Os servindo o mundo. Você não sabe o quanto mudei, toda a minha natureza interior vibra de energia e pensamento e estou certo de que o meu ego já foi destruído. Estou ligeiramente clarividente.

E quando receber, afinal, o manuscrito da minha experiência, o que Nitya, o Sr. Warrington e eu escrevemos, será capaz de me arranjar 4 cópias dele?... Não quero saber de falatórios a respeito e, além disso, pouquíssimas pessoas devem conhecê-lo. Tenha muito cuidado na escolha do datilógrafo. Você não conhece ninguém totalmente merecedor de confiança? Quero que as mande, com as seguintes recomendações, "Absolutamente Particular. Não mostre a ninguém", a: — Cordes, Ruspoli, à Sra. Blech e à Srta. Dijkgraaf. Espero que não se incomode e escolha uma pessoa realmente digna de confiança. Por favor, seja *cuidadosa*. Deixo-o ao seu critério.

Numa carta subsequente que lhe escreveu, ele disse a *Lady Emily* que não estava mandando uma cópia a Helen porque não cria que ela viesse a compreender o que acontecera mas, como ela estaria na Holanda, a Srta. Dijkraaf poderia ler-lhe o relato.

Lady Emily pediu a Rajagopal que datilografasse o manuscrito. Ao remeter uma cópia para Ruspoli, escreveu-lhe:

Espero que a leitura o faça tão feliz quanto me fez a mim. Conhecendo K. e sua absoluta sinceridade é ainda mais surpreendente... Para você e para mim que vimos como K. tem sido infeliz — não é maravilhoso imaginá-lo feliz e em paz — depois de haver-se encontrado? Isso modificou, sem dúvida, toda a corrente da vida para mim e espero que a modifique para você também.

Nitya também sentia que sua vida se alterara. Como escreveu a Leadbeater no dia 1.º de setembro: "Receio não ter sido de muita ajuda para Krishna como deveria ter sido; é provável até que eu tenha sido um estorvo, mas hei de ajudá-lo em tudo o que puder de

agora em diante... Se puder dizer-me como poderei ajudar Krishna, não se esqueça de que Lhe ficarei muito grato.” E Nitya escreveu à Sra. Besant: “O mundo inteiro mudou tanto para mim depois que essas coisas aconteceram, que me sinto como uma bolha que de repente se solidificasse, e a vida se tornou simples, graças a Deus. Tenho a impressão de não ter realmente vivido até agora, e agora eu não poderia viver sem servir o Senhor.”

Leadbeater não tinha dúvida de que a experiência de Krishna era a passagem da terceira Iniciação mas, apesar disso, estava perplexo, como o demonstra sua carta de 21 de outubro à Sra. Besant:

A esta altura já deve ter recebido cópias dos relatos escritos por Krishna e Nitya da maravilhosa experiência por que passou o primeiro. Foi realmente maravilhosa e bela, embora eu a preferisse desacompanhada de tantos padecimentos físicos. Eu gostaria muito de ouvir o seu comentário sobre tudo isso. Nós mesmos passamos por experiências muito semelhantes, mas com uma diferença: no meu caso, pelo menos, nunca se registrou nenhum desses terríveis sintomas físicos, ficando o corpo quase sempre descansando pacificamente numa situação de transe, ou plenamente desperto e participando do que estava acontecendo, mas sem nenhuma dor e nenhum sofrimento.

Por mais estranho que pareça, só dali a um mês Leadbeater escreveu ao próprio Krishna. Teria ele esperado ouvir a opinião da Sra. Besant para escrever? No dia 14 de novembro, de uma casa chamada O Solar, em Mosman, subúrbio de Sydney, onde passara a morar, compôs esta carta:

Meu caro Krishna,

Congratulo-me com você de todo o coração. O passo que deu é de extrema importância, e torna certo (na medida em que simples seres humanos podemos ter certeza de alguma coisa!) que também dará o próximo antes que se passem muitos anos. Compreendo toda a felicidade que sente, a certeza, o maravilhoso acréscimo de amor e de energia. Pois ela e eu passamos por tudo isso — embora eu não sofresse fisicamente tanto quanto você parece ter sofrido. Creio que *ela* sofreu, mas falou muito pouco a esse respeito. Comparado com o modo com que o processo se desenrola em relação à maioria dos discípulos, as coisas se passaram com maravilhosa rapidez desde o dia, há catorze anos, em que nos encontramos pela primeira vez nesta encarnação em Adyar. E me sinto muito, muito grato por havermos chegado tão longe no caminho sem nenhum contratempo sério, pois houve uma época em que eu sentia um pouco de ansiedade, embora *soubesse* que tudo acabaria bem. Você agora *deverá* ser absolutamente firme e inabalável; apesar de tudo, toda a tradição oculta nos adverte de que ainda há perigos e tentações até o limiar da Divindade. Digne-se o SENHOR [Maitreya] permitir que Lhe sejamos sempre fiéis — que nos esqueçamos de tudo em nosso amor a Ele!

Foi uma oportunidade maravilhosa e sem paralelo para Rosalina Williams estar com você e poder servi-lo nessa ocasião importantíssima, e não devemos surpreender-nos de que, em resultado disso, ela tenha sido imediatamente submetida à provação. Possa o seu progresso ser digno desse início maravilhoso e sublime! Você tinha toda a razão ao supor que *Lady Emily* foi aceita. Helen Knothe era um nenezinho quando a conheci; não sei muita coisa a seu respeito agora, conquanto eu a admirasse muito como Piet Meuleman...

Qual será o seu próximo movimento? Está pensando em vir para cá outra vez? Ficariamos todos mais do que encantados por vê-lo, e você sem dúvida nos faria um grande bem — mas o mesmo se poderá dizer, naturalmente, de todos os outros países do mundo! Envio muito amor a Nitya e a você e muitas recomendações ao Sr. Warrington.

Sou,

O sempre muito afetuosamente seu,

C. W. Leadbeater

Cerca de um mês antes de haver recebido esta carta, Krishna soube, por intermédio da Sra. Besant, que ele passara pela terceira Iniciação mas, nessa ocasião, estava sofrendo um estranho e torturante processo, que continuaria pelos anos a fora.

INICIA-SE O PROCESSO

Os amigos e seguidores de Krishnamurti chamam-lhe Krishnaji, pois o sufixo -ji é um termo de afetuoso respeito na Índia. Mas ele agora sempre se refere a si mesmo na terceira pessoa como K. A mudança que nele se operou depois da experiência em Ojai foi tão grande que teria de ser assinalada por alguma nova forma de respeito, de modo que, depois de consultá-lo, decidimos chamar-lhe K daqui por diante neste livro.

O estranho processo a que se fez alusão no último capítulo desenvolava-se desde aquele domingo, 20 de agosto. K descreveu-o à Sra. Besant numa carta de 16 de setembro mas forneceu muito maiores detalhes ao escrever a *Lady Emily* no dia seguinte:

Faz mais de dez dias que não lhe escrevo... Mas creio que tenho uma desculpa muito substancial; desde que tive aquela memorável experiência não tenho andado "bem". Todas as tardes, por volta das 6:30, fico semiconsciente; não me alimento mas vou para a cama; isso dura de 6:30 a 7:30 ou 8 e, às vezes, até 8:30. Debato-me, resmungo, gemo e murmuro coisas estranhas, na realidade quase me comporto como um possesso. Levanto-me, pensando que alguém está-me chamando e caio no chão; trevario consideravelmente, vejo rostos estranhos e luzes. Durante todo esse tempo sinto uma dor violenta na cabeça e na nuca e não tolero o contacto de ninguém. Torno-me também muito sensível, não agüento um único som, por menor que seja. Sinto-me exausto enquanto a coisa se processa. A experiência toda, por vezes, é *muito* aguda e faz-se mister o emprego da força para sujeitar-me. Outras vezes, porém, é bem suave. Depois que se acaba, lembro-me de algumas partes da cena que andei criando; em seguida alimento-me e vou para a cama. Não sei qual é a causa nem para que é isso; faz quase um mês que dura, ocorrendo praticamente todos os dias, a não ser quando fui a Los Angeles. Pode ser que eu me torne clarividente quando tudo isso acabar, ou pode ser apenas que eu esteja enlouquecendo aos poucos!!! Nos últimos cinco ou seis dias tenho visto minha mãe morta. Sempre que fecho os olhos, sobretudo ao entardecer,

quando Rosalind, que cuida de mim nesse período, está comigo, vejo-a com muita clareza, chamo-a em voz alta e confundo Rosalind com minha mãe, que perdi há tanto tempo. Pode ser que ela se utilize de R. ou que R. seja a reencarnação de minha mãe. Não sei qual das duas hipóteses é a verdadeira, nem isso tem importância. Enquanto estou nesse estado, lembro-me de cenas da infância há muito esquecidas: quando eu estava doente, como costumava descansar no estômago de minha mãe!!, os mendigos a que dávamos de comer, como ela me acordava todos os dias, a ida para a escola, etc. Não posso explicar tudo isso, mas vou perguntar a C.W.L. — isto é, se ele quiser contar-me. De modo que assim passo as primeiras horas da noite. Nitya estendido numa cadeira lá fora, na varanda, e Rosalind dentro do quarto para impedir-me de cair.

Aproveito as manhãs para escrever um artigo de natureza um tanto curiosa. Já escrevi, até agora, 23 páginas, absolutamente desajudado, e não lhe direi de que se trata, pois você o verá.¹

No dia 25 de setembro o processo interrompeu-se temporariamente, como K tinha a certeza de que ele se interromperia, porque a lua brilhava demasiado; ele acreditava, no entanto, que o processo recomeçaria assim que a lua minguasse, como de fato recomeçou, mais doloroso do que nunca, e deixando-o completamente exausto. A cozinheira deles havia-se despedido e Rosalind agora se encarregava da cozinha, com uma pequena ajuda de K.

Nitya também escreveu a Leadbeater sobre o processo numa carta de 2 de outubro:

Todos os princípios de noite, das 6:30 às 8, Krishna tem passado a um estado de semiconsciência, quando o ego parece partir e o elemental físico tem consciência suficiente para sofrer, falar e até transmitir inteligentemente qualquer bocado de informação que possa ser necessário. Ele se queixa de uma dor torturante enquanto se acha nesse estado, centralizada sobretudo na espinha; por isso mesmo presumimos que sua *kundalini* está sendo despertada.

De acordo com a filosofia iogue, alguns centros de força do corpo humano são despertados em vários estádios de evolução. *Kundalini*, às vezes cognominada Fogo Serpentino, é o centro de força localizado na base da espinha. Um viver correto, pensamentos elevados e atividade altruísta, diz-se, são condições essenciais para o despertar de *kundalini*, que é parte da prática da verdadeira Ioga. O despertar traz consigo tremenda liberação de energia e o poder de clarividência.

1. Esse "artigo", uma espécie de poema em prosa, contém 12.000 palavras. Sob o título de *O Caminho* foi publicado no *Herald* em três partes, nos números de outubro, novembro e dezembro de 1923. Em 1924 apareceu em forma de livreto (Theosophical Publishing House, Adyar).

Nesse estranho estado, contou Nitya na mesma carta a Leadbeater, Krishna se persuadia de que Rosalind era sua mãe. Na verdade, Rosalind tinha dezenove anos e fazia apenas dezessete que morrera a mãe dos rapazes, de modo que a moça dificilmente poderia ser uma reencarnação de sua mãe, “mas suponho que a discrepância poderá explicar-se se os Grandes Entes considerarem necessário o emprego de medidas inusitadas. Ela tem sido um perfeito presente do céu para ele nesses dias, pois possui enorme vitalidade e um grande amor a Krishna. Ela também gosta de mim”. A última observação não deixava de ser uma atenuação da verdade, pois era, de fato, muito especial o amor que havia entre Rosalind e Nitya.

As comoções dos últimos dois meses não tinham feito bem à saúde de Nitya. Julgou-se, pois, aconselhável que ele insistisse um pouco mais no tratamento de Adams. Mas tendo deixado partir o “osciloclasto” e não podendo arranjar outro, os irmãos foram para Hollywood no dia 26 de outubro, para que Nitya se tratasse com a máquina do Dr. Strong. Hospedaram-se em casa do Dr. John Ingleman, teosofista e dieteta sueco, que submeteu os dois a um regime rigorosíssimo. O Dr. Strong descobriu que Nitya ainda tinha uma área de tuberculose no antigo ponto do pulmão esquerdo, mas garantiu curá-lo em quinze dias, ou coisa que o valha (na realidade levou dois meses) e, como K conservasse traços de sífilis no nariz, os dois faziam tratamentos diários com a máquina. Era muito difícil para K não “partir” todos os dias ao entardecer e ele teve a certeza de que, se Rosalind lá estivesse, o processo se teria reiniciado; a dor, entretanto, não o incomodou durante todo o tempo que ficaram em Hollywood.

Ainda estavam lá quando chegou afinal a carta de Leadbeater de 14 de novembro, dando os parabéns a K por sua terceira Iniciação. K respondeu-lhe a 14 de dezembro:

Mal consigo compenetrar-me de ter dado esse passo; enquanto passava por essa notável experiência, não ponderei a importância dela, como o faço agora. Foi como um sonho magnífico, cuja grandiosa realidade agora compreendo. Alegro-me por ter sido honrado com essa Iniciação, pois doravante posso ser mais útil aos Mestres e a vocês dois, a ela e a você.

Minha dificuldade é sentir-me muito pequeno e incapaz de executar o grande trabalho; ainda me falta confiança em mim mesmo e não creio que eu venha a ser presunçoso algum dia. Não me sinto assim. Preciso melhorar tanto a escrita quanto a fala, visto que sou meio retraído. Darei ênfase especial a essas duas coisas. Daqui por diante, só terei uma preocupação e essa preocupação é o trabalho, que espero executar de maneira totalmente desinteressada...

Fiquei muito contente com o que soube de *Lady Emily* e Rosalind Williams e farei quanto puder para ajudá-las. No que concerne a Helen

Knothe, ela quer ir para a Austrália e ficar sob a sua orientação. Escreveu aos pais, perguntando-lhes se pode ir ter com você; ainda está em Amsterdã, estudando música. A.B. [a Sra. Besant] escreveu a ela, sugerindo-lhe que vá para a Austrália, e ela está fazendo o possível para aproveitar a oportunidade.

Assim que recebeu a carta de Leadbeater, K transmitiu a *Lady Emily* a boa nova da sua aceitação. Ele não fizera nenhuma alusão a ela enquanto Leadbeater não a confirmou. Fazia nove anos que *Lady Emily* fora submetida à provação em Varengeville (11 de agosto de 1913) e ainda tivera de esperar mais quatro meses para receber a notícia da sua aceitação em virtude da demora de Leadbeater em escrever. Ele a punira, de certo, pelo mal que ela pudera ter causado a Barbie e Robert ao seguir K a Taormina em 1914, conquanto dissesse, naturalmente, que ela incorrera no desagrado do Mestre.

K e Nitya regressaram a Ojai em dezembro com um atestado de saúde para Nitya passado pelo Dr. Strong, mas com a recomendação de fazer-se examinar todos os meses, ou coisa parecida. Tinham também consultado um especialista ortodoxo, segundo o qual o pulmão estava sarando, mas Nitya não devia trabalhar pelo menos durante seis meses. “Coitado”, escreveu K à Sra. Besant, “ele está louco para iniciar uma vida ativa, e sabe que não deve exceder-se em coisa alguma por algum tempo, pois isso seria desastroso”. E a *Lady Emily* escrevera: “Nitya fez progressos em todos os sentidos, tanto mental quanto moralmente. Ninguém o diria um homem doente, pois até certo ponto irradia saúde e é feliz, o que não deixa de ser uma grande coisa.” Nitya procurara também um oculista, que o ajudara tanto que ele estava começando a ver com o olho cego. Pesava agora 53,500 kg, o máximo que já pesara em toda a sua vida.

Ojai estava ressequido quando haviam deixado o vale em outubro; agora, depois de uma chuva pesada, tudo era de “um verde tenro e cintilante”. K enlevou-se na beleza da paisagem: “... o verde da Inglaterra não é nada comparado com isto... este é um país realmente maravilhoso”, disse a *Lady Emily*.

Ele não tardaria a receber um choque desagradável: ouviu dizer que Mar de Manziarly estava noiva e pretendia casar. “Que notícia medonha a respeito de Mar”, escreveu a *Lady Emily* no dia 26 de dezembro. “Seria o mesmo se ela se suicidasse.” E dois dias depois:

Foi o maior choque que já recebi. Mal posso acreditar nisso; é como um pesadelo medonho. Sempre que não estou fazendo nada, minha mente retorna a Mar e à calamidade, pois é uma calamidade. Que grandíssima tola!... Pense só no que Mar poderia fazer pelo Mestre etc. e agora.

Oh! Deus, é realmente lamentável... Imagino que seja impossível impedi-lo e, se eu interferisse, Mar nunca mais falaria comigo.

O noivado mais tarde se desfez de forma indolor, por mútuo consentimento e sem nenhuma interferência de K. Nitya, com efeito, escrevera a Mar dizendo que, embora as notícias tivessem sido um choque para ele, se ela achava que agora seriam dois para ajudar os Mestres, a sua decisão de casar lhe agradava muito.

No Ano Novo de 1923, K principiou realmente a trabalhar para a Estrela e para a Teosofia. Além das notas editoriais do *Herald*, que se haviam tornado ainda mais onerosas desde a experiência de agosto, pôs-se a escrever uma mensagem mensal para os grupos de Autopreparação, fundados em todos os países pelo movimento da Estrela. Ele estava respondendo a dúzias de cartas oficiais e dando à Estrela uma nova base na Califórnia através de Ernest Wood, dos velhos tempos de Adyar, seu novo Representante Nacional. Foi a Hollywood falar no setuagésimo sexto aniversário de Leadbeater, a 17 de fevereiro, e conseguiu angariar quase 100 libras. Falou no colégio de meninas em Pasadena e no Thatcher's, escola só de meninos no Ojai Valley. Concordara também em fazer uma *tournee* pelos Estados Unidos em maio, pronunciando conferências, e em assistir à Convenção Teosófica de Chicago no fim do mesmo mês, assim como, em junho, aos Congressos Teosófico e da Estrela em Viena.

Entrementes, o "processo" de K continuava, intermitente, em Ojai, se bem que de forma muito mais suave. Rosalind ainda estava lá mas era raramente mencionada. Ele vivia sem tempo para fazer as coisas; suas cartas a *Lady Emily* foram nesse ano curtas e infrequêntes e ele contou-lhe que não tinha tempo sequer de escrever para Helen. Sua experiência, contudo, o aproximara ainda mais da Sra. Besant, à qual assegurava, quase todas as semanas, que ansiava por estar com ela na Índia.

Em meados de fevereiro ofereceu-se-lhes a oportunidade de comprar o chalé de Ojai e seis acres de terra com outra casa, maior, dentro das divisas. "Telegrafei a Baillie-Weaver dizendo-lhe que seria uma pena perder este lugar depois de tudo o que aconteceu aqui", escreveu K à Sra. Besant no dia 28 de fevereiro. "Diz ele que podemos comprá-lo e que o dinheiro virá... Dentro de poucos dias será nosso... Achei que seria melhor organizar uma fundação para conservar a propriedade e creio que será um centro magnífico." Não disse de onde viria o dinheiro nem quanto teriam de pagar pelo imóvel, mas é provável que viesse da Srta. Dodge. Mais tarde, acrescentaram-se outros sete aos seis primeiros acres, e estes, sem dúvida, foram um

presente da Srta. Dodge. A Fundação que geria a propriedade chamava-se Associação dos Irmãos.

Depois de uma semana de viagens de automóvel para ver as sequóias no Norte da Califórnia, como hóspedes da Sra. Gray, e de três semanas passadas em Hollywood para um turno final de tratamento Adams, K e Nitya encetaram uma excursão por centros teosóficos e da Estrela em várias cidades, que incluíam Kansas City, Detroit, Rochester e Washington, antes de ir finalmente para Chicago, a fim de assistir à Convenção da S.T., que se realizou entre os dias 27 e 30 de maio. Hospedavam-se em hotéis, com que não estavam acostumados e que eram, no dizer de Krishna, "o limite de Deus". Em cada lugar K falava três vezes, na reunião da S.T., na reunião da Seção Esotérica e na reunião da Estrela; era-lhe preciso também comparecer a recepções. Em todas as reuniões, tentava levantar fundos para a educação indiana, um dos seus amores mais intensos e duradouros. Esperava sobretudo levantar 21.000 rupias a fim de comprar terras para a ampliação de uma escola teosófica em Guindy, que distava um quilômetro e pouco da sede da S.T. em Adyar, e fora começada logo depois da guerra.

Nitya não assistiu a nenhuma das reuniões durante a *tournee*, pois lhe era essencial preservar as energias, não só para as viagens de trem através do continente norte-americano mas também para a viagem à Inglaterra. As passagens de ambos tinham sido reservadas desde Nova Iorque no navio *Paris*, programado para zarpar no dia 6 de junho. Rosalind ficara de ir ter com eles em Nova Iorque, mas não os acompanharia na viagem à Inglaterra, muito embora *Lady Emily* lhe tivesse oferecido sua casa em Londres.

Como contou à Sra. Besant em carta que lhe escreveu de Washington no dia 23 de maio, K estava preocupado com o seu estado físico. O "processo" continuou durante todo o tempo em que viajou. As dores que sentia eram constantes, com um latejo e uma queimação na nuca e na base da espinha. Abandonava com freqüência o próprio corpo e, nessas ocasiões, segundo Nitya lhe contou, se punha a gemer, a chorar e a chamar pela mãe. Não sabia o que seria melhor fazer para o futuro. Quando fora para Ojai no ano anterior tencionara seriamente estudar mas, então, começara o processo e impossibilitara os estudos ou qualquer atividade semelhante. Tinha plena consciência de que não se achava suficientemente preparado, do ponto de vista intelectual, para o seu trabalho futuro. Desejava poder tirar umas férias em algum lugar da Europa depois do Congresso de Viena; além disso, achava-se inteiramente no escuro quanto à vontade do Mestre,

pois não sabia se este queria que ele fosse para a Índia, como desejava fazer, ou se queria que ele voltasse a Ojai para estudar.

Nitya, evidentemente, assistiu às reuniões de Chicago, pois relatou à Sra. Besant:

A Convenção foi um sucesso fora do comum, graças à presença de K, e acho que a maior coisa que se pode dizer é que ele superou de modo considerável as expectativas de todos... cada pessoa com a qual Krishna entrou em contato sente um novo reviver do seu entusiasmo. Krishna fala agora como alguém que encontrou seu objetivo, e nas palestras que pronuncia tem visado a tornar a existência dos Mestres uma intensa realidade. Nisso ele se mostra realmente inspirado.

Nem Leadbeater nem a Sra. Besant foram capazes de explicar a estranha condição de K. O primeiro ficou particularmente mistificado, como transparece da carta que escreveu à Sra. Besant no dia 12 de maio de 1933:

É evidente que em todos os assuntos mais elevados os métodos de progresso diferem para cada indivíduo. Positivamente não compreendo por que o nosso Krishna haveria de estar sujeito a um sofrimento físico tão terrível. O corpo brâmane, sem dúvida, é excepcionalmente puro, e precisaria de menos, no processo de preparação, do que o veículo europeu comum. Em meu próprio caso não tenho lembrança de nada que se pudesse comparar com isto quando passei pela mesma fase, embora houvesse, por certo, uma grande dose de excessivo incômodo no desenvolvimento de *Kundalini*. Talvez seja tudo isso, como a senhora mesma sugere, parte da preparação daquele corpo para o seu Grande Ocupante. Nada se disse, no entanto, sobre qualquer apressamento do Advento. Mas pode ser, de fato, que seja indispensável o transcurso de anos depois de completada a preparação, para que o corpo se recobre dela antes de sofrer a pressão da ocupação real. O caso é tão singular que, na verdade, só podemos esperar e observar.

INTENSIFICA-SE O PROCESSO

Lady Emily foi a Plymouth a fim de receber K e Nitya no dia 11 de junho. Eles foram para West Side House, em Wimbledon, com a Srta. Dodge e *Lady De La Warr*, e *Lady Emily* foi convidada a passar ali também a primeira noite. Ela se lembrava nitidamente de haver tomado o desjejum com os dois irmãos, sozinha, na manhã seguinte, e, quando começou a falar a K sobre a sua experiência, este perdeu os sentidos. Nitya contou-lhe que K não podia falar sobre o assunto; bastava que alguém o mencionasse em sua presença para que ele abaixasse a cabeça e desmaiasse.

Agora que tenho visto mais Krishna e Nitya [escreveu *Lady Emily* à Sra. Besant dez dias mais tarde], posso descrever melhor a impressão que ambos nos causam a todos. Krishna parece exteriormente pouco alterado, embora talvez mais belo, mas temos consciência, a todo momento, de um poder concentrado e controlado, porém imenso, a fluir dele. Sua palestra na S.E. do último domingo representou um progresso enorme em relação a tudo o que já fez antes. Não trazia notas e falou durante 45 minutos, com fluência e facilidade mas, ao mesmo tempo, com um fervor e uma força tão tremendos que o mesmo era ouvir o pulsar de uma grande máquina. Ele já está operando grandes mudanças e resolvendo muitos problemas embrulhados. Nitya deixou de ser um garoto para ser um homem, com toda a sua meiguice intensificada mas com uma força imensamente acrescentada. Agora, para os dois, só o trabalho importa e interessa. A senhora se sentiria feliz se os visse.

Depois de um mês de grande atividade em Londres, dando entrevistas e falando em várias reuniões, K e Nitya partiram para Viena passando por Paris e pela casa de campo do Sr. Blech em Septeuil, onde puderam descansar alguns dias. Para grande decepção de K, a Sra. Besant não pôde ir à Europa naquele ano por ter passado mal em resultado da picada de um escorpião, de modo que, se bem Raja

lá estivesse para presidir ao Congresso da S. T., que começou no dia 19 de julho, todo o peso do Segundo Congresso Internacional da Estrela, que se seguiu, caiu sobre os ombros de K. Muitos dos seus amigos mais chegados, incluindo *Lady Emily* e Helen, lá estavam para dar-lhe apoio e, logo depois, um grupo escolhido deles acompanhou os dois irmãos a Ehrwald, aldeia no Tirol austríaco perto de Innsbruck, onde um amigo de John Cordes colocara um chalé, a Villa Sonnblick, à disposição de K, e onde o grupo passou sete semanas descansando.

O grupo consistia em Helen, *Lady Emily* em companhia de Betty e Mary, Rajagopal, Mar de Manziarly (que já não estava noiva), Cordes, Ruth Roberts (a moça que K conhecera em Sydney) e uma jovem indiana, Malati Patwardhan, com o marido. Isabelle Mallet juntou-se a eles no dia 10 de agosto. (A Srta. Dodge vivia sempre tão entevada que não podia viajar para o exterior.) Krishna, Nitya, *Lady Emily*, Helen, Rajagopal e Cordes ficaram em Sonnblick, onde o grupo todo fazia as refeições, ao passo que os restantes se hospedaram num chalé vizinho. Era um lugar ideal para passeios; havia um campo para beisebol e um regato para semicípios diários — com os sexos cuidadosamente separados. Os primeiros quinze dias foram realmente feriadós; Krishna e Helen estavam felizes, sem dúvida, embora houvesse um pouco de inveja entre as outras moças, que não puderam deixar de notar o grande favoritismo de Helen. Embora não fosse bonita, em confronto com Ruth, que era realmente bela, Helen possuía um encanto e uma vitalidade excepcionais.

Depois, em meados de agosto, o “processo” de K recomeçou, mais severamente ainda. No dia 13 de agosto *Lady Emily* principiou a escrever uma carta diária à Sra. Besant relatando as estranhas ocorrências noturnas:

Na segunda-feira [13 de agosto] saímos para um longo passeio pelas montanhas até uma floresta de pinheiros. Todos nos espalhamos, tomamos banho de sol e, dali a pouco, ouvimos a voz de Krishna cantando e Nitya e Rajagopal respondendo. Não posso dizer-lhe o quanto tudo aquilo era belo, tão cheio de força ecoando pela floresta... À hora do jantar se percebia que ele mal estava consciente. Logo depois “ausentou-se”, e o corpo começou a soluçar e a gemer. Todos ficamos sentados no mais absoluto silêncio lá fora, exceto o fiel Nitya — que presumivelmente mandou buscar Helen, por julgá-la capaz de ajudá-lo. Aquilo durou até às 9 horas, quando ele tornou em si e foi para a cama. Mas às 12 horas recomeçou, e mais uma vez Helen e Nitya ficaram junto dele até 1 hora, repetindo a dose de madrugada. Ele disse que Helen estava muito nervosa, o que não deixa de ser natural, pois é medonho presenciar tamanho sofrimento e compreender que a consciência da pessoa não está lá. É muito curioso que ele precise da presença de uma mulher e também que a vitalidade dos norte-americanos lhe proporcione algo de que ele necessita.

Perguntei-lhe se podia ajudá-lo, pois me sentia capaz de manter-me muito calma, mas ele explicou-me que o fato de ser casada tornaria minha presença indesejável — pois quando se encontra nesse estado ele é muito exigente e quer que tudo à sua volta seja da maior pureza. Fiquei-lhe muito grata por me dizer isso, que posso compreender perfeitamente, e agora tento proporcionar-lhe toda a ajuda possível por meio dos meus pensamentos extremos e puros, ao passo que Helen o ajuda de outras maneiras...

Ontem ele estava muito cansado, o que era natural, e passamos a manhã tranqüilamente nas matas, a ler. Ele parecia muito feliz... porém, mais uma vez, à hora do jantar, só o seu corpo se achava presente — e cansando-se em demasia ao escutar qualquer fala ou voz mais alta. O jantar terminou às 7. Minhas duas filhas e Ruth foram incontinenti para a casa onde dormem — e os restantes ficamos sentados, em silêncio, observando o pôr-do-sol e meditando. Krishna foi para o seu próprio quarto com Nitya e Helen e tornou a “ausentar-se” até às 9 horas. Desta vez, pareceu sofrer muito menos e não gemeu demais. Mas quando despertou, às 9 horas, mostrou-se atordoado e confuso...

Quando está presente, ele gosta dos jovens que o rodeiam... Procu-ro ser Mãe para todos e cooperar quando sou querida... Com tantas moças por aqui faz-se necessária uma mulher mais idosa, e creio que posso ajudar Helen, pois a tensão que pesa sobre ela é severa. *Terça-feira* [16 de agosto]. Ontem foi um dia curioso. A hora do almoço, Krishna se mostrou muito expansivo e cheio de brincadeiras. Depois desabou uma tempestade e choveu tanto que não pudemos pôr os pés fora de casa. Por isso ficamos jogando. É muito interessaste observar as fases por que ele passa. Às vezes, é apenas um rapaz brincalhão, aparentemente sem nenhum pensamento sério na cabeça. Depois, de um momento para outro, modifica-se e ei-lo transformado no Mestre — severo e inflexível — a instar com os discípulos para que caminhem no rumo do progresso rápido. E volta a torturá-lo a dor na espinha — quando ele não fala e só quer silêncio — ou, a mais estranha de todas, a figura que vem para jantar — belo, com olhos que não vêem, comendo mecanicamente e encolhendo-se a cada ruído. É mais belo ainda quando se senta para meditar e salmodia mantras — quando sua alma se evola, adorativa. Essas fases se sucedem umas às outras em tão rápida sucessão que precisamos fazer um esforço para estar sempre atentas a elas.

Na noite passada... eram 7 horas, a casa estava quieta e Krishna subira para o quarto. Ficamos meditando em silêncio mas, logo depois, Nitya veio dizer que ele estava sentindo nossos pensamentos e que estes o perturbavam — pedindo-nos que continuássemos com nossas ocupações comuns. Isso não é fácil de fazer — mas é claro que o faremos. Parece muito mais natural ficar em silêncio e pensar no Mestre, mas suponho que qualquer intensidade de sentimento o perturba e somos suficientemente avisados para saber guiar nossos pensamentos. Krishna ausentou-se por duas horas — aparentemente sem muita dor mas falando coisas vagas. Ele disse que o seu corpo não devia comer tanto à noite e devia fazer mais exercícios.

Sábado [18 de agosto]. Na noite passada, no momento exato em que se ausentou, Krishna disse que precisava ser acordado às 8:30. Nisso, quase imediatamente, chegaram alguns dos Grandes Entes. Nitya aparen-

temente Os viu e ouviu do balcão, defronte do quarto de Krishna. O próprio Krishna prefere agora o quarto de Nitya, mais sossegado e mais escuro. Diz Nitya que nunca esteve tão cômico da presença de Mestre K.H. e, quando Eles se foram, sentiu que algo de seu ia atrás d'Eles e, em seguida, desmaiou. Krishna percebeu-o, chamou-o e ele tornou imediatamente em si. Quando o corpo de Krishna desfalece, Helen e Nitya precisam reanimá-lo. Às vezes, basta-lhes chamá-lo para que volte a si, às vezes são obrigados a despejar água sobre ele, mas Krishna pediu-lhes que não fizessem isso se fosse possível, pois era um expediente que lhe fazia muito mal. Antes que ele voltasse, o seu elemental [veja a p. 163] disse: "Krishna está lá, em pé, dando risada. Do que estará rindo?" Nitya sugeriu-lhe que perguntasse ao próprio Krishna, mas ele respondeu: "Oh, não, eu não seria capaz..."

Domingo. Quando Krishna subiu ontem à noite, disse que precisavam acordá-lo às 8:30. E depois de anunciar que Alguém viria, pediu a Helen e Nitya que esperassem lá fora. Eles esperaram uns cinco minutos mas, ouvindo-o cair com estrépito, entraram. Parece que o seu sofrimento foi muito grande na noite passada e que ele perdeu os sentidos muitas vezes. Confessou-lhes, por fim, que estava tão cansado que não poderia fazer mais nada, mas que isso continuaria hoje à noite...

Segunda-feira. Tivemos ontem um dia muito calmo. Nada de especial aconteceu à noite. Krishna ausentou-se por muito tempo e a criancinha veio falando em sua infância, no seu ódio à escola, etc. Creio que Nitya recebeu uma mensagem há duas noites e está tentando recordá-la... Como a experiência acontece à noite, espero que as condições aqui sejam boas para ele. É um privilégio maravilhoso estar aqui e partilhar um pouquinho desses grandes acontecimentos. Rezo apenas para ser digna de tudo isso.

No dia seguinte, terça-feira, 21 de agosto, *Lady Emily* iniciou uma segunda carta:

Krishnaji ausentou-se como de costume às 7 e ficou ausente até às 8:40. Sofreu muito e seu corpo gemeu e chorou.

Quarta-feira. Krishnaji ausentou-se à hora de costume e sofreu terrivelmente. Helen, muito cansada, não estava passando muito bem. O elemental físico pareceu percebê-lo e tentou controlar seus gemidos — mas houve um momento em que eles foram tão profundos que Krishna voltou e perguntou o que estava acontecendo. Não lhe responderam nada e quando ele se ausentou de novo o elemental físico, ou o que quer que esteja encarregado do corpo, aflitíssimo, contou que Krishna lhe ordenara que se controlasse e ele fizera o possível, mas não conseguira evitá-lo.

Os sinos da igreja começam a tocar sempre por volta das 8 horas e o seu bimbalar é dolorosíssimo para ele. Ontem à noite, Krishna desmaiou duas vezes enquanto eles repicavam...

Nitya falou-me da mensagem que Mestre K.H. lhe deu, segundo a qual Krishna estava desperdiçando energia e devia ler livros que lhe ampliassem o vocabulário mas não lhe dessem opiniões firmadas. [Depois disso todos tentaram decorar um soneto de Shakespeare por dia.] Nitya e eu pensamos em alguns livros mas, por enquanto, ele não está em condições de realizar qualquer tipo de trabalho mental. Nitya compreendeu que essas experiências não se prolongarão por muito tempo. Contou-

-me também que, na sua opinião, Helen foi posta sob provação na noite do dia 17. Isto será um esplêndido consequimento, visto que Krishna o desejava muitíssimo e significa que nossa estada aqui já foi amplamente justificada. Eles telegrafaram a C.W.L. solicitando confirmação.

Quinta-feira. Ontem... o processo noturno foi péssimo, o pior de todos até agora. Uma hora de agonia concentrada. Krishna expulsou Nitya e Helen do quarto uma vez, porque estava muito mal. No andar térreo ouvimo-lo debater-se no chão e lhe ouvimos os gemidos espantosos. Foi-nos difícil manter os pensamentos resolutamente afastados daquilo. Mais tarde, quando subi, ele pareceu-me cansadíssimo e tinha os pobres olhos injetados de sangue. A dor tem sido principalmente na cabeça nestes dias...

Sexta-feira. O processo noturno voltou a ser torturante. Ele teve de mandar Nitya e Helen para fora do quarto várias vezes e pudemos ouvir-lhe o corpo caindo repetidamente. Ele deita-se no chão sobre um tapete mas levanta-se na sua agonia, perde os sentidos e cai com estrondo. Felizmente, porém, dá a impressão de dormir profundamente e de manhã não se mostra cansado. Hoje cedo fizemos um bom passeio e ao vê-lo saltando morro abaixo tão cheio de graça, beleza e vitalidade, quase não podemos acreditar no que o seu pobre corpo tem suportado todas as noites.

Creio que Nitya está sentindo muito o esforço. Helen não é um apoio como imagino que fosse Rosalind. Está muito nervosa e muito tensa, mas tem-se dominado com firmeza. Eis aí uma curiosa experiência para uma moça.

Sábado. A noite de ontem foi ruim como de costume, mas ele parecia mais controlado e não precisou enxotá-los do quarto. Helen acredita que isso aconteceu porque ela estava mais controlada. Krishna lhe disse, certa noite, que, sendo ela tão nervosa, o negócio todo teria de ser suspenso. A atitude dela devia ser bondosa, porém indiferente. Ruth, ontem, não se sentiu bem e nós a seguramos em casa para dormir. Ela ficou sentada comigo no andar inferior enquanto o processo se desenrolava lá em cima. O elemental pareceu ter consciência imediata de uma nova pessoa e perguntou quem estava lá...

Domingo. Ontem, o processo noturno foi mais torturante que de costume... precisamente no pior momento os sinos da igreja começaram a tocar e causaram-lhe tamanho choque de dor que Krishna teve de voltar e aparentemente os consultou sobre se era possível fazer mais alguma coisa ao corpo naquela noite. O elemental físico rogou-lhes que continuassem. Mais tarde, ele disse: "Escapei por pouco. Esses sinos quase repicaram para o meu enterro." Quando tornaram a soar, Helen chamou Krishna de volta e pediu-lhe que maneirasse até silenciarem outra vez. Ele pareceu muito nervoso durante o resto do tempo e, quando subi, mais tarde, Krishna continuava dizendo: "Que aconteceu? Sinto-me tão mal esta noite." Ele [o elemental físico] também lhes disse que Krishna precisa sair e fazer exercícios, mesmo debaixo de chuva.

Segunda-feira. Ontem à noite foi muito ruim. Ouvimos-lhe os gritos pavorosos e ele parece ter dito: "Nunca foi tão ruim assim." Depois que passa o pior, Krishna geralmente tem mais ou menos meia hora em que volta a ser criancinha, quando pensa que Helen é sua Mãe. É muito curioso. Acaso a confunde ele com Rosalind — ou sua Mãe influi nele através de ambas?...

Creio que lhe contei tudo a respeito de Krishna. Receio que Nitya esteja demasiado tenso. Está tossindo muito, mas nós o fazemos descansar o máximo possível.

No dia 7 de setembro *Lady Emily* começou uma terceira carta:

Com esta semana parece ter-se iniciado uma nova fase de intensidade nas experiências noturnas de Krishna. Na segunda-feira [3 de setembro] ele sofreu terrivelmente, ou melhor, o corpo sofreu terrivelmente e ele passou mal duas vezes. Na terça-feira sofreu muito o dia todo e tornou a passar mal depois de cada refeição, não conseguindo reter nada no estômago a não ser o leite tomado à noite. Na quarta-feira lhe disseram que só comesse frutas, que ele não devolveu. Na quinta-feira lhe ordenaram que jejuasse o dia todo, bebendo apenas água. Isso o reduziu a um tal estado de fraqueza que o trabalho noturno foi desperdiçado, pois nada se poderia fazer ao pobre corpo exausto. Foi preciso dar-lhe comida e garrafas quentes para revivê-lo e, quando fui desejar-lhe boa noite, o seu pobre rosto parecia tão fino e tão macilento...

Krishna ficou muito aborrecido com a perda de tempo e censurou Nitya e Helen pelo haverem deixado jejuar, mas eles, naturalmente, estavam obedecendo às suas próprias instruções. Agora ele precisa moderar-se — já não faz a refeição da noite, mas toma banho enquanto comemos e só come depois que tudo se acaba. Isso parece funcionar melhor. Tenho a impressão de que trabalharam nele nas duas últimas noites com maior concentração e energia — foi horrível ouvir-lhe os gritos e os soluços. Dir-se-ia um animal presa de uma dor pavorosa. Mas ele agora come logo depois das 8 horas e parece muito alegre e feliz quando subo para desejar-lhe boa noite... É maravilhosa a rapidez com que o seu corpo se recupera. Mesmo depois do dia em que jejuou, quando parecia fraco demais para mover-se, na manhã seguinte caminhou e jogou beisebol vigorosamente como sempre.

Não há outras cartas de *Lady Emily* a respeito do processo noturno, mas sabe-se, através do seu diário, que ele continuou, posto que de forma menos severa, até 20 de setembro. Naquela noite, K "trouxe" uma mensagem do Mestre Kuthumi e a transmitiu a Nitya, que a pôs imediatamente por escrito:

Nitya preste atenção.

Isso aqui acabou, esta é a última noite. Continuará em Ojai. Mas tudo depende de vocês. Vocês dois precisam ter mais energia. Do que fizeram no mês que vem dependerá o sucesso. Terão de ser excessivamente cautelosos. Não deixem que nada se atravesse no caminho. Precisam engordar mais, para ter mais energia. Deixem que tudo se consagre ao bom êxito disto. Foi um sucesso aqui. Mas Ojai só depende de vocês, lá será continuado com muito maior vigor se estiverem preparados.

Helen — Ela aprendeu bem, está progredindo. Será utilizada mais tarde. Estamos todos muito gratos a ela.

Nitya — Eles o querem especialmente. Não lhe dizem que estão muito gratos porque você está demasiado próximo. Quando deixar este lugar,

terá de ser excessivamente cauteloso. É como um vaso novo, recém-saído do molde, que qualquer vibração má pode partir, o que significaria reparos e remodelações, que levariam muito tempo.

Você precisa ter cuidado; se falhar, terá de recomençar tudo desde o princípio. Consagre tudo. "Faça-o como se fosse para Mim."

Agradeça, por favor, aos felizes moradores da casa sua cortesia e seus pensamentos; eles foram felizes. Deus esteve com eles sem que o soubessem. Oxalá sejam felizes daqui por diante.

Esta casa é sagrada, devia ser usada para a Áustria. [A Villa Sonnblick é agora uma pensão.]

O grupo todo deixou Ehrwald a 22 de setembro, quando alguns, incluindo os Lutyens, Rajagopal, Helen e Ruth foram com K e Nitya para o Castelo de Eerde, em Ommen, a convite do Barão Philip van Pallandt, que em 1921, se prontificara generosamente a doar a K o Castelo e 5.000 acres de terra. Como K não desejasse ter nenhuma propriedade em seu nome, organizou-se uma Fundação, tendo K como presidente, à qual foi transmitida a propriedade. Eerde passou, assim, a ser a sede internacional da Ordem da Estrela no Oriente. Planejou-se celebrar ali um Congresso da Estrela no ano seguinte, de modo que essa foi a última ocasião em que o Barão se houve como anfitrião. Circundado por um fosso externo e outro interno, alimentados por um riozinho, o Castelo era um exemplo perfeito da arquitetura holandesa do século XVIII, tão bem conservado por dentro quanto por fora, com todo o seu mobiliário original, que incluía quatro gobelinos feitos para a sala de estar em 1714; em cada quarto de dormir começavam gabinetes cujas masmorras iam diretamente até o fosso, onde gigantescas carpas antigas faziam as vezes de animais necrófagos. A situação do Castelo era ideal para um centro religioso, isolado no meio de acres de matas, entremeadas de lagos, onde nenhuma criatura fora morta pelo homem desde que o Barão, Idealista Prático, herdara a propriedade.

O CLÍMAX DO PROCESSO

K decidira, com relutância, não ir à Índia naquele outono, como almejava fazer, pois precisava voltar a Ojai a fim de completar o trabalho de preparação em seu corpo. Durante esse tempo, por mais longo que fosse, não se sentia capaz de realizar nenhum outro trabalho público. Enquanto estivesse em Ojai, Nitya poderia estudar para prestar os exames finais. Dessarte, depois de uma ou duas semanas em Londres, após a estada em Eerde, os irmãos zarparam para Nova Iorque no dia 22 de outubro e chegaram a Ojai a 8 de novembro. Helen viajou com eles no mesmo navio, mas separou-se deles em Nova Iorque. "Helen estava muito desconsolada quando nos deixou para reunir-se à família", contou K a *Lady Emily*. "Creio que está passando por um mau bocado. Mas será bom para ela." A última observação, aparentemente tão desapiedada, era característica de K: passar por um mau bocado representava uma preliminar essencial à mudança e ao crescimento; o contentamento era a estagnação, e esta conduz à mediocridade.

Nitya achou de bom alvitre ter mais um Iniciado em Ojai que o ajudasse a cuidar de K; por conseguinte, pediu a Rajagopal, que fora feito Iniciado antes de ir para a Inglaterra em 1920, que se licenciasse por um ano em Cambridge e os acompanhasse. Koos van de Leeuw, teosofista e membro da Estrela, pertencente a uma rica família de comerciantes de café de Roterdã, e membro da Fundação Eerde, também os acompanhou. Alojaram-se na casa mais espaçosa de Ojai incluída na propriedade que haviam comprado em fevereiro. Rosalind, que estava no chalé anteriormente ocupado por eles, em companhia de sua mãe, ficou tão encantada ao vê-los que "quase chorou". Deram

à nova casa o nome de Arya Vihara, que quer dizer Nobre Mosteiro.¹ Não era nada confortável, pois não tinha mobília, exceto um pavoroso conjunto de sala de jantar e quatro cadeiras de vime. O exterior, que era branco, precisava de pintura, e como estivessem inteiramente desprovidos de numerário, eles mesmos se puseram a pintar; além disso, encarregaram-se também de toda a comida e de toda a limpeza, o que, para K, era “mais que uma piada”; nem podiam descurar do trabalho caseiro, pois Rajagopal, irritantemente metódico, insistia em que tudo ficasse na mais perfeita ordem. Finalmente, contrataram uma mulher para fazer a limpeza, que vinha da aldeia duas vezes por semana, e um jardineiro.

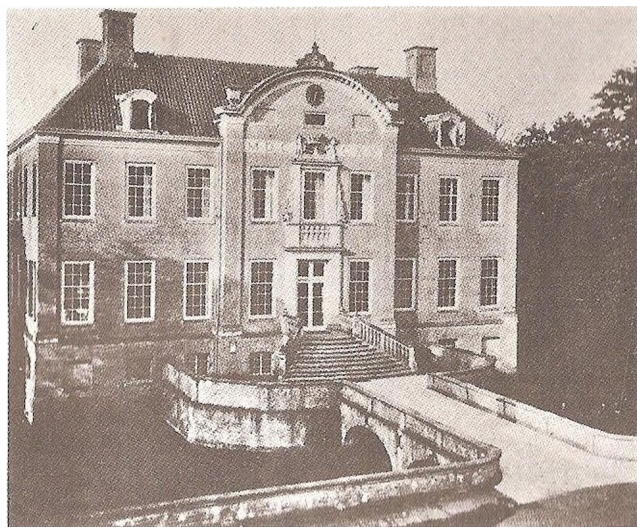
No dia 20 de novembro, menos de quinze dias após a sua chegada, reiniciou-se o “processo” de K. Mas tão violento que, pela primeira vez, Nitya ficou preocupado, perguntando a si mesmo se tudo era como deveria ser. Ele, naturalmente, voltou-se para Leadbeater em busca de conselho e, no dia 27, escreveu-lhe uma carta cheia de ansiedade. Depois de contar-lhe tudo o que acontecera em Ehrwald e dizer que estava juntando uma cópia da mensagem que o Mestre lhes mandara na última noite que haviam passado ali, continuou:

Durante os últimos dias em Ehrwald Eles experimentaram deixar Krishna consciente enquanto a dor era ainda muito forte, mas essa consciência durava apenas 10 ou 20 segundos de cada vez, pois assim que a dor se tornava demasiado intensa, Krishna abandonava o corpo.

Há sete dias o processo começou, só que agora Krishna está plenamente consciente e a dor mais e mais intensa. Esta noite foi a pior de todas. Comecei a escrever enquanto ele estava sofrendo e ele acaba de sair do quarto depois de uma hora de dores lancinantes. Atualmente Helen não está ao seu lado, nem Rosalind, embora R esteja aqui em Ojai morando na casa vizinha. Ele não parece querê-la; depois que passa a dor, Krishna deixa o corpo e este chora, desesperado, de exaustão. Chama pela mãe e, segundo descobri, quer Helen, não quer Rosalind.

Pelo que pude depreender das palavras ditas de vez em quando pelo corpo de Krishna, ainda há muito trabalho para ser feito no corpo, um trabalho talvez de muitos meses... Voltamos a Ojai por julgar este sítio o mais adequado, já que essas coisas começaram aqui no ano passado. Enquanto estávamos em Ehrwald, Krishna e eu lhe telegrafamos, convidando-o a vir para cá e passar aqui o tempo que quisesse. Aparentemente, porém, os telegramas (pois nós lhe telegrafamos duas vezes, a primeira com resposta paga) não chegaram ao seu destino, pois não recebemos resposta. Creio que seria maravilhoso se você, que poderia ver o que

1. A casa ainda tem esse nome. O chalé, que agora se chama Chalé do Pinheiro, fica na extremidade da Senda do Pinheiro. Foi aumentado (estragado, na opinião de K) e a “jovem aroeira-mole” cresceu tanto que o domina completamente.



O Castelo de Eerde, em Ommen, na Holanda

Arya Vihara, Ojai, Califórnia, em 1924



Pergine, agosto de 1924. *Na fila de trás:* Helen, Rama Rao, Rajagopal, Cordes;
na fila da frente: K, Lady Emily, Betty, Mary, Sivakamu, Malati, Ruth

está acontecendo, estivesse conosco durante esse tempo. Você sabe, naturalmente, a grande alegria que seria para nós estar em sua companhia, poderíamos até reviver os dias de Adyar. O ponto agora é o seguinte. Na sua opinião, Krishna não deveria estar em sua companhia durante este período? Se você nos respondesse, tomaríamos o próximo navio para a Austrália. Por que não nos telegrafa? Por favor, por favor, diga-nos o que acha melhor para Krishna. Claro está que os Grandes Entes zelarão para que tudo se resolva da melhor maneira. Não gostaríamos de deixar Ojai e embarcar para Sydney sem receber instruções definidas suas ou uma expressão da sua opinião. Agora quero fazer-lhe algumas perguntas... Rosalind é nossa mãe? Devemos ir para Sydney e levar Rajagopal?

No dia seguinte acrescentou, à guisa de pós-escrito:

O corpo de Krishna repetiu esta mensagem na noite do dia 26, imediatamente após o término do processo daquela noite.

"O trabalho que está sendo feito agora é da maior importância e delicadíssimo. É a primeira vez que a experiência se faz no mundo. Tudo na casa deve dar lugar ao trabalho, e não devem ser levadas em consideração as conveniências de ninguém, nem mesmo as de Krishna. Estranhos não podem ir aí muito amiúde. Você e Krishna darão conta do recado.

Mantenham a paz e uma vida serena."

Tenho não só a impressão de que a referência à "experiência" não alude ao fato de que esse tipo de coisa geralmente se faz num mosteiro, mas também de que Eles talvez estejam tentando alguma coisa nova na preparação do corpo.

Você sabe, por acaso, se algo semelhante ao que está acontecendo agora foi parte da preparação do corpo do Mestre Jesus quando o Senhor veio da última vez? Você não poderia dizer-nos alguma coisa sobre isso? Eu gostaria tanto de que estivessemos ao seu lado; os sofrimentos de Krishna hoje à noite foram piores do que os de ontem — é claro que sei que o corpo está entregue aos cuidados dos Mestres, mas mesmo assim eu quisera tê-lo aqui no plano físico. Seria uma grande bênção para todos nós.

Foi bom que eles não embarcassem para Sydney antes de ter notícias de Leadbeater, pois não teriam sido bem recebidos. Leadbeater não podia dar nenhuma explicação do que estava acontecendo nem tranqüilizar ninguém. Como ele mesmo escreveu no dia 1.º de janeiro à Sra. Besant:

Acabo de receber uma carta de Nitya em que ele me diz que se reiniciou o terrível negócio da preparação... Estou muitíssimo perturbado com toda essa história, porque nunca encontrei nada parecido, e não posso ter a certeza de que isso está certo nem de que é necessário. É verdade que ele conseguiu dar um passo no ano passado seguindo um plano muito semelhante; entretanto, tudo é tão contrário ao que me foi ensinado! Espero que a senhora possa tranqüilizar-me, afirmando saber que tudo está bem.

Krishna e Nitya não parecem ter sequer uma sombra de dúvida, e acho que devem saber; e, no entanto, as duas mensagens que receberam (cujas cópias vão junto, embora eles já devam tê-las mandado à senhora) não têm de modo algum o estilo de qualquer um dos nossos Mestres. Imagino que tudo vai bem, e que eles estão sendo conduzidos ao longo do caminho certo e melhor para eles; mas continuo achando tudo muito estranho. Parece-me claro que, embora seja este um centro muito poderoso, não seria de modo algum um bom lugar para exercícios dessa natureza; está demasiado perto de uma cidade grande, e há sempre tanto trabalho em andamento que seria impossível obter o sossego perfeito, que parece tão necessário.

Parte da carta que Leadbeater escreveu a Nitya, também no dia 1.º de janeiro, vem a seguir:

Não compreendo o drama terrível que está ocorrendo com o nosso amado Krishna, mas quero ter freqüentes notícias dele, pois estou realmente muito aflito em relação a tudo isso. É muito difícil acreditar que essa dor pavorosa seja certa ou necessária para ele. Não havia nada disso no futuro que se estendia diante de nós nos dias felizes de Adyar, há tanto tempo. O corpo então precisava de preparação, mas não *dessa* espécie de preparação; o que foi feito a ele desde então tornou necessário tudo isso. Entretanto, das suas palavras se depreende que vocês foram mandados especialmente para esse local isolado no Ojai Valley a fim de que o trabalho fosse feito; e, sendo assim, vocês precisam ficar aí até que tudo se cumpra. Não assumirei a responsabilidade de aconselhá-los a vir para cá enquanto isso estiver acontecendo; nem assumiria a outra responsabilidade, muito mais mundana, de trazer *você*, com o seu peito e os seus pulmões delicados, para o ar do mar que tão mal lhe fez em Malahide. Quando todos esses estranhos sofrimentos tiverem seguramente terminado, ficaremos encantados por tê-lo em Sydney se a sua saúde o permitir; mas mesmo nesse caso convém que você procure conhecer a opinião de um médico de confiança quanto à questão do ar.

Não vejo como Rosalind possa ser sua mãe pois, segundo me consta, ela nasceu antes da morte de sua mãe. Como Krishna parece ter empregado a mesma linguagem com a Srta. Knothe, só podemos considerá-la simbólica, a não ser que suponhamos que sua mãe foi autorizada a usar os corpos dessas duas moças como meios de ajudar o filho em seus pavorosos sofrimentos. Creio que isso não tem nada de improvável, e explicaria o gesto dele recorrendo a pessoas relativamente estranhas dessa maneira curiosamente íntima.

A Sra. Besant, por estranho que pareça, pois renunciara à clarividência por amor do seu trabalho em favor da Índia, aparentemente não tinha dúvidas, visto que no dia 8 de janeiro Leadbeater pôde escrever-lhe:

Folguei muito em receber sua carta de 7 de dezembro, juntamente com a cópia de uma das mensagens que Nitya teve por intermédio de Krishna. É para mim um grande alívio sabê-la plenamente convencida de

que todo o processo é auto-rizado e que tudo está sendo feito corretamente. Parecia-me que isso devia ser assim, mas a coisa toda era tão diferente de tudo o que aconteceu no meu caso e de tudo com o que estou pessoalmente familiarizado, que eu não poderia ter certeza e, naturalmente, quero estar bem certo de tudo o que se refere a Krishna. Imagino que podemos estar seguros de que o corpo físico será muito bem protegido, mas os relatos são de natureza francamente alarmante.

Dessa época em diante, Leadbeater parece haver deixado à Sra. Besant toda a responsabilidade para com K, o que era totalmente contrário à sua índole, pois qualquer um o julgaria em condições de perguntar ao Mestre Kuthumi, ao Senhor Maitreya, ou particularmente ao Mestre Jesus, o que estava acontecendo ao corpo de Krishna. Infelizmente não há meio de saber o que se passava na mente dele. Este é um dos muitos mistérios dessa estranha história. Poder-se-á conjecturar, todavia, que sua incerteza no assunto lhe empresta autenticidade à clarividência, e não o contrário.

Entretanto, a tortura de Krishna não se abrandava.

Estou ficando cada vez mais irritado e cansado [contou ele a *Lady Emily*]. Eu quisera que você e os outros estivessem aqui. Sinto agora vontade de chorar com muita frequência e eu não era assim. É horrível para os outros e para mim... Eu quisera que Helen estivesse aqui mas isso é impossível, como também é provável que Eles não queiram que ninguém me ajude neste momento. De modo que terci de fazer tudo sozinho... Por mais que tentemos, existe uma solidão, a de um pinheiro solitário no ermo.

Tudo indicava que só quando voltava a ser criança conseguia ele relaxar e obter assim algum alívio da dor, que agora o acompanhava, contínua e vaga, o dia todo, mas intensificada ao anoitecer. Ele, porém, não podia tornar-se criança sem uma "mãe" que lhe cuidasse do corpo. Por alguma razão inexplicada, Rosalind já não tinha condições de desempenhar esse papel, e o pai de Helen, muito naturalmente, não permitia à filha ir a Ojai. ("Imagino que seja difícil com uma família cheia de preconceitos", observou ele em carta a *Lady Emily*. "Que bom que eu não tenho nenhuma!" — No entanto, quando foi a Paris pela primeira vez, em 1920, uma família era a única coisa por que ele ansiava.) Todas as cartas não-respondidas, que se amontoavam, a mensagem mensal aos grupos de Autopreparação e suas notas editoriais lhe pesavam no espírito; nunca lhe fora preciso esmerar-se no acabamento dos seus escritos oficiais, pois *Lady Emily* invariavelmente os corrigia para ele, mas o menor esforço mental lhe despertava agora a dor na espinha.

K só transmitiu a *Lady Emily* uns poucos aspectos da vida que levavam todos os dias: o golfe, que não conseguia relaxá-lo, a álgebra, que Rajagopal tentava ensinar a Rosalind, e as brigas dos dois por causa disso. “Estamos todos tão fartos de nós mesmos que nada agora nos diverte, ou melhor, tudo nos diverte. Rimos até às lágrimas, ou quase, pela menor das coisas.”

No dia 7 de fevereiro Nitya contou à Sra. Besant que tinham tido setenta e seis noites do processo, sem solução de continuidade, e que fazia três meses que estavam em Arya Vihara.

A história noturna é hoje mais do que nunca uma tensão, agora que se foram toda a excitação e todo o divertimento, se é que algum dia houve divertimento... Creio que Krishna já quase se esqueceu de sorrir... A dor está-se tornando mais e mais intensa, embora a sua capacidade de suportá-la esteja crescendo com ela... No outro dia recebi uma carta de C.W.L. sobre este assunto. Ele disse que não compreendia o que estava acontecendo. Sua carta deixou-nos um tanto ou quanto ansiosos sobre se tudo estaria certo e por isso lhe telegrafamos. A resposta dele foi muito característica — “Presidenta diz tudo certo”.

Durante todo esse tempo K continuou a escrever pequeninas cartas tocadamente afetuosas à Sra. Besant, que mandava por quase todas as malas postais. Numa delas confessou querer muito que Helen fosse para Sydney a fim de ser “apresentada” por Leadbeater, querendo dizer com isso que desejava vê-la ajudada no Caminho do Discipulado, mas o pai não a deixou ir e Leadbeater negou-se a recebê-la sem o consentimento paterno. K estava preocupado com ela, temendo vê-la perderdiçar a sua vida junto da família.

No princípio de março, K confidenciou à Sra. Besant que John Ingleman, o médico sueco em cuja casa se hospedara durante sua estada em Hollywood no ano anterior, lhe dera um automóvel, mas como ele não queria que se divulgasse a notícia de um presente tão caro, pedira a Dwarkanath Telang que figurasse como o seu “proprietário oficial”. Dwarkanath estava em Adyar e K pretendia embarcar o carro para lá na próxima vez em que voltasse à Índia. (Na verdade, porém, não o fez.) O automóvel chegou a Ojai no dia 2 de março e causou intensa comoção por ser o primeiro que ele já possuía. Era um Lincoln conversível azul pálido, de sete lugares, com “lâmpadas de prata” — “tão bom quanto um Rolls”, disse ele a *Lady Emily*. “Faz com facilidade 115 quilômetros por hora e sobe morro como um passarinho.” Foi a única alegria que conheceu durante esses meses torturantes, tirante o fato de que Nitya, apesar da tensão, parecia completamente curado da sua enfermidade.

Mais ou menos no fim de fevereiro o “processo” de K atingiu um clímax, que ele descreveu a *Lady Emily*:

Não se preocupe comigo, pois acho que tudo foi arranjado para que eu passasse sozinho por esse transe. É provável que a influência feminina não fosse desejada e Eles diligenciaram afastá-la de mim. Os últimos 10 dias foram realmente violentos, minha espinha e meu pescoço ficaram muito fortes e anteontem, dia 27 [fevereiro], tive uma noite extraordinária. Seja lá o que for, a força ou como quer que denominemos a maldita coisa, me subiu pela espinha, me chegou à nuca e ali se separou em duas, uma que foi para a direita e a outra para a esquerda da minha cabeça até se encontrarem entre os dois olhos, logo acima do meu nariz. Houve uma espécie de chama e vi o Senhor e o Mestre. Foi uma noite tremenda. Está claro que foi tudo doloroso ao extremo. Ontem à noite eu estava tão cansado que não se pôde fazer coisa alguma, mas suponho que isso continuará e tenho a certeza de que logo teremos um feriado.

Ele descreveu essa experiência à Sra. Besant também, embora sem mencionar a influência feminina, e Nitya lhe fez igualmente um relato de tudo. Nitya presumia tratar-se da “abertura do terceiro olho”. Nos tratados de Ioga menciona-se amiúde o “terceiro olho” como o Olho de Xiva. Fica no meio da testa e, como *kundalini*, associa-se à Nitya, “mas imagino que seja apenas uma questão de tempo. Até clarividência. “A clarividência de Krishna ainda não começou”, ajuntou agora já tivemos 110 noites do processo desde que estamos aqui”. Continuou dizendo que tinham acabado de receber um telegrama da Dra. Roche, de Sydney, anunciando que chegaria no fim de março para uma curta visita. Embora ficassem muito contentes com a perspectiva de vê-la, não conseguiam atinar com a razão da sua vinda. “Em uma de suas cartas, C.W.L. disse desejar que um médico estivesse aqui para verificar se o corpo físico não estava muito sobrecarregado, acrescentando que, no seu entender, um médico comum condenaria a história toda. Por isso pode ser que tenha pedido a ela para vir aqui.”

A Dra. Roche foi realmente a Ojai e lá estive por mais de uma semana observando todas as noites o processo de K. Ela ainda estava lá na derradeira noite, a 11 de abril — “uma noite maravilhosa para todos nós”, contou Nitya à Sra. Besant quinze dias depois. Nessa noite, K recebeu uma mensagem, que repetiu a Nitya, o qual a pôs imediatamente por escrito e juntou à mesma carta à Sra. Besant de 25 de abril. Nitya acreditava que a primeira parte da mensagem fosse do próprio Senhor Maitreya. K lhes dissera que, poucos dias antes da cessação do processo, o Senhor Buda viera uma noite. “Na mensagem eles se referem à Sua vinda do modo mais belo”, escreveu Nitya.

Esta foi a mensagem:

11 de abril de 1924 (das 6:30 às 7:15 da tarde)

Meus filhos, estou satisfeito com a vossa resistência e a vossa coragem. Tem sido uma longa luta e, até onde Nós chegamos, tem sido um bom êxito. Embora fossem muitas as dificuldades, Nós as superamos com relativa facilidade. Tem havido inúmeros capítulos no progresso da evolução, e cada fase tem a sua provação. Este é apenas o princípio de muitas lutas. Sede igualmente bravos, e suportai-as com a mesma graça no futuro, com a mesma força e com a mesma alegria. Só assim podereis ajudar-Nos.

Vós vos saístes bem disso, posto que a preparação toda não esteja terminada. A parte feita foi bem feita e com sucesso. Lamentamos o sofrimento, muito prolongado, que vos deve ter parecido interminável, mas há uma grande glória à espera de cada um de vós. O mesmo teria sido viver continuamente numa cela escura, mas o sol está lá fora à vossa espera.

Minha Bênção esteja convosco.

Embora Nós *devamos* começar numa data ulterior, não quero que deixeis este lugar para ir à Europa antes do Wesak [a grande festa oculta da lua cheia de maio que, nesse ano, caiu no dia 18 de maio], quando todos Me vereis. Embora tenhamos guardado os três lugares em vosso corpo é certo que haverá dor. É como uma operação; embora ela possa passar, não podereis deixar de sentir os efeitos depois.

Podeis partir para as vossas férias há tanto tempo esperadas, mas sede prudentes em vossa liberdade. Não partais ainda por ora. Enquanto estiverdes aqui, antes de embarcar, preparai vossos corpos. Se bem isto tenha sido um tanto ou quanto descurado, precisais voltar vossos pensamentos inteiramente nessa direção. Muita comida, muito ar livre e exercício deverão bastar. Não procureis sem necessidade os lugares muito cheios de gente, e ficai ao ar livre sempre que puderdes. Não façais tudo isso imediatamente, senão de modo lento e delicado, pois podereis quebrar o corpo que esteve debaixo de tremenda tensão. Ele precisa ser tratado com sumo cuidado.

O corpo não pode relaxar-se direito enquanto não ficar algum tempo com sua suposta mãe. Se houver uma oportunidade, deixai que ele a veja.

Embora Nós talvez não estejamos tão conscientemente convosco, lembrai-vos de que tivestes o tremendo privilégio de receber muitas visitas Nossas. Se bem Krishna alimentasse dúvidas e suspeitas ocasionais, Nós estivemos sempre vigiando. Não vos preocupeis por esse lado, pois sempre estaremos convosco.

Nos próximos meses sede felizes no conhecimento de que O vistes, vistes Quem dá felicidade a todas as coisas, a Nós e a vós. [Esta foi a referência à presença de Buda.]

Essas mensagens talvez não tivessem o estilo de nenhum dos Mestres, como disse Leadbeater, mas o caso é que não tinham tampouco o estilo de K.

Verificou-se afinal que a Dra. Locke havia sido mandada especialmente por Leadbeater, que desejava um relatório sobre o estado físico geral de K feito por “uma pessoa sadia”. “Ficamos alegríssimos ao vê-la”, contou K a *Lady Emily*, “pois também queríamos uma confirmação de que não estamos inteiramente loucos... Ela ficou impressionadíssima com a história toda e nós não estamos inteiramente loucos”.

Infelizmente não existe outro registro além desse da opinião da Dra. Locke sobre o que estava acontecendo. Foi ela o único médico que testemunhou o “processo” de K. O próprio K, na verdade, nunca pareceu duvidar de que a dor fosse uma parte necessária da preparação do corpo. Ele jamais pensou em consultar um médico nem em tomar uma aspirina. Não obstante, a opinião de um psiquiatra ou de um médico ortodoxo seria interessante, se não elucidativa. O mais provável, contudo, é que nada teria acontecido se um médico estranho se achasse na casa, ao passo que a Dra. Locke era não só uma velha amiga mas também uma Iniciada. Tal era a sensibilidade do corpo de K que o elemental físico se advertira, como o leitor há de estar lembrado, de outra presença na casa de Ehrwald quando Ruth lá ficara uma noite. Não é muito concebível, portanto, que o processo ocorresse com as vibrações de um estranho tão próximo de K que pudesse observá-lo e examiná-lo.

ENSINANDO EM PERGINE

Lady Emily e *Mary* tinham passado o inverno na Índia onde tiveram a alegria de ocupar por várias semanas o próprio quarto de *K* em Adyar, e regressavam à Inglaterra em companhia de *Edwin Lutyens* e da *Sra. Besant* na segunda semana de maio. *K* desejaria estar lá para recebê-los — não via a *Sra. Besant* desde junho de 1922, quando ela deixou *Sydney* — mas como nem sequer pensaria em desobedecer às ordens do Mestre de só sair de *Ojai* depois de *Wesak*, e como *Nitya* nessa ocasião ainda precisasse de alguns tratamentos de *Abrams* em *Hollywood*, os dois irmãos só chegaram a *Plymouth* a 15 de junho. *Rajagopal* e *Helen*, que encontraram em *Nova Iorque*, viajaram com eles, enquanto que *Rosalind* e *Koos van de Leeuw* foram para *Sydney*, a fim de ser “apresentados” por *Leadbeater*.

K tinha grandes esperanças, como ele mesmo dissera a *Lady Emily* mais de uma vez, de que todos pudessem passar juntos outra vez as férias de verão, e fora aventada a possibilidade de irem para a Itália. Ele rogou-lhe que conversasse sobre o assunto com a *Sra. Besant* antes da sua chegada e visse o que poderia ser arranjado.

Assim que puseram os pés na Inglaterra, *K* e *Nitya* viram-se imediatamente presos no torvelinho de atividades da *Sra. Besant*; acompanharam-na em sua *tournee* de conferências por cidades da província e depois, em julho, numa visita aérea a *Paris* (era a primeira vez que entravam num avião); e logo regressaram a *Londres* para participar de uma Convenção da *S.T.* e da *Estrela*, que culminou, no dia 23 de julho, com uma reunião maciça no *Queen's Hall* a fim de comemorar os cinquenta anos de trabalhos públicos da *Sra. Besant*, à qual compareceram todos os seus velhos amigos e colaboradores, assim como o seu grande séquito de adeptos da *Teosofia*.

A 4 de agosto os irmãos foram com a Sra. Besant, novamente por via aérea, a Hamburgo, de onde voaram para a Holanda a fim de tomar parte num Congresso da S.T. em Arnhem, imediatamente seguido pelo terceiro Congresso Internacional da Estrela, também em Arnhem e, depois, pelo primeiro Acampamento da Estrela em Ommen, a um quilómetro e meio do Castelo de Eerde, na parte das terras doadas à Estrela por Philip van Pallandt. Esse primeiro Acampamento de Ommen, que durou dois dias, foi muito pequeno; só uns quinhentos membros participaram dele, dormindo todos debaixo de toldos de lona, sete na mesma tenda, em condições muito primitivas, e não tendo outro lugar para lavar-se senão um riozinho. A Sra. Besant regressou à Índia logo após o Congresso de Arnhem, de modo que não assistiu ao primeiro Acampamento de Ommen, mas George Arundale e sua esposa lá estavam. Instalou-se o Acampamento numa extensa clareira, cercada de pinheiros. Em ambas as noites se acendeu uma fogueira assim que começou a escurecer. Toda a gente se reunia em torno do fogo enquanto K falava; quando ele acabava de falar, Nitya e Rajagopal salmodiavam em sânscrito alguns cânticos de Sri Krishna.

Em suas palestras nesse ano K enfatizou a necessidade de *sentir*: uma concepção meramente intelectual de um divino Mestre não bastava aos que forcejavam por atingir o Caminho do Discipulado; fazia-se mister um sentimento apaixonado, uma energia ardente que ele só poderia comparar com o apaixonar-se. Era essa capacidade de apaixonar-se, de dar-se completamente, que lhe parecia tão escassa, sobretudo nas pessoas mais velhas.

Em obediência aos desejos dele, *Lady Emily* combinara com alguns amigos que, encerradas as atividades do Acampamento, partiriam todos novamente para umas férias fora dali. Os Kirbys haviam encontrado acomodações num castelo do século XI convertido em hotel, no topo de um morro íngreme, a cavaleiro da aldeia de Pergine, a uns dezesseis quilómetros de Trento. Embora K as tivesse convidado, Mar de Manziarly e Isabelle Mallet não puderam fazer parte do grupo nesse ano, mas lá estavam todos os outros companheiros das férias de Ehrwald — *Lady Emily*, Betty, Mary, Helen, Ruth, Rajagopal, Cordes e os Patwardhans. Além disso, havia mais dois indianos — N. S. Rama Rao¹ e uma médica gentil, Sivakamu, a irmã mais velha de Rukinim,

1. Rama Rao (nenhum parentesco com Shiva Rao) estudara, como Jadu, em Cambridge, onde se bacharelara em ciências. Ainda menino, fugira de casa, em Misore, e dirigira-se para Benares, ambicionando educar-se no Colégio Central Híndu. George Arundale dera-lhe uma bolsa de estudos e ele se tornara

esposa de George Arundale. O grupo chegou a Pergine no dia 18 de agosto, tendo-se os Kirbys juntado a ele no fim do mês.

O Hotel Castello gozava de uma situação belíssima, com vistas de montanhas coroadas de neve e terraços de vinhas logo abaixo. K, Nitya, *Lady Emily*, Helen e Rajagopal ocupavam uma torre quadrada, separada do corpo principal do hotel, num canto dos antigos adarves; os demais membros do grupo espalharam-se pelo castelo, em cuja vasta sala de jantar o grupo todo fazia suas refeições separado por biombos dos outros hóspedes e com sua própria cozinheira vegetariana, uma austríaca contratada por Cordes.¹

Às oito horas da manhã, todos se dirigiam à torre de K, para meia hora de meditação antes do desjejum; K lia para eles, em voz alta, um trecho de *O Evangelho de acordo com Buda*; depois, ele, Nitya e Rama Rao cantavam juntos uma mantra. Mais tarde, ainda de manhã, desciam pelos vinhedos até um campo plano, onde se entregavam aos jogos inevitáveis de beisebol e voleibol.

Estavam todos lá com um propósito definido naquele verão — ser ajudados ao longo do Caminho do Discipulado. O Solar, em Sydney, presidido por Leadbeater, era reconhecido como a maior das casas de forçamento esotérico, e *Lady Emily*, Betty, Mary, Helen e Ruth esperavam ir a Sydney o mais depressa possível, de acordo com o desejo ardente de K. *Lady Emily* escrevera à Dra. Roche, a única pessoa íntima de Leadbeater que ela conhecia em Sydney, perguntando se ele aprovaria a ida dela para lá em companhia das quatro moças. No dia 30 de agosto a Dra. Roche respondeu, comunicando a anuência de Leadbeater ao plano. Concertou-se, portanto, que *Lady Emily* e as quatro jovens viajariam para a Índia com K e Nitya em novembro e iriam depois a Sydney, após passarem algumas semanas em Adyar.

Definitivamente acertada a ida delas para Sydney, *Lady Emily* rogou a K que tentasse prepará-las para a grande oportunidade, de modo que, em lugar de disputar jogos a manhã toda, K principiou a falar-lhes sobre a finalidade para a qual estavam ali reunidas. “Ele era muito tímido a princípio”, lembra-se Mary, “e nós também, mas a timidez logo se dissipou e ele se pôs a falar cada vez mais abertamente”. K sentava-se debaixo de uma macieira na orla do campo,

um dos alunos mais brilhantes de George. Também estivera em Varengeville em 1913.

1. O Castelo ainda é um hotel, porém muito mais luxuoso. A torre quadrada é agora um anexo com quartos numerados e separados, um em cada andar, ao passo que em 1924 mais se assemelhava a uma casa pequena.

um pouco apartado dos outros, os joelhos dobrados à altura do queixo e os dedos brincando com as longas hastes da relva a seus pés. Nitya também lhes falava de vez em quando; julgava-se capaz de ajudar porque, em certa ocasião, fora “arrastado para longe de todas essas coisas” mas tornara a encontrar seu “caminho de volta”.

Tanto *Lady Emily* quanto Mary tomaram nota em seus diários de algumas coisas ditas por K nessas palestras: as qualidades de que todas precisavam para conseguir o discipulado eram a abnegação, o amor e a simpatia; todas deveriam dar um salto no escuro; precisavam viver perigosamente; sentir com tanta agudeza que deviam ser capazes de saltar pela janela; e mudar radicalmente; era “tão fácil” e “tão divertido” mudar! K disse às moças que estariam apenas dando expressão à sua própria natureza humana se ansiassem por casar, por ter um companheiro e um lar só seu, mas não poderiam ter essas coisas e servir o Mestre ao mesmo tempo; ser-lhes-ia forçoso escolher; não lhes seria possível brincar com esses dois tipos de vida; o casamento só serviria para aburguesá-los; qualquer coisa era melhor que a mediocridade; não deviam, porém, destruir a emoção e tornar-se duras; a única maneira de crescer era crescer por amor e radiosa felicidade. E definiu a verdadeira devoção: a capacidade de responder instantaneamente.

Além das palestras matutinas, K mantinha conversas particulares com algumas jovens no quarto de *Lady Emily*, à tarde. Mary publicou um relato das que manteve com ele e que, na ocasião, registrou em seu diário. Sua última anotação foi:

Tenho tido outras conversas maravilhosas com Krishna — numa das quais me fez chorar — em que ele insiste na necessidade de um esforço imediato no caso de vir a dissipar-se a visão do topo da montanha... Ele acabou dizendo que nunca ninguém me amaria tanto quanto ele me ama — que nenhuma de nós sabe o que é o verdadeiro amor, a verdadeira devoção, e que ele me queria ver grande, feliz e bela. Ficava, às vezes, tão comovido pelos próprios esforços e pelo desejo de ajudar que chegava a chorar.

K falava, sem dúvida, com as outras *gopis* (como as moças se chamavam umas às outras) no mesmo estilo, fazendo cada qual sentir que a única coisa importante para ele era o progresso dela, exatamente como Sri Krishna, eternamente jovem e eternamente sábio, se multiplicara para dançar com todas as *gopis* (ordenhadoras) ao mesmo tempo na Floresta de Brindaban. Em sua autobiografia, Betty Lutyens sustenta que essas conversas particulares com K destruíram por largos anos a confiança que ela depositava em si mesma, mas também não

esconde que sempre tivera ciúme do amor de sua mãe a ele. K, sem dúvida, fazia muitas vezes chorar todas elas, incluindo *Lady Emily*, com as amargas verdades íntimas que lhes dizia sobre a aparência, o comportamento e o caráter de cada uma. Por mais desagradáveis que fossem, no entanto, essas críticas se afiguravam necessárias a Mary, se é que as raparigas desejavam efetivamente modificar-se de modo radical, como lhe asseguravam, embora não haja dúvida de que ele dou-rava mais as pílulas para Mary, sua constante favorita desde os três anos de idade.

K achava-as todas tremendamente irresponsáveis. No dia 13 de setembro ele disse a *Lady Emily* que era o mesmo falar a um grupo de esponjas, que se limitavam a absorver tudo; sentia vontade de “machucá-las” ainda mais. No dia seguinte, confessou-se desesperado por notar tão pouca mudança em qualquer uma delas e perguntava a si mesmo se seria ele a pessoa indicada para ajudá-las. “Vocês são como pessoas num quarto escuro à espera de que alguém lhes acenda a luz, em lugar de tatear no escuro e acendê-la sozinhas.” *Lady Emily* recordou-lhe as palavras de São Paulo: “Minhas criancinhas, pelas quais sofro as dores do parto até Cristo nascer em vós.” Ao que ele retrucou: “Pode apostar que sinto as dores, sim, senhora!”

Ele bem podia dizer isso porque seu “processo” recomeçara no dia 21 de agosto, mais torturante do que nunca, o que se diria impossível em Ojai. Escrevendo a Mar de Manziarly no dia 14 de setembro, Nitya afirmou que o processo, nas últimas três semanas, representara uma tensão maior do que tudo o que lhe era dado recordar.

A 4 de setembro K recebeu instruções para fechar o seu quarto às 3 horas da tarde, a fim de que ninguém pudesse tocá-lo depois dessa hora e para diligenciar que tudo e todos estivessem excepcionalmente limpos; ele tampouco deveria comer antes do seu ordálio. Às 6 horas tomaria banho, vestiria um traje hindu e iria para a “câmara de torturas”, como lhe chamava *Lady Emily*. Só a Nitya se permitia acompanhá-lo. Jantando cedo, *Lady Emily*, Helen e Rajagopal costumavam passar a hora que durava o processo sentados na escada fora do quarto dele. Terminada a provação, sentavam-se junto dele, no quarto, e assistiam ao seu jantar.

No anoitecer do dia 24, *Lady Emily* recordou que K tivera um pressentimento de que aquela seria “uma noite emocionante” e não havia dúvida alguma de que o Senhor Maitreya viera e ficara com ele durante muito tempo, deixando uma mensagem para todo o grupo. A mensagem foi lida para todos, em voz alta, na manhã seguinte, por Nitya:

Aprendeí a servir-Me, pois só ao longo dessa senda Me encontrareis
Esquecei-vos, porque só então serei encontrado
Não procureis os Grandes quando Eles podem estar muito perto de vós
Sois como o cego que busca a luz do sol
Sois como o faminto a quem se oferece comida e não come
A felicidade que buscais não está longe; está em cada pedra comum
Estou aqui; basta queredes ver. Sou o Ajudador; basta que Me deixeis
ajudar

Estas poderiam ter sido as próprias palavras de K, bem no estilo dos poemas que, logo depois, estaria escrevendo. Como se poderia sustentar, é claro, que o Senhor Maitreya inspiraria os poemas a K. Como quer que fosse, essa mensagem diferia muito, no estilo, das outras que tinham sido "trazidas".

O processo foi suspenso depois do dia 24 de setembro e, nas últimas três semanas da estada em Pergine, K jantou com o resto do grupo no refeitório do hotel. Relaxou-se completamente, cantou canções cômicas e contou piadas um tanto vulgares, das quais se ria descompassadamente. *Lady Emily* ficava chocadíssima com tamanho sacrilégio depois das noites maravilhosas na torre quadrada. As súbitas mudanças de K, que passava do sublime ao ridículo, sempre a desconcertavam. Para os membros mais humildes do grupo, no entanto, que não tinham tido o privilégio de freqüentar a torre quadrada, era uma alegria poder fruir da companhia de K e Nitya nessas noites, fazendo bobagens e divertindo-se.

“O CIRCO ITINERANTE”

“O circo itinerante”, como *Lady Emily* chamava ao seu grupo, deixou Pergine num domingo, 28 de setembro, e viajou até Milão. Dali, K e Nitya foram para Gênova, onde precisavam resolver um contratempo qualquer surgido em conexão com a Estrela, e depois para a Holanda, a fim de proceder aos últimos arranjos que visavam à transferência de Eerde para a Fundação. De volta a Londres no dia 7 de outubro, ficaram com *Lady De La Warr*, numa casa que ela alugara na cidade, Buckingham Street, 10, Westminster, visto que a Srta. Dodge abrira mão de Warwick House; em fins de outubro, foram a Paris enquanto Rajagopal retornava a Cambridge, no intuito de cursar o último ano antes de formar-se em Direito.

Na noite de 28 de outubro *Lady Emily* juntou-se a eles em Paris com Helen, Ruth, Betty e Mary, e foram todos para Veneza, de onde embarcariam rumo a Bombaim num navio da Lloyd Triestino Line, mais barato que o P & O. Com a costumeira generosidade, a Srta. Dodge pagou as passagens de volta a Sydney de *Lady Emily* e das quatro moças. Não fora isso e Edwin Lutyens poderia ter vetado o plano, que deplorava, pois *Lady Emily* não estava financeiramente em condições de fazer essa viagem. No dia 13 de outubro sua segunda filha, Ursula, que nunca veio a sofrer a influência da Teosofia, casara com toda a pompa da igreja de St. Margaret, Westminster, de modo que o pai devia sentir-se particularmente desinclinado a mandar o resto da família numa excursão dispendiosa à Austrália, sem falar no seu receio de que Betty e Mary viessem a cair sob a influência de Leadbeater. É um mistério o modo com que *Lady Emily* conseguiu fazer todos os arranjos para o casamento de Ursula, tendo estado fora de casa desde o começo de agosto e só voltando de Pergine no fim de setembro.



K debaixo da macieira em Pergine, 1924



Chegada a Bombaim, em novembro de 1924. Nitya, a Sra. Besant, K

Lady Emily escreveu em seu diário a 28 de outubro: "Partimos para a grande aventura. Aonde nos conduzirá ela?" Poderia ter conduzido ao desastre pois, a despeito do aviso representado pela morte de Barbara Villiers de febre tifóide em Benares, *Lady Emily* parecia não se advertir do risco que corria por não se haver vacinado nem haver vacinado as moças antes de partir. K não aprovava a inoculação de venenos no corpo (sobretudo agora que conhecia a opinião do Dr. Abrams a respeito da vacinação) de modo que ela também não a aprovava. Talvez sua fé fosse tão eficaz quanto qualquer outra proteção contra as infecções.

Depois de quatro dias frigidíssimos de visita aos lugares mais interessantes de Veneza, onde se hospedaram no Luna Hotel, embarcaram, no dia 2 de novembro, no *Pilsna*. Rama Rao e os Patwardhans reuniram-se a eles em Veneza e com eles fizeram a viagem por mar. A última parte da viagem trouxe a bem-aventurança para Mary, agora com dezesseis anos. Ela estivera apaixonada por Nitya desde que se conhecia por gente e se aproximara muito dele em Pergine. Certo dia ao entardecer, no Mar Vermelho, estando ambos debruçados sobre a amurada do navio assistindo ao pôr-do-sol, ele confessou-lhe que a amava. Disse mais que amara primeiro sua irmã mais velha, Barbie, depois a Sra. de Manziarly, depois Rosalind ("Quando vi Rosalind pela primeira vez qualquer coisa pareceu quebrar-se dentro de mim"). "E agora, você", ajuntou ele. Mas a felicidade de Mary seria tão breve quanto os crepúsculos do Oriente: dois dias antes de chegarem a Bombaim, quando os dois se encontraram no convés para assistir ao pôr-do-sol, como se tornara seu hábito, Nitya contou-lhe que tornara a expelir sangue pela boca ao tossir, naquela manhã. A súbita hemorragia chegara com um choque terrível para ele, que se acreditava curado, e a preocupação era ainda maior por saber que se achava a caminho do calor úmido de Adyar. E tinha pavor de precisar contar a K.

Chegaram a Bombaim no dia 18 de novembro, e ali foram recebidos pela Sra. Besant e por uma multidão de teosofistas, incluindo Raja, Shiva Rao e Ratansi, com quem foram todos passar alguns dias. K e Nitya trocaram imediatamente de roupa, vestindo trajes indianos. Nitya avisara Mary de que "as coisas seriam diferentes" depois que chegassem à Índia, mas ela não estava preparada para uma separação daquela natureza. Havia sempre tanta gente à volta dele e de K que ela não teve sequer a oportunidade de trocar uma palavra a sós com o rapaz durante todo o tempo em que estiveram em Bombaim. E não acreditava que Nitya tivesse tido a coragem de falar a K sobre a hemorragia a bordo do navio.

A chegada a Adyar ocorreu no dia 24 de novembro. Ali toda a família de Manziarly, incluindo Sacha, que se encontrava na Índia desde o fim de outubro, estava esperando para cumprimentá-los. *Lady Emily* alugara a chamada Arundale House, perto da sede, defronte do rio. (A Srta. Arundale, falecida em março daquele ano, construíra a casa em 1910.) Helen, Ruth, Betty, Mary e Shiva Rao ali se hospedaram com *Lady Emily*, e K e Nitya almoçavam e jantavam com eles todos os dias na sala de jantar ladrilhada e desguarnecida de móveis, sentados no chão e tendo folhas de bananeiras à guisa de pratos. Havia, naturalmente, um cozinheiro brâmane. Depois do jantar, *Lady Emily* lia em voz alta para eles, cumprindo notar que a leitura em voz alta era um dos seus maiores talentos.

A Sra. Besant foi muito bondosa para com as jovens. Não tinha muita coisa para dizer-lhes mas, quando as via, tomava-lhes as mãos e encarava-as com um sorriso tão afetuosos que elas teriam morrido por ela. A Sra. Besant possuía, com efeito, um talento extraordinário para inspirar devoção. Usando sempre sáris brancos quando estava na Índia, dir-se-ia, de certo modo, que fora feita para usá-los, à diferença das outras mulheres européias residentes em Adyar, que lhe seguiam o exemplo e pareciam ridículas. Felizmente nem *Lady Emily* nem qualquer uma das *gopis* tentou usar alguma coisa que não fossem roupas ocidentais, muito embora adotassem horários e hábitos indianos, tais como sentar-se no chão às refeições, comer com as mãos e tirar os sapatos antes de entrar numa sala.

As sete horas, todas as manhãs, K fazia uma reunião em seu quarto, a que estavam presentes, entre outros, todas as *gopis*. Falava praticamente como falara em Pergine mas, como houvesse cerca de quarenta pessoas nessas reuniões, estas eram muito mais formais. Depois, quando a tarde esfriava, um grande grupo de jovens e menos jovens disputava partidas emocionantes de voleibol na velha quadra de tênis.

A essa altura, toda a gente já sabia que Nitya estava doente outra vez. Febril, não assistia às reuniões matutinas nem participava dos jogos; sentia-se, às vezes, tão mal que nem ia jantar em casa de *Lady Emily*. (Noites negras, essas, para Mary.) Apesar de tudo, em meados de dezembro, foi passar duas semanas em Bombaim com a Sra. Besant e K, a fim de participar de uma Convenção Teosófica, o que, por certo, não lhe fez bem à saúde. K ali falou em público sobre o tema "O Cidadão como Agente Divino".

Nesse meio tempo, a 11 de dezembro, Ruth e Helen tinham ido na frente para Sydney. K escrevera a Leadbeater no dia em que elas partiram, antes de ir para Bombaim:

Estamos todos, mais uma vez, de volta à velha e querida Adyar, e não há lugar como ela no mundo inteiro. Nem mesmo a Califórnia atinge o magnífico nível de Adyar. Eu só desejaria que você estivesse aqui como outrora, mas tenho grandes esperanças de que virá para a grande Convenção de 1925 em Adyar [o quinquagésimo aniversário de fundação da S.T.]....

Folgo em que Ruth esteja voltando para você; creio que a achará muito mudada e, segundo espero, para melhor. É claro que você será capaz de ajudá-la mais do que qualquer um de nós e eu me sinto felicíssimo por ela estar indo.

Sobre Helen. Tenho insistido e diligenciado para que vá procurá-lo. Esse tem sido o meu sonho, desde que a conheci, e venho tentando prepará-la para tirar o máximo proveito da sua companhia. Creio que ela é alguém e será útil mais tarde. Por isso fiz todo o possível para que ela fosse. Rezo para que ela coopere, mas a cooperação está nas mãos dela, na vontade de Deus e na sua.

Lady Emily e as filhas irão em março.

Meu processo está começando devagar e é bem doloroso. Tenho a nuca e a base da espinha mais uma vez ativas e quando penso ou escrevo essa atividade é quase insuportável. Assim que me deito sinto muita dor e, quando acordo de manhã, acordo com a impressão de que a dor esteve presente a noite inteira. É tudo muito curioso e não o compreendo de maneira alguma... Tenho um intenso desejo de vê-lo, e pergunto a mim mesmo quando verei satisfeito o meu desejo.

O seu desejo seria satisfeito muito mais cedo do que ele esperava. K e Nitya tinham sido convidados para assistir à Convenção da S.T. de abril em Sydney e, quando John Mackay, seu anfitrião de 1922, se ofereceu para pagar-lhes as passagens, decidiram ir em companhia de *Lady Emily* se Nitya estivesse suficientemente bom.

No dia 9 de janeiro de 1925, *Lady Emily*, com Betty e Mary, foi para Deli a fim de juntar-se ao marido. Logo depois Nitya ficou tão doente que lhe recomendaram uma temporada de alguma semanas na estação montanhosa de Ootacamund, de onde regressaria a Ojai passando por Sydney, para outra série de tratamentos Adams. A Sra. Besant, que estava em Deli com os Lutyens, aprovou o plano, de modo que no dia 23 de janeiro Nitya foi para "Ooty" com a Sra. de Manziarly, Yo e Rama Rao. Ali se instalaram numa casa chamada Gulistan ("Sítio de Flores") onde a Sra. Besant vivera durante o seu internamento em 1917. Construída pelo Coronel Olcott em 1890, era a casa de verão da presidenta da S.T., que dificilmente a utilizava.

Depois de informar a Sra. Besant da partida de Nitya, K passou a falar-lhe da própria dor, que estava “ficando cada vez pior”.

Imagino que ela cessará algum dia mas, por enquanto, é medonha. Não posso fazer trabalho de espécie alguma, etc. Atualmente dura o dia inteiro e a noite inteira. Quando Helen estava aqui eu conseguia relaxar-me, mas agora nem isso. Sinto uma vontade enorme de chorar a mais não poder, mas não adianta. Eu gostaria de que Helen estivesse aqui. Recebi carta dela de Sydney e C.W.L. parece tê-la recebido bem, falado com ela e mostrando-se muito simpático. Por isso estou contente.

Alguns dias antes de escrever as frases acima ele estivera em Madanapalle, sua terra natal, procurando um local adequado à universidade que pretendia fundar na Índia, seu sonho mais querido. Descobriu um lindo lugar no Vale de Tettu, a uns dezesseis quilômetros da cidade e cerca de 750 metros acima do nível do mar, e esperava poder ali comprar 1.000 acres.¹

Sua preocupação com Nitya transparece de uma carta que escreveu à Sra. Besant no dia 10 de fevereiro, contando um sonho que tivera:

Lembro-me de ter ido à casa do Mestre, a quem pedi e implorei que deixasse Nitya sarar e o deixasse viver. O Mestre aconselhou-me a procurar o Senhor Maitreya. Fui até lá e supliquei-Lhe, mas pareceu-me que isso não Lhe dizia respeito e que eu devia ir ao Mahachohan [veja a p. 47]. Lá fui eu. Recordo-me de tudo com a máxima clareza. Ele estava sentado na Sua cadeira, com grande dignidade e magnífico entendimento, os olhos graves e bondosos. Sei que a minha fútil descrição é absurda, mas não me é possível transmitir a grande impressão que tudo aquilo me causou. Eu disse-Lhe que sacrificaria minha felicidade ou o que quer que fosse preciso para que Nitya pudesse viver, pois sentia que isso estava sendo decidido. Ele escutou-me e respondeu: “Ele ficará bom.” Experimentei um grande alívio e toda a minha ansiedade desapareceu completamente.

Nitya recobrou alguma saúde em “Ooty”, se bem que no dia 19 de fevereiro escrevesse a Mary, a qual, com *Lady Emily* e Betty, acabava de voltar a Adyar, vinda de Deli:

1. O plano só se materializou no ano seguinte e, mesmo assim, ele só conseguiu comprar 300 acres. Ali se fundou uma escola, não uma universidade, e o vale foi rebatizado com o nome de Vale do Rishi, porque era dominado pelo monte Rishikonda. Organizou-se a Fundação do Vale do Rishi nas mesmas linhas em que se organizou a Fundação Eerde, sendo K um dos membros do seu conselho-diretor. A escola, baseada em suas idéias de educação, ainda floresce e, todas as vezes que vai à Índia, ele passa lá algumas semanas conversando com os alunos e professores.

Estive de cama durante quatro semanas e os ossos estão-me furando a pele. Quantas vezes já caminhei até o precipício da morte, olhei para baixo e retrocedi! Isso está-se tornando um hábito para mim. Quando eu realmente morrer na provecta idade de 90 anos, ou coisa que o valha, continuarei a viver por força do hábito... Foram as piores quatro semanas que já passei. Sentir-se alguém doente, fraco e fracassado é uma combinação horrível. [Ele deu a Mary algum conforto acrescentando:] Mas seja o que for que você fizer ou deixar de fazer hei de amá-la sempre.

Nitya tornou a Adyar no dia 11 de março e, dois dias depois, ele, K, Raja, Rama Rao, *Lady Emily*, Betty e Mary partiram para Sydney, enquanto que os de Manziarly permaneciam na Índia, com exceção de Sacha, que fora assumir um emprego em Pequim. Raja decidira de repente ir com eles a Sydney e partilhar da responsabilidade de cuidar de Nitya, e sua decisão representara um grande alívio para K, que estava com muito medo da viagem. Nitya parecia terrivelmente magro e doente; a péssima travessia até o Ceilão deixou-o exausto e ele precisou apoiar-se pesadamente no braço de Raja enquanto faziam fila para a inspeção dos passaportes ao embarcarem em Colombo no *Ormuz*. Durante a viagem, só deixava o camarote para deitar-se no tombadilho. Mary fora proibida de aproximar-se dele. Ficara decidido que ele voltaria a Ojai o mais cedo possível, e que se pediria a Rosalind, que estava em Sydney desde que os irmãos tinham viajado para a Inglaterra no ano anterior, que fosse com eles a fim de cuidar de Nitya. Ao saber disso alguns dias depois do embarque, Mary ficou tão enciumada que pensou em matar-se, ouvindo de K, caracteristicamente, um "Não faça o papel de idiota!" Ele não suportava mesquinhez e que poderia ser mais mesquinho do que o ciúme, mormente estando em jogo o bem-estar de Nitya? K afirma que nunca o sentiu em toda a sua vida. Poder-se-ia dizer que nunca teve motivos para senti-lo, mas é realmente difícil imaginá-lo nutrindo por mais de um instante um sentimento tão incompatível com a nobreza e a grandeza, tão completamente medíocre e desprezível.

Em Fremantle, Perth, Adelaide e Melbourne, realizaram-se reuniões da Estrela em que falaram K, Raja e *Lady Emily*. Em todos esses sítios foram apresentados a K lotes de terra em que se poderiam erguer edifícios para o trabalho do Mestre Universal. Essas Terras da Estrela, como eram chamadas, dedicavam-se a ele não só em Victoria mas também em New South Wales, Queensland e Tasmânia. Como sempre, K pediu que a propriedade fosse gerida por uma Fundação. Na própria cidade de Sydney havia sido construído um grande anfiteatro branco capaz de acomodar 2.500 pessoas sentadas em vinte e seis filas de assentos — inspiração da Dra. Locke. Situava-se num

local realmente magnífico, na beira da costa rochosa que domina o porto de Balmoral. A própria Dra. Locke fizera uma generosa contribuição para as despesas, embora o grosso das 13 500 libras em que tinham sido orçadas a construção e a compra da terra fosse levantado mediante a venda das cadeiras dos Fundadores — 10 libras por cadeira no topo e 100 libras por cadeira próxima da arena. A pedra fundamental fora lançada por Leadbeater em junho de 1923 e a construção ficou pronta a tempo de K poder usá-la para falar durante a Convenção, que se iniciou logo após a sua chegada a Sydney.

NITYA INSPIRA CUIDADOS

O grupo chegou a Sydney no dia 3 de abril, e foi recebido por Leadbeater e todo o seu séquito, incluindo Dick Clarke, agora seu companheiro constante. Leadbeater “veio-se pavoneando pelo cais abaixo como um grande leão”, descreveu-o Mary, “sem chapéu, envolto num longo manto de púrpura, apoiado ao braço de um rapazinho loiro, muito bonito, de seus quinze anos de idade”. Era Theodore St. John, garoto australiano de grande encanto e meiguice, favorito de Leadbeater naquela época e que tinha o privilégio de dormir em seu quarto. Teria sido difícil não notar Leadbeater no meio da multidão, pois mesmo sem a roupa e sem os cabelos brancos, era muito alto e usava uma longa barba alvacentas. “Tinha olhos azuis, coruscantes e prazenteiros, modos brincalhões, voz aguda, porém agradável”, e um “ar de saúde efervescente, como se mantivesse todas as suas faculdades, mentais e físicas, em perfeito estado de funcionamento para seu uso imediato”. Debaixo do manto trazia batina vermelha com uma grande cruz de ametista em volta do pescoço e um imenso anel de ametista no terceiro dedo da mão direita. Estava agora com setenta e oito anos mas parecia muito mais moço, dando a impressão, pela sua enorme vitalidade, que não havia “nada que não fizesse ou não ousasse”. O seu único traço desagradável era um par de caninos superiores, amarelos, muito compridos, que nos traziam inevitavelmente ao espírito a lembrança de vampiros.

K e Nitya foram imediatamente arrebatados pelo Sr. Mackay e por Rosalind e carregados para a casa do primeiro, Myola, em David Street, Mosman, subúrbio de Sydney, perto de O Solar, onde Leadbeater vivia com a sua comunidade desde 1922. O Solar era um casarão medonho, erguido numa bela posição a cavaleiro do porto, onde umas cinquenta pessoas de todas as idades e nacionalidades ten-

tava viver em harmonia, comendo numa sala de jantar comum sob o olhar vigilante de Leadbeater postado no alto de um estrado, e que, se bem consentisse numa conversação em surdina, estremecia ao cair de uma faca ou ao arrastar de uma cadeira.

A *Lady Emily* e suas filhas foi concedido o privilégio de dormir num quarto do rés-do-chão, perto do quarto de Leadbeater. As únicas pessoas que elas conheciam ali, além de Dick Clarke, eram a Dra. Roche, Helen, Ruth, a mãe de Ruth, a Sra. Roberts e Koos van de Leeuw, transformado agora em padre da Igreja Católica Liberal e encarregado das finanças da comunidade. Leadbeater formou um grupinho especial, composto de Theodore St. John, *Lady Emily*, Betty, Mary, Ruth e Helen, que convidava para ir ao seu quarto todas as tardinhas e ao qual falava sobre os Mestres com a mais contagiosa convicção da sua realidade. A atmosfera nada tinha de santa; ele contava anedotas prosaicas dos Mestres, como se fossem os vizinhos do lado, e sempre oferecia cortesmente a melhor cadeira ao seu gato. Desse gato se dizia que estava em sua última encarnação; e, com efeito, tão humano era ele que, tendo entrado uma noite no quarto de *Lady Emily* quando esta se dispunha a ir para a cama, ela se sentiu tão encabulada que não se despiu diante dele.

Num passeio, a conversação de Leadbeater era fascinante. Fazia comentários sobre tudo o que via clarivamente à sua volta, como os *devas*, ou espíritos da natureza, que não suportavam amantes humanos vulgares nem o cheiro do álcool ou do fumo, mas se apinhavam ao redor dos residentes em O Solar porque estes não bebiam, não fumavam, não comiam carne e viviam “unidos por verdadeira afeição”. Um dia Leadbeater apontou para uma grande rocha no Parque Taronga que, de uma feita, se apaixonara por um dos meninos de O Solar; quando o menino se sentou sobre a rocha, toda a vida que havia na rocha se concentrou na parte em que o menino estava sentado. Ser amado por rochas e por espíritos da natureza talvez não fosse um substituto adequado para o amor humano, mas parecia assaz invejável aos olhos de Mary.

Dois dias antes da Convenção Teosófica, inaugurada no dia 9 de abril, Nitya procurara um especialista que diagnosticara cavidades no ápice e na base do pulmão esquerdo e uma lesão no pulmão direito, declarando que ele precisaria de toda a sua força para recuperar-se; mas teria de deixar Sydney incontinenti. A Dra. Roche partiu sem demora para Leura, nas Montanhas Azuis, a 900 metros acima do nível do mar, e encontrou para ele uma casa mobiliada, de cinco cômodos, uma espécie de cabana superior de troncos. Logo após a Convenção,

ele foi para lá com K, Rosalind, Rama Rao e a Sra. Roberts, que servia de acompanhante e ama de chaves. Como o lugar distasse de Sydney apenas uma hora de trem, K podia subir e descer à vontade. A temperatura de Nitya não tardou a cair sob o influxo do ar seco e relativamente frio, mas o médico lhe recomendara que ficasse nas montanhas o tempo suficiente para reunir condições de voltar à Califórnia. Como Raja se comprometera a retornar à Índia, K telegrafou ao Dr. John Ingleman, de Hollywood, pedindo-lhe que viesse ajudar a cuidar de Nitya durante a viagem. (Ingleman chegou a Sydney no dia 5 de maio.) K estava certo de que Nitya sararia; escreveu à Sra. Besant no dia 3 de maio: "Já não existe a atmosfera do doente ao redor dele; está muito mais alegre e, o que é excelente, sente estar melhorando."

Período intranquilo e tedioso para K, que vivia, virtualmente, no trem, entre a casa dos Mackays em Myola e "Nilgiri", como chamavam à casa de Leura, que o Sr. Mackay acabara comprando. Embora tivesse sido o seu próprio desejo, o seu "sonho", que as *gopis* fossem para Sydney, ele agora não resistia à tentação de trocar delas vendo-as ali. O Solar estava engrenado com a Igreja Católica Liberal e a Co-Maçonaria.¹ Koos van de Leeuw celebrava missa todos os dias antes do desjejum numa capela particular, e havia bênção todas as tardes, ao passo que, aos domingos, Leadbeater celebrava dois ofícios da Igreja Católica Liberal, na igreja de St. Alban, em Regent Street, aos quais se esperava que assistisse todo o pessoal de O Solar. O não comparecimento aos serviços religiosos lhes atalharia de certo o progresso esotérico. A igreja era tão alheia à natureza de K que, conquanto ele tentasse mostrar-se respeitoso e destituído de espírito crítico, todos os seus instintos se rebelavam contra isso. Ansiava pela recuperação de Nitya, a fim de que ambos pudessem partir para Ojai.

Mary sentiu que K estava tão fora do seu lugar naquela comunidade medíocre quanto uma gazela num rebanho de carneiros, ao passo que Leadbeater se achava ali tão à vontade quanto um pastor feliz. Mesmo assim, ela considerava injusta a ironia com que K ridicularizava

1. Outro ramo da Teosofia. Em 1879 vários Capítulos Maçônicos sob o Conselho Supremo da França se haviam revoltado. Uma Loja separada, *Les Libres Penseurs*, admitiu uma mulher em 1991, a Srta. Marie Desraimes. Doze anos mais tarde, em colaboração com Georges Martin, ela formou uma Loja, *Le Droit Humain*, à qual dezesseis mulheres foram admitidas. A Srta. Francesca Arundale foi a primeira inglesa a ser iniciada em 1902. Ela despertou o interesse da Sra. Besant pelo movimento e esta última foi iniciada em Paris no mesmo ano. A Sra. Besant fundou Lojas em Benares e Londres e, em 1910, ergueu um templo maçônico em Adyar.

os seus esforços para conformar-se com a situação. Afinal de contas, não fora ele quem as instigara a ir para Sydney, insistindo em que aquela seria uma oportunidade de ouro? Ora, se elas não se adaptassem ao modo de vida de O Solar, que estariam fazendo lá? Lembrava-se particularmente bem de uma ocasião: toda a turma jovem de O Solar, sentada, formava um círculo durante uma reunião semanal; todos tinham os olhos fechados, seguravam as mãos uns dos outros e meditavam sobre a sua unidade. A certa altura, ao abrir os olhos de repente, deu com K sorrindo e piscando para ela do outro lado da janela. Aquilo lhe foi quase intolerável. Que contraste com Pergine, quando Nitya estava aparentemente curado e K, sentado debaixo da macieira, falava com elas. E, no entanto, tudo o que ele dissera naqueles dias felizes dissera-o em função dessa oportunidade única de procurar Leadbeater a fim de ser “transportada”.

Mary não teria sido tão infeliz em Sydney se tivesse alguma coisa definida para fazer — Betty, ao menos, tocava órgão na igreja e nadava, o que aterrorizava a irmã por causa do perigo dos tubarões — mas fora as reuniões vesperais no quarto de Leadbeater e um passeio ocasional com ele nada havia que ela pudesse fazer senão tentar aprender por conta própria estenografia e datilografia. A Sra. Besant, que acreditava em educação superior para as mulheres, ficara chocada ao ver Mary na Índia em 1923 e ao saber que fora tirada da escola aos quinze anos de idade. Em vista disso, fizera uma lista de livros para ela estudar. Leadbeater não partilhava das suas opiniões a respeito da educação, pois considerava qualquer espécie de trabalho individual como um caso deplorável de satisfação pessoal. A seu ver, só eram permissíveis a estenografia e a datilografia, porque poderiam ser usadas no serviço dos Mestres.

Leadbeater tinha o costume de aparecer de surpresa na varanda que circunda a casa, pronto para sair a passeio, e quem estivesse ali poderia ser convidado para passear com ele. A perda de uma oportunidade dessas era reputada prejudicial ao progresso espiritual; por isso mesmo, a maioria dos jovens ficava na varanda o dia inteiro, na esperança de vê-lo sair do quarto. Betty fizera amizade com Theodore St. John, o melhor amigo de Ruth e tão chegado a Leadbeater que nadar com ele era tão bom quanto passear com o próprio Leadbeater. Theodore tocava violino, de modo que ele, Betty e Helen realizavam juntos sessões musicais.

Leadbeater deve ter achado a influência de K muito perturbadora e ninguém poderia duvidar que as suas visitas ao Solar não eram bem recebidas. Não obstante, Leadbeater escreveu sobre ele à Sra. Besant

no dia 21 de abril: “É, sem dúvida, uma bela e maravilhosa pessoa e parece ter mudado muito em vários sentidos depois que esteve aqui há três anos — o que, aliás, não deixa de ser natural, considerando-se o que teve de agüentar.”

K desejara muito conversar com Leadbeater sobre o seu processo e eles tiveram várias entrevistas particulares, mas é pouco provável que Leadbeater tenha podido ajudá-lo; este, na verdade, parecia até relutar em discutir o assunto e chegou a dizer a *Lady Emily* que aquilo estava inteiramente fora da esfera da sua experiência e não era uma parte necessária da preparação para as Iniciações: “Dir-se-ia o forçamento dos espirilos em cada átomo.” Quando instado a dar uma explicação dessa frase, limitava-se a dizer que os homens da quinta raça fundamental tinham apenas certo número de espirilos funcionando em cada átomo do cérebro; a fim de preparar o corpo de K para o Senhor Maitreya, tinham de ser abertos novos espirilos — espirilos que estariam presentes em homens da sexta raça fundamental. O despertar de espirilos da sexta raça num corpo da quinta teria de ser, por força, um processo muito doloroso.¹

Leadbeater não gostava de sentir-se desorientado. No Solar, onde vivia inteiramente em seu elemento, todas as atividades eram dirigidas no sentido de propiciar os passos esotéricos ao longo do Caminho. Esses passos eram dados mais provavelmente nos grandes festivais, sobretudo o de Wesak — o plenilúnio de maio — que em Sydney, em 1925, ocorreria a 1 hora e 43 minutos da madrugada do dia 8 de maio. Por várias semanas antes dessa data, o Solar pulsava de comoção e expectativa, enquanto os membros da comunidade se exercitavam, frenéticos, para desenvolver as qualidades consideradas necessárias ao Discipulado com toda a intensidade do estudante que se prepara à pressa para um exame vital. Os resultados não eram eram afixados num quadro de avisos, mas logo se divulgavam e davam origem a grandes doses de mortificação, esnobismo e orgulho espiritual. A única pergunta importante que se fazia a alguém no Solar era “Até onde você chegou?” Leadbeater elaborava listas antecipadas de possíveis avanços,

1. De acordo com as investigações clarividentes da Sra. Besant e de Leadbeater sobre a estrutura da matéria, o Anu era o “átomo final” de que se compunham todas as coisas físicas. A força vital fluía através do Anu. Havia sete espirilos em cada Anu, e desses sete somente quatro eram normalmente ativos. Havia 1 600 roscas, ou espirais, em cada espirilo. Os espirilos de um indivíduo poderiam ser forçados pela prática iogue (*Occult Chemistry* [Química Oculta] de Annie Besant e C. W. Leadbeater, Theosophical Publishing House, Adyar, 1908).

enquanto que Theodore St. John fazia insinuações aos seus amigos especiais sobre o que poderiam esperar. Dois dias antes de Wesak, K escreveu à Sra. Besant para contar-lhe alguns dos passos que seriam dados.

Houve, ao todo, setenta avanços por ocasião do Wesak em todas as partes do mundo, mais até do que os previstos por Leadbeater. *Lady Emily*, Ruth, Ruspoli, a Sra. Kirby e Shiva Rao fizeram sua primeira Iniciação; Helen foi aceita e Betty e Mary, submetidas à provação. Rosalind já tinha sido aceita e Rama Rao já era um Iniciado. Os de Manziarly, Isabelle Mallet, Harold Baillie-Weaver, Cordes e os Blech dariam também um passo qualquer, pois K escreveu à Sra. Besant dizendo-se muito feliz por causa deles. Entretanto, apesar do que dizia na carta, irritava-o sobremodo ver cada um dos residentes do Solar inteiramente absorto no próprio progresso espiritual. No dia 25 de maio (que ainda se supunha ser o do seu aniversário, o trigésimo) ele jantou no Solar e falou depois à comunidade “muito lindamente”, de acordo com o diário de *Lady Emily*, e parecia também “maravilhosamente belo”. Falou da importância “do que vocês *são* e não deste ou daquele rótulo” — coisa muito necessária para incutir no pessoal do Solar, preocupado sobretudo com suas etiquetas espirituais. (Ele escrevera nas notas editoriais para o *Herald* de janeiro: “O simples fato de ostentar um distintivo ou intitular-se membro da Estrela é o mesmo que trazer consigo um talão de cheques sem ter conta no banco.”)

Afigurava-se estranho a Mary que K, a quem cabia desempenhar o papel principal no grande drama para o qual estavam todos ensaiando, estivesse tão distante de tudo aquilo. Aos olhos dela, ele se apresentava como uma bela rosa que crescia num lindo jardim, ao passo que toda a turma do Solar não passava de uma imitação de papel, fabricada em salas abafadas por mãos acostumadas a produzir, às dúzias, essas pretensiosas falsificações. Ao insistir com Helen e com as outras *gopis* para que fossem a Sydney, K deveria estar-se lembrando, sem dúvida, do Leadbeater dos antigos tempos de Adyar, treinando um punhado de discípulos excepcionais, ou mesmo do Leadbeater de há três anos, que tinha apenas dez discípulos à sua volta; não se dera conta, antes daquela visita, da verdadeira fábrica em que tudo aquilo se transformara.

Enquanto se demorou em Sydney, K teve raras oportunidades de ver algum de seus amigos a sós, apesar de Helen ter ido a Leura uma vez, quando ele estava lá. É possível, todavia, que não se sentisse muito afinado com ela agora, pois Helen e Ruth se haviam identificado profundamente com o modo de vida do Solar antes da sua chegada.

K talvez se sentisse mais próximo de Mary, que sabia infeliz e tão preocupada quanto ele em relação a Nitya. Certa noite, ao voltar para o quarto em que dormia com sua mãe e Betty, Mary encontrou K profundamente adormecido em sua cama. Ela nunca vira nada tão belo quanto aquele rosto adormecido e sentiu que sua cama fora abençoada. "Por que será ele sempre tão delicioso?" escreveu em seu diário. "Ele faz-me sentir mais desinteressada do que qualquer outra pessoa. Eu quisera poder amar a todos tão puramente quanto o amo."

K estava começando a parecer cansado e esgotado. Pela primeira vez punha em dúvida as probabilidades de sobrevivência de Nitya.

Lady Emily planejava regressar à Índia em companhia de Raja no dia 7 de junho, deixando Betty e Mary no Solar e depois voltar à Inglaterra com a Sra. Besant a tempo de assistir ao nascimento do primeiro filho de Ursula. E viu-se em luta renhida com a própria consciência quando K lhe pediu que o acompanhasse a Ojai assim que Nitya estivesse em condições de viajar. Consultou Leadbeater, certa de que, na opinião dele, o seu principal dever era acompanhar K mas, para sua imensa decepção, C.W.L. declarou, sem titubear, que ela devia voltar à Inglaterra como fora planejado, porque a Sra. Besant e Ursula precisavam mais dela do que K. Assim sendo, relutante, ela partiu. Esperava rever K na Inglaterra no outono, mas só veria Betty e Mary em dezembro, quando todos se reuniriam em Adyar para a Convenção do Jubileu de Ouro da S. T., a que Leadbeater e a maior parte da sua comunidade deveriam assistir.

Tendo estado em Leura para ver Nitya, o especialista afirmou que ele poderia viajar em meados de junho. Krishna ficou preocupado com a idéia de que, indo com eles, Rosalind perdesse a oportunidade de algum avanço esotérico. Leadbeater tranqüilizou-o, de acordo com o diário de *Lady Emily*: "É verdade que o próximo passo [Iniciação] é muito grande — mas não se esqueça de que, indo com vocês e ajudando Nitya, ela também Os estará servindo." Este pareceu a Mary um meio muito injustamente fácil de "Os" servir. Mary se encontrara com Rosalind uma vez quando esta viera passar uma noite no Solar, e Rosalind a tratara com tanta meiguice, talvez por instigação de Nitya, que os seus ciúmes haviam derretido; não obstante, cuidando de Nitya, Rosalind estava fazendo a única coisa no mundo que Mary realmente desejava fazer.

No dia 24 de junho, Nitya e K, Rosalind, Rama Rao e o Dr. Ingleman embarcaram no *Sierra* com destino a São Francisco. Mary teve licença para ver Nitya a sós em seu camarote por cinco minutos, a primeira vez que falava com ele desde que partira de Adyar para

Deli em janeiro. Enquanto estivera em Leura, Nitya deixara crescer uma longa barba negra, que lhe escondia o aspecto enfermigo. O que, aliás, vinha muito a propósito, pois todos estavam com medo de que sua entrada nos Estados Unidos fosse recusada pelas autoridades de São Francisco.

K escreveu à Sra. Besant, do Havaí, a 11 de julho:

Esta viagem medonha está chegando ao fim. Alcançaremos São Francisco no dia 14 e Ojai no dia 15. Passamos há pouco por um susto como nunca tivemos. Quando descemos das montanhas, dois dias antes de embarcar, a temperatura de Nitya, em virtude de toda a comoção, subiu muito e manteve-se alta, com ligeiras variações, até mais ou menos uma semana atrás. A febre alta quase o reduziu à exaustão total, e ele costumava chorar depois do banho, tão cansado se sentia. Há uma semana tivemos uma espécie de crise. Seu coração entrou a bater muito fracamente e ele começou a ficar cada vez mais fraco e seus pés cada vez mais frios. Teve a impressão de estar fugindo; com um fio de voz pediu a Rosalind, que se achava ao seu lado, pois todos nos revezamos à cabeceira de sua cama, que lhe segurasse os pés. Ela agarrou-se a eles e pensou no Mestre. Em cerca de cinco minutos Nitya recobrou-se e, a partir desse dia, tem sido uma pessoa diferente. Quase não tem febre e, assim que chegarmos a Ojai, daremos graças a Deus. Ele está pavorosamente magro e incrivelmente fraco.

Nós nos recuperaremos e Nitya *ficará* bom outra vez. Este foi, e ainda é, um período de grande aflição, minha mãe muito querida, mas a senhora e os Mestres estão aí.

Assim que K e Nitya chegaram a Ojai alugaram uma máquina Abrams e, depois dos primeiros quinze dias de tratamentos diários, K pôde assegurar à Sra. Besant e a Leadbeater que Nitya já estava muito melhor.

OS APÓSTOLOS AUTONOMEADOS

Entrementes, coisas extraordinárias estavam acontecendo na Holanda. Depois de haver dado a volta ao mundo numa *tourné* de conferências com sua jovem esposa, Rukmini, George Arundale fora para Huizen, a poucos quilômetros de Ommen e centro da Igreja Católica Liberal na Europa, presidido pelo Bispo Wedgwood. Uma casa moderna, De Duinen, num terreno com um belo jardim, fora doada à obra da Igreja pela Sra. van Eegen-Boissevain, que ali construía uma capelinha, a capela de St. Michael, para Wedgwood. Oscar Köllerström, jovem holandês e antigo discípulo de Leadbeater, que era agora padre da Igreja Católica Liberal, também se achava em Huizen naquela ocasião. Quando a Sra. Besant, acompanhada de *Lady Emily* e Shiva Rao, chegou a Marselha no dia 17 de julho, recebeu um telegrama de George anunciando que Oscar acabara de fazer a terceira Iniciação; Wedgwood, a segunda e Rukmini, supunha ele, a primeira. Outros importantes acontecimentos esotéricos estavam sendo esperados em Huizen e ele rogava à Sra. Besant que fosse para lá sem perda de tempo. Ela telegrafou em resposta que só poderia estar na Holanda em princípio de agosto, visto que se comprometera a pronunciar algumas conferências no Queen's Hall em Londres.

Em Londres, a Sra. Besant e Shiva Rao ficaram em Buckingham Street com *Lady De La Warr*; três dias após a sua chegada foram à casa de *Lady Emily* e leram alto para ela “uma carta maravilhosa” que a Sra. Besant recebera de George contando tudo sobre os acontecimentos ocultos de Huizen; *kundalini* fora despertada em Wedgwood e Rukmini (George e Oscar Köllerström já eram clarividentes) e falava-se numa possível visita, no plano físico, ao castelo do Mestre Conde, em algum lugar da Hungria. Nessa mesma carta George pedia à Sra.

Besant permissão para fazer-se padre. Muito perturbada com o último pedido, a Sra. Besant afirmou, veemente, que um passo desses destruiria toda utilidade dele, George, na Índia. Sem embargo, dali a dois dias, depois de outra carta “mais maravilhosa ainda” de George, a Sra. Besant adiou suas conferências no Queen’s Hall e foi para Huizen. *Lady Emily*, Shiva Rao, Rajagopal e a Srta. Bright, entre outros, acompanharam-na.

No dia seguinte, 25 de julho, a Sra. Besant decidiu redespertar sua *kundalini* mas, aparentemente, não conseguiu fazê-lo. No dia 26 George foi ordenado; nessa noite a Srta. Bright e Rajagopal obtiveram sua segunda Iniciação e, no dia seguinte, Rajagopal foi feito diácono. Na noite de 1.º de agosto George e Wedgwood passaram pela terceira Iniciação e Rukmini pela segunda. Numa mensagem, Mahachohan ordenou que todo avanço e toda Iniciação fossem confirmados por Leadbeater no plano físico, mas parece que essa ordem não foi obedecida.

Embora precisasse regressar a Londres para o parto de Ursula no dia 19 de julho, *Lady Emily* voltou a Huizen a tempo de assistir à ascensão de George à dignidade de bispo no dia 4 de agosto. Para o insólito processo de eleger-se bispo pouco mais de uma semana após ordenar-se padre fora solicitada a autorização de Leadbeater por telegrama. Nenhuma resposta chegara até o dia marcado, mas como George assegurasse a todos que Leadbeater dera o seu “consentimento cordial” no plano astral, Wedgwood prosseguiu na cerimônia da consagração. Ao voltarem da capela, encontraram um telegrama de Leadbeater desaprovando vigorosamente a medida. *Lady Emily* teve a impressão de que a Sra. Besant ficou séria ao ler o telegrama.

Nesse intervalo, K perguntara à Sra. Besant se Rajagopal não poderia ser mandado a Ojai para ajudar a cuidar de Nitya, que estava novamente muito mal. Com a permissão dela, Rajagopal embarcou para a América no dia 5 de agosto.

Durante esses dias agitados em Huizen, George “troux” muitas mensagens e instruções dos Mestres: nenhum Iniciado dormiria no mesmo quarto com um não-Iniciado; os padres só usariam roupas de baixo de seda; mantos e vestes seriam escolhidos com cuidado, mas não se usariam chapéus. (A instrução acerca da roupa de baixo de seda era particularmente dificultosa para os padres mais pobres e, dessa vez pelo menos, a Srta. Dodge negou-se a colaborar quando lhe solicitaram que comprasse vestimentas para os bispos.) A Sra. Besant, Wedgwood, George e Rukmini receberam instruções para não comer ovos de forma alguma. Segundo *Lady Emily*, apenas a Sra. Besant

adotou a dieta e quase morreu de fome depois disso, visto que até um pedacinho de bolo lhe era vedado, por conter ovos.

A aventada visita ao Mestre Conde em seu castelo húngaro foi discutida minuciosamente. A importância desse encontro era vital, pois se o Conde pudesse ser visitado no plano físico, estaria indubitavelmente provada ao mundo a existência dos Mestres. A verdadeira localização do castelo era um segredo; George recebeu instruções do astral para abrir um Bradshaw continental ao acaso e levar o grupo ao lugar em que lhe sucedesse colocar o dedo.

Na noite de 7 de agosto, K (em Ojai), Raja (na Índia), George e Wedgwood passaram todos pela quarta Iniciação, ou Arhat. Leadbeater e a Sra. Besant já eram Arhats. George contou a *Lady Emily* que os que tinham passado por essa iniciação podiam pedir uma graça e K pedira a vida de Nitya. Nessa mesma noite *Lady Emily* e a Dra. Rocke (em Sydney) foram consagradas pelo Senhor no plano astral para dirigir uma Ordem de Mulheres, que ele fundaria quando viesse. Isso deleitou particularmente *Lady Emily*, que nunca se interessara por roupas mas agora esperava poder vestir logo um hábito de abadessa.

Descobriu-se também que George e Wedgwood são discípulos diretos do Mahachohan [*Lady Emily* anotou em seu diário no dia 10 de agosto]. Wedgwood será o Mahachohan da 7.^a raça fundamental sendo Amma [a Sra. Besant] o Manu [veja a p. 47 *nota*] e C.W.L. o Bodisatva. Por essa razão o Mahachohan está retirando aos poucos sua influência de Raja, dono até agora dessa posição no triângulo. George me disse que Raja estava precisando de muita ajuda, pois se sentia assaz deprimido em consequência da nova designação. O próprio George será o Chefe do Pessoal da 7.^a Raça, e contou-me que esta é a sua derradeira encarnação, pois daqui por diante será enviado ao Universo inteiro e não ficará preso a nenhum planeta.

Convém não esquecer aqui a depressão que George experimentou em 1914 quando ouviu dizer que Rajagopal usurparia o seu lugar em Mercúrio. George escrevera um artigo no *Herald* de junho em que anunciava que K não compareceria ao Acampamento de Ommen daquele ano em virtude do estado de saúde de Nitya, mas esperava que, longe de cancelar suas reservas, os membros da Estrela considerassem como obrigação especial o estar presentes. A Sra. Besant lá estaria e lá estaria ele, Arundale. Mercê desse apelo não houve muitos cancelamentos e, no dia 10 de agosto, o grupo de Huizen partiu para Ommen, onde o Acampamento e o Congresso foram inaugurados nessa tarde. À noite, uma tremenda tempestade e um ciclone varreram a região, destruindo

cidades e aldeias de cada lado de Ommen, mas deixando o Acampamento milagrosamente intacto. Um presságio [*omen*, em inglês] em Ommen!

Na noite do dia 9, George “trouxera” os nomes de dez dos doze apóstolos que o Senhor escolhera para trabalhar com ele quando viesse; eram — a Sra. Besant, Leadbeater, Raja, George, Wedgwood, Rukmini, Nitya, *Lady Emily*, Rajagopal e Oscar Köllerström. Não se decidira ainda quais seriam os outros dois.

Na manhã do dia 11, que se seguiu ao da abertura do Acampamento, no correr de um discurso muito comprido, a Sra. Besant anunciou publicamente o nome de alguns apóstolos. Falando sobre “Sri Krishna-Cristo”, contou ao público que o nascimento, a transfiguração, a crucifixão, a ressurreição e a ascensão eram os símbolos da jornada do espírito humano através das cinco grandes Iniciações. E prosseguiu:

A tomada de posse dos seus Seus veículos escolhidos é tipificada pelo nascimento que vocês lêem nos Evangelhos, e isso... será logo. Depois Ele escolherá, como antes, Seus doze Apóstolos... Já os escolheu, mas só estou autorizada a mencionar sete que atingiram a fase do estado de Arhat, que parece ser o *status* esotérico para o pequeno círculo dos Seus discípulos imediatos... Os dois primeiros, meu irmão Charles Leadbeater e eu, passamos por essa grande Iniciação... no tempo em que me tornei Presidente da S.T. Nossos irmãos mais jovens aqui... passaram pelas quatro grandes Iniciações... São... o discípulo de formoso caráter e formosa linguagem, C. Jinarajadasa... Meu irmão Leadbeater e eu mesma estivemos presentes, no plano astral, por ocasião da sua Iniciação, e também da de Krishnaji, e demos as boas-vindas às novas adições ao nosso grupo. Depois meu irmão George Arundale, cuja consagração como Bispo era necessária, como o último passo de sua preparação para o grande quarto passo da Iniciação; e meu irmão Oscar Köllerström... e também alguém a quem tenho chamado minha filha, Rukmini Arundale, jovem indiana de passado glorioso, que o será dentro de poucos dias... Jovem no corpo mas velha na sabedoria e na força de vontade; “filha da vontade indômita”, como a recebem nos mundos superiores.

Rukmini passou pela terceira e quarta Iniciações na noite do dia 12, quando *Lady Emily* e Shiva Rao passaram pela Segunda, de acordo com o diário de *Lady Emily*. A Sra. Besant só mais tarde compreendeu, ao lhe chamarem a atenção para isso, que deixara de fora Wedgwood e, ao fazê-lo, dera a impressão de que K seria um dos seus próprios apóstolos pois, não contando Wedgwood, mencionara apenas seis. Ela retificou publicamente o engano em outro discurso no dia 14.

Continuando o discurso do dia 11, anunciou que seria fundada uma Religião Universal, que não destruiria as outras fés, e uma Univer-

sidade Mundial, com três centros, em Adyar, Sydney e Huizen (a propriedade de Huizen compreendia apenas 40 acres, ao passo que Eerde, com os seus 5.000 acres, não foi sequer mencionada.) Ela seria o Reitor da Universidade Mundial, Arundale o Diretor e Wedgwood o Diretor de Estudos.

Na manhã seguinte, Arundale, num extenso discurso, discorreu longamente sobre a nova universidade: recebera ordens do seu próprio e grande Mestre, o Mahachohan, para fundá-la com a menor demora possível. “Não procuraremos o reconhecimento de fora”, declarou. “Não pediremos a ninguém que nos outorgue uma carta-patente, que torne nossos diplomas respeitáveis e aprovados pelo mundo... os diplomas conferidos em nome do Mestre — serão reconhecidos pelo mundo, como não o poderá ser jamais nenhum diploma conferido por um órgão humano.”

Que nova e gloriosa fonte de poder essas duas instituições proporcionariam a George e Wedgwood! Eles teriam condições de conceder diplomas e Iniciações, eleger bispos e arcebispos e inventar para si mesmos posições tão poderosas quanto a do Papa!

Quando Leadbeater ouviu da Sra. Besant o relato de todos esses pronunciamentos, ficou “visivelmente angustiado”, de acordo com Ernest Wood, que estava com ele em Sydney nessa ocasião. Ele não acreditou no que ouvira e disse a Wood: “Só espero que ela não destrua a Sociedade!”

O Acampamento dispersou-se no dia 14 e o grupo que estivera em Huizen antes da sua inauguração voltou para lá. George não cessou de dizer, presa de grande excitação, o dia todo: “Sei que aconteceu outra coisa, mas parece impossível!” A Sra. Besant chamou ao seu quarto *Lady Emily*, Esther Bright, Rukmini e Shiva Rao e contou-lhes, muito acanhada, que ela, Leadbeater, K, Raja, George, Wedgwood e Oscar haviam todos passado pela quinta e última Iniciação na noite do dia 13, mas isso não faria diferença alguma no modo com que deveriam ser tratados. (Rukmini contou mais tarde a *Lady Emily* que ela se tornara um Adepto — isto é, passara pela quinta Iniciação — ao mesmo tempo que os outros. Três Iniciações em três dias!) *Lady Emily*, com a Srta. Bright e Shiva Rao partiram para a Inglaterra naquela tarde levando um telegrama que deveria ser enviado a Krishna. “Saudações de quatro irmãos.” Presumia-se que ele tivesse sabido, no plano astral, da passagem pela quinta Iniciação.

De Huizen *Lady Emily* escrevera a K para contar-lhe tudo o que ali ocorrera e dele recebera um telegrama, enquanto se achava no Acampamento, perguntando se Leadbeater confirmara todos esses su-

cessos. Ela respondera, também por telegrama, que a própria Sra. Besant os estava anunciando, e juntava: "Ponha sua confiança nela." Chegando a Londres, encontrou uma carta dele à sua espera, cheia do mais infeliz ceticismo. A seu pedido, *Lady Emily* destruiu todas as cartas dele escritas nesse período. K receava que, caindo em mãos de terceiros, suas críticas à Sra. Besant fossem mal interpretadas.

No dia 16 de agosto, a Sra. Besant, George, Rukmini, Wedgwood e Oscar partiram para a viagem secreta ao castelo do Mestre Conde na Hungria. No dia seguinte *Lady Emily* recebeu um telegrama de Amsterdã: "Você está convidada para acompanhar-nos. Procure Esther incontinenti. Besant." *Lady Emily* correu para Wimbledon, onde a Srta. Bright lhe contou que as duas deveriam ir a Innsbruck "assim que chegassem as instruções" e ali esperar novas ordens. *Lady Emily* obteve um visto para a Hungria, descontou um cheque polpudo e anunciou à família que "ia fazer um retiro de alguns dias". Ela e a Srta. Bright ficaram à espera, mas não vieram novas instruções. Uma semana depois, mais ou menos, a Sra. Besant e os outros voltaram a Huizen. Shiva Rao foi a Huizen para ver a Sra. Besant, que lhe disse: "Você é a única pessoa sensata deste grupo." Mas não fez a menor referência à viagem, embora ele presumisse que os viajantes não tinham ido além de Innsbruck.

Só no dia 12 de setembro chegaram todos a Londres, onde a Sra. Besant pronunciaria, afinal, suas palestras no Queen's Hall. *Lady Emily* foi recebê-los na estação da Liverpool Street, mas não se disse uma única palavra a respeito da viagem frustrada. A Sra. Besant tinha uma expressão muito severa e o grupo todo parecia "acabrunhadíssimo". Na manhã seguinte, a Sra. Besant disse apenas a *Lady Emily* que as "forças negras" tinham sido demasiado fortes para eles. A história do que realmente aconteceu nessa viagem nunca foi contada. Mas não se pode imputar tão-só a George Arundale a tentativa de chegar ao castelo do Conde pois, afinal de contas, Rukmini, Wedgwood e Oscar Köllerström haviam todos afirmado ter desenvolvido poderes psíquicos pelo despertar de *kundalini*.

Ao mesmo tempo em que George "trazia" os nomes dos apóstolos (10 de agosto) Krishna escrevia à Sra. Besant para dizer que Nitya sofrera uma súbita hemorragia e que por alguns dias ele estivera desesperadamente aflito. Nitya estava agora tão fraco que não podia sair da cama e precisava sempre de alguém à sua cabeceira dia e noite. Rosalind lá ficava durante o dia, ao passo que K e Rama Rao repartiam a vigília noturna. Os acontecimentos de Huizen devem ter parecido muito remotos e perturbadores a K; apesar disso, numa carta que escreveu à

Sra. Besant no dia 22 de agosto, conseguiu esconder seus verdadeiros sentimentos para não a magoar:

Lady Emily telegrafou dizendo que grandes acontecimentos têm ocorrido na Holanda, que muitos foram submetidos à provação, que outros ingressaram no Caminho e que outros ainda deram novos passos. Estou encantado e só quisera estar lá — fisicamente — para ter presenciado tudo. O que mais surpreende é o fato de George haver-se tornado Bispo! Imagino que esteja certo, visto que o seu trabalho na Índia sofrerá com isso. Este, Mãe, é sem dúvida um mundo curioso e nossas mudanças são rápidas. Como eu gostaria de estar com a senhora e em sua presença! Para consegui-lo, abriria mão de muitas coisas, inclusive de Iniciações.

Nitya teve outra hemorragia, não da variedade séria, mas o caso é que tivemos, até agora, duas em menos de um mês. Isso o deixou completamente exausto e fraco, de modo que o lavo, etc., na própria cama. O pobre Nitya tem sofrido muito e eu fico sentado, amiúde, durante uma hora ou mais, segurando-lhe o coração ou a mão. O sofrimento é bom, pois ele nos faz mais fortes e dele saímos ilesos e maiores. Tudo isto é a coisa mais extraordinária — tão comprida, mas suponho que devemos passar por ela. Ainda podemos rir, graças a Deus.

Será um tremendo alívio ter Rajagopal aqui. Ele chegará dentro de dois dias. Como eu gostaria de vê-la, pois a amo de todo o coração e com toda a minha alma. A senhora é a minha mãe muitíssimo querida.

Cumpre notar que, além de escrever que abriria mão das Iniciações para poder estar com ela, K não fizera alusão às Iniciações pelas quais diziam que ele passara, nem aos Apóstolos, embora a essa altura *Lady Emily* já lhe tivesse contado tudo a respeito deles. Krishna se achava numa posição terrível, pois não acreditava nas coisas que se dizia terem ocorrido em Huizen e, sem embargo disso, não podia repudiá-las sem repudiar a Sra. Besant, que as proclamava em público. Em tais circunstâncias, deve ter sido uma carta muito difícil de escrever. E ficamos sem saber se ele levou muito tempo para compô-la ou se a sua sensibilidade e o seu amor à Sra. Besant encontraram expressão imediata em palavras que não o comprometiam nem poderiam feri-la.

Era evidente que ele estava sendo pressionado pela Sra. Besant para confirmar os progressos “trazidos” em Huizen, pois escrevia, três semanas mais tarde: “Receio não me lembrar de nenhum desses acontecimentos, visto que ando excessivamente cansado, tenho de dormir no quarto de Nitya e preciso estar constantemente acordado. Minha cabeça e minha espinha têm-me feito sofrer com intermitências.” Na mesma carta de 16 de setembro, ele contou-lhe que os últimos três meses tinham

sido terríveis, em parte pela ansiedade e pelos cuidados dispensados a Nitya. Pobre Nitya, tem passado por um período brutal! Imagino que

isso seja bom para ele, mas, céus! que preço temos de pagar para evolver! Com certeza vale a pena. Às vezes ele fica inconsciente, enquanto o seu corpo chora e quer a sua Amma. Outras vezes, não consegue dizer coisa alguma nem se mexer de tanta fraqueza. Não sai da cama para nada e eu cuido de todas as suas necessidades corporais. Isso é um bom treino, mas detesto ver outras pessoas sofrendo.

Apesar de tudo, Nitya melhorava aos poucos, de sorte que, ao receber um telegrama da Sra. Besant em que esta lhe pedia que fosse para a Inglaterra a fim de encontrar-se com ela e irem juntos para a Índia no fim de outubro, onde assistiriam à Convenção do Jubileu, ele concordou, se bem que relutante. Rosalind e Rajagopal viajariam com ele, ao mesmo tempo que a Sra. de Manziarly iria da Índia para cuidar de Nitya com a ajuda de Rama Rao.

A PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO

K, Rosalind e Rajagopal chegaram a Plymouth no dia 23 de outubro. *Lady Emily*, como sempre, foi recebê-los, mas a viagem com eles no trem para Londres foi muito infeliz. Embora já soubesse, pelas cartas de K, que ele encarava com ceticismo os acontecimentos de Huizen e Ommen, não estava preparada para “a avalanche de sarcasmo” que, vinda dos três, caiu sobre ela. Particularmente desconcertante lhe há de ter sido a *volte face* de Rajagopal, que partilhara da maior parte da comoção de Huizen e até embarcara para Ojai com uma suástica magnetizada, emblema teosófico, para ajudar a cura de Nitya. A própria *Lady Emily* já estava um tanto ou quanto cética a essa altura, embora ainda confiasse na Sra. Besant e não visse como ela podia ter sido iludida a tal ponto.

K hospedou-se em West Side House, em casa da Srta. Dodge, onde *Lady Emily* teve uma longa conversa com ele no dia seguinte. Ela o achou “terrivelmente infeliz em relação a todo o caso, descrente de tudo”. Na opinião dele, algo infinitamente precioso, sagrado e particular fora tornado publicamente feio e ridículo, barato e vulgar. *Lady Emily* perguntou-lhe por que não dizia com franqueza o que sentia, ao que ele replicou: “Para quê?” Os outros diriam apenas que os Poderes Negros se haviam apoderado dele. Não obstante, tentou várias vezes falar com a Sra. Besant mas, no dizer de *Lady Emily*, ela não pareceu compreender o ponto de vista dele; dir-se-ia quase que George a houvesse hipnotizado.

Na véspera da partida deles para a Índia, realizou-se uma reunião dos membros da Estrela em que falaram K e a Sra. Besant. Esta última disse: “... nenhum de vocês deve sentir-se surpreso nem perturbado porque muitas coisas que só têm sido tratadas num círculo relativa-

mente restrito, estão sendo agora divulgadas pelo mundo todo". (O discurso dela, anunciando os nomes dos que tinham passado pela quarta Iniciação e tinham sido escolhidos por Apóstolos, fora publicado no número de setembro do *Herald*.) Ela acrescentou que o objetivo dessa publicidade era muito definido, mas não revelou qual fosse. Falando depois dela, K nem sequer se referiu às declarações feitas em Ommen, o que deve ter decepcionado profundamente o seu público. Falou sobre a importância de nos colocarmos no lugar de outros que têm idéias tão emocionantes quanto as nossas. E rematou a sua palestra com as palavras: "Sorriam e sejam felizes."

A Sra. Besant, K, *Lady Emily*, Rajagopal, Rosalind, Wedgwood e Shiva Rao iniciaram a viagem para a Índia no dia 3 de novembro. O navio deles partiria de Nápoles, para onde foram, passando por Paris e Roma. Em Roma, onde pernотaram no Hotel Bristol, os Arundale juntaram-se a eles. George e Wedgwood envergavam batinas purpúreas com grandes e balouçantes cruzeiros peitorais. *Lady Emily* afirmou que eles trataram K com uma boa dose de condescendência e que George "trouxe" mensagens do Mahachohan censurando-lhe o ceticismo. "Insinuou-se sutilmente que o seu espírito de crítica e descrença lhe estava comprometendo as oportunidades." Chegaram a dizer-lhe que, se ele os reconhecesse por discípulos e os confirmasse como Adeptos, a vida de Nitya seria poupada.

No entardecer do dia 8, subiram a bordo do *Ormuz* debaixo de uma chuva torrencial. Mal se haviam instalado no navio, K recebeu um telegrama que dizia que Nitya estava com gripe. Chegaram a Port Said no dia 13, onde desceram à terra; quando regressaram ao navio, K encontrou outro telegrama à sua espera: "Gripe mais séria. Reze por mim." K não ficou indevidamente preocupado com isso, pois, como disse a Shiva Rao, "Se Nitya devesse morrer, não me teriam deixado sair de Ojai". Sua fé no poder que tinham os Mestres de prolongar a vida do irmão pareceu a Shiva Rao incondicional e irrestrita: Nitya era essencial à missão da vida de K e, portanto, não poderiam consentir em sua morte.

Na noite do dia 13, quando o navio entrava no Canal de Suez, no meio de violenta tempestade, chegou o telegrama que anunciava a morte de Nitya. As autoridades do navio não o entregaram de pronto, pois algumas partes da mensagem eram obscuras, de modo que só na manhã seguinte, ao desjejum, ele foi confiado à Sra. Besant. Como K sempre tomava o desjejum no camarote, a Sra. Besant pediu a Shiva Rao que a levasse até lá. Ele entrou sozinho, para dar a notícia.

De acordo com Shiva Rao, que, juntamente com Rajagopal, dividia o camarote com K nessa viagem, a notícia “arrasou-o completamente; fez mais — toda a sua filosofia de vida — a fé implícita no futuro delineado pela Sra. Besant e pelo Sr. Leadbeater, a parte vital que Nitya devia representar nesse futuro, tudo pareceu reduzido a fragmentos naquele momento”. Os dez dias seguintes foram torturantes para ele e para os que tinham de vigiá-lo, sobretudo para os que partilhavam do seu camarote.

À noite soluçava, gemia e chorava, chamando por Nitya, às vezes no tégulo nativo, que não conseguia falar em vigília consciente. Dia após dia, nós o vígiamos, prostrado pela dor, desiludido. Dia após dia, ele parecia mudar, recompondo-se com esforço para enfrentar a vida — mas sem Nitya. Krishna estava passando por uma revolução interior, encontrando novas forças.

No instante em que chegaram a Colombo ele já conseguira expressar seus sentimentos em palavras:

Acabaram-se os sonhos agradáveis que meu irmão e eu tivemos do físico... O silêncio era um deleite especial para nós, já que nos era tão fácil compreender os pensamentos e sentimentos um do outro. Não nos esquecia a irritação ocasional que provocávamos um no outro, mas nunca íamos muito longe, pois a irritação passava em poucos minutos e costumávamos cantar canções cômicas ou salmodiar juntos, conforme a ocasião. Gostávamos ambos da mesma nuvem, da mesma árvore, da mesma música. Divertíamos-nos muito na vida, embora tivéssemos temperamentos diferentes. De certo modo, nós nos compreendíamos sem esforço... Era uma existência feliz e eu lhe sentirei a falta física durante toda esta vida.

Um velho sonho está morto e um novo sonho está nascendo, como a flor que rompe através da terra sólida. Uma nova visão está ganhando vida e uma nova consciência está-se desdobrando... Sente-se um novo frêmito e uma nova pulsação da mesma vida. Uma nova força, nascida do sofrimento, pulsa nas veias e uma nova simpatia e uma nova compreensão nascem do sofrimento passado. Um desejo maior de ver os outros sofrerem menos e, se for preciso que sofram, vê-los suportar com nobreza o sofrimento e sair dele sem muitas cicatrizes. Chorei, mas não quero que os outros chorem. Se eles, porém, chorarem sei agora o que isso significa... Vi meu irmão... No plano físico poderíamos estar separados, mas agora somos inseparáveis... Pois meu irmão e eu somos um só. Como Krishnamurti tenho agora maior zelo, maior fé, maior simpatia e maior amor, pois há também dentro em mim o corpo, o Ser, de Nityananda... Ainda sei chorar, mas isso é humano. Agora sei, com maior certeza do que nunca, que há uma beleza real na vida, uma felicidade real que nenhum acontecimento físico pode destruir, uma grande força que não pode ser enfraquecida pelos acontecimentos que passam, e um grande amor permanente, imperecível e invencível.

Mar e Yo de Manziarly, que tinham ficado em Adyar o ano inteiro, estavam na estação de Madrasta para recebê-los quando eles

chegaram no dia 25 de novembro. Mar se lembrava de que o rosto de K estava radiante; não havia nele uma sombra sequer que revelasse o que ele havia sofrido.

Leadbeater e seu grupo de setenta, incluindo Helen, Ruth, Betty, Mary, Theodore St. John e a Dra. Rocke, chegaram a Colombo no dia 2 de dezembro, tendo sabido da morte de Nitya quando o navio parou em Melbourne. K, a Sra. Besant, *Lady Emily*, Wedgwood e Raja voltaram a Colombo para encontrar-se com eles, embora fizesse apenas cinco dias que estavam em Adyar. Leadbeater saudou K com as palavras: “Bem, *você* pelo menos é um Arhat”, querendo dizer com isso que ele, pelo menos, passara pela quarta Iniciação.

Havia um trem especial para a volta do grupo todo a Madrastra e, em cada estação, multidões, grinaldas e prostrações. K, naturalmente, conhecia os sentimentos de Mary por Nitya. Tratou-a com muita meiguice, fez questão de sentar-se ao lado dela e conversou com ela, tanto no trem quanto na travessia de barco para a Índia. “Krishna foi perfeitamente delicioso”, escreveu Mary em seu diário, “e falou comigo a respeito de Nitya. Agora estão juntos o tempo todo. E o próprio K está muito mais maravilhoso, muito mais suave”.

Lady Emily ocupou de novo Arundale House em Adyar, onde não só Helen e Ruth, mas um total de treze moças ficou com ela, dormindo em *charpoys* nas varandas, pois havia grande falta de acomodações em Adyar durante a Convenção do Jubileu, a despeito da construção de uma aldeia de choças de palha temporárias. Rosalind estava no edifício da sede, onde também se alojara Rajagopal. A morte de Nitya e tudo aquilo por que haviam passado juntos em Ojai nos últimos meses da vida dele tinham servido para aproximá-los muito um do outro.

A Sra. Besant também se sentira profundamente chocada com a morte de Nitya, como acontecera, aliás, com todo o mundo que mantinha íntimo contato com K; todos haviam partilhado da sua fé em que não se permitiria a morte de Nitya. Naquele tempo, pouca gente à roda de K não se sentiria, de um modo ou outro, perturbado ou infeliz pela extraordinária situação que se criara. *Lady Emily* ouviu de Ruth, que ouvira de Theodore St. John, que Leadbeater não acreditava que ele mesmo ou qualquer outro houvesse passado pela quinta Iniciação (esperava que ele e a Sra. Besant pudessem fazê-lo em sua próxima vida), e duvidava muito que Rukmini houvesse passado por três Iniciações num período tão reduzido de tempo. “Isso é até mais do que fez o nosso Krishna”, disse ele. Entretanto, as promoções esotéricas continuaram em seu próprio grupo, onde, na semana que se seguiu à sua chegada a Adyar, houve vinte avanços. A única coisa

que impediu uma cisão declarada entre ele e a facção Arundale-Wedgwood foi o respeito que todos votavam à Sra. Besant.

Lady Emily via-se agora forçada a concluir que a Sra. Besant fora enganada em Huizen, como acontecera com ela mesma. A Sra. Besant era tão correta, rematou *Lady Emily*, “que nunca suspeitaria de insinceridade em quem lhe merecera confiança em outro tempo, mormente em se tratando de George, a quem ela queria tão bem”. Entretanto, não há provas da insinceridade de George. Este pode ter sido enganado por Wedgwood, como também é possível que ambos fossem vítimas de histeria ou de delírio. Se acreditavam nos Mestres e no Mestre Universal, por que não acreditariam no Mahachohan? E se acreditavam numa, por que não acreditariam em cinco Iniciações? Não seria apenas uma questão de grau? Era o que se poderia argüir. Mas era também o grau que tornava a coisa tão absurda. Afirmando haver passado por cinco Iniciações, eles se atribuíam as prerrogativas da divindade, ao passo que Leadbeater nunca dissera que K seria mais que o veículo da divindade.

O próprio K se manteve equidistante das duas facções, tanto da de Leadbeater quanto da de Arundale e Wedgwood, muito embora, por amor da Sra. Besant, participasse de todas as atividades que tanto significavam para ela, como, por exemplo, assistir à missa. Até permitiu que o fizessem Co-Maçom no dia 27 de novembro, só para agradar-lhe. Havia, contudo, uma forma de cerimonial a que ele parecia mostrar-se genuinamente sensível — um ritual hindu reformado a que ele, como brâmane, tinha o direito de presidir. A primeira celebração pública dessa cerimônia verificou-se a 21 de dezembro, três dias antes de inaugurar-se a Convenção. Vestindo apenas um dotim branco, com o fio sagrado em torno do pescoço, K presidiu, maravilhosamente belo, e tendo a acolitá-lo Rajagopal, à cerimônia de consagração de um tempozinho hindu recém-construído no terreno da S.T. (Construíram-se também um santuário zoroastriano e outro budista, uma sinagoga, uma mesquita e uma capela da Igreja Católica Liberal em Adyar nos anos de 1925 e 1926, conquanto a idéia da Religião Universal e a da Universidade Mundial fossem tranqüilamente arquivadas.)

Nessa ocasião, a Sra. Besant se achava numa posição quase tão infeliz quanto o próprio K. O amor e a reverência que consagrava a K não tinham sido abalados, como não tinham sido abalados os que K lhe dedicava, nem a sua crença em que ele era o veículo escolhido pelo Senhor Maitreya, mas havia nela um conflito de lealdades que já não podia deixar de notar. Ela ainda fez uma derradeira tentativa para reconciliá-los logo após a chegada de Leadbeater. Certa manhã,

subiu ao quarto de K, tomou-o pela mão e levou-o à sala de estar, onde se encontravam Leadbeater, Raja, Arundale e Wedgwood; colocando-o no sofá entre ela e Leadbeater, perguntou-lhe se os aceitaria por seus discípulos. K replicou que não aceitaria nenhum deles, com exceção talvez da própria Sra. Besant.

Posto que a discórdia entre os líderes da S.T. fosse naturalmente mantida muito em sigilo, nenhum segredo se fez da expectativa de grandes acontecimentos que cercou a Convenção; centenas de membros esperavam ver os Mestres em pessoa ou até seres ainda mais elevados. O *New York Herald*, o *New York Times*, o *Times of India* e jornais indianos menos importantes publicaram artigos sobre a chegada dos delegados de todo o mundo, e os surpreendentes pronunciamentos de Ommen, estampados no *Herald* de setembro, foram comentados no *Indian Daily Mail*. Mais de quatro mil pessoas assistiram à Convenção, que durou quatro dias, no maior desconforto possível, pois choveu quase todo tempo, em virtude do atraso da estação chuvosa naquele ano, e a temperatura caiu inusitadamente. Não obstante, a maioria das reuniões celebrou-se debaixo da Figueira de Bengala, onde a Sra. Besant, pela primeira vez, instalara amplificadores e onde os oradores ficavam num estrado alto, encimado de um dossel entretecido de flores. Mas nada de emocionante aconteceu, e a Convenção dissolveu-se no meio de grande decepção.

Seguiu-se-lhe, no outro dia, 28 de dezembro (dia sagrado desde 1911), o Congresso da Estrela e, na primeira reunião debaixo da Figueira de Bengala, às oito horas da manhã, quando os amplificadores estavam desligados, uma mudança dramática ocorreu no fim do discurso de K, que discorria sobre o Mestre Universal: "Ele só vem para os que querem, que desejam, que anseiam..." e, súbito, sua voz modificou-se completamente e soou: "e Eu venho para os que querem simpatia, os que desejam felicidade, os que anseiam libertar-se, os que almejam encontrar a felicidade em todas as coisas. Venho para reformar e não para derrubar, não venho para destruir senão para construir".

Os que repararam na mudança para a primeira pessoa e na diferença de vozes não puderam deixar de sentir um calafrio percorrer-lhes a espinha. Entre os poucos que nada notaram figuravam, muito naturalmente, Wedgwood e os Arundale. Estes cuidaram que ele estivesse apenas "citando as Escrituras". Mas como K nunca citara as Escrituras, eles devem ter-se advertido de alguma diferença. A Sra. Besant, Leadbeater e Raja tiveram, sem dúvida, perfeita consciência da mudança, e a Sra. Besant se referiu freqüentemente a ela depois disso. Na reunião final do Congresso da Estrela declarou:

... esse acontecimento [de 28 de dezembro] marcou a consagração definitiva do veículo escolhido... a aceitação final do corpo eleito há muito tempo... O advento começou... É natural que houvesse oposição; os judeus acaso O reconheceram, os romanos porventura Lhe deram as boas-vindas, quando Ele veio pela primeira vez no corpo de uma raça subjugada? A história se repete diante dos nossos olhos.

E no *Theosophist*, escreveu: “Pela primeira vez a Voz que falou como nenhum homem jamais o fez voltou a soar em nossos caminhos inferiores, aos ouvidos da grande multidão sentada debaixo da Figueira de Bengala. Foi no dia 28 de dezembro... e conhecemos que o período de espera terminara, e que a estrela da manhã escalara o horizonte.”

O próprio K não tinha dúvidas. Falando aos Representantes Nacionais no fim do Congresso da Estrela, disse:

Vocês beberam na fonte da sabedoria e do conhecimento. Vocês devem guardar a lembrança do dia 28 como se guardassem alguma jóia preciosa, e todas as vezes que olharem para ela sentirão um frêmito. Depois, quando Ele voltar outra vez, e estou certo de que Ele voltará logo, a ocasião será para nós mais nobre e até muito mais bela que a da última vez.

E no dia 5 de janeiro de 1926, afirmou numa reunião de discípulos:

Uma nova vida, uma nova tempestade varreu o mundo. É como um tremendo vendaval que sopra e limpa tudo, todas as partículas de poeira das árvores, as teias de aranha de nossas mentes e de nossas emoções e nos deixa perfeitamente limpos... Eu, pessoalmente, me sinto muito diferente desde aquele dia... Sinto-me como um vaso de cristal, um jarro que foi limpo e onde agora qualquer pessoa no mundo pode colocar uma bela flor. A flor viverá no vaso e nunca morrerá.

Quinze dias mais tarde, ele contou a *Lady Emily* que se sentia como uma casca — absolutamente impessoal. Usou a frase: “De certo modo, sinto-me agora muito precioso.” E afirmou estar certo “de que o Senhor viria com freqüência cada vez maior, sempre que houvesse a ocasião ou a necessidade especial d’Ele”.

Leadbeater não estava menos certo. Respondendo a uma pergunta depois que voltou a Sydney: “Quando nos perguntarem se o Mestre Universal chegou, que é que devemos responder?” ele replicou que não havia “a menor sombra de dúvida” de que “Ele” “utilizara o veículo mais de uma vez na Convenção do Jubileu, assim como o utilizara em Benares no dia 28 de dezembro de 1911. “Ele” continuaria a utilizá-lo intermitentemente, embora sempre com maior freqüência. Sendo “a pessoa mais ocupada do mundo, Ele”, naturalmente, não o

utilizaria numa viagem de trem nem durante uma refeição. Além disso, “teria de fazer o Veículo acostumar-se a Ele”.

Lady Emily enviou um relato do que acontecera à irmã, *Lady Betty Balfour*, na Inglaterra. Em sua resposta, *Lady Betty* repetiu alguns comentários muito naturais do marido, da cunhada e do amigo que morava com eles: a cunhada “silenciosa e profundamente chocada, como estaria uma matrona romana de antanho ao ouvir as doutrinas cristãs enunciadas por São Paulo”; o amigo “em tom de mofa, disse que nenhum outro Messias teve o palco tão cuidadosamente armado para si, nem fora treinado desde a mais tenra infância a acreditar que Cristo *haveria* de habitá-lo. Depois, sua manifestação numa reunião pública organizada com o máximo cuidado. Na minha opinião, os pastores, os Magos, Simeão, os Doutores no Templo, o batismo público e a reunião em Pentecostes eram comparáveis”; o marido, Gerald (irmão de Arthur Balfour), “muito reverente, profundamente interessado, mas cético quanto à autenticidade de tudo aquilo. Quer saber em que provas se baseia, tirando a palavra do próprio Krishna e da Sra. Besant... Que acharam Betty e Mary?”

Todas as pessoas que deram tento da mudança sentiram-na instantânea e independentemente. *Lady Emily*, Mary e Mar de Manziarly descreveram-na em seus diários como um fato e sem se consultarem, e outras pessoas, que ainda hoje estão vivas, acreditaram nela na época e ainda acreditam. Mas uma prova? Haverá alguma prova da fé religiosa — uma prova das doutrinas da transubstanciação ou da reencarnação? Onde se poderá traçar a linha divisória entre a fé e a credulidade? Não é fé o nome com que dignificamos nossa própria convicção da verdade de alguma doutrina não-cientificamente provada, e credulidade a palavra derrisória com que designamos a mesma crença nos outros? Mas agora, por maior que fosse a fé (ou a credulidade), tornara-se impossível para alguém acreditar em K e em Arundale e Wedgwood. A menos que um deles aceitasse o outro, uma cisão declarada seria inevitável mais cedo ou mais tarde.

O REINO DA FELICIDADE

O grupo de Adyar dispersara-se no fim de janeiro de 1926. *Lady Emily*, Betty, Mary e Mar de Manziarly voltaram à Europa; Helen e Ruth regressaram a Sydney com Leadbeater, que também levou consigo os Arundale, ao passo que Rosalind, Rajagopal e a Sra. de Manziarly, que tinham chegado a Adyar com as cinzas de Nitya na véspera da Convenção, permaneceram na Índia com K.

Em fevereiro, K foi passar um mês em Benares, onde falou todos os dias aos meninos e meninas da Escola Teosófica da Sociedade, incutindo-lhes particularmente a necessidade de um escrupuloso asseio físico e o cuidado na maneira de vestir-se. Ele sempre tivera amor aos jovens e sempre se sentira muito à vontade entre as crianças. Também achava que, se pudesse contatá-los antes que eles fossem condicionados pelas tradições e preconceitos raciais e familiares, fá-los-ia crescer em liberdade e sem medo.

No dia 12 de março ele voltou a Adyar ardendo em febre e com o rosto cheio de furúnculos, em resultado de uma intoxicação alimentar que sofrera em Calcutá. Felizmente a Sra. de Manziarly ainda estava em Adyar; encarregou-se dele sem perda de tempo e, no dia 25, levou-o para Ootacamund, onde ele poderia convalescer, em companhia de Malati Patwardhan e Jadu. Rajagopal estava tão ocupado com vários assuntos da Estrela que não pôde acompanhá-los, e Rosalind também ficou em Adyar. Rajagopal fora nomeado secretário-organizador da Estrela em lugar de Nitya. Tornou-se também tesoureiro internacional da Ordem, cargo criado pouco antes. Utilizou o Bangalô Octogonal de Adyar como escritório mas, na tarde de 28 de dezembro, lançou-se a pedra fundamental de uma sede da Estrela em Adyar, dedicada a Nitya, em terras doadas pela Sra. Besant.

No dia em que Krishna partiu para "Ooty", escreveu de forma reveladora a Leadbeater:

Folgo muito em que o Mestre queira que George fique na Austrália durante um ano. [George lá ficou dois anos, como secretário-geral da S.T.] Isto nos poupa complicações, além de absurdas e românticas complicações. Tenho despertado tão amiúde com sentimentos de revolta e desconfiança que minhas impressões e intuições estão ficando cada vez mais fortes e sinto que os acontecimentos dos últimos dez meses não são limpos nem saudáveis. É claro que não se pode fazer outra coisa senão esperar pelas conseqüências dos fatos. É claro que nenhum deles é muito importante, mas essa história dos apóstolos é o máximo. Não acredito nela e minha descrença não se baseia em preconceito. Teremos dificuldade com isso, mas não cederei nesse particular. Acho que está errado e que tudo é imaginação de George. Seja como for, trata-se de uma coisa trivial, mas outras pessoas estão fazendo dela uma montanha... Wedgwood não se cansa de distribuir iniciações por aí... Daqui a pouco, iniciações e coisas sagradas serão objeto de troca... Eu acredito em tudo isso de modo tão completo que a visão de coisas sagradas arrastadas pela lama me faz chorar.

Fazia pouco mais de um ano que Nitya estivera em "Ooty" e K escreveu dali a *Lady Emily* no dia 31 de março: "Estou dormindo no quarto de Nitya. Sinto-o, vejo-o e falo com ele, mas sinto muita falta dele." Contou-lhe também que estava deixando crescer a barba. "Eu gostaria de que ela crescesse e ficasse bem comprida, para as pessoas não me reconhecerem. Espero que isso aconteça. Oh! meu Deus, os jornais e as multidões!!" Ele acabara de receber a triste notícia do falecimento de Harold Baillie-Weaver no dia 18 de março, depois de longa enfermidade.

K achou os repórteres mais persistentes do que nunca quando foi para Bombaim com a Sra. Besant no começo de maio, a caminho da Europa. Havia também uma contínua dose de publicidade de natureza mista nos Estados Unidos e na Inglaterra, assim como na Índia. K observou a Leadbeater, de bordo do *Rajputana*, um dos navios mais novos da P & O Line, que os passageiros "eram menos simpáticos do que o navio". E tão curiosos que a maioria deles estará de "pescoço duro e olhos saltados quando desembarcar". A Sra. Besant, Rajagopal, Rosalind, a Sra. de Manziarly, Jadu e os Patwardhan viajavam com ele.

K já planejava realizar uma reunião no Castelo de Eerde antes de inaugurar-se o Acampamento da Estrela em Ommen naquele ano, e uma carta datilografada, que tinha por cabeçalho "West Side House, Wimbledon" e a data de 3 de junho de 1926, foi enviada a amigos

especiais, com um convite para essa reunião de quase três semanas, a partir de 3 de julho:

O programa será muito parecido com o que costumava ser seguido em Pergine... Haverá apenas uma reunião por dia e o resto do tempo será gasto de outras maneiras. Venha preparado, por favor, para passar mal em matéria de arranjos domésticos; e se tiver uma máquina de escrever, tenha a bondade de trazê-la, pois teremos muito trabalho para fazer.

Dizia-se que as despesas de subsistência seriam de três a quatro florins holandeses por dia (cerca de 2 libras por semana). Um pós-escrito acrescentava: "Se *não* lhe for possível arcar com as despesas adicionais [fora as do Acampamento] que esta visita acarretará, faça o obséquio de escrever pela volta do correio ao Sr. D. Rajagopal no *mesmo endereço* (com a observação "confidencial") e tentaremos conseguir ajuda de um fundozinho que estamos tentando reunir com essa finalidade."

A redação dessa carta era típica de Rajagopal, que sempre se mostrara efficientíssimo, organizador nato, adepto fanático da ordem e inclinado a mandar — exatamente o contrário de K e Nitya; não obstante, sabia ser muito meigo, pois tinha um natural afetuoso e, ao mesmo tempo, uma grande dose de encanto. Sua eficiência, por certo, era oportuna naquele momento, pois, como K contou a Leadbeater, Ommen estava "precisando desesperadamente de trabalhadores. Huizen está agora em voga, de modo que Ommen sofre, visto que toda a gente corre para o que supõe ser o mais recente centro espiritual". No ano anterior, Huizen, e não Ommen, fora indicado como um dos três centros para a Universidade Mundial e para a Religião Universal e a Sra. Besant, conquanto declarasse que o Senhor falava através de K no dia 28 de dezembro, foi diretamente para Huizen quando chegou à Europa.

Lady Emily, naturalmente, iria à reunião com Betty e Mary e, no outono, Mary quis ir para Ojai com K e Betty quis voltar para Sydney. Dessa vez, contudo, parece que o pai delas fez pé firme, pois K escreveu a *Lady Emily* no dia 25 de junho, de Grimalp, perto de Basiléia, para onde fora com Rajagopal a fim de descansar durante um mês:

Fiquei transtornado ao saber que a ida de Betty para Sydney implicaria a destruição do lar. Por favor, não vale a pena! O próprio C. W. L. *não* o aprovaria. Se me permite dizer-lhe, *não* faça *nada* enquanto não nos encontrarmos e discutirmos o assunto. É sério demais... Não é tão importante que Betty vá para a Austrália ou que Mary vá para a América... Mamãe, querida, por favor não se precipite. Sua carta me deixou muito preocupado.

E provavelmente maior o número dos lares preservados do que o dos destruídos por K. Mary já reservara sua passagem para Nova Iorque; mas em vista da carta de K, cancelou-a, embora com relutância.

Trinta e cinco pessoas de muitas nacionalidades diferentes juntaram-se a K no Castelo de Eerde a 3 de julho. Instalara-se um sistema moderno de encanamento e de eletricidade no Castelo e os grandes quartos de dormir tinham sido transformados em dormitórios. Apenas K dispunha de um quarto só para si. Ficava no primeiro andar, no canto sudeste, e tinha ao lado um quarto de vestir. Além dos Lutyens havia lá outros componentes do velho grupo de Ehrwald — Mar de Manziarly, Rajagopal, os Patwardhan e John Cordes. Estavam também presentes Rosalind, Jadu, John Ingleman, Philip von Pallandt e vários outros amigos que K granjeara no curso das suas viagens.

A vida no Castelo não era, de modo algum, o que fora a vida em Pergine. Em primeiro lugar, todos haviam sido incluídos numa escala de serviço para ajudar nas várias tarefas domésticas, e não havia o mesmo sentido de intimidade. Por outro lado, era muito menos solitário para a criança e havia gente suficiente para formar equipes que se empenhavam em partidas emocionantes de voleibol; além disso, o “processo” de K cessara — pelo menos em sua forma intensa anterior, embora ele ainda “se ausentasse” às vezes, “perfilhado” por Rosalind que, desde a morte de Nitya, pudera ajudá-lo outra vez dessa maneira.

K apanhara um resfriado forte na Suíça e, nos primeiros três dias da reunião, ficou de cama com bronquite. Uma *gopi* sueca, Noomi Hagge, que era enfermeira e depois se formou em medicina, teve o privilégio de levar-lhe as bandejas, mas alguns membros do velho grupo de Pergine passaram a revezar-se à cabeceira dele depois do jantar, de modo que não lhe sentiram o alheamento. Na manhã do dia 8 ele desceu pela primeira vez, de chambre, e dirigiu-se ao pessoal reunido na ampla sala de estar, nos fundos do Castelo, sobranceira aos prados para além do fosso. Depois disso, nos quinze dias seguintes, ele falou todas as manhãs durante cerca de uma hora, sentado no sofá, de pernas cruzadas, debaixo de um dos gobelinos.

O tempo esteve sempre magnífico e contribuiu, assim, enormemente, para o êxito da reunião. Na maioria das tardes K ia passear sozinho pelas belas florestas que cercavam o Castelo, à procura de inspiração para a palestra do dia seguinte. *Lady Emily*, Mary e Mar tomaram notas a respeito dessas palestras em seus diários, o que lhes atesta a crença independente em que o Senhor Maitreya falava amiúde através de K. No dia 11, *Lady Emily* anotou: “Palestra maravilhosa.

Tenho a certeza de que o Senhor estava lá. K disse-me depois que precisou resistir para não dizer Eu em lugar de Ele.” Mas foi mais enfática, afirmando simplesmente: “O Senhor falou.”

“Não há nada melhor no mundo”, escreveu Mary em seu diário, “do que a gente sentir-se como se sente aqui, física, mental e emocionalmente viva. Ter, como disse K, esse sentido de bem-estar completo”. Ela esteve muito próxima de K durante esse tempo em Eerde. Nada lhe parecia mais natural do que transferir para ele o seu amor, acreditando, como acreditava, que ele e Nitya eram agora um só.

“Eu o vi com frequência”, escreveu ela (Mary costumava vê-lo a sós no quarto dele, depois do jantar), “e não há palavras que expressem toda a suavidade com que ele me tratou. Ele disse que, agora, só é capaz de apreciar a vida com Nitya ou comigo. Esta noite, falou-me de um passeio que nós três fizemos hoje cedo. Os dois estão juntos lá em cima — Nitya e Krishna. Ele disse que gostaria de que eu fosse sua irmã”. Mary também gostaria; como irmã poderia ter passado o resto da vida ao lado dele.

A palestra do dia 19, o último dia da reunião, no dizer de *Lady Emily*, foi a mais maravilhosa de todas:

Krishna falou como nunca e sentimos que sua consciência e a do Senhor se fundiram de maneira tão completa que já não existe nenhuma distinção entre elas. Disse ele: “Segui-me e eu vos mostrarei o caminho que leva ao Reino da Felicidade. Darei a cada um de vós a chave com que podereis abrir o portão do jardim” — e não precisou fazer esforço algum para usar o pronome pessoal... o rosto do Senhor brilhou através do rosto de Krishna e Sua aura gloriosa cingiu-nos de uma luz quase ofuscante. Quando ele terminou, Jadu arremessou-se-lhe aos pés — senti ímpetos de imitá-lo, mas surpreendi a tempo o olhar de Krishna.

No dia seguinte *Lady Emily* escreveu uma carta longa e extática a Raja, na Índia, dizendo-lhe tudo acerca dessas palestras, e afirmando que 19 de julho fora até mais maravilhoso do que 28 de dezembro — “primeiro que tudo porque Ele não esteve conosco por alguns momentos, mas por uma hora. Em segundo lugar porque, se no dia 28 podíamos sentir a dissociação de personalidades entre o Senhor e Krishna, agora parece que tudo isso acabou e Eles são Um. Krishna tornou-se o Senhor”.

Rosalind e Mary, sem dúvida por vontade de K, permaneceram no Castelo com K e Rajagopal quando todos os outros partiram para o Acampamento de Ommen na tarde de 19 de julho. A Sra. Besant e Wedgwood chegaram dois dias depois e também se hospedaram no Castelo. A Convenção, inaugurada no dia 24 de julho, contou com

a presença de umas 2.000 pessoas de quase todas as nacionalidades.¹ Havia uma tenda imensa para reuniões, tendas menores para as refeições, fieiras de tendas-dormitórios para uma, duas, três ou quatro pessoas, chuveiros, privadas e choças permanentes, bem desenhadas, para os correios, livreria, um posto de primeiros socorros e um departamento de informações. Estava tudo muito bem organizado. No meio do Acampamento fora construído um anfiteatro com fileiras circulares de troncos grosseiramente desbastados, que serviam de bancos. As reuniões realizavam-se ali quando fazia bom tempo e ali se acendia uma grande fogueira todas as noites quando o tempo o permitia. K, orador ainda hesitante, repetia-se com frequência e nem sempre concluía suas sentenças, mas superava-se ao falar diante das fogueiras do Acampamento. O cheiro do pinho a arder era um acompanhamento delicioso para as reuniões vespertinas, que começavam exatamente quando o sol se punha. K envergava um traje indiano e, quando se acendia a fogueira de quase cinco metros de altura, entoava um hino a Agni, Deus do Fogo.

De acordo com o diário de Mar de Manziarly, o Senhor falou através de K, diante da fogueira do Acampamento, ao chegar a noite do primeiro dia e novamente no dia 25 e no dia 27. *Lady Emily* e *Mary*, no entanto, não fazem reparo algum sobre isso antes do dia 27, quando ambas se estenderam liricamente a esse respeito em seus diários. *Wedgwood* falara na manhã do dia 27 e *Lady Emily* “sentiu-se enjoada! Era tão artificial — tão pessoal — e tão trágico ver toda aquela multidão ronronando de contentamento e sentindo-se desfogada”. Às 2:30 houve uma reunião do Conselho da Estrela no Castelo em que K falou “maravilhosamente mas, ai de mim! com tamanha tristeza pela falta de compreensão!” Seguiu-se uma reunião de discípulos, em que *Wedgwood* tornou a falar. K esteve presente por pouco tempo: “Seus olhos eram os do Senhor fuzilando e ele, logo, se precipitou para fora da sala, como se não agüentasse mais.” Naquela sobretarde, diante da fogueira do Acampamento, *Lady Emily*

conheceu que, assim que ele apareceu, *Ele* estava lá. Tinha o semblante severo e cheio de força... Depois falou. Seu aspecto era magnífico e sua voz vibrava de energia. Ele disse: “Eu vos falarei como o Chefe desta Ordem — e vos pedirei cortesmente que prestéis atenção a quanto eu disser, da primeira à derradeira palavra. Pois sinto que tudo o que tenho dito nestas últimas noites tem sido em vão porque não compreen-

1. O relatório anual da Ordem da Estrela no Oriente de 1926 dava 43.600 como o número total de membros em quarenta países. Apenas dois terços deles eram membros também da S.T.

destes" — Depois falou com inconcebível majestade e poder, com um fluxo de belas palavras. Quanta severidade e quanta compaixão!

Foi uma fala particularmente bela. A certa altura, disse ele:

Eu vos pediria que olhásseis do meu ponto de vista; eu vos pediria que viésseis olhar pela minha janela, que vos mostrará o meu céu, que vos mostrará o meu jardim e a minha habitação. Então vereis que o importante não é o que fazeis, o que ledes, o que qualquer pessoa diz que sois ou que não sois, senão que sintais o desejo intenso de entrar nessa habitação onde mora a Verdade... Eu quisera que viésseis e a vísseis; eu quisera que viésseis e a sentísseis... e não me dissésseis: "És diferente, estás no topo da montanha, és um místico." Vós me dizeis frases e cobris minha Verdade com vossas palavras. Não quero que volteis as costas a tudo aquilo em que acreditais. Não quero que negueis o vosso temperamento. Não quero que façais coisas que não vos parecem corretas. Mas algum de vós é feliz? Algum de vós acaso provou a eternidade?... Eu pertenço a todas as pessoas, a quantos realmente amam, a quantos estão sofrendo. E se caminhardes, deveis caminhar comigo. Se sentirdes, deveis olhar através do meu coração. E porque realmente amo, quero que ameis. Porque realmente sinto, quero que sintais. Porque tudo me é caro, quero que tudo vos seja caro. Porque quero proteger, deveis proteger. E esta é a única vida que vale a pena ser vivida, é a única Felicidade que vale a pena possuir.

A Sra. Kirby, que estava presente e conhecia K havia mais tempo do que qualquer outro circunstante, havia mais tempo até do que a Sra. Besant, disse mais tarde a *Lady Emily*, enquanto caminhavam pelos bosques: "Eu sempre O conheci, foi a Sua voz que sempre ouvi e é a voz do nosso próprio ego superior."

Depois de regressar a Gênova, reportando-se a essa palestra, a Sra. Kirby escreveu a uma amiga:

A princípio, K começou da maneira usual, conquanto eu notasse (estava muito perto dele) uma inusitada dignidade em sua aparência. Seu rosto se tornara estranhamente poderoso e severo, seus olhos às vezes meio velados, como se ele estivesse olhando para dentro, tinham um fogo incomum, e até sua voz soava mais profunda e mais cheia. A força continuou a aumentar a cada palavra que ele pronunciava... Havia um estranho silêncio — ninguém se movia nem emitia o menor som, mesmo depois que a fala terminou... Você lerá o discurso, e eu também, mas sei que não encontrarei nele a décima parte do que ouvi... Não se pode descrever. Que é o que se pode dizer? O Senhor estava lá e Ele estava falando. Creio que tenho, em regra geral, uma grande dose de controle sobre meus sentimentos mas, quando a palestra terminou, descobri que eu estava tremendo da cabeça aos pés... Não sei o que os outros pensaram e sentiram, visto que parti na manhã seguinte sem ter falado com ninguém. [— Ela devia estar muito arrebatada para não se lembrar de falar com *Lady Emily*.] Só vi Krishnaji, porque ele me mandou chamar no último momento, terno e afetuoso como sempre. Quando eu lhe

disse que toda a sua aparência se alterara na véspera, ele confessou: "Eu quisera poder vê-lo também."... Krishnaji deu-me a impressão de estar muito precisado de repouso... Que vida, pobrezinho! Não há dúvida alguma de que ele é o *Sacrifício*.

Pela atmosfera de excitação que tomou conta do Acampamento era evidente que a grande maioria das pessoas presentes acreditava ter ouvido a voz do Senhor Maitreya que elas, naturalmente, estavam esperando ouvir desde que se iniciara a Convenção. Um indivíduo, porém, teve a sua própria e única explicação do fenômeno. Sentado ao lado da Sra. Besant diante da fogueira do acampamento, Wedgwood inclinou-se e murmurou qualquer coisa ao ouvido dela quando K acabou de falar. Assim que a reunião se dissolveu, a Sra. Besant pediu a Rajagopal que reconduzisse K imediatamente ao Castelo. E assim que voltou ao Castelo, a Sra. Besant entrou no quarto de K e disse-lhe que um poderoso mágico negro, que ela bem conhecia, falara através dele no Acampamento. (Fora sem dúvida Wedgwood quem "vira" o mágico negro e lhe sussurrara o nome à Sra. Besant.) K ficou estarecido. E declarou à Sra. Besant que, se ela acreditava mesmo naquilo, ele nunca mais tornaria a falar em público. Essa declaração, aparentemente, a consternou ainda mais do que a revelação de Wedgwood e ela nunca mais fez nenhuma insinuação acerca da influência dos poderes negros sobre ele. A partir desse momento, porém, a teoria foi convenientemente adotada por Wedgwood e outros, e todas as vezes que K dizia qualquer coisa que eles desaprovavam, afirmavam que os "negros" tinham falado através dele.

A 28 de julho, no entardecer do dia seguinte ao do incidente do mágico negro, *Lady Emily* contou saber que o Senhor estava ali de novo no Acampamento "mas, desta feita, com ternura em lugar de força. Foi infinitamente tocante e triste. K nos contou sua experiência interior, levou-nos para dentro do próprio coração. E disse: 'Podeis tomar meu coração e comê-lo, podeis tomar meu sangue e bebê-lo e não me importarei — porque tenho tanto e vós tendes tão pouco.'"

No dia seguinte o Acampamento debandou.

“O MESTRE UNIVERSAL ESTÁ AQUI”

Tão consternada se achava a Sra. Besant nessa ocasião, em virtude de suas lealdades conflitantes, que pensou seriamente em abrir mão da presidência da Sociedade Teosófica a fim de obedecer aos ditames do seu coração e acompanhar K. Expôs seu dilema a Leadbeater, o qual, em carta de 21 de setembro de 1926, a dissuadiu desse passo, que contrariava as ordens do seu Mestre. Antes de receber a carta de C.W.L. e ainda indecisa sobre se devia ou não renunciar, ela tomou a súbita decisão de ir com K para os Estados Unidos no fim do verão, em vez de regressar à Índia, como planejava. Seria a primeira vez que ia à América desde 1909, o ano em que K fora “descoberto”. Logo se arranjou uma *tournee* de conferências pelos Estados à razão de 1.000 dólares por conferência. Mas, antes de partir, ela falou no País de Gales, na Escócia e na Irlanda sobre o Mestre Universal. Nesse meio tempo, K permaneceu em West Side House durante o mês de agosto e não se passou um dia sem que se avistasse com *Lady Emily* e Mary.

No dia 26 de agosto, K, a Sra. Besant, Rosalind e Rajagopal chegaram a Nova Iorque procedentes de Southampton. Vinte repórteres subiram a bordo do navio, acompanhados de fotógrafos e todos pareceram decepcionados ao dar com K enfarpelado num elegante terno, muito assustado, bem apessoado, magro, cabelos lisos de um azul-escuro, suaves olhos castanhos e cílios abatidos. As manchetes podem ser imaginadas: “O Culto da Estrela Aguarda a Glória do Futuro Senhor”, “Novo Evangelho Anunciado por Annie Besant”, “O Novo Messias Veste Calças de Flanela”, “Nova Divindade Chega de Calções de Golfe”, e assim por diante.

Hospedaram-se no Waldorf Astoria onde, no dia seguinte, K foi entrevistado sozinho por mais de quarenta repórteres; ele era muito menos acanhado na ausência da Sra. Besant. O *New York Times* relatou que muitos entrevistadores “tentaram apanhá-lo em erro ou contradição com perguntas astutamente formuladas; ele evitou habilmente todas as armadilhas e conquistou-lhes a admiração saindo-se com brilho da situação”. Houve uma voz discordante: Maurice Guest escreveu: “Eis o que penso desse oriental. Eu não lhe daria emprego nem numa companhia Chu Chin Chow de terceira classe”; entretanto, pouco depois, uma companhia cinematográfica ofereceu a K 5.000 dólares semanais para desempenhar o papel-título num filme sobre a vida de Buda. Esse oferecimento deu-lhe a lisonjeira convicção de que sempre poderia prover a própria subsistência se algum dia precisasse fazê-lo.

Dias depois, o *New York Times* comentou que K “era visto raras vezes em circulação mas, quando isso acontecia, estava sempre em companhia de Rosalind Williams, uma loira pertencente ao grupo”. O repórter apressou-se em acrescentar que isso não queria dizer que Krishnamurti tivesse algum interesse verdadeiro pelo sexo oposto. Quando lhe perguntaram o que achava do amor e do casamento, K replicou: “As pessoas se casam porque estão sós... Eu nunca estou só... Possuo uma coisa que ninguém pode tirar de mim.” Mais tarde os jornais anunciaram que ele fora noivo de Helen Knothe, boato que os pais de Helen não quiseram confirmar nem negar. O próprio K, todavia, negou-o com veemência: “Qualquer notícia a respeito do noivado é absurda. Na verdade é terrível demais.”

De Nova Iorque foram a Chicago a fim de assistir a uma Convenção da S.T., quando o *Tribune* destacou sua principal repórter, Geneviève Forbes Herrick, para fazer a cobertura da visita. Apesar dos pesares, ela ficou impressionada. Os delegados, contudo, devem ter ficado muito desapontados, pois o Mestre Universal não se manifestou em nenhuma das reuniões. Encerrada a Convenção, a Sra. Besant foi para Minneapolis, onde pronunciaria a primeira das trinta conferências, ao mesmo tempo que K e Rajagopal foram a Warm Springs, na Virgínia, para descansar. (Presume-se que Rosalind tivesse voltado para casa, embora devesse reunir-se a eles mais tarde em Ojai.) De Warm Springs, K escreveu uma cartinha à Sra. Besant que mostra que nem o episódio do “mágico negro” nem coisa alguma lograra diminuir o carinho que ele lhe votava: “Espero vê-la brevemente, minha Mãe muito querida. Por Deus, quero estar com a senhora e

compreendo o quanto a amo realmente. Só damos fé da grandeza de uma montanha quando nos afastamos dela.”

Só no fim do mês de setembro ele se encontrou com ela em São Francisco, ao termo de sua *tournee*, e só no dia 3 de outubro teve a alegria de levá-la a Ojai pela primeira vez. Ele estivera ausente dali quase um ano. Dois dias após a sua chegada, ele escreveu a *Lady Emily* de Arya Vihara:

Aqui estou eu — sem Nitya. Viemos de automóvel de Los Angeles para cá em companhia de Amma. Ao entrarmos na casa vi Nitya e o senti quase fisicamente. Quando entrei no quarto em que ele esteve doente e do qual partiu, creio que o meu corpo chorou. O corpo é uma coisa estranha. Eu não estava realmente transtornado, mas meu corpo se achava num estado extraordinário. Depois da Índia, e talvez antes dela, era deste lugar que ele mais gostava e ainda gosta. Por isso posso senti-lo e vê-lo. A vida é estranha. Sinto-lhe terrivelmente a falta — o corpo. Estou-me acostumando à sua ausência física — que é uma coisa difícil de fazer, pois aqui vivemos mais do que em qualquer outro lugar, aqui ambos sofremos e aqui fomos ambos felizes. Bem, não quero deprimi-la. Não me sinto deprimido por dentro... Amma está muito cansada depois da *tournee*, mas é notável a sua capacidade de recuperação. Os dois dias de descanso aqui puseram-na outra vez de pé; ela é realmente assombrosa e maravilhosa.

Ele continuou contando a *Lady Emily* que nas últimas quatro semanas lhe aparecera um inchaço duro e doloroso no peito direito. Fora a Hollywood consultar o Dr. Strong, mas este lhe dissera que se tratava de uma excrescência de origem glandular e não constituía motivo de preocupação, embora devesse ser vigiado. K'também contou seus planos a *Lady Emily* — tencionava deixar Nova Iorque em companhia da Sra. Besant no dia 20 de novembro e ir para a Índia com ela no princípio de dezembro. A Convenção da S.T. daquele ano se realizaria em Benares e Leadbeater estaria presente.

Não tardou, porém, que todos os seus planos se alterassem. O inchaço do peito tornou-se mais doloroso e o Dr. Strong, bem como um médico ortodoxo de Hollywood proibiram-no de viajar para a Índia. A fim de atenuar-lhe a profunda decepção, a Sra. Besant decidiu ficar com ele em Ojai. Numa carta de 22 de outubro, em que contava tudo isso a *Lady Emily*, ele perguntou-lhe se ela, Betty e Mary não iriam também a Ojai para estar com ele: “Ainda não perguntei a Amma se ela concorda com isso, mas estou certo de que concordará. Você sabe ao que me refiro, jornais e mexericos. Mas, queridíssima Mamãe, convido-a seriamente (!!) para vir a Ojai. Mary ficará contentíssima. Em sua última carta ela escreveu que ansiava por estar aqui... Venha, se puder. Rezarei por isso.”

Era evidente que a Sra. Besant não faria objeções ao plano e, tendo arranjado algumas conferências nos Estados Unidos para ajudá-la a pagar as despesas da viagem, *Lady Emily* embarcou alegremente em companhia de Mary no fim de novembro. Betty não quis ir porque já começara a sua reação contra K e a Teosofia; de mais disso, acabara de ingressar no Colégio Real de Música. *Lady Emily* e Mary permaneceram em Ojai quase cinco meses, o período consecutivo mais longo que *Lady Emily* esteve com K em todo o decorrer da longa associação entre ambos. Foi também o período mais tranqüilo, porque lhe era vedado qualquer esforço, embora o inchaço do peito houvesse diminuído um pouco. *Lady Emily* e Mary hospedaram-se com Rosalind numa feia e moderna casa de hóspedes recém-construída na propriedade, ao passo que a Sra. Besant, Rajagopal e K ocupavam Arya Vihara, onde todos faziam as refeições.

Lady Emily escreveu ao marido no dia 18 de dezembro:

Imagine a Itália, a Riviera e as melhores partes da Índia reunidas numa coisa só e você terá este lugar... Amma aqui é tão meiga e tão feliz! Faz anos que ela não tem um período sossegado como este. Ajudou-me a fazer minha cama ontem e hoje cedo ajudou a pôr a mesa. À noite jogamos bridge e ela escreve ou lê. Krishnaji está muito melhor e é muito feliz aqui. Adora trabalhar no jardim. Rajagopal anda ocupado com a Estrela e posso ajudá-lo nisso. Isto é um verdadeiro Paraíso em todos os sentidos.

As primeiras semanas foram realmente paradisíacas. K estava escrevendo poesia nessa ocasião e, todas as sobretardes, eles caminhavam um pouco para assistir ao pôr-do-sol. O ocaso inspirava-o de tal maneira que ele voltava para escrever um poema.¹ Entretanto, em janeiro de 1927, ao escrever para Leadbeater, a “velha história” da dor intensa na base da espinha e na nuca recomeçou e durou, praticamente, o dia todo.

Mary agora podia ajudá-lo a relaxar-se nas ocasiões em que ele “se ausentava” às tardes. Quando ela foi ter com ele pela primeira vez no dia 20 de fevereiro, o corpo perguntou-lhe quem era e disse, a seguir: “Bem, se você é amiga de Krishna e de Nitya acho que está tudo bem.” Ele transformava-se numa criança de quatro anos, mas sem a turbulência da criança. Embora falasse em inglês, sempre a

1. Seu primeiro poema, *Hino do Iniciado Triunfante*, tinha sido publicado no *Herald* em janeiro de 1923. Publicaram-se ainda uns sessenta poemas, tanto no *Herald* quanto em forma de livro, até 1931, quando ele deixou de escrever poesias.

chamava de Amma; parecia ter medo de K, como de um irmão mais velho e severo, e dizia coisas assim: "Cuidado, Krishna está voltando." Quando K se ausentava, o corpo não parecia experimentar nenhuma grande dor, embora se mostrasse às vezes irascível. Ao regressar, K não se lembrava de nada do que a criança dissera. Essas ocorrências vespertinas aconteciam no Santuário, como era então chamado o Chalé do Pinheiro. No princípio de março, K tivera sua cama transportada para o Santuário, onde gostava muito mais de dormir, longe de todos, por ser o lugar muito mais tranqüilo.

De manhã, ensinava Mary a dirigir. O Lincoln fora trocado por um Packard e, recentemente, permutara-se o Packard por outro Lincoln azul pálido. K ficou tão irritadiço, por simples nervosismo, que, um dia, para despicar-se, Mary saiu sozinha com o carro. Querendo voltar depois de haver dirigido um pouco, foi obrigada a desandar a pé o caminho percorrido, pois não sabia dar marcha-à-ré. E ficou desconsolada ao compreender a ansiedade que causara a K.

Lady Emily também o achou "menos professoral e mais humano" nesse ambiente pacífico e, conseqüentemente, lhe foi mais difícil sublimar o amor que votava a ele. Ele disse-lhe que ela "não devia assumir a atitude possessiva... Se eu me tornar necessário a você, você deixará de ser livre e isso estragará tudo. Nós nos amamos um ao outro e é o quanto basta". Ela perguntou-lhe o que ele queria dizer exatamente ao empregar a palavra "possessiva", ao que ele replicou: "Toda a gente é igual — todo o mundo acha que tem algum direito especial — algum caminho especial que conduz a mim."

Houve também certa dose de atrito entre as Lutyens e Rosalind. As primeiras estavam acostumadas a ser servidas por criados, de modo que se justificava plenamente a queixa de Rosalind a K de que elas não limpavam direito o banheiro; *Lady Emily*, contudo, ficou contrariada por haver-se Rosalind queixado a K em vez de dirigir-se diretamente a ela. É provável que a Sra. Besant não desse tento dessas subcorrentes, pois prosseguia tranqüilamente em suas ocupações, escrevendo cartas e artigos e fazendo listas de futuros discípulos, além de estar também empenhada num emocionante plano novo que envolvia a propriedade. Como toda a gente, ela se apaixonara por Ojai e, pouco depois da sua chegada, conseguira comprar 450 acres no vale superior, perto de Arya Vihara, onde K desejava fundar uma escola. Estava agora agenciando fundos para comprar mais 240 acres na extremidade inferior, no intuito de formar um centro destinado ao Mestre Universal e a um Acampamento anual, como em Ommen. Organizou-se uma Fundação, que passou a chamar-se Fundação de Happy Valley e lançou-

-se um apelo para conseguir 200.000 dólares. Levantou-se grande parte da importância desejada e a terra foi adquirida, mas só vinte anos depois se iniciou a Escola de Happy Valley.

Durante esse período de calma em companhia de K em Ojai, a Sra. Besant reviu sua concepção do Mestre Universal que falava através dele com intermitências e chegou a acreditar que a consciência de K se fundira quase que certamente com a do Senhor Maitreya. Era evidente que ela se deixara influenciar pela própria convicção de K a esse respeito, expressa por ele numa carta a Leadbeater do dia 9 de fevereiro:

Conheço meu destino e minha obra. Conheço com certeza e conhecimento próprios que me estou fundindo na consciência do Mestre e que Ele me encherá completamente. Sinto e conheço também que minha taça está quase cheia e que logo transbordará. Até então terei de esperar tranqüilamente e com ardente paciência... Anseio por tornar todo o mundo feliz, e hei-de fazê-lo.

Antes de deixar Ojai em abril, a Sra. Besant tornou inequívoca a sua posição fazendo uma declaração à Associated Press of America, que principiava com estas palavras: "O Espírito Divino desceu mais uma vez sobre um homem, Krishnamurti, um homem literalmente perfeito em sua vida, como o podem atestar os que o conhecem", e terminava com estas: "O Mestre Universal está aqui."

LIBERTAÇÃO

Lady Emily deixou Ojai relutante, em companhia de Mary, dez dias antes de K e da Sra. Besant, a fim de voltar à Inglaterra com o marido, que estava nos Estados Unidos incumbido de fazer o projeto da nova Embaixada Britânica em Washington. Dois dias depois que elas partiram, K escreveu a *Lady Emily*:

Estou escrevendo esta carta no Santuário, logo depois do meu negócio de todos os dias... Sinto imensamente a sua falta, mas logo tornarei a vê-la. Esta vida é uma coisa extraordinária mas, felizmente, está sempre mudando. Minha cabeça tem andado péssima, meu corpo físico sente uma falta enorme de Mary, e eu também. Mas é extraordinária a maneira com que o corpo a tudo se acostuma. No primeiro dia, naquele em que você partiu, estive à beira das lágrimas, mas agora tudo voltou ao normal... Sinto-me muito mudado desde que vim para cá, e como a amo, quero que você também contemple a glória. Grandes coisas estão à nossa espera e você também será grande.

Acompanhado da Sra. Besant, Rosalind e Rajagopal, K chegou à Inglaterra no dia 10 de maio. Ficou uma semana em Londres e foi depois com Rajagopal para Eerde, onde vivia agora em caráter permanente uma comunidadezinha que incluía a Srta. Dijkgraaf, Philip van Pallandt e a Dra. Rocke, que deixara Sydney definitivamente. De Eerde, K foi a Paris no dia 25 de maio e voou de volta para Londres no dia 30. Contou a *Lady Emily* que falara em Paris numa reunião da Seção Esotérica e dissera "algumas coisas fortes — que os Mestres eram meros incidentes". Tratava-se de um pronunciamento importantíssimo, que deve ter escandalizado e perturbado profundamente os ouvintes, pois a crença na existência dos Mestres era toda a *raison d'être* da Seção Esotérica da S.T. Ninguém teria adivinhado a pres-

teza com que até o Senhor Maitreya se transformaria em “incidente” para K.

No dia 6 de junho a Sra. Besant pronunciou a primeira das suas quatro conferências públicas no Queen's Hall sobre “O Mestre Universal e a Nova Civilização”. Haveria outra reunião no Castelo de Eerde antes do Acampamento daquele ano, com início marcado para o dia 19 de junho, e que seria seguida pelo Acampamento em Ommen. A Sra. Besant pretendia comparecer ao Acampamento, mas tinha a intenção de passar alguns dias em Huizen antes disso.

K foi para Eerde com dez dias de antecedência em companhia de Rajagopal, Mary e Koos van de Leeuw. Ficara decidido, havia já algum tempo, que Mary iria com eles mas, à última hora, a Sra. Besant decretara que ela não poderia viajar sem uma dama de companhia. A fim de não desapontar Mary, *Lady Emily* acompanhara-os na viagem noturna por mar, embora tivesse de regressar a Londres na noite seguinte. Rajagopal ficou acabrunhadíssimo porque Rosalind não foi também. A essa altura, ele estava muito apaixonado e queria desposá-la. Para surpresa geral, Rosalind não apareceu em Eerde durante todo o verão, nem mesmo em Ommen. Ficou quase todo o tempo na Inglaterra, em Wimbledon, onde algumas casas tinham sido compradas em West Side Common com a intenção de formar um centro comunitário para a Teosofia e a Estrela. É provável que Rosalind precisasse do tempo e da distância para ajudá-la a decidir-se sobre se devia ou não casar com Rajagopal.

Um dos grandes celeiros que flanqueavam a entrada do Castelo de Eerde fora dividido em pequenos quartos dispostos em dois pavimentos, de modo que umas sessenta pessoas tinham condições de assistir à reunião daquele ano, que foi, por isso mesmo, menos harmoniosa. Entre os velhos amigos que lá se aboletaram figuravam a Sra. de Manziarly e suas três filhas,¹ *Lady Emily*, Mary, Rajagopal, Ruth (que acabava de regressar de Sydney), a Sra. Roberts, a Dra. Rocke, Isabelle Mallet, Jadu, os Patwardhan, Philip van Pallandt, Koos van de Leeuw, Noomi Hagge e A. P. Warrington, que estivera com K e Nitya em Ojai em 1922.

Apesar de uma tosse feia que apanhara em Paris, K encetou suas palestras no dia 19 de junho “cheio de serena força e certeza”, de

1. Mima, a mais velha, casara com um norte-americano, George Porter, em 1925, mas este morrera tragicamente em fevereiro de 1927. Ela construiu uma casa no Vale de Ojai alguns anos depois e nessa casa tem vivido desde então.



Consagração episcopal de Arundale, em Huizen, em agosto de 1925.
Da esquerda para a direita: o Bispo Mazel, Oscar Köllerström (vestido de padre), o Bispo Arundale, Rajagopal (segurando o báculo), a Sra. Besant, o Bispo Wedgwood, o Bispo Pigott



K no telhado do Hotel Sheraton,
em Chicago, em setembro de 1926

K debaixo de um gobelino, no
Castelo de Eerde, em junho de 1926



acordo com o diário de *Lady Emily*, e sem nenhuma timidez. Dois dias depois, no entanto, acordou com febre. Declarou-se uma bronquite que o obrigou a ficar de cama por mais de uma semana. Isso acarretou uma briga entre a Sra. de Manziarly e Noomi Haage, quanto à escolha, entre elas, da mais qualificada para cuidar dele. A Sra. de Manziarly, que tinha um temperamento forte, acabou vencendo, embora ainda se concedesse a Noomi o privilégio de levar-lhe as bandejas. Depois a Sra. de Manziarly e a Dra. Rocke se desavieram quanto à melhor maneira de tratar a doença. O próprio K, registrou *Lady Emily*, “divertia-se à grande com essa briga idiota por sua causa, como briga de cães por causa de um osso”; ele pediu a *Lady Emily* que convocasse uma reunião e as intimasse a “deixarem de ser bobas”. Durante o tempo em que K esteve doente, *Lady Emily* lia os poemas dele em voz alta, todas as manhãs, diante do grupo reunido. Enquanto isso, na cama, ele lia Edgar Wallace.

O grupo de Eerde ouviu dizer, no dia 25 de junho, que George Arundale (que, tendo saído da Austrália, estivera na Inglaterra tentando reunir 10.000 libras esterlinas para dar à Sra. Besant e a Leadbeater por ocasião do octogésimo aniversário dos dois, que estava próximo) realizara uma reunião da Estrela em Londres em que declarara dissentir da Sra. Besant no respeitante à fusão da consciência de K com a do Senhor; sem embargo, disse ele, é preciso mostrar ao público uma frente unida. Ele e Rukmini retornaram à Índia antes da realização do Acampamento de Ommen.

K se sentia tão bem no dia 28 que se levantou da cama e foi sentar-se com os outros na sala de estar, enquanto *Lady Emily* lia em voz alta alguns de seus poemas; no dia seguinte, ele mesmo leu três poemas para testar a voz. No dia 30 já recomeçou a falar. O seu tema naquele ano era a Libertação, ao passo que, no ano anterior, decorrera sobre O Reino da Felicidade. *Lady Emily* tomou notas do que ele disse em cada um desses dias:

Vós precisais libertar-vos, não por minha causa mas apesar de mim... Em toda esta vida, sobretudo nos últimos meses, tenho lutado por libertar-me — libertar-me dos meus amigos, dos meus livros, das minhas associações. Precisais lutar pela mesma liberdade. Cumpre que seja permanente a inquietação interior. Mantendo constantemente um espelho à vossa frente e se virdes refletida nele alguma coisa indigna do ideal que criastes para vós mesmos, mudai-a... Não fazeis de mim uma autoridade. Se eu me tornar uma necessidade para vós, que fareis quando eu for embora?... Talvez imagineis que posso dar-vos uma bebida que vos deixará livres, que posso dar-vos uma fórmula que vos libertará — mas não é assim. Pode ser que eu seja a porta, mas precisareis passar por ela para encontrar a libertação que está além dela... A verdade chega

como um ladrão — quando menos a esperais. Eu quisera poder inventar uma nova linguagem mas, como não posso fazê-lo, gostaria de destruir vossa velha fraseologia e vossas antigas concepções. Ninguém pode dar-vos a libertação, tereis de encontrá-la em vosso próprio íntimo. E porque a encontrei, mostrar-vos-ei o caminho... Quem atingiu a libertação tornou-se o Mestre — como eu. Cada um de nós tem o poder de entrar na chama, de tornar-se chama... Porque estou aqui, se me conservardes no coração, dar-vos-ei força para chegar... A libertação não se destina aos poucos, aos escolhidos, aos eleitos. Destina-se a todos quando cessam de criar *carma*. Vós mesmos pondeis em movimento a roda do nascimento e da morte, cujos raios são sofrimentos e dores e só vós a podereis deter, de modo que não volte a girar. Nesse momento sereis livres. A maioria das pessoas agarra-se a essa individualidade, a esse sentido do Eu. É o que cria *carma*. A libertação é a vida e a cessação da vida. É um grande fogo e, quando entrais nele, vós vos converteis em chama e depois seguis como centelhas, parte da chama.

Ele estava dizendo, com efeito, que os Mestres e todos os gurus eram desnecessários; que havia um caminho direto para a verdade e que todos teriam de encontrá-lo por si mesmos. Isso causou grande consternação entre os circunstantes em Eerde, os quais, se bem não fossem teosofistas, queriam que ele lhes dissesse exatamente o que deviam fazer. As palavras de K, todavia, foram ainda mais arrasadoras para os membros da Seção Esotérica da S.T. que se encontravam na reunião, acostumados a ser informados com exatidão sobre os seus progressos ao longo do Caminho espiritual.

Nessa ocasião, K anelava pela renúncia completa, por tornar-se um saniasi na Índia. Falou muito sobre isso a *Lady Emily* durante a reunião. Foi essa talvez a última tentação que teve de enfrentar. Escrevera a Raja desde Ojai, a 9 de fevereiro: “Minha taça está cheia... Enverguei mental e emocionalmente o manto amarelo! Quero gritar do topo da montanha e sacudir as pessoas no vale. Quero abrir mão de tudo e transformar-me num verdadeiro saniasi. Posso fazê-lo. Seja como for, minha hora ainda não chegou e espero-a com ansiosa paciência.”

Travaram-se freqüentes discussões durante a reunião sobre a reorganização da Ordem, pois agora que tanta gente acreditava na chegada do Mestre, os objetivos da Ordem já não pareciam válidos. No dia 28 de junho *Lady Emily* e Rajagopal redigiram novos objetivos: “1. Congregar todos os que acreditam na presença do Mestre Universal neste mundo. 2. Trabalhar de todos os modos por que Ele realize o Seu ideal para a humanidade. A Ordem não tem dogmas, nem credos, nem sistemas de crença. Sua inspiração é o Mestre, seu propósito é corporificar-Lhe a vida universal.”

O nome da Ordem seria mudado, passando de Ordem da Estrela no Oriente para Ordem da Estrela, e a revista oficial *Herald of the Star* (Arauto da Estrela) passaria a chamar-se *Star Review* (Revista da Estrela). Dali por diante cada país publicaria sua própria versão da revista, mas haveria, além disso, um *International Star Bulletin* (Boletim Internacional da Estrela), publicado pela editora da Fundação, a Star Publishing Trust, legalmente constituída na Holanda em 1926 e que publicaria, durante muitos anos, todos os escritos de K. Rajagopal seria conhecido no futuro como Organizador-Chefe em lugar de Secretário-Tesoureiro Geral, e os Representantes Nacionais passariam a ser Organizadores Nacionais.

Na manhã de 11 de julho Raja e sua esposa chegaram a Eerde e passaram a noite no Castelo, a caminho de Huizen, onde se encontrava a Sra. Besant. Em lugar da sua palestra matutina, K leu três poemas seus em voz alta, e depois se discutiram os novos objetivos da Ordem. Raja opôs objeções ao primeiro objetivo, dizendo-o demasiado definido, uma vez que associava com excessiva intimidade Krishnamurti, o discípulo, ao Senhor. Várias pessoas falaram em seguida, todas atacando a objeção de Raja; Koos van de Leeuw chegou a dizer que o primeiro objetivo não era suficientemente definido.

Ao entardecer, K levou Raja para um passeio e persuadiu-o (ou assim o supôs) de que ele e o Mestre, na verdade, eram agora um só. No dia seguinte, escreveu uma notazinha à Sra. Besant para que Raja lhe levasse e entregasse em Huizen:

Estou cada vez mais certo de que sou o Mestre e minha mente e minha consciência estão mudadas. Creio que Raja será capaz de explicá-lo. Minha obra e minha vida estão firmadas. Atingi minha meta. Nunca duvide, nem pense que eu a amaria menos por isso. Amo-a de todo o meu coração... Oh! mãe, a realização de muitas vidas acaba de chegar.

No dia 15, em companhia de Koos, foi passar o dia em Huizen para ver a Sra. Besant, que se sentia evidentemente muito mais feliz ali do que se teria sentido em Eerde, onde as pessoas que rodeavam K, se bem não lhe fossem realmente hostis, não manifestavam suficiente reverência pelo passado.

No mesmo dia, Lady Emily recebeu uma carta do marido em que este dizia ter ouvido de Lorde Riddell que a Central News Agency estava a pique de publicar a notícia do noivado de Mary com K. Lutyens conseguira impedir-lhe a publicação, alegando que seria cometer um crime de difamação noticiar o noivado de um "homem santo"; sem embargo disso, queria que Mary voltasse incontinenti para casa.

Lady Emily ficou muito mais preocupada com o efeito que a informação poderia ter sobre K, se este viesse a conhecê-la, do que com a cólera do marido, muito embora Betty também tivesse escrito dizendo que o pai jurara, a ser verdade tudo aquilo, largar o seu trabalho, expulsar a família de casa e nunca mais tornar a ver nenhuma delas. Mary desejava que a notícia fosse verdadeira, mas sabia que K ficaria tão horrorizado quanto seu pai se ouvisse falar no assunto e, com toda a certeza, insistiria em mandá-la de volta para Londres; por isso mesmo K nunca soube de nada, e *Lady Emily* conseguiu apaziguar o marido assegurando-lhe que K jamais se casaria: "Toda a sua vida é dedicada a um objetivo, que é ensinar; e se bem tenha várias amigas de diferentes idades, não ama nenhuma especialmente." Mary, que se sentia ainda mais próxima de K nesse ano do que no anterior, não se mexeu. Conseguia vê-lo a sós todos os dias, ainda que apenas por uns poucos minutos. *Lady Emily* também tinha suas sessões particulares com ele, como as tinham, sem dúvida, muitos outros membros do grupo.

No dia 22 de julho, Raja e a esposa voltaram de Huizen para passar duas noites no castelo; à noite, depois de K haver-se recolhido, ele falou ao grupo reunido sobre K como um ego. Para poder compreendê-lo, disse, precisamos conhecer alguma coisa de suas existências passadas, bem como do seu futuro, quando será um Buda; mas ele teria ainda muitas e muitas vidas pela frente antes de atingir essa meta. Para *Lady Emily* suas palavras foram como "uma ducha de água fria", e a maioria dos outros que se encontravam em Eerde sentiram o mesmo.

O que ele disse foi, sem dúvida, repetido a K, pois este, na manhã seguinte, falou em presença de Raja:

Há uma pessoa, chamada J. Krishnamurti, que sempre teve em vista o fim que alcançaria e que, na busca desse fim, conheceu um sem-número de lutas, tristezas e sofrimentos. Explorou muitas avenidas na crença de que elas conduziriam à meta. E veio-lhe a visão do topo da montanha, que é a união com o Amado, que é a libertação e, a partir desse momento, pôs de lado todas as afeições, todos os desejos, todas as coisas exceto o alcançamento da meta. Agora a meta foi atingida e ele entrou na chama. E o que acontece depois disso não tem importância — isto é, se a centelha permanece no interior da chama ou dela se projeta. E vocês poderão ter o Amado constantemente com vocês antes mesmo de se terem identificado com Ele.

Lady Emily observou que esta "era uma resposta a Raja, quase uma reprimenda, feita porém com suma dignidade, simplicidade e cortesia".

No entardecer do dia seguinte, *Lady Emily* saiu a passeio com Raja, que a “deixou atordoada” ao dizer que a reunião em Eerde naquele ano “tinha sido uma tragédia e um fracasso, e quase deitara a perder o plano da Irmandade [isto é, da hierarquia esotérica]”.

À diferença de Wedgwood, Raja era pessoalmente muito dedicado a K, mas pertencia à antiga escola de teosofistas; trabalhara, durante toda a existência, pela Teosofia esotérica, em cujo âmago se encontrava o Caminho do Discipulado. Se K pretendia negar a existência dos Mestres, ou tencionava passá-los por alto (já dissera que eles eram meros “incidentes”), estaria completamente anulado todo o trabalho da vida de Raja. Os líderes mais antigos da Teosofia chegariam, cada vez mais, à mesmíssima conclusão; a influência deles estava sendo solapada. Como poderiam continuar viajando pelo mundo e pronunciando conferências? Sobre que versariam suas lições? Que aconteceria à autoridade deles se já não lhes fosse possível exercitar os discípulos a palmilhar o Caminho do Discipulado e distribuir as Iniciações como a derradeira e a mais importante das acoladas? O caminho direto para a verdade se afastaria deles como já se afastara dos Mestres a que eles serviam.

PRONUNCIAMENTOS REVOLUCIONÁRIOS

O grupo de Eerde dirigiu-se para o Acampamento no dia 1.º de agosto e as reuniões começaram, conquanto a Convenção só devesse inaugurar-se oficialmente dali a uma semana. Nesse ano, quase três mil membros compareceram ao Acampamento, hospedando-se alguns em hotéis das vizinhanças. George Lansbury, que se acomodara no próprio Acampamento, escreveu que ali se haviam reunido representantes de um número maior de raças, credos e seitas do que em qualquer outro lugar. Rom Landau, que também estava lá naquele ano, descreveu-o com cores vivas em seu livro *God is my Adventure*. Não podendo pagar a passagem de trem, um jovem búlgaro levava seis semanas caminhando desde o seu país natal até Ommen. Os demais acampados cotizaram-se para pagar-lhe a passagem de volta, mas ele preferiu ficar definitivamente e foi nomeado zelador do Acampamento no inverno.

No dia 2 de agosto, numa palestra intitulada “Quem traz a verdade?”, K deu sua primeira resposta pública à pergunta que estava perturbando tanta gente — acreditava ou não acreditava ele nos Mestres e no resto da hierarquia esotérica?

Quando eu era um garotinho [disse] costumava ver Sri Krishna com a flauta, como o imaginam os hindus, porque minha mãe era devota de Sri Krishna... Quando fiquei mais velho e conheci o Bispo Leadbeater e a Sociedade Teosófica, comecei a ver o Mestre K.H. — mais uma vez na forma em que o colocaram à minha frente, a realidade do ponto de vista deles — e por isso para mim, o Mestre K.H. era o fim. Mais tarde, crescendo, comecei a ver o Senhor Maitreya. Isso aconteceu há dois anos e eu o via constantemente na forma que me foi apresentada... Ultimamente, tenho visto o Buda, e tem sido meu deleite e minha glória estar com Ele. As pessoas me perguntam o que quero dizer quando me refiro “ao Amado”. Darei um significado, uma explicação, que vocês interpretarão

como quiserem. Para mim é tudo — é Sri Krishna, é o Mestre K.H., é o Senhor Maitreya, é o Buda, e, ao mesmo tempo, está além de todas essas formas. Que importa o nome que vocês lhe dão?... O que os perturba é saber se existe uma pessoa como o Mestre Universal, que Se manifestou no corpo de certa pessoa, Krishnamurti; mas no mundo ninguém se preocupará com essa pergunta. Vocês vêem, portanto, meu ponto de vista quando falo sobre o meu Amado. É uma infelicidade que eu tenha de explicar, mas preciso fazê-lo. Quero que isso seja tão vago quanto possível, e espero tê-lo feito assim. Meu Amado é o céu aberto, é a flor, é todo ser humano... Enquanto não pude dizer com certeza, sem nenhuma comoção inadequada, sem nenhum exagero para convencer os outros, que eu e o meu Amado éramos um só, não falei. Falei sobre as vagas generalidades que todo o mundo queria ouvir. Eu nunca disse: sou o Mestre Universal; mas agora que me sinto unido ao meu Amado, digo-o, não para imprimir minha autoridade sobre vocês, nem para convencê-los da minha grandeza, nem da grandeza do Mestre Universal, nem mesmo da beleza da vida, mas tão-somente para despertar em seus corações e em suas mentes o desejo de buscar a Verdade. Se digo, e o direi, que o Amado e eu somos um só, a razão é porque o sinto e o sei. Encontrei o que anelava, uni-me a Ele, de modo que doravante não haverá separação, pois meus pensamentos, meus desejos, meus anseios — os do eu individual — foram destruídos... Sou a flor que perfuma o ar matinal. Não se preocupa com quem está passando... Até agora vocês têm dependido dos dois Protetores da Ordem [a Sra. Besant e Leadbeater] sempre que precisaram reportar-se a uma autoridade, como têm dependido de outra pessoa para dizer-lhes a Verdade, quando a Verdade está dentro de vocês. Vocês a encontrarão nos próprios corações, na própria experiência, e essa é a única coisa de valor... Não tenho a intenção de suscitar discussões sobre a autoridade, sobre as manifestações na personalidade de Krishnamurti, senão de fornecer-lhes as águas que lavarão suas tristezas, suas mesquinhas tiranias, suas limitações, de modo que vocês se libertem, de modo que vocês se juntem finalmente ao oceano onde não há limitação, onde está o Amado... Terá, porventura, alguma importância o copo em que bebem a água, contanto que a água lhes sacie a sede?... Eu me uni ao meu Amado, e meu Amado e eu percorreremos juntos a face da terra... Não adianta perguntar-me quem é o Amado. De que serve a explicação? Vocês só compreenderão o Amado quando forem capazes de vê-lo em cada animal, em cada haste de relva, em cada pessoa que está sofrendo, em cada indivíduo.

A Sra. Besant, Raja e Wedgwood chegaram no dia seguinte, 3 de agosto, e hospedaram-se no Castelo. *Lady De La Warr* também veio dessa vez e ficou no acampamento. A Sra. Besant quisera vir mais cedo, mas K a persuadira a não o fazer, dizendo que se acanhava de falar em sua presença. Na verdade, receava que o que pretendia dizer na reunião do dia 2 pudesse magoá-la.

O Acampamento inaugurou-se oficialmente no dia 7 e encerrou-se no dia 12. Conquanto o principal discurso da Sra. Besant no Acampamento se intitulasse "O Mestre Universal está aqui", ela ainda achava difícil conciliar as declarações de K com o que supunha que diria o

Senhor Maitreya quando viesse. Em todos os anos de preparação do Advento rogara aos leitores e ouvintes que mantivessem a mente aberta, avisara-os de que ele, ao chegar, talvez dissesse muita coisa difícil de aceitar por ser inteiramente nova; agora, ela mesma corria o risco de cair na armadilha que vaticinara para os outros. Os pronunciamentos de K eram tão completamente revolucionários que sacudiam com violência os fundamentos do seu mundo.

Ela retornou a Huizen no dia 14. Depois da sua partida organizou-se uma sessão de dois dias para os trabalhadores voluntários que tinham ajudado nas cozinhas e nos escritórios da administração e, portanto, não tinham podido assistir às reuniões da Convenção. A fala de K endereçada ao Acampamento de Serviço, como foi chamado, no dia 15 de agosto, desconcertou muita gente. Dela não existe nenhum registro impresso, provavelmente suprimido por consideração pela Sra. Besant. O diário de *Lady Emily* registra apenas: “Krishnaji falou no Acampamento de Serviço. Excelente, mas perturbou muita gente. Uma bela sentença foi esta: você só poderá ajudar de verdade depois que, pessoalmente, já não precisar de ajuda.” Entretanto, pode-se ter uma idéia das coisas desorientadoras que ele disse lendo um relatório de Peter Freedman, membro do Parlamento, secretário-geral da S.T. para o País de Gales: “Ele [K] contou-nos que nunca foi capaz em sua vida de ler um livro teosófico até o fim — que não conseguia compreender o nosso ‘jargão’ teosófico e que, embora já tivesse ouvido muitas conferências teosóficas, nenhuma delas o convencera de que possuíam o conhecimento da Verdade.”

Lady De La Warr, evidentemente, foi uma das pessoas confundidas por essa palestra, pois K escreveu à Sra. Besant no dia 22 de agosto, de Montesano, na Suíça, para onde fora com Rajagopal e Jadu a fim de descansar e onde também se encontrava *Lady De La Warr*, que estivera doente:

Fiquei felicíssimo ao receber sua carta, Amma querida. Eu não sabia que provocara tamanha tempestade com o meu discurso no Acampamento de Serviço. Não me lembro do que eu disse, mas quero vê-lo quando chegar a cópia. Lamento *muito* que *Lady D.* e outros tenham ficado transbordados. Ela não me disse uma palavra. Receio que ninguém mais queira pensar por si mesmo, já que é muito mais fácil ficar sentado remoendo confortavelmente o que os outros já pensaram.

A vida é curiosa e ficará difícil. Está tudo no trabalho do dia. Estou cada vez mais certo da minha visão da Verdade. Estas montanhas e o ar puro que aqui se respira são maravilhosos e tenho o Amado comigo. Portanto...!

Mãe, conservemo-nos unidos, que nada mais importa.

Conversarei com *Lady De La Warr*, e tentarei explicar o que quer que ela tenha compreendido mal.

E quatro dias mais tarde tornou a escrever:

Tive uma longa conversa com *Lady De La Warr* e ela me disse que não estava preocupada nem transtornada, mas afirmou que não concordava com algumas coisas que eu dissera. Isso é muito diferente. De qualquer maneira, Amma querida, ela disse que nunca brigaria comigo!!¹ Por isso mesmo, faça-me o favor de não pensar mais nisso nem de se preocupar com essas coisas. Não sei se aquele infeliz discurso foi taquígrafado; isso não tem importância...

Nestes morros e nestas Florestas, sinto-me mais próximo do meu Amado do que nunca.

Estou contentíssimo por voltarmos juntos para a Índia.

Mas a Sra. Besant não se aplacou. Conversou, mais tarde, com *Lady Emily* em Londres acerca da sua profunda preocupação pela cisão cada vez maior entre a Seção Esotérica da S.T. e a Estrela, sustentando que K reunia à sua volta em Eerde jovens que nada sabiam do passado, ou teosofistas renegados, e que “o seu discurso no Acampamento de Serviço deixara as pessoas terrivelmente abaladas”. Em Adyar, acrescentou, ele dissera “Não venho para destruir”, mas temia que o atual espírito fosse muito destrutivo. *Lady Emily* perguntou-lhe se ela desejava restringir aos teosofistas os seguidores dele. Ela respondeu que não, evidentemente não, mas que os outros não teriam utilidade alguma para ele.

De Montesano, no dia 21 de setembro, K foi a Paris, onde prometera posar para o escultor Antoine Bourdelle, a quem fora apresentado pela Sra. de Manziarly. As sessões de escultura iniciaram-se no dia imediato. Bourdelle teria preferido que ele se demorasse um mês, pois assim teria tempo de fazer uma estátua de corpo inteiro mas, sendo isso impossível, K concordou em posar duas horas pela manhã e duas à tarde, durante oito dias. “O que o Sr. Bourdelle está fazendo será de primeira ordem”, disse ele à Sra. Besant no dia 23 de setembro, “pois é realmente um mestre na profissão. É como Rodin, porém melhor, no meu entender”. Bourdelle, que tinha então sessenta e seis anos, foi imediatamente conquistado por K. “Quando ouvimos Krishnamurti falar ficamos espantados — por encontrar tanta sabedoria num homem tão moço... Krishnamurti é um grande sábio e, se eu tivesse quinze anos de idade, não hesitaria em segui-lo”, teria dito ele, se-

1. *Lady De La Warr* nunca brigou com ele, mas também nunca recuperou totalmente a saúde e morreu em 1930.

gundo se afirma. Bourdelle achava o seu busto de K, que ora se encontra no Museu Bourdelle, em Paris, uma das suas melhores obras.

K voou de regresso a Londres no dia 30 de setembro. Hospedou-se em casa de *Lady Emily* e ela acompanhou-o ao jantar em Buckingham Street, no dia 1.º de outubro, comemorativo do octogésimo aniversário da Sra. Besant. O maior presente que ela recebeu foram 25.000 libras que lhe deixara a Sra. Percy Douglas-Hamilton, recentemente falecida. A Ordem da Estrela também foi contemplada no testamento com 10.000 libras.

K combinara ir para a Índia com a Sra. Besant em meados de outubro. Nesse ínterim, enquanto ela permanecia em Londres, ele voltou para Eerde. K não se achava presente quando, no dia 3 de outubro, Rosalind e Rajagopal se receberam no Cartório do Registro Civil em Londres, sendo Jadu um dos padrinhos; nem assistiu à cerimônia religiosa realizada no dia 11 na Igreja Católica Liberal de Santa Maria, na Caledonian Road. Rosalind entrou na igreja pelo braço da Sra. Besant e apadrinhada por David Graham Pole, o advogado que redigira o recurso apresentado pela Sra. Besant ao Tribunal de Apelação de Madrastra em 1913. Presume-se que o Bispo Pigott, o bispo católico liberal da Inglaterra, tenha oficiado. K não se lembra do que pensou a respeito desse casamento. Seus sentimentos em relação ao matrimônio em geral, todavia, tinham sofrido uma mudança considerável desde 1922; já não o considerava um desastre total.

Depois de um giro pela Europa em companhia de Philip van Pallandt, Rosalind e Rajagopal partiram para Arya Vihara, em Ojai, que passaria a ser o seu lar. Entrementes, K fora encontrar-se com a Sra. Besant, em Marselha. Raja, Jadu e a Dra. Rocke figuravam também no grupo que voltou à Índia a bordo do *China*. Enquanto o navio singrava as águas do Mar Vermelho, a Dra. Rocke rolou por uma escada de tombadilho e morreu instantaneamente de hemorragia cerebral. Era uma das mais velhas amigas de K, que ficou profundamente chocado e entristecido com a sua morte.

O RIO QUE SE DESÁGUA NO MAR

Ao desembarcarem em Bombaim no dia 27 de outubro, foram recebidos por uma multidão de repórteres, aos quais a Sra. Besant fez a seguinte declaração a respeito de K:

Sou testemunha de que ele foi considerado digno da missão para a qual foi escolhido, digno de fundir sua consciência com a de um fragmento, uma *amsa*, da consciência onipresente do Mestre Universal... Quando Ele chegou, há dois mil anos, à Palestina, escolheu para seu uso o corpo de um membro de uma raça vassala... E quando Ele veio a nós... escolheu alguém entre os desprezados e rejeitados do mundo... E para nós agora, indianos, irmãos, chegou esta grande alegria... Poucos meses se passaram desde que o longo e firme crescimento atingiu sua conclusão na união com "o Amado"... E agora que ele voltou para vocês, para o seu povo, para a sua raça, mas transcendendo a ambos, pois ele pertence ao mundo inteiro, vocês têm a alegria de ver que a sua raça deu um corpo para trazer a grande Mensagem de ajuda.

Pode imaginar-se o efeito dessa declaração sobre indianos cuja tendência natural é prosternar-se adorativamente sem o menor constrangimento. Uma afirmação pública dessa natureza, no entanto, provocou um artigo de George Arundale que ilustra as dificuldades com que K teria de haver-se em Adyar naquele inverno: "Nossa presidenta declarou que o Senhor [Maitreya] está aqui... Agora me é impossível conciliar essa afirmativa... com o meu próprio conhecimento do Senhor tal como Ele está em Seu glorioso corpo." A Sra. Besant, continuou ele, concordara em que apenas um fragmento da consciência do Senhor estava em Krishnamurti; ele, Arundale, duvidava até de que esse fragmento estivesse sempre com Krishnamurti. Mas ela dissera "O Senhor está aqui", e devia ter razão, pois ela sempre tinha razão.

Que fariam os teosofistas diante dessa ambigüidade? Leadbeater foi mais sutil. Num tributo prestado à Sra. Besant pelo seu octogésimo

aniversário, escrevera: "Outro e maravilhoso departamento do seu trabalho tem sido treinar o veículo do Mestre Universal e cuidar dele... Agora ela está colhendo o fruto desses cuidados e observando com alegria o desabrochar do botão que alimentou, o abrir-se da flor cuja fragrância inundará o mundo." Leadbeater encontrara uma posição da qual lhe seria fácil retirar-se quando o desejasse: a fragrância poderia não inundar o mundo e o botão poderia não desabrochar por muitos e muitos anos ainda.

Por enquanto, todavia, Leadbeater estava de acordo com K. Chegou a Adyar no dia 4 de dezembro para a Convenção da S.T. e, quatro dias depois, K escrevia a *Lady Emily* a respeito dele:

Tive uma longa conversa com ele durante uma hora e meia. Ele concorda comigo em muita coisa — o que é surpreendente. Perguntou-me como me sentia e lhe disse que não havia nenhum Krishna — o rio e o mar. Ele disse que sim, como os livros de antanho, é tudo verdade. Foi muito simpático e reverente ao extremo... Não tive muito tempo para pensar em renúncia e *sangha* [a existência numa comunidade religiosa]. Está no fundo da minha mente, onde ferve a fogo lento e fica cada vez maior. Mas quero andar muito devagar no tocante a essas coisas. Elas são importantes e não devem ser precipitadas.

Durante a Convenção, a Sra. Besant não perdeu a oportunidade de proclamar sua fé absoluta em K. E disse numa reunião: "Em agosto do corrente ano de 1927 a parte da consciência do Mestre Universal que poderia manifestar-se no interior da habitação de um corpo físico humano desceu e instalou-se nele... Eu, que o conheci desde criança... tornei-me agora sua discípula devotada."

Depois de uma visita a Calecute, na costa ocidental, logo após a Convenção, K regressou a Adyar para o dia sagrado, o Dia da Estrela, 11 de janeiro — aniversário da sua primeira Iniciação dezessete anos antes. "Houve uma reunião, em que Amma, C.W.L. e eu falamos", relatou ele a *Lady Emily* no dia seguinte. "Eles deixaram perfeitamente claro, sem dúvida alguma, que eu sou o Mestre, ao passo que toda a gente procura saber se sou o Cristo, o portador da Verdade. Aonde quer que eu vá, é a pergunta que me fazem... Isso vai ser mesmo muito difícil." Na mesma carta do dia 12 ele contou-lhe que sua cabeça estivera péssima e que devia ter desmaiado com muita frequência. Sentia-se evidentemente desapontado por Leadbeater não poder dar-lhe nenhuma explicação sobre a continuação da dor, dizendo apenas que "isso deve ser parte do trabalho". "George está furioso comigo", ajuntou; "acha que estou errado, etc. Mal os vejo, a ele e à mulher. Mas não me preocupa nem um pouco. Receio muito que

seja pessoal e que não exista nenhum grande pensamento atrás disso — quero dizer, dele. Bem, Amma e C.W.L. me ‘põem nas nuvens’, de modo que ele se sente meio excluído de tudo. Sinto muito.”

Seguiu-se um Acampamento da Estrela — o primeiro organizado na Índia e que se realizou na Guindy School, nos arredores de Adyar — em que K falou duas vezes por dia, além de submeter-se a uma sessão de perguntas e respostas, que durou duas horas e meia.

Foi exclusivamente por *minha* culpa [escreveu ele a Lady Emily no dia 17 de janeiro], pois eu queria que as perguntas fossem respondidas depois de terem sido feitas... sobre a Unicidade Individual, o Amado e a criatividade. Não sei como esse povo agüentou!! Eu não poderia parar na metade. “De um modo geral”, o Acampamento foi um sucesso. Havia cerca de mil pessoas, cheias de devoção. Entretanto, precisei lutar contra um muro feito de tudo. Foi extenuante, mas já se acabou. Tudo é muito difícil, porém lutarei contra todos. Nada mais importa. Hei de salvá-los de si mesmos. É uma vida estranha... Estou-me sentindo absolutamente exausto e fraco, mas daqui a pouco estarei bem outra vez.

Depois disso, ele realizou uma *tournée*, pela Índia, falando em toda a parte para públicos de três mil pessoas, mais ou menos. Com o casamento de Rajagopal, Jadu passou a ser o seu companheiro mais chegado, viajando com ele para todos os lugares. Jadu tinha muito do encanto de Nitya, com o qual se parecia em vários sentidos. Por causa disso havia uma afinidade natural entre ele e K, e K tornou-se-lhe muito dedicado.

Quando K e Jadu embarcaram em Bombaim com destino à Europa, a 29 de fevereiro de 1928, o primeiro estava literalmente exausto, tendo tido outro acesso de bronquite e tendo pronunciado duas conferências públicas em Bombaim. Viajaram num navio lento para Gênova e, pela primeira vez, K dirigiu palestras aos companheiros de viagem e promoveu debates com eles depois de reiteradas solicitações.

De Gênova foram a Paris, em seguida a Ommen e de Ommen a Londres, onde K pronunciou sua primeira conferência pública, no dia 31 de março, na Friends Meeting House. E tão grande foi o interesse provocado que centenas de pessoas desejosas de ouvi-lo não puderam entrar. Quatro dias depois, ele e Jadu zarparam para Nova Iorque. K pretendia descansar em Ojai antes do início do primeiro Acampamento da Estrela, que se realizaria em maio na Fundação do Vale Feliz, cujas terras haviam sido adquiridas pela Sra. Besant no ano anterior. K folgou muito de rever Rajagopal e Rosalind e, como ele mesmo confessou à Sra. Besant, encantou-se com o crescimento de todas as novas árvores que ela o ajudara a plantar em Arya Vihara.

Em lugar do Lincoln, tinha agora um Ford Chief que dizia ser tão bom quanto o Lincoln.

Antes do Acampamento, porém, realizou sua primeira palestra pública nos Estados Unidos na noite do dia 15 de maio no Hollywood Bowl, perante um público de 16.000 pessoas, que, de acordo com o *Los Angeles Times*, ouviram com “atenção aparentemente absorta” o que ele disse sobre “A Felicidade através da Libertação”.

Entrementes, em Adyar, a Sra. Besant patrocinara uma nova personalidade divina — a Mãe Universal, como preferia chamar à Virgem Maria, assim como preferia chamar ao Cristo o Mestre Universal, pelo seu tom menos sectário. Rukmini Arundale foi o veículo humano escolhido pela Mãe Universal. Esse movimento era uma revivescência mais específica de um dos muitos prodígios “trazidos” em Huizen em 1925 — a Ordem especial das Mulheres que o Senhor Maitreya encontraria quando viesse e da qual *Lady Emily* e a Dra. Rocke tinham sido consagradas abadessas. O *Times of India* publicou a história sob o título “A nova Mania da Sra. Besant”, que foi explorada, depois disso, pelos jornais norte-americanos. K, como era de prever, viu-se envolvido nela e escreveu a *Leadbeater* no dia 4 de maio:

Ouvi dizer que Amma proclamou a Sra. Arundale representante da Mãe Universal, etc. Ouvi dizer também que fui arrastado ao meio de tudo isso. É obra de George, com suas mensagens, resultado do seu cérebro. Suas maquinações são inumeráveis. Não quero ver-me metido em nenhuma dessas coisas. Vou livrar-me de todas as complicações. Eu gostaria de que Amma não me tivesse metido nisso, como fez no caso dos pretensos Apóstolos. Imagino que você tenha sido informado de tudo — a Mãe Universal, etc. — e imagino que minha franqueza não o incomodará. A vida é estranha. Está cheia de complicações e como me libertei de todas, não quero ser novamente apanhado numa delas.

Sei definitivamente o que desejo fazer aqui, desta vez, neste mundo, e vou fazê-lo. Muito pouca gente o compreende e, portanto, será difícil. Mesmo agora alguns pseudo-Apóstolos estão criando dificuldades e escárnio. Não me estou queixando: ao contrário, tudo isso é divertido. Quero apenas contar-lhe essas coisas, pois você conhece minha posição em relação a elas. Espero que não se incomode.

Estou cada vez mais certo da minha união com o meu Amado, com o Mestre, com a vida eterna. Como Krishna não existo, e essa é a grande verdade. George e Wedgwood começaram a negá-lo mas, felizmente, há muito espaço e campos abertos de compreensão. Não converterei ninguém à minha maneira de pensar, mas afirmarei o fato, sempre que for necessário.

Tudo é curioso.

Minha cabeça tem andado e continua andando muito mal, mas não há nada que se possa fazer. Isso não me causa a menor preocupação, mas não deixa de ser cansativo. Estou diligenciando não trabalhar demais.

Farei por mantê-lo a par de tudo o que faço e digo, e tudo o que for publicado lhe será enviado daqui por diante. Lamento muito que isso não tenha sido feito antes.

K contou a *Lady Emily* no dia 9 de maio que a imprensa lhe perguntara o que pensava da Mãe Universal, ao que ele replicara simplesmente que nada sabia a esse respeito e, portanto, não podia fazer comentários. “É tudo tão absurdo!” escreveu. “Felizmente, porém, há um fim oportuno para todas essas bobagens. *Vide Apóstolos!!!!*”¹

Nessa carta, aludiu à chegada a Ojai de Raja e Helen para o primeiro Acampamento da Estrela. Disse que ficaria contentíssimo por tornar a ver Raja, mas não fez nenhum comentário acerca de Helen, embora fosse a primeira menção que fazia dela numa carta desde o princípio de 1925, quando ela fora a Sydney pela primeira vez, e tampouco voltou a referir-se a ela em suas cartas subseqüentes a *Lady Emily*. É manifesto que ele e Helen seguiram caminhos diferentes. No início da década de 1930 ela casou com o autor norte-americano Scott Nearing e viveu uma vida muito feliz e realizada.

O Acampamento de Ojai foi um grande sucesso, embora apenas cerca de mil pessoas estivessem presentes. Excelente organização e comida muito melhor do que em Ommen; usou-se o sistema das *cafeterias*, ao passo que em Ommen as pessoas dispostas a ajudar rodeavam as mesas servindo a comida em grandes baldes de metal. As palestras matinais, a que o público era admitido, realizavam-se num carvalho — os carvalhos sempre verdes do sul da Califórnia — e como o tempo esteve ótimo, todas as reuniões se realizaram ao ar livre. O Carvalho de Ojai tornar-se-ia um local sagrado.

A 30 de maio, dois dias depois de fechado o Acampamento, K, Jadu e Rajagopal embarcaram em Nova Iorque rumo à Europa, ao passo que Rosalind permanecia em Ojai. Chegaram no dia 14 de junho, a tempo de receber a Sra. Besant que voltava da Índia e, quatro dias depois, foram com ela a Paris onde, no dia 23, K pronunciou uma palestra na maior sala de concertos da cidade, a Salle Pleyel. No dia 27 ele falou em francês, durante quinze minutos, da estação de rádio da Torre Eiffel, para um público calculado em dois milhões de ouvintes. Seu tema foi “A Procura da Felicidade”.

1. O movimento da Mãe Universal teve vida curta. Em 1936 Rukmini Arundale fundou uma Academia de Artes em Madrasta. Também fez muita coisa pelo bem-estar dos animais na Índia. Concorreu à presidência da S.T. em 1973, depois da morte do irmão, Sri Ram, que fora presidente por muitos anos. Mas foi derrotada, por uma margem de cinquenta votos, por um inglês, John Coats.

No derradeiro dia de junho, reuniu-se no Castelo de Eerde, durante um mês, o maior de todos os grupos que ali já se juntara antes da realização do Acampamento de Ommen. A essa altura, o outro celeiro já estava parcialmente reformado, de modo que havia espaço para visitantes que ali quisessem revezar-se por alguns dias. Sir Roderick Jones, chefe da Reuters, lá esteve dois dias com a esposa, Enid Bagnold, e o casal Leopold Stokowski, que conhecera K naquele inverno em Adyar, chegou a 11 de julho para ali passar uma semana.¹ Entre os velhos amigos de K figuravam a Sra. de Manziarly e suas três filhas, Lady Emily, Mary, Jadu, Rajagopal, Noomi Hagge e Ruth, que casara, no começo de julho, com John Tettemer, bispo da Igreja Católica Liberal, que ela conhecera em Sydney. Casamento, aliás, que se revelou muito feliz. No outono, os Tettemers foram viver na Califórnia, onde Ruth tem morado desde essa época. Ela continua sendo muito amiga de K.

K voltou para a cama na primeira semana da reunião, com uma bronquite que já parecia crônica. No dia 3 de julho, escreveu à Sra. Besant em Londres:

Tenho pensado muito na senhora, Amma, e as pessoas não têm compreensão. Eu quisera que elas tivessem mais ternura no coração. Como são coléricas algumas criaturas, sobretudo as que deviam estar melhor informadas! Mas este mundo é estranho. As pessoas estão levantando um vigoroso e tolo muro de antagonismo ao que digo e isso me penaliza. Não me queixo, longe disso, mas a senhora devia saber, Mãe. Aliás, é divertido.

Ouvi dizer que a senhora estará livre depois do dia quinze deste mês e seria ótimo se pudesse vir para cá. Espero que venha, Amma. Construíram uma choça especial para a senhora, para ser usada, se quiser, durante o acampamento.² Há também uma sala de paredes recém-empapeladas à sua espera. Oh, Amma, eu a amo com todo o meu coração e enquanto estivermos juntos, nada mais importa. Estou mais certo do que nunca e continuarei.

Pouco tempo depois, a magnífica saúde da Sra. Besant fraquejou pela primeira vez; ela foi obrigada a cancelar os compromissos públicos restantes e a ficar de cama em casa da Srta. Bright, em Wimbledon. Diziam alguns teosofistas que a causa do seu mal fora o choque pro-

1. Uma conversação entre K e Stokowski em Eerde foi publicada no *International Star Bulletin*, de maio de 1929, reproduzida de *The World Today* (Nova Iorque). Eles discutiram a inspiração e a criatividade.

2. Várias pessoas tinham agora construído para si cabanas permanentes de madeira, que custavam cerca de 100 libras esterlinas, no terreno do Acampamento. Essas cabanas tinham de obedecer a um determinado desenho aprovado e situavam-se entre as árvores, de modo que não chamavam a atenção. O próprio K tinha uma cabana, onde costumava descansar entre as reuniões.

vocado pela notícia de que, em Eerde, K declarara, com mais veemência do que nunca, que o caminho para a verdade, a felicidade, a libertação, ou que outro nome se lhe desse, não se poderia encontrar em nenhuma forma ou “refúgios de conforto” exteriores, mas apenas na própria pessoa, e que ele chegara a mencionar a possibilidade de dissolver a Ordem da Estrela. Dissera ele: “Não quero ter seguidores... Abomino a própria idéia de alguém intitular-se meu discípulo. Sede antes discípulos da compreensão, que é o fruto do pensamento maduro e do grande amor, sede discípulos da vossa própria compreensão.” Em Adyar, no ano anterior, a Sra. Besant se dissera sua “devotada discípula” e ele agora declarava abominar a idéia de ter discípulos.

O próprio K, no entanto, que recebia boletins diários a respeito da Sra. Besant, enviados pela Sra. Bright, deu-lhe à doença a importância que ela parecia ter — um severo resfriado acompanhado de febre — e ainda esperava vê-la no Acampamento mas, no dia 28 de julho, ouviu dizer que ela regressaria à Índia a 9 de agosto sem ir à Holanda. No dia 30 ele foi à Inglaterra para vê-la, embora só pudesse ficar em Londres uma noite, por causa da inauguração do Acampamento. Ao voltar, mandou-lhe uma carta particularmente carinhosa em que dizia o quanto fora importante para ele o tê-la visto e o quanto lhe sentiria a falta no Acampamento. Voltou ao Castelo a tempo de assistir ao casamento de Philip van Pallandt com uma jovem holandesa de que ele ficara noivo algum tempo antes. Depois do casamento civil em Ommen, realizou-se uma cerimônia nupcial de acordo com os ritos da Igreja Católica Liberal na sala de estar do Castelo, oficiada pelo marido de Ruth, o Bispo Tettemer. Foi essa a primeira cerimônia de casamento presenciada por K, que ele definiu como “uma papagaiada”.

Apesar de sentir pessoalmente a falta da Sra. Besant, a ausência dela deve ter sido um alívio para K, que pôde dizer exatamente o que queria sem receio de magoá-la. Numa palestra dirigida aos Organizadores Nacionais, antes da inauguração do Acampamento, disse ele: “A verdade que vos apresento é tão bela que não pode ser rejeitada e tão grande que não pode ser aceita sem reflexão.” Acrescentou que aboliria a Ordem imediatamente se ela “se dissesse o vaso que contém a Verdade e a única Verdade”.

Numa de suas falas durante a reunião de Eerde, explicou o que queria dizer quando se referia ao “Mestre Universal”:

Sustento que há uma Vida eterna, que é a Origem e a Meta, o começo e o fim e que, não obstante, não tem fim nem começo. Só nessa vida há plenitude. E quem quer que a preencha tem a chave da Verdade sem limitação. Essa Vida é para todos. Nessa Vida entrou o Buda,

entrou o Cristo. Do meu ponto de vista, eu atingi, eu entrei nessa Vida. Essa Vida não tem forma, como a Verdade não tem forma, não tem limitação. E a essa Vida todos teremos de voltar.

Numa das reuniões ocorridas no Acampamento, ele disse: “É chegada a hora em que já não deveis sujeitar-vos a coisa alguma... Espero que não deis ouvidos a ninguém, mas tão-somente à vossa intuição, à vossa compreensão, e que ofereçais uma recusa pública aos que se intitulem vossos intérpretes.” Os intérpretes eram, naturalmente, os líderes da Sociedade Teosófica. Ele advertiu os ouvintes de que seriam abalados em seus alicerces.

Durante as reuniões lhe fizeram muitas perguntas, tais como: “É verdade que não quer discípulos?” “Que pensa dos rituais e cerimoniais?” “Por que nos diz que não há estádios ao longo do Caminho?” “Já que nos afirma que não há Deus, nem código moral, nem bem nem mal, em que é que os seus ensinamentos diferem do materialismo comum?” “Você é o Cristo que voltou?” Alguns excertos das respostas de K mostram quão pouco o haviam compreendido os formuladores dessas perguntas:

Torno a dizer que não tenho discípulos. Cada um de vós será um discípulo da Verdade se compreender a Verdade e não seguir indivíduos... A única maneira de alcançarmos a Verdade é tornarmo-nos discípulos da própria Verdade, sem mediadores... A Verdade não dá esperança; dá compreensão... Não há compreensão no culto das personalidades... Continuo afirmando que todas as cerimônias são desnecessárias ao crescimento espiritual... Se quiserdes procurar a Verdade precisais sair, ir para bem longe das limitações da mente e do coração humanos e ali descobrireis a Verdade que está dentro de vós. Não é muito mais simples fazer da própria Vida a meta — da própria Vida o guia, o Mestre e o Deus — do que ter mediadores, *gurus*, que reduzirão inevitavelmente a Verdade e, portanto, a traição?... Digo que um homem que compreende pode atingir a libertação em qualquer estádio da evolução, e que adorar estádios, como vós o fazeis, não é essencial... Não me citeis depois como autoridade. Recuso-me a servir-vos de muleta. Não serei trazido numa gaiola para a vossa adoração. Quando levais o ar fresco da montanha para um quartinho e ali o encerrais, desaparece o frescor desse ar, que se estagna... Por eu ser livre, por eu haver encontrado a Verdade, que não tem limites, que não tem começo nem fim, não serei condicionado por vós... Eu nunca disse que Deus não existe. Eu disse que Deus só existe manifestado em vós... mas não usarei a palavra Deus... Prefiro chamar-lhe Vida... É claro que não existe o bem nem o mal. O bem é o que não receais; o mal, é o que receais. Por conseguinte, se destruídes o medo, estareis espiritualmente realizados... Quando estiverdes apaixonados pela vida, e colocardes esse amor acima de todas as coisas, e julgardes por esse amor e não pelo vosso medo, a estagnação a que chamais moralidade desaparecerá... Não me interessam sociedades, nem religiões, nem dogmas, mas me interessa a vida, porque eu sou a Vida... Amigos, não vos preocupeis

Ah! the symphony of that song!

The innermost shrine
Was hushed with the love of many.
The flames flickered with the thoughts of many.

The scent of burnt camphor fills the air,
The careless priest chimes a chant,
The idol sparkles seeming to move.
Weary of such boundless adoration.

The still silence holds the air,
And on the instant
A melodious song of infinite heart
Brings ~~for~~ ^{to} ~~broken~~ ^{new} eyes.

In ^{the} white robe,
A woman sings to the heart of her ^{love}
Of the travail that she knows not
Of the laughter of children around her ^{breast}
Of the love that died young,
Of the sorrow in a barren love
Of the solitude in a still night
Of life fruitless amidst the flowering earth.

I cried with her.
Her heart became mine.



K dissolvendo a Ordem da Estrela, no acampamento de Ommen,
em agosto de 1929

com o que sou; nunca o sabereis... Se eu disser que sou o Cristo, criareis outra autoridade. Se eu disser que o não sou, também criareis outra autoridade. Cuidais, acaso, que a Verdade tenha alguma relação com o que pensais que sou? Não estais preocupados com a Verdade, estais preocupados com o vaso que contém a Verdade. Não quereis beber as águas, mas quereis saber quem afeioou o vaso que contém as águas... Bebei a água se estiver limpa: eu vos digo que tenho essa água limpa; tenho o bálsamo que purificará, que curará grandemente; e vós me perguntais: Quem és tu? Eu sou todas as coisas porque sou a Vida.

Ele encerrou a Convenção com estas palavras: "Muitos milhares de pessoas têm vindo a estes Acampamentos, e que não fariam eles no mundo se todos compreendessem? Mudariam a face do amanhã." Ele disse ao homem da Reuters encarregado da cobertura das reuniões que nem Buda nem Cristo haviam reivindicado para si a divindade nem desejado fundar uma religião; foram seus seguidores que o fizeram, depois da sua morte.

Lady Emily escreveu um artigo sobre esse Acampamento de Ommen para o *International Star Bulletin* de setembro de 1928, que expressou a perplexidade de muitos circunstantes daquele ano e que, na verdade, também exprimia a agitação que lhe ia por dentro:

Como parece estranho que tenhamos esperado, durante dezessete anos, o Mestre Universal, e que agora, quando Ele fala do que está além de todas as formas, nos sintamos feridos ou irados. Ele nos obriga a fazer o nosso próprio trabalho, mental e emocionalmente, e essa é a última coisa que esperávamos d'Ele. Algumas pessoas estão voltando para casa nuas e sozinhas, com os fundamentos abalados, compreendendo a necessidade de reorientar-se num mundo em que todos os valores mudaram... Se se pode associar alguma tragédia a alguém que tenha atingido a libertação final e a felicidade eterna, o lado trágico desse Acampamento foi o modo com que o passado morto se levantou em todos os momentos para enfrentar as novas idéias.

“TODOS ME ABANDONARÃO”

Raja, que estivera fazendo conferências nos Estados Unidos, chegou ao Castelo logo depois de encerrar-se o Acampamento, e K convidou-o para ir com ele a St. Moritz no dia 15 de agosto, onde tencionava demorar-se algumas semanas descansando. No tempo que passaram na Suíça, ele e Raja tiveram muitas conversas particulares, cujos resultados influiriam de forma direta sobre as ações futuras da Sra. Besant. Rajagopal, *Lady Emily*, Mary e Jadu também estavam com K em St. Moritz, num chalé a cavaleiro do Lago de Silvaplana. K acreditava que Mary, nessa ocasião, tinha um caso com um homem casado, muito mais velho do que ela, e a moça passou por maus bocados até conseguir convencê-lo do seu engano. Apesar disso, ele entendia que a amizade dela com esse homem era perniciosa de todos os pontos de vista. K acabara de ler um livrinho recentemente publicado — uma narrativa em versos, um poema, de Stephen Phillips chamado *Marpessa* — que conta a história de uma rapariga mortal, Marpessa, a quem Zeus permitira escolher entre o Deus Apolo e o mortal Idas. Marpessa escolhera Idas. K dizia agora constantemente a Mary que não fosse “uma Marpessa”. Ao instar com ela nesse sentido, ele não se comparava a Apolo, mas punha em paralelo uma vida de emocionante aventura espiritual e a mediocridade de um casamento prosaico.

Da Suíça, K viajou para Paris, onde posou mais um pouco para Bourdelle, que ainda não concluía o busto iniciado no ano anterior; depois tornou a Eerde e dali foi a Toulon, de onde embarcou, em companhia de Jadu, para Colombo, no dia 20 de outubro, ao mesmo tempo que Rajagopal regressava a Ojai. De Aden, no dia 28 K escreveu a *Lady Emily*:

Recebi uma carta de Raja, escrita em Nápoles, e na qual ele incluiu uma cópia de outra, que mandou a Amma e a C.W.L., em que lhes diz (estou-lhe contando tudo de modo resumido) que conversou muito comigo, que eles, a meu ver, não me estão apoiando, que a I.C.L. [Igreja Católica Liberal], a Maçonaria, a Mãe Universal, etc., são, para mim, uma perda de tempo. Que sustento que o "Caminho Direto" e tudo o mais é uma inutilidade. Que se eles dizem que sou apenas uma parte, como pode a parte discordar do todo?... Que embora ele (Raja), não concorde inteiramente comigo, reputa imprescindível alguma ação. Que eu, provavelmente, não mudarei, pois sempre fui muito voltado para uma direção só, e que eles precisam fazer alguma coisa a esse respeito, alterar a S.E., etc.

Receio que Amma fique magoada, pensando que não falei com ela tão francamente quanto falei com Raja. Acontece que falei francamente com ela, como você sabe, mas, de um modo ou de outro, ela não enxerga o meu ponto de vista... Tudo isso vai ser meio divertido e triste, porém não modificarei minha atitude por ninguém, neste ou em outro mundo. Embora possam negar que eu seja o Mestre Universal, continuarei assim mesmo.

A vida é um negócio estranho mas, felizmente para mim, tenho um vigoroso senso do ridículo... Este barco está cheio de australianos, dos tais que gostam de caçar, que riem da gente na cara da gente. De modo que isso não me deixará ficar convencido!!!!

E acrescentou: "Escrevi uma longa carta a Mary como, aliás, tenho escrito todos os dias. Ela lerá para você os trechos interessantes." Ele andara escrevendo a Mary com muita freqüência nos últimos dois anos, mas ela, infelizmente, destruiu todas as suas cartas quando ficou noiva para casar em 1929.

K chegou a Colombo no dia 5 de novembro e foi diretamente para Adyar, de onde escreveu, três dias depois, a *Lady Emily*:

Aqui estou, afinal, e tudo isso é curioso. Em Colombo, os jornais locais, ingleses e indianos, estavam cheios de Krishnamurti. Entrevistas e discursos. Grinaldas em cada estação e devoção...

Amma está em Deli e voltará para cá depois de amanhã de manhã. Recebi uma carta em que ela me conta que fechou a S.E. no mundo inteiro, por tempo indeterminado. Diz que, sendo eu o Mestre, a mim me cabe ensinar, e a mais ninguém, e daí o fechamento da S.E. É uma boa coisa; isso tinha de acontecer e aconteceu de modo oportuno. Muitos se sentirão aliviados e muitos não gostarão e xingarão. Mas o que está feito está feito. Aqui, em Adyar, acredito que muitos estão encantados e os irrefletidos estão ficando refletidos. Finalmente. Tudo isso é *muito* sério e me dá uma oportunidade imensa, mas preciso ser prudente e cheio de paciência. Sinto-me feliz por Amma tê-lo feito antes da minha chegada, por sua livre e espontânea vontade.

Diz-me Dwarkanath que ela está perdendo a memória. Isso é trágico. Pobre Amma. A vida é penosa, cruel, mas tudo tem um propósito... George e a esposa partiram dois dias antes da minha chegada a Adyar!!!!... Amma fez o máximo que uma pessoa pode fazer. Construir alguma coisa e depois pô-la de lado por uma coisa maior é fabuloso.

Fora, com efeito, um grande passo dado pela Sra. Besant. A Seção Esotérica da S.T., fundada pela Sra. Blavatsky em 1889, situava-se no próprio coração da Sociedade. Constituíra-se com a finalidade de colocar os seus membros em contato com os Mestres e, portanto, ao fechá-la, a Sra. Besant punha os Mestres virtualmente de lado.

Três semanas depois K escreveu de Bombaim para dizer a *Lady Emily* que não deixara de falar um dia sequer em Adyar. “Falar a pessoas que já deixaram de pensar é muito cansativo. No fundo, alguns estão contra mim, mas aprenderam a respeitar-me. Estão todos um pouco nervosos comigo, visto que sou como um pedaço de espelho que os reflete — sobretudo a eles, o que não lhes agrada.” Estivera com George e a esposa, continuava K, e os três tinham tido uma longa conversa.

George diz que não acredita que eu seja, etc., mas não quer dizê-lo em público por consideração (?) para com Amma!!! Disse ele: “Siga você o seu caminho, que nós seguiremos o nosso. Também tenho alguma coisa para ensinar, etc.” De modo que as coisas estão nesse pé. O caso é meio divertido mas estranhamente trágico. Pobre Amma, ela é a única que acredita no que diz. Quanto ao resto, são só palavras. Meras palavras. Eles não são francos nem diretos. Disseram-se ambos apóstolos do Senhor... Santo Deus, que mundo!!! Quero ser cínico, mas não o serei.

Em virtude de um resfriado muito forte, K viu-se obrigado a cancelar uma visita a Karachi e a Lahore, de modo que, de Bombaim, foi a Benares a fim de participar de uma reunião de inverno semelhante à de Eerde. A Sra. Besant passou ali uma noite a caminho de Allahabad.

Ela foi extremamente simpática [contou ele a *Lady Emily* no dia 5 de dezembro], e disse-me que faria o que eu desejasse. Confessou, pateticamente, que deseja renunciar à presidência da S.T. e seguir-me aonde quer que eu vá. Mas o Mestre dela ordenou-lhe que não abrisse mão do seu trabalho, e pronto. Confessou-se desapontada. Pobre Amma... Dentro em pouco haverá uma divisão nítida, que será muito melhor do que esse fingimento.

Depois de falar duas vezes por dia na reunião de inverno, a dor na cabeça e na espinha recomeçou com redobrada fúria, e ninguém pôde ajudar, “como antes”.

Ele pedira a *Lady Emily* que lhe mandasse quaisquer livros que ela e Mary tivessem apreciado. Um pacote deles chegou a Benares mas, com a correspondência, as palestras e as entrevistas cada vez mais freqüentes, ele passou a ler cada vez menos, e o seu desejo tantas

vezes expresso de dedicar vários meses a um estudo tranqüilo nunca se concretizou.

A essa altura, Mary estava começando a achar, como, aliás, muita gente achava também, que, se todas as pessoas mudassem como ele queria, e se tornassem perfeitas como ele, sem nenhum desejo pessoal, o mundo pararia. *Lady Emily* deve ter transmitido as opiniões de Mary a K, que escreveu de Benares, na mesma carta de 5 de dezembro: "Faça-me o favor de dizer a Mary que não sou "perfeito", mas apenas a flor natural do mundo. O que ela quer dizer ao chamar-me de "perfeito" é que sou uma aberração. A perfeição não é uma aberração. Se o mundo todo pensasse e vivesse como eu, seria adorável e não pararia." Ele lembrou-se do aniversário de *Lady Emily* (que completaria cinquenta e quatro anos no dia 26 de dezembro) e depois de desejar-lhe muitas felicidades, acrescentou: "Que o amor que sentimos um pelo outro aumente sempre."

Escreveu a Raja no dia 27 de dezembro: "Quero fazer uma coisa e vou fazê-la. Pronto. Continuarei nesse caminho, que é o único. Ninguém pode tirar uma partícula do eterno que está em mim. Há um céu lindamente puro e aberto e as pessoas brigam por causa de uma nuvenzinha tangida pelo vento cego."

Dessa vez, enquanto K estava em Benares, a Fundação do Vale do Rishi conseguiu adquirir das autoridades militares uns 300 acres de terra onde fazia muito tempo que K desejava erguer uma nova escola. O lugar era em Rajghat, num lindo sítio às margens do Ganges, ao norte da estação ferroviária de Kashi. O caminho dos peregrinos atravessa o Estado de Rajghat, ligando Kashi a Sarnath, onde o Buda pregou seu primeiro sermão depois da iluminação. K disse a *Lady Emily* que todo o capital da Fundação seria gasto nessa terra, mas que nada se poderia fazer para evitá-lo.¹

Em virtude dos seus compromissos políticos, a Sra. Besant não pôde comparecer à Convenção da S.T. em Benares, que se seguiu à reunião de inverno e, como Leadbeater e Raja também não se achavam presentes nesse ano, coube a K a tarefa de presidir a ela. Por sua livre e espontânea vontade, a Sra. Besant dera instruções para que não se realizassem cerimônias no interior do recinto teosófico durante a

1. Existe agora uma escola mista em Rajghat, um colégio feminino, uma escola agrícola e um hospital que proporciona assistência médica praticamente de graça às aldeias vizinhas. Recentemente ali se fundou uma escola normal. Rama Rao foi o primeiro diretor da escola. Morreu de tuberculose aos quarenta e cinco anos de idade.

Convenção, “pois a vida que Ele derrama com tanta profusão criará, quando chegar a hora, as próprias formas com que Seus admiráveis ideais se vestirão; mas essa hora ainda não chegou”. George Arundale, entretanto, reivindicou o direito, que lhe assistia como Bispo, de officiar serviços da Igreja Católica Liberal. Celebrou missa, a que assistiram centenas de membros da Estrela, bem como teosofistas, fora do recinto, obedecendo assim à letra das instruções deixadas pela Sra. Besant na carta, mas desafiando-lhes o espírito. Não obstante, fazendo ainda quanto estava ao seu alcance para reconciliar K com a S.T., a Sra. Besant defendeu no *Theosophist* o gesto de George e citou o *Bhagavad Gita*, segundo o qual todos os caminhos levam à mesma meta espiritual, e o dito de Sri Krishna: “A humanidade vem a mim por muitas estradas.”

A Sra. Besant conseguiu reconciliar os ensinamentos de K com a Teosofia na própria mente, sublinhando que apenas um fragmento da consciência do Senhor se manifestava através de K. “A consciência física de Krishnamurti não partilha da onisciência do Senhor Maitreya — este é o principal ponto que deve ser lembrado”, escreveu ela no *Theosophist*. Era essa a causa de “tanta confusão”. “Ouvi Krishnamurti dizer muitas e muitas vezes: ‘Jogai fora todas as formas’, mas eu não faço isso... Sei que não se aplica a mim... Mas se uma pessoa faz da forma um fim, quanto mais cedo esta se romper, tanto melhor.” Leadbeater confirmara-lhe a teoria ao escrever à Sra. Besant antes que ela sáísse de Londres: “É claro que o nosso Krishnaji não tem a Onisciência do Senhor. Imagino que nenhum corpo físico do nosso estádio poderia tê-lo, e digo-o com toda a franqueza.”

As declarações contraditórias da Sra. Besant devem ter criado maior confusão entre os teosofistas em vez de esclarecer o que quer que fosse. Virtualmente, ela dizia: “O Mestre Universal está aqui, mas o que Ele tem para dizer não é necessariamente válido para todos nós.” Na realidade, ela tentava reconciliar duas coisas absolutamente irreconciliáveis.

Depois da Convenção, K regressou a Adyar e dali foi para Bombaim, de onde ele e Jadu embarcaram para a Europa no dia 2 de fevereiro de 1929. Após breves visitas a Paris, Eerde e Londres, rumaram para Nova Iorque no fim do mês. Durante a viagem, K escreveu a Mar de Manziarly: “Nunca abandonarei ninguém, mas todos me abandonarão.” Ele costumava escrever-lhe em francês, mas essa sentença foi escrita em inglês.

A citada observação derivou, por certo, da notícia que ele ouvira de Mary em Londres, a saber, que ela estava prestes a ficar noiva,

pois no mesmo dia em que escreveu a Mar (5 de março), escreveu também a *Lady Emily*:

A princípio, tudo isso me transtornou de maneira estranha — você sabe o que quero dizer — e pensei cuidadosamente a respeito enquanto estive com você, mas agora está tudo certo. Nosso equilíbrio interno retorna, o meu, pelo menos, retornou. Minhas idéias e minha maneira de encarar as coisas não devem interferir no crescimento de Mary. Muito poucos percorrerão comigo o caminho todo. Espero que ela saia disso como uma flor plenamente desabrochada.

Mary fizera a escolha de Marpessa e, contudo, foi com um sentimento de traição que desposou o seu mortal; não de traição a K, que não tinha necessidade pessoal dela nem de ninguém, como ela estava farta de saber, mas de traição à vista do topo da montanha que ele lhe descortinara. Como a sua reação contra o que ela descobrira ser um modo de vida impossível fosse muito violenta, casou-se com um rapaz muito mundano. Não admira que o casamento acabasse em divórcio.

Nem todos abandonaram K; um punhado de velhos amigos nunca vacilou em sua lealdade a ele, embora, sem dúvida, muitos lhe faltassem, de um jeito ou de outro. Alguns se afastaram, e o amor que lhe tinham converteu-se em amargor; outros reagiram contra ele mas acabaram voltando anos depois; alguns, posto continuassem a reverenciá-lo, anelavam por uma religião positiva; outros, conquanto forcejassem por manter-se ao lado dele, iam ficando para trás; alguns tentaram sujeitá-lo e, não o conseguindo, passaram a hostilizá-lo. Mas sempre que velhos amigos o desamparavam, novos amigos apareciam.

K voltou a Ojai em meados de março. Escreveu à Sra. Besant no dia 22 para contar-lhe que o Vale Feliz estava lindo. O chalé em que ele dormia fora “arrumado”, tendo sido acrescentado mais um banheiro às duas dependências por uma senhora norte-americana, a Sra. Hastings, que comparecera à reunião no Castelo de Eerde realizada no ano anterior.

Estou muito surpreso [contou ele a *Lady Emily*] por encontrar tanto antagonismo entre os membros neste país, por minha causa... mas suponho que tenha de ser assim. Isso mostra que a alavanca está funcionando. Sinto-me morto de cansaço, embora não esteja fazendo muita coisa. É provável que eu esteja tendo algum “relax”. Não sei quando minha cabeça vai começar. Rajagopal, Jadu e eu temos conversado, conversado sobre tudo, mudando a crença na Estrela, revistas, acampamentos, inflamando-nos e brigando.

A dor de cabeça deve ter começado logo depois disso, pois ele escrevia a Raja no dia 13 de maio que não somente sentira dores nas

seis semanas anteriores, mas também passara mal depois de cada refeição e estava, por conseguinte, muito fraco. O próprio Raja devia achar-se, num estado de grande depressão naquele momento e a carta de K foi muito afetuosa:

Fiquei muito pesaroso com o que você me disse... Pelo amor de Deus, a morte não resolverá coisa alguma. A solidão é inevitável enquanto —! Você sabe o que penso a respeito disso, portanto não o importunarei. Lamento muito, Raja, meu coração está com você... Há tantas coisas a cujo respeito eu gostaria de conversar com você... As coisas vão ficar muito difíceis, mas *tant mieux*.

A imprensa dizia agora que se verificara uma cisão entre a Sra. Besant e K. “Os jornais daqui são realmente absurdos”, escreveu ele à Sra. Besant no mesmo dia em que escreveu a Raja. “Eles querem que nós brigemos mas, como não brigamos, dizem que brigamos. De modo que isso, para eles, está decidido... A senhora está sempre em meus pensamentos e em meu coração.”

Conquanto o Acampamento de Ojai só devesse abrir-se em fins de maio, ele tencionava falar todos os fins de semana, a partir de meados de abril; nisso, porém, um novo médico de Hollywood, o Dr. Morris, que ele fora consultar em virtude do seu extraordinário cansaço, abalou-o de modo considerável ao dizer que os seus amiudados acessos de bronquite lhe haviam deixado o pulmão num estado de grande fraqueza e que, se continuasse a fazer o que estava fazendo, estaria tuberculoso dali a dois anos. O Dr. Strong confirmou o diagnóstico, de sorte que ele cancelou todas as palestras programadas para o verão, incluindo as três conferências que devia pronunciar no Queen's Hall em Londres, no mês de julho, e decidiu ocupar-se apenas dos Acampamentos de Ojai e Ommen e da reunião de Eerde. “Não fique preocupada e não conte a ninguém”, escreveu a *Lady Emily* no dia 26 de maio. “Preciso tomar cuidado. Seria um desastre se alguma coisa me acontecesse.” Por recomendação do Dr. Morris foi para Pine Crest, nas montanhas de San Bernardino, a fim de ali passar dez dias em companhia de Rosalind e de John Ingleman e esposa. Embora engordasse quase um quilo enquanto esteve fora, ainda assim pesava menos de cinqüenta quilos por ocasião do seu regresso.

A essa altura, parecia haver abandonado de todo em todo a idéia de tornar-se um saniasi. Não aludiu a isso em nenhuma das cartas que escreveu a *Lady Emily* desde aquela do dia 8 de dezembro de 1927. Acabara compreendendo que o seu trabalho teria de ser feito no mundo — que precisava sair pelo mundo e dirigir a palavra aos muitos, em lugar de ficar esperando em casa os poucos que fossem procurá-lo.

Começando no dia 27 de maio, o Acampamento de Ojai teve nesse ano uma assistência duas vezes maior e recebeu esplêndida cobertura jornalística. Numa das reuniões, K fez um pronunciamento extraordinário: "Digo agora, e digo-o sem nenhuma vaidade, com a necessária compreensão, com a plenitude do espírito e do coração, que sou a chama plena que é a glória da vida, para a qual devem vir todos os seres humanos, não só os indivíduos mas também o mundo inteiro." Corriam rumores por todo o Acampamento de que era intenção dele dissolver logo a Ordem da Estrela.

Saindo de Nova Iorque no *Leviathan* a 12 de junho, em companhia de Jadu e dos Rajagopals, K pôs o pé em Londres no dia 18 do mesmo mês. Ali encontrou a Sra. Besant, chegada da Índia no dia 4 de maio, mas tão ocupada com a Liga de Autonomia Política para a Índia, que fundara na Inglaterra, e com suas conferências, que mal tiveram tempo de encontrar-se. Ela, porém, prometeu comparecer ao Acampamento de Ommen no mês de agosto. No dia 24 de junho, K foi com Jadu a Paris e dali se dirigiu a Montroc, nos Alpes Franceses, para um período de completo repouso antes da reunião do Castelo de Eerde.

“A VERDADE É UMA TERRA SEM CAMINHOS”

O Acampamento de Ommen em 1929 iniciou seus trabalhos no dia 2 de agosto numa atmosfera de tensão e expectativa, quando a maioria das pessoas ali presentes compreendia o que ia acontecer. Na manhã seguinte, em presença da Sra. Besant, de mais de três mil membros da Estrela, e com muitos milhares de holandeses ouvindo pelo rádio, K fez o discurso em que dissolveu a Ordem da Estrela:

Vamos discutir hoje cedo a dissolução da Ordem da Estrela. Muitos ficarão encantados e outros ficarão tristes. Não se trata, porém, de uma questão de regozijo nem de tristeza, porque é inevitável, como passarei a explicar...

Sustento que a Verdade é uma terra sem caminhos, e vós não podeis aproximar-vos dela por nenhum caminho, por nenhuma religião, por nenhuma seita. Esse é o meu ponto de vista e eu o digo de modo absoluto e incondicional. Não tendo limites, não sendo condicionada e não sendo acessível por nenhuma espécie de caminho, a Verdade não pode ser organizada; nem se deve formar nenhuma organização para levar ou forçar as pessoas a enveredar por determinado caminho. Se compreenderdes isso em primeiro lugar, vereis que é impossível organizar a crença. A crença é uma questão puramente individual, e não podeis nem deveis organizá-la. Se o fizerdes, ela morrerá, cristalizar-se-á; tornar-se-á um credo, uma seita, uma religião, para ser imposta a outros.

Isso é o que toda a gente, no mundo inteiro, está tentando fazer. Acanha-se a Verdade e transforma-se em brinquedo para os fracos, para os momentaneamente insatisfeitos. A Verdade não pode ser trazida cá para baixo, o indivíduo é que deve fazer um esforço para subir até ela. Não podereis trazer o topo da montanha ao vale...

Portanto, esta é a primeira razão, do meu ponto de vista, pela qual a Ordem da Estrela deve ser dissolvida. Apesar disso, formareis provavelmente outras Ordens, continuareis a pertencer a outras organizações à procura da Verdade. Não quero pertencer a nenhuma organização espiritual; compreendi-me isso, por favor...

Se se criar uma organização com esse propósito, ela se tornará uma muleta, uma fraqueza, uma servidão, estropeará o indivíduo e o impedirá de crescer, de firmar sua unicidade, que reside no descobrimento, para si mesmo, da Verdade absoluta, não-condicionada. Portanto, essa é outra razão que me leva, como Chefe da Ordem, a querer dissolvê-la.

Não se trata de um feito magnífico, porque não quero seguidores, e estou falando sério. A partir do momento em que seguidres alguém deixareis de seguir a Verdade. Não me preocupa saber se prestais ou não atenção ao que digo. Quero fazer certa coisa no mundo e vou fazê-la com pertinaz concentração. Só me preocupa uma coisa essencial: libertar o homem. Desejo libertá-lo de todas as gaiolas, de todos os temores, e não fundar religiões, novas seitas, nem estabelecer novas teorias e novas filosofias. Diante disso, perguntar-me-eis, naturalmente, por que percorro o mundo todo, falando sem parar. Eu vos direi por que o faço; não o faço por desejar um séquito, não o faço por almejar um grupo especial de discípulos especiais. (Os homens gostam de ser diferentes dos seus semelhantes, por mais ridículas, absurdas e triviais que possam ser as distinções! Não quero estimular essa absurdez.) Não tenho discípulos, nem apóstolos, nem na terra nem no reino da espiritualidade.

Tampouco me atrai o fascínio do dinheiro ou o desejo de levar uma vida confortável. Se eu quisesse levar uma vida confortável, não viria a um Acampamento nem viveria num país úmido! Estou falando com franqueza porque pretendo deixar isto resolvido de uma vez por todas. Não quero saber dessas discussões infantis ano após ano.

Um repórter de jornal, que me entrevistou, considerou um ato magnífico dissolver uma organização que possuía milhares e milhares de membros. No seu entender foi um grande ato porque ele disse: "Que fará o senhor depois disso? Como viverá? Não terá quem o siga, ninguém mais lhe dará atenção." Bastará que haja cinco pessoas desejosas de prestar atenção, desejosas de viver, com o rosto voltado para a eternidade! Que adianta ter milhares que não compreendem, que estão totalmente embalsamados em preconceitos, que só querem o novo para traduzi-lo e, assim, adequá-lo aos seus próprios egos estéreis e estagnados?...

Porque sou livre, não-condicionado, total, não a parte, não o relativo, mas a Verdade total, que é eterna, desejo que os que procuram compreender-me sejam livres, não me sigam, não façam de mim a gaiola que se converterá em religião, em seita. Desejo que sejam livres de todos os medos — do medo da religião, do medo da salvação, do medo da espiritualidade, do medo do amor, do medo da morte, do medo da própria vida. Assim como o artista pinta um quadro por encontrar deleite na pintura, por ser ela a expressão de si mesmo, sua glória, seu bem-estar, assim não faço isto por desejar alguma coisa de alguém. Estais acostumados à autoridade, ou à atmosfera da autoridade que, cuidais, vos levará à espiritualidade. Pensais e esperais que outra pessoa, por seus poderes extraordinários — um milagre — possa transportar-vos ao reino da liberdade eterna que é a Felicidade. Toda a vossa maneira de encarar a vida se baseia nessa autoridade.

Faz hoje três anos que me ouvis, sem que nenhuma alteração se tenha verificado, a não ser em poucos. Analisai agora o que estou dizendo, sede críticos, para poderdes compreender cabalmente, fundamentalmente...

Há dezoito anos que vos preparais para este acontecimento, para o Advento do Mestre Universal. Durante dezoito anos organizastes alguém capaz de proporcionar um novo deleite aos vossos corações e às vossas mentes, de transformar a vossa vida, de dar-vos uma nova compreensão; alguém que vos elevasse a um novo plano de vida, que vos desse um novo incentivo, que vos libertasse — e vede agora o que está acontecendo! Considerai, raciocinai e descobri como foi que essa crença vos tornou diferentes — não com a diferença superficial do uso de uma insígnia, que é trivial, absurda. Como foi que essa crença varreu para longe todas as coisas não-essenciais da vida? Esta é a única maneira de julgar: como foi que vos tornastes mais livres, maiores, mais perigosos para toda sociedade que se baseia no falso e no não-essencial? Como foi que se tornaram diferentes os membros desta organização da Estrela?...

Todos dependeis, para a vossa espiritualidade, de outra pessoa; para a vossa felicidade, de outra pessoa; para a vossa iluminação, de outra pessoa... Quando digo buscai dentro de vós a iluminação, a glória, a purificação e a incorruptibilidade do ego, nenhum de vós se dispõe a fazê-lo. Talvez haja uns poucos, mas são muito, muito poucos. Assim sendo, por que ter uma organização?...

Nenhum homem de fora pode libertar-vos; nem o culto organizado, nem a vossa imolação por uma causa poderão libertar-vos; como também não poderá libertar-vos o ingresso numa organização, o envolvimento no trabalho. Usais uma máquina de escrever para redigir cartas, porém não a colocais num altar e não a adorais. Mas é isso o que fazeis quando as organizações passam a ser vossa principal preocupação. “Quantos membros há nela?” É a primeira pergunta que me formulam todos os repórteres de jornais. “Quantos seguidores tem o senhor? Pelo número deles julgaremos se o que diz é verdadeiro ou falso.” Não sei quantos há. Não me preocupo com isso. Se houvesse apenas um homem que se tivesse libertado, este já seria o suficiente...

Além disso, tendes a idéia de que somente certas pessoas têm a chave do Reino da Felicidade. Ninguém a tem. Ninguém tem autoridade para trazê-la consigo. Essa chave é o vosso eu, e só no desenvolvimento, na purificação e na incorruptibilidade desse eu se encontra o Reino da Eternidade...

Estais acostumados a que vos digam até onde chegou o vosso progresso, qual é o vosso *status* espiritual. Quanta infantilidade! Quem, se não vós mesmos, poderá dizer se sois ou não incorruptíveis?...

Mas os que realmente desejam compreender, que estão buscando o eterno, o sem começo e sem fim, caminharão juntos com maior intensidade, serão um perigo para tudo o que não é essencial, as irrealidades e as sombras. E eles se concentrarão, tornar-se-ão a chama, porque compreendem. Tal é o corpo que precisamos criar e tal é o meu propósito. Por causa dessa amizade verdadeira — que pareceis não conhecer — haverá uma cooperação verdadeira da parte de cada um. Não em virtude da autoridade, não em virtude da salvação, mas porque compreendeis realmente e, portanto, sois capazes de viver no eterno. Isto, sim, é maior do que todo o prazer, do que todo o sacrifício.

Eis aí, portanto, algumas das razões pôr que, depois de dois anos de cuidadosa consideração, tomei essa decisão. Ela não partiu de um impulso momentâneo. Ninguém me persuadiu a tomá-la — ninguém me

persuade a fazer essas coisas. Por dois anos venho pensando nisso, lenta, cuidadosa, pacientemente, e agora decidi dissolver a Ordem, visto que sou o Chefe. Podereis formar outras organizações e esperar outra pessoa. Isso não me interessa, como também não me interessa a criação de novas gaiolas e novas decorações para as gaiolas. Minha preocupação é formar homens absoluta e incondicionalmente livres.

A FLOR PLENAMENTE DESABROCHADA

Após a dissolução da Ordem, os Acampamentos de Ommen e Ojai foram franqueados ao público. Desejoso de livrar-se de todas as responsabilidades, K pediu demissão das várias Fundações de que era membro. O Castelo de Eerde e seu terreno, com exceção dos 400 acres em que se achava instalado o Acampamento, foram devolvidos a Philip van Pallandt, que agora tinha um herdeiro. Philip relutou em aceitá-los de volta, mas K apertou com ele para que o fizesse; Philip, porém, restituiu todo o dinheiro gasto em conversões e benfeitorias.¹

Exteriormente não se registrou grande mudança na vida de K depois da dissolução, posto que interiormente ele mudasse sempre, como nunca deixou de o fazer. Quanto a dinheiro, ainda tinha a renda vitalícia que lhe doara a Srta. Dodge — nunca dispôs pessoalmente de nenhum outro — e, quando estava em Ojai, continuou vivendo em Arya Vihara com Rosalind e Rajagopal.

Em 1930, demitiu-se da Sociedade Teosófica. Isso se tornou inevitável depois que, dois meses após a dissolução da Ordem, a Sra. Besant reabriu a Seção Esotérica em todo o mundo. Não obstante, K voltara com ela para a Índia em outubro de 1929. Em Benares, a caminho de Adyar, ele recebera uma carta de *Lady Emily* em que esta lhe dizia que vira Wedgwood em Londres, o qual sustentava não só que “o Advento gorara”, mas também que a Sra. Besant estava mentalmente desequilibrada, de modo que quando ela dizia que a

1. O Castelo de Eerde é agora uma escola quacre internacional. Transformado em campo de concentração germânico durante a guerra, o Acampamento de Ommen, depois disso, nunca mais foi utilizado por K. Hoje pertence a organização comercial holandesa.

consciência de K e o Senhor Maitreya eram uma coisa só, não se podia confiar nas suas palavras.

Fiquei realmente boquiaberto com a sua história [escreveu K a *Lady Emily* de Benares no dia 12 de dezembro]. Imagino que eles se reunirão em Adyar e dirão que minha personalidade está atrapalhando, falarão em limitações, etc. Estou interessado em ver o que fará C.W.L. Eles saíram à caça da minha cabeça e vai ser divertido. Em 1925 era C.W.L. quem estava gagá e agora Amma... Serei positivo e pouco me importa o que aconteça; podem pedir-me para sair.

Em Adyar, K descobriu que Leadbeater, que viera de Sydney para a Convenção, também se voltara contra ele. Não se repetiram as longas conversações; na verdade os dois mal se falaram.

A Convenção da S.T. está em andamento [contou ele a *Lady Emily* no dia 26 de dezembro], e tenho de ver uma porção de gente. Estão acontecendo coisas extraordinárias e será impossível escrever sobre elas, pois não terei tempo. Só posso dizer que vou sair de tudo isso. Eles não têm jeito mesmo. C.W.L. diz à Sra. Raja que o Advento gorou e lá vai ele para a reunião, onde o "nosso Krishnaji" está na berlinda. Assim prossegue o jogo. Amma me diz, e diz nas reuniões, que sou o Mestre Universal, mas que ela continuará com as cerimônias, etc., etc.!! Falei com muito vigor no último domingo e deixei-a meio abalada com o que eu disse. Mas ela trata as pessoas como crianças e elas continuam sendo crianças.

Com a permissão de *Lady Emily*, K mostrara à Sra. Besant o relato do encontro de *Lady Emily* com Wedgwood. "O seu único comentário foi: 'Eu quisera que as pessoas fossem mais bondosas, mas a crença forte as torna duras'", contou ele na mesma carta de 26 de dezembro. "Eu não disse nada. Não adianta. Estou chegando à conclusão de que preciso sair de toda essa baboseira."

No ano novo de 1930 K se admirava de que *Lady Emily* ficasse preocupada com as divergências de opinião entre ele e os líderes da S.T. "Pessoalmente estou fora da sociedade", escreveu, "das suas brigas e da sua política. Há coisa muito mais importante. Quero preocupar-me inteiramente com o que falo e deixar em paz a S.T. Eu disse adeus a ela. Não estou escrevendo tudo isto para incitá-la a fazer o mesmo". *Lady Emily* só se demitiu da S.T. em 1936.

Embora tratasse K de modo tão reverente que fazia questão de sentar-se no chão com o resto do público quando ele falava, em lugar de sentar-se no estrado ao seu lado, a Sra. Besant não dispensava o próprio guru, o Mestre Morya, nem compreendia que a questão de saber se os Mestres existiam ou não carecia totalmente de importância para K. Quanto a Leadbeater, não era difícil explicar-lhe a mudança

desde 1927; nessa época, ainda teria sido possível ajustar K ao modelo que lhe tinham destinado; agora já não havia lugar para Leadbeater nos ensinamentos de K. Se os Mestres não fossem reconhecidos, Leadbeater, como seu principal lugar-tenente, perderia todo o poder e todo o prestígio.

Ao deixar a Índia em fevereiro de 1930, K escreveu à Sra. Besant, a quem ainda chamava “Minha Mãe muito amada”:

Eu sei, e não me importo, que C.W.L. está contra mim e contra o que eu digo, mas, por favor, não se preocupe com isso. É tudo inevitável e, de certo modo, necessário. Não posso mudar e suponho que eles não queiram mudar, daí o conflito. Não importa o que um milhão de pessoas diz ou deixa de dizer, estou seguro do que sou e seguirei o meu caminho. Assim sendo, por favor, Amma querida, não se preocupe nem se aborreça. Só espero que a senhora se esteja cuidando deveras.

Depois de todos os anos de proclamação do Advento, de reiterado destaque dado ao perigo de rejeitar o Mestre Universal quando este chegasse, porque ele viria para dizer algo inteiramente novo e inesperado, algo contrário às idéias preconcebidas e às esperanças da maioria das pessoas, era triste ver que os líderes da Teosofia, um depois do outro, caíram na armadilha contra a qual haviam acautelado tão infatigavelmente os seus seguidores. Todos anunciariam razões perfeitamente válidas para permanecer entrincheirados em suas velhas fortalezas. Os “Grandes Entes” com os quais Wedgwood “tinha o privilégio de manter contato”, viam o bem em todas as coisas. Arundale declararia que assim como K realizava a sua parte do trabalho, assim os outros realizavam a sua; ele, Arundale, conhecia muitos Mestres pessoalmente e já entrara à presença do Senhor Maitreya. Sabia, portanto, que ele, Arundale, estava dando ao mundo a Teosofia que os “Irmãos mais Velhos” quereriam que ele desse; consentiria em que se desse a K um nicho no Panteão Teosófico, mas nada mais do que isso. Leadbeater diria que os ensinamentos de Krishna se destinavam ao homem comum e não a alguém “que tem nossas vantagens especiais”, e que, apesar do que dizia K, a Igreja Católica Liberal era uma parte importante da obra do Mestre porque fora criada pelo próprio Senhor Maitreya. Em resposta à pergunta “Krishnaji é o único canal do Mestre Universal?” Leadbeater diria: “O Mestre Universal está cuidando de todas as religiões do mundo, a que alude como ‘Minhas muitas fés’... Quando Ele veio da última vez, porventura se interrompeu o trabalho das velhas religiões? Não.” Raja escreveria que era um mistério que todo grande mestre religioso, incluindo o Buda, sempre sustentasse que o *seu* era o único caminho; o valor

especial da Teosofia consistia em mostrar que as revelações separadas e contraditórias na realidade não estavam separadas; os ensinamentos de K eram apenas mais uma cor do espectro mas, por mais encantadoras que fossem as cores separadas, “alguns de nós procuramos também a Luz Branca. Isso quer dizer que somos teosofistas”. A Sra. Besant afirmaria que, embora K tivesse dito, ao falar contra os cerimoniais, que o homem que deseja livrar-se de todas as limitações deve pôr de lado todas as muletas, cumpria a ela criar muletas para os fracos.

Com efeito, todos se diziam exceções, ao passo que K declarara, ao responder a uma pergunta sobre se os seus ensinamentos se destinavam aos homens e mulheres comuns: “Sois vós os poucos especialmente escolhidos? Nesse caso, sinto muito, mas não falarei para os escolhidos... O que digo é para todos, incluindo os infelizes teosofistas.”

Para a Sra. Besant, o conflito deve ter sido muito grande, mas o crepúsculo da velhice não tardaria a envolvê-la, ao passo que para *Lady Emily* e centenas de pessoas como ela o futuro reservava anos e anos de desolação. Elas haviam sido preparadas para deixar seus lares, abandonar os maridos, descurar dos filhos e trabalhar até mais não poder pelo Senhor, antes e depois do seu Advento, e agora parecia que ele não tinha precisão delas. As conferências que pronunciara, os artigos que escrevera e as viagens que fizera como Representante Nacional da Ordem haviam dado a *Lady Emily* o sentido de uma vida valiosa vivida sob uma pressão altíssima; agora, de repente, sentia-se redundante e perdida — arremessada de volta a recursos interiores que simplesmente não existiam. Ela era, por natureza, uma devota, uma seguidora, despida de iniciativa.

K voltou a Ojai em março de 1930, e a Ommen em julho para o primeiro Acampamento público, que atraiu muita gente nova. Ficava agora numa casa, Henan, perto do Acampamento, ou na sua choça no próprio Acampamento. Em lugar de regressar à Índia para ali passar o inverno, cumpriu compromissos que assumira de falar em Atenas, Constantinopla e Bucareste. Depois de afastar-se da Teosofia, foi convidado para falar em muitas partes novas do mundo, incluindo a América do Sul, e seus públicos assumiriam um caráter cada vez mais diferente, formados de pessoas interessadas no que ele tinha para dizer e não no que lhes haviam dito que ele *era*.

Ojai de novo na primavera de 1931 e, a seguir, de volta a Ommen para mais outro Acampamento. Em agosto recebeu ele a triste notícia

de que Jadu, que permanecera nos Estados Unidos naquele ano, falecera de uma apoplexia no Arizona, aos trinta e cinco anos. "É horrível a notícia a respeito de Jadu", escreveu K a *Lady Emily*. "... É realmente trágico demais... Estamos rareando, sim, senhora. Nitya e Jadu. É estranho." De fato, os velhos amigos estavam rareando — morrendo ou se afastando. Mas novos amigos logo preenchiam os claros das fileiras — novos seguidores, novos ajudadores — não do velho tipo que aceitara a sua autoridade e a autoridade dos líderes teosóficos, mas gente, com uma proporção cada vez maior de jovens, que ansiava por um modo inteiramente novo de vida.

K também não foi à Índia em 1931, visto que adoecera. Ao invés disso, voltou a Ojai em outubro, decidido a ter um repouso completo. Os Rajagopal já tinham uma filhinha, Radha, a que ele se afeiçoou muito. Em dezembro Rajagopal teve de ir a Hollywood para extrair as amígdalas. Rosalind e a criancinha foram com ele. Enquanto ficaram fora, K permaneceu inteiramente só. Escreveu a Raja no dia 11 de dezembro: "Estou-me fartando de pensar e 'meditar'. Em outras palavras, samádi... Um repórter perguntou-me se eu era o Cristo e respondi que era, sim, no sentido verdadeiro, mas não no sentido tradicional, aceito, da palavra." No mesmo dia, do seu chalé, escrevia a *Lady Emily*:

O fato de ter ficado sozinho assim deu-me algo tremendo, e era disso mesmo que eu estava precisando. Em minha vida, até este momento, tudo tem chegado na hora certa. Minha mente está serena, porém concentrada, e eu a observo como o gato observa o camundongo. Estou realmente gozando a solidão e não consigo traduzir em palavras o que sinto. Mas também não me iludo. Desço a Arya Vihara para fazer minhas refeições [presume-se que ele tivesse uma cozinheira] e quando vierem Rajagopal e a família, minha comida me será trazida numa bandeja. Durante os próximos três meses, ou durante o tempo que eu quiser, farei isso. Não posso ser liquidado, mas quero liquidar todas as superficialidades que tenho.

Nesse estado de samádi (veja a p. 161) K parecia atingir a culminação de todos os anos de sofrimento físico no atingimento de um êxtase que nunca o deixou. Tudo faz crer que foi mais ou menos nessa ocasião, quando alcançara uma nova fase de consciência, que ele perdeu quase que de todo a memória do passado. Isso se coadunava com os seus ensinamentos, segundo os quais a memória era um peso morto que não devia ser carregado de um dia para o outro, a não ser com finalidades práticas; a morte a cada dia era um constante renascer.

Lady Emily, contudo, e outras pessoas como ela achavam que os seus ensinamentos tinham ficado tão abstratos que já não podiam servir de auxílio real aos que eram obrigados a viver num mundo competitivo com responsabilidades de família — e achavam por isso que ele estava, na realidade, fugindo da vida como esta realmente era. Muitas pessoas que não conseguiram compreendê-lo sentiram, e continuam sentindo, o mesmo. Ele tentou convencer *Lady Emily* em algumas cartas que são hoje tão válidas quanto o eram então:

Lamento muito que você se sinta dessa maneira a respeito do que eu digo. O êxtase que sinto é o resultado deste mundo. Eu queria compreender, queria vencer o sofrimento, a dor do apego e do desapego, da morte, da continuidade da vida, de tudo aquilo por que o homem passa, todos os dias. Eu o queria compreender e vencer. Compreendi e venci. Portanto, meu êxtase é real e infinito, não é uma fuga. Conheço a saída desta aflição incessante e quero ajudar as pessoas a safar-se desse pântano de dor. Não, isto não é uma fuga. [30 de dezembro de 1931.]

Não é uma fuga, quando vendo que certas coisas nos são desnecessárias, não mergulhamos nelas. Conheci que a vida de família, com todos os seus encantos e complicações, não me era necessária, por isso a evitei... Escolhi de propósito o que para mim não é fuga, nem evitação, nem superstição, nem medo. Vi, através dessa complicação cega, que eu não teria o que desejava ter. Ora, sabendo que não encontraria nela o objeto dos meus desejos, por que haveria eu de mergulhar nessa corrida cega, ciúmes, etc.? [4 de fevereiro de 1932.]

Estou tentando esclarecer, tentando construir uma ponte para os outros atravessarem, e que os leve, não para longe da vida, mas para uma abundância maior de vida. Sinto que compreendi, sobretudo no mês passado, alguma coisa que dá maior plenitude à vida. Tudo isso está muito mal expresso e expressando-o constantemente e repisando o assunto, esperamos torná-lo cada vez mais claro. Acho que isto — o que digo — é a única ajuda, o modo de sair desse caos e dessa aflição. Não para longe da vida, mas nela mesma. Dos poucos se cria a massa, mas os poucos precisam fazer o esforço supremo. Estou tentando induzir quantos puder a viver corretamente e juro que já existem alguns! É tudo muito estranho. Não posso perder o entusiasmo, que é intenso, e quero gritar e incitar as pessoas a mudar e a viver felizes... Quanto mais penso no que "compreendi", tanto mais claramente posso expô-lo e ajudar a construir a ponte, mas isso demanda tempo e uma contínua mudança de frases, para transmitir o verdadeiro sentido. Você não faz idéia da dificuldade que há em exprimir o inexprimível e quando o que se exprime não é verdade. E assim andam as coisas! [26 de março de 1932.]

O desejo de exprimir o inexprimível em palavras e frases diferentes explica, sem dúvida, as repetições tão criticadas nas palestras de K. Se uma frase não atinge o alvo, outra poderá atingi-lo, se uma palavra não transmite o sentido que ele quer transmitir, talvez um sinônimo o faça. "Eu quisera poder falar-lhe a respeito do que estou

sentindo. Não é um vazio, um vácuo, mas que é a luz? Porque existe o vácuo, o vazio, existe luz, intensa energia e vitalidade. Assim, quando estamos vazios de todas as idéias e sentimentos pessoais, há o êxtase da vida.” (6 de abril de 1932.)

Lady Emily estava agora cheia de remorsos, achando que ela o desapontara. Sua resposta foi imediata:

Querida Mamãe, não estou “desapontado” com você — você não devia dizer nem escrever-me uma coisa dessas! Sei o que está passando, mas não se preocupe com isso... Basta-lhe transferir a sua ênfase. Veja bem, não devemos ter crenças nem mesmo idéias, pois elas pertencem a todas as espécies de reações e respostas... Se você estiver alerta, livre de idéias, crenças, etc. no presente, perceberá infinitamente e essa percepção é alegria, Verdade, o que você quiser... Tudo isso por que você está passando gera o conhecimento. Agora você pode dizer sinceramente que as crenças são fúteis, que viver no futuro não se coaduna com a compreensão e que não podemos ser um gramofone... A sabedoria está nascendo em você... A sabedoria não tem direção. Ela é, e todas as coisas falsas que dela se aproximam são queimadas. Que mais quer você? [31 de maio de 1932.]

Lady Emily ficou mais confusa do que nunca quando ouviu dizer que não devia ter crenças nem mesmo idéias.

Depois do Acampamento de Ojai em maio de 1932, K realizou uma *tournee* pelos Estados Unidos. Não houve Acampamento de Ommen nesse ano porque ele pretendia ir à Austrália até descobrir que Jadu, em sua ausência, assumira em seu nome o compromisso de realizar a *tournee* norte-americana. No ar, entre Buffalo e Cleveland, escreveu a *Lady Emily* no dia 21 de setembro:

Estou cheio de algo tremendo. Não posso dizer-lhe com palavras o que é isso, uma alegria borbulhante, um silêncio vivo, uma percepção intensa qual chama viva. Escrevo palavras — num avião — mas para além das palavras há algo muito real e profundo... Estou fazendo tentativas de cura em dois ou três casos, e pedi-lhes que não dissessem nada a esse respeito, o que foi muito bom. Creio que uma senhora que estava perdendo a vista ficará boa.

K sempre se mostrara reticente a respeito do seu poder de curar e nunca o reputara mais que uma atividade subsidiária da sua obra principal. Ele não quer tornar-se conhecido como curador, nem quer que as pessoas venham procurá-lo apenas para obter a cura física. Em alguns casos, não sabe sequer os nomes dos que afirmam ter sido curados por ele. Já os poderes de clarividência que possuiu em determinada ocasião são diferentes. Ele ficou tão desgostoso com as revelações psíquicas de Arundale e Wedgwood em 1925 que, longe de usar

esses poderes ou desenvolvê-los, determinou-se, a partir dessa ocasião, a empurrá-los para um segundo plano se não conseguisse suprimi-los de todo. Sua antipatia pela clarividência é agora ainda mais positiva; considera-a uma invasão da intimidade. Quando as pessoas se aproximam dele à procura de ajuda, ele só quer saber a respeito delas o que elas estão dispostas a revelar-lhe. Como ele diz, a maioria das pessoas o procura usando máscara; ele espera que tirem a máscara mas, se não o fizerem, não tentará enxergar por trás dela como não tentaria ler-lhes a correspondência particular.

Em novembro de 1932, K foi com Rajagopal para a Índia, passando pela Inglaterra. Não via a Sra. Besant desde 1930, embora tivesse continuado a escrever-lhe com muita regularidade notinhas carinhosas, mas que nada diziam de importante. Foi recebido em Bombaim no dia 5 de dezembro por velhos amigos, incluindo a Sra. de Manziarly. Negou firmemente aos repórteres um boato que circulava por algum tempo, segundo o qual ele e a Sra. Besant haviam brigado, e declarou que ia a Adyar somente para vê-la. Quando os repórteres lhe perguntaram o que pensava da entrada dos intocáveis nos templos, scandalizou-os com a sua resposta inesperada: não devia haver templos. A Sra. Besant estivera doente várias vezes desde um tombo que levara em Adyar, em julho de 1931. A memória começara a faltar-lhe; teria apenas nove meses para viver, mas reunira todas as energias que lhe restavam para a Convenção anual da S.T. de 1932, a que tanto Leadbeater quanto K estariam presentes.

Já não saía do quarto. Assim que K chegou a Adyar, tendo sido recebido na estação de Madrastra por Leadbeater, Raja, os Arundale e Shiva Rao, ele e Rajagopal subiram para vê-la.

Foi realmente trágico [escreveu ele a *Lady Emily* no dia 8 de dezembro]. Sua voz mudara e era agora a voz de uma velha, muito velha e muito magra. Reconheceu-me. E disse-me: “Folgo muito em vê-lo (repetiu a frase duas ou três vezes), você parece muito bem disposto. Eu o criei, não foi?” Também reconheceu Rajagopal e, poucos minutos depois, perguntou-lhe: “Você não está contente por ver Krishna?” É realmente trágico e foi para mim um choque muito grande vê-la nesse estado.

E uma semana depois: “Tive uma longa conversa com Raja — todos decoraram a mesma frase — nós sabemos, você segue o seu caminho, nós seguimos o nosso, mas nós nos encontraremos. Você diz que não existem caminhos, mas nós sabemos que existem. Repetimos isso *ad nauseam* e aí está. Não tem jeito mesmo. Acredito que eles não queriam que eu viesse para cá. Há um antagonismo inconfundível, a que chamamos tolerância, criação do intelecto, coisa maldita

por si mesmo. É divertido observar e não estou perturbado, nem mesmo emocionalmente, visto que me encontro fora de tudo isso — as ilusões deles, as lutas entre eles pelo poder e o seu chamado ocultismo. Adyar é linda, mas o povo está *morto*. Caminho todas as tardinhas ao longo da praia, durante uma hora. Adyar já não é a mesma. A beleza das noites enluaradas, as sombras projetadas pelas palmeiras e o silêncio dos crepúsculos perduram, mas qualquer coisa fugiu de Adyar.” Fora ele quem havia fugido de Adyar.

K viu a Sra. Besant pela última vez no princípio do mês de maio de 1933. Acometido de bexigas doidas em abril, que lhe haviam transmitido as crianças de escola em Benares, não pudera fazer a barba por causa das ulcerações do rosto. E ainda estava barbudo quando foi a Adyar para despedir-se dela antes de embarcar rumo à Europa.

“Ela me reconheceu”, escreveu ele; “disse que eu estava muito bonito de barba, que preciso tomar suco de uvas para ficar forte, que preciso escrever-lhe para contar como estou passando, se isso não for muito incômodo para mim, que preciso ser pintado por um grande artista, e perguntou se eu tinha dinheiro suficiente. Ela se mostrou mais coerente e carinhosa. Querida Amma, é trágico vê-la desse jeito. É tudo tão triste para todos!”

Triste, sim, para os que se atardaram no ramerrão das suas tradições, mas para K, que se desfizera do fardo do passado, cada dia seria uma nova descoberta de alegria pois continuava, com a apaixonada energia da liberdade, a palmilhar o seu caminho como um mestre universal.

PÓS-ESCRITO

A Sra. Besant morreu serenamente no dia 20 de setembro de 1933. Leadbeater não lhe sobreviveu seis meses. Chamado a Adyar quando se soube que ela agonizava, esteve ao pé do seu leito de morte. Na viagem de regresso a Sydney, morreu em Perth, no dia 1.º de março. Krishnamurti encontrava-se por acaso em Sydney nessa ocasião, fazendo uma *tournee* de conferências e pôde, assim, assistir-lhe à cremação, naquela cidade.

George Arundale sucedeu à Sra. Besant como presidente da Sociedade Teosófica. Faleceu em 1945, depois de longa enfermidade, quando Jinarajadasa se tornou presidente, cargo que ocupou até um ano antes de sua morte, em 1953. Quanto a Wedgwood, enlouqueceu em 1931 e passou a viver, dali por diante, na propriedade teosófica de Teckels Park, em Camberley, Surrey. Tinha momentos de absoluta lucidez, mas não lhe permitiam sair de casa, visto que sua loucura se traduzia em impulsos para despir-se em público. Expirou em 1951.

Depois da morte prematura de *Lady De La Warr* em 1930, a Srta. Dodge mudou-se para Hove; ela e Krishnamurti continuaram muito amigos até a morte dela, cinco anos mais tarde. A Sra. de Manziarly foi-se afastando aos poucos de Krishnamurti quando, alguns anos antes do seu falecimento em 1956, passou a interessar-se pelo movimento da Igreja Ecumênica.

Lady Emily viveu até 1964, seu nonagésimo ano de vida. Chegara à conclusão, nos anos trinta, de que já não poderia compreender os ensinamentos de Krishnamurti; apesar disso, nunca deixou de amá-lo e reverenciá-lo e descreveu-o em sua autobiografia como “o ser mais puro e mais belo” que já encontrara — “a flor perfeita da humanidade”. Ele continuou a escrever-lhe e a vê-la todas as vezes que ia a Londres. Até depois que ela perdeu a memória, e a conversação com ela se tornou impossível, ele costumava permanecer sentado ao seu

lado durante uma hora, ou mais, segurando-lhe a mão e cantando para ela, o que nunca deixava de encantá-la.

A morte da Sra. Besant cortou o derradeiro elo de Krishnamurti com a Teosofia. A partir desse momento ele seguiu o seu caminho, livre de toda e qualquer forma de organização espiritual. Existem agora três Fundações Krishnamurti, uma na Inglaterra, outra na Índia e uma terceira nos Estados Unidos, mas de natureza puramente administrativa; fazem arranjos para as suas conferências e para a publicação dos seus livros, e ajudam a dirigir as escolas criadas sob a sua inspiração. Não há nada de esotérico nelas nem nos seus ensinamentos atuais.

Aos oitenta anos, com o mesmo vigor de sempre e muito melhor de saúde, ele continua a viajar todos os anos entre a Europa, a Índia e a América. Nos últimos catorze anos, tem organizado uma reunião internacional de verão em Saanen, na Suíça, onde pronuncia sete conferências públicas no espaço de quinze dias e mantém debates diários com todos os que desejam participar deles. Nos últimos seis anos organizou também uma reunião de outono em Brockwood Park, bela propriedade no Hampshire adquirida pela Fundação inglesa. Todas essas conferências são gratuitas e franqueadas ao público. Em Saanen, os que desejam participar da reunião fazem suas próprias reservas para hospedar-se na aldeia, ao passo que as conferências de Brockwood Park são ouvidas, na maior parte, por visitantes diurnos, mas nos dois locais existem amplas instalações para acampar, de modo que os jovens, que representam considerável proporção do seu público, não precisam gastar muito.

Recentemente, os ensinamentos de Krishnamurti despertaram grande interesse no mundo científico e, pela primeira vez, em outubro de 1974, um grupo de distintos físicos e psicólogos demorou-se dez dias em Brockwood Park, travando debates diários com ele, sobre o seguinte tema: "Que lugar tem o conhecimento na transformação do homem e da sociedade?"

A educação sempre esteve mais próxima do coração de Krishnamurti do que qualquer outra coisa. Ele tem hoje quatro escolas mistas na Índia, duas das quais internacionais, assim como uma escola mista internacional em Brockwood Park. Dez por cento das vagas em todas elas são reservadas a alunos que não podem pagar. Krishnamurti visita-as todos os anos e nelas se empenha em discussões com alunos e professores. Embora se siga nessas escolas o currículo comum, o seu principal objetivo ao fundá-las foi dar às crianças a oportunidade de crescer sem nenhum dos preconceitos nacionais, raciais, religiosos,

de classe e culturais que erguem barreiras entre os seres humanos e dão origem a tanta violência. Ele mesmo acha que pertence a toda a parte e a parte nenhuma em particular.

A principal dificuldade no que concerne a essas escolas é encontrar professores igualmente libertos de todo e qualquer preconceito e que possuam, ao mesmo tempo, as necessárias qualificações escolásticas. Krishnamurti, no entanto, não desanima. Espera fundar, dentro de pouco tempo, uma escola perto de Vancouver, outra em Ojai, na Califórnia (faz vários anos que já não tem nada com a Escola do Vale Feliz, ali existente), e fez planos também para novas escolas na Índia, onde a educação é tão necessária. Sempre lhe foi possível inflamar as pessoas com o próprio entusiasmo e afastar delicadamente os cautos e prudentes. Amigos avisados dizem-lhe, pesarosos, que tal e tal escola é um sonho impossível; não há dinheiro para ela. Ele sorri e concorda; pouco tempo depois, entretanto, o dinheiro materializa-se como que por milagre, adquire-se uma propriedade, professores e alunos são magneticamente atraídos para lá e a escola entra em funcionamento.

É claro que os ensinamentos de Krishnamurti mudaram de maneira considerável em todos esses anos e continuam a mudar à medida que ele procura novas palavras para exprimir uma verdade tão evidente para ele quanto a própria mão, mas tão difícil de explicar aos outros. Basicamente, porém, sua única preocupação continua a ser a mesma do tempo em que dissolveu a Ordem da Estrela — libertar psicologicamente os homens. Sustenta ele que essa liberdade só pode ser alcançada através de uma completa transformação do espírito humano e que todo indivíduo tem em si o poder de transformar-se de modo radical, não no futuro, senão instantaneamente. Krishnamurti nunca perdeu a alegria que conheceu no início da década de 1930 e anseia por partilhá-la. Sabe que descobriu a cura da tristeza e, como bom médico, deseja fazer presente dela ao mundo.

CRONOLOGIA

Aqui, e nas Notas e Fontes, usam-se as seguintes iniciais em lugar dos nomes completos:

AB	Annie Besant
CWL	C. W. Leadbeater
EL	Emily Lutyens
GA	George Arundale
K	Krishnamurti
N	Nitya
OEO	Ordem da Estrela no Oriente
ST	Sociedade Teosófica

1831	
11 de agosto	Nascimento de H. P. Blavatsky (que quando solteira se chamava von Han)
1832	
2 de agosto	Nascimento de H. S. Olcott
1847	
17 de fevereiro	Nascimento de CWL
1 de outubro	Nascimento de AB
1875	
17 de novembro	ST inaugurada nos Estados Unidos
1882	
Dezembro	A sede da ST muda-se para Adyar, Madrastra
16 de dezembro	CWL ingressa na ST
1884	
	CWL conhece a Sra. Blavatsky e viaja em sua companhia para a Índia, chegando a Adyar no dia 21 de dezembro

1888	
15 de março	AB conhece a Sra. Blavatsky
1889	
21 de maio	AB ingressa na ST
Dezembro	CWL volta à Inglaterra em companhia de Raja para tornar-se preceptor do filho do Sr. Sinnett e de GA
1890	
	AB e CWL conhecem-se
1891	
8 de maio	Morte da Sra. Blavatsky
1893	
Novembro	AB vai à Índia pela primeira vez
1895	
11 de maio	Nascimento de K
1897	
	K quase morre de maleita
1898	
30 de maio	AB funda o Colégio Central Hindu, em Benares Nascimento de Nitya
1901	
	A <i>Upanyanam</i> de K
1905	
7 de janeiro	Morre a mãe de K
1906	
16 de maio	Aberto inquérito em Londres para apurar acusações de imoralidade contra CWL. CWL pede demissão da ST
1907	
17 de fevereiro	Morte de H. S. Olcott em Adyar
Junho	AB eleita presidenta da ST
1908	
Novembro	CWL reintegrado na ST
1909	
23 de janeiro	Narianiah e família chegam a Adyar
10 de fevereiro	CWL chega a Adyar
22 de abril	AB deixa Adyar numa <i>tournée</i> de sete meses pela Europa e Estados Unidos
1 de agosto	K e N são submetidos à provação por determinação do Mestre Kuthumi

27 de novembro	AB retorna a Adyar e encontra-se com K pela primeira vez
31 de dezembro	K é aceito pelo Mestre Kuthumi
1910	
11 de janeiro	Primeira Iniciação de K. N é aceito.
6 de março	Documento assinado por Narianiah em que transfere a tutela dos meninos para AB
Abril	Narianiah queixa-se do comportamento de CWL em relação a K
29 de maio	K encontra-se com GA em Adyar pela primeira vez
Fim de outubro	K começa a ensinar um grupo em Benares
Dezembro	Publica-se <i>Aos Pés do Mestre</i>
1911	
11 de janeiro	Ordem do Sol Nascente fundada por GA que mais tarde se torna a internacional OEO
22 de março	Os meninos deixam Adyar em companhia de AB a caminho da Europa
22 de abril	Os meninos partem de Bombaim com AB e GA
5 de maio	O grupo chega a Londres. EL encontra-se com K pela primeira vez
28 de maio	K faz o primeiro discurso em Londres
12 de junho	Os meninos vão com AB a Paris, onde ela fala na Sorbonne. K vê o Mestre Conde
7 de outubro	AB e os meninos voltam a Adyar
28 de dezembro	As pessoas caem aos pés de K em Benares enquanto ele distribui os certificados de membros da OEO. Dali por diante o dia 28 de dezembro passa a ser santificado na OEO
1912	
1.º de janeiro	Funda-se na Índia a revista trimestral <i>Herald of the Star</i> (O Arauto da Estrela)
19 de janeiro	Narianiah assina um documento em Adyar em que declara não fazer objeções a que AB leve os meninos para a Inglaterra a fim de estudarem
16 de fevereiro	AB e os meninos chegam à Inglaterra
26 de março	Os meninos em Taormina com CWL, GA e Raja
1.º de maio	Segunda Iniciação de K em Taormina
Maio	AB junta-se ao grupo em Taormina
Fim de julho	Os meninos voltam à Inglaterra com GA e Raja. CWL regressa à Índia depois de visitar Gênova
Agosto	AB retorna à Índia para responder a processo judicial, deixando os meninos guardados na Inglaterra, temerosa de um seqüestro
24 de outubro	Narianiah inicia um processo contra AB no Tribunal Distrital de Chingleput, mais tarde transferido para o Superior Tribunal de Madrastra
Novembro a abril de 1913	Os meninos e os tutores em Old Lodge, na Floresta de Ashdown

1913	
20 de março	Inicia-se o processo depois de vários adiamentos
11 de abril	AB perde a tutela, mas CWL e K são absolvidos da acusação de imoralidade
15 de abril	Sentença proferida. Por ela AB é obrigada a entregar os meninos até o dia 26 de maio, ou antes desse dia, mas é dispensada do pagamento das custas
25 de abril	AB consegue suspensão de execução da sentença enquanto aguarda resultado da apelação
17 de maio	AB deixa a Índia rumo à Inglaterra
28 de junho	Os meninos vão para Varengeville, na Normandia, com GA, Raja e EL
5 de julho	AB regressa a Adyar
Fim de setembro	O grupo de Varengeville volta a Londres
Outubro	A Srta. Dodge doa uma renda vitalícia de 500 libras anuais a K
29 de outubro	Julgando a apelação, o tribunal confirma a decisão da instância inferior e intima AB a pagar todas as custas
31 de outubro	Carta importante de K a CWL, em que lhe pede que o livre da tutela de Raja
1.º de dezembro	AB solicita lhe seja concedido apelar para o Comitê Judicial do Conselho Privado em Londres
1914	
1.º de janeiro	Ampliada e internacionalizada, a revista <i>Herald of the Star</i> começa a aparecer todos os meses
Princípio de janeiro	Os meninos são levados secretamente para Taormina por GA
23 de janeiro	O grupo volta à Inglaterra
27 de janeiro	A suspensão de execução enquanto se aguarda o resultado da apelação é concedida pelo Conselho Privado em presença dos meninos
20 de fevereiro	CWL deixa Adyar pela Austrália, que passa a ser, dali por diante, o seu lar
Março	Os meninos vão para Shanklin, Ilha de Wight, com GA e Wodehouse
5 de maio	AB vence a sua apelação ao Conselho Privado e é dispensada do pagamento das custas
Junho e julho de 1915	Os meninos em Cornwall com GA estudando para entrar em Oxford
4 de agosto	Deflagração da guerra contra a Alemanha
1915	
18 de fevereiro	K escreve uma longa carta a CWL em Sydney explicando-lhe todas as suas dificuldades
Fim de março	Nitya alista-se na Cruz Vermelha, na França, como mensageiro
Abril	K espera ir para a França. Encomenda uniforme
Maio	Frustram-se as esperanças de K
Junho	K deixa Cornwall e trabalha com EL no Endsleigh Palace Hotel, Bloomsbury, que deverá ser transformado em hospital. N volta da França

Outubro	K desiste da idéia de exercer alguma atividade ligada à guerra a pedido de AB. Os meninos estabelecem-se em Londres a fim de estudar de novo para entrar em Oxford. Baillie-Weaver torna-se uma influência importante em suas vidas
Princípio de novembro	GA é nomeado secretário-geral da ST para a Inglaterra e o País de Gales. A partir de então pouco se avista com K
Fim de novembro	Os rapazes retornam a Cornwall tendo Wodehouse por preceptor
1916	
Janeiro-fevereiro	Dificuldades para entrar em Oxford
Junho	Os rapazes são mandados para o Sr. Sanger, preparador de examinandos que mora perto de Rochester, Kent
15 de julho	Em Sydney, CWL é consagrado Bispo da Igreja Católica Liberal
11 de novembro	Casamento de Raja, em Londres, com Dorothy Graham
1917	
Março	Desfazem-se as esperanças de ingressar em Oxford; K decide tentar Cambridge
Junho	Desfazem-se as esperanças de ingressar em Cambridge; K decide tentar a Universidade de Londres
21 de junho	AB e GA internados em Ootacamund
21 de setembro	AB e GA libertados sem condições
Novembro	K tenta curar os olhos de N
Dezembro	Os rapazes mudam-se para um apartamento em Londres
1918	
14 de janeiro	Os rapazes prestam exames de admissão
Março	K ouve dizer que foi reprovado; N passou com distinção. Os dois irmãos voltam à casa de Sanger
24 de maio	Os rapazes deixam a casa de Sanger para ir morar em Wimbledon. K assiste a conferências na Universidade de Londres
Junho	O nome de N é registrado na Faculdade de Direito
9 de setembro	K presta novos exames de admissão
1.º de outubro	K fica sabendo que voltou a ser reprovado. Continua assistindo a conferências na Universidade de Londres
Dezembro	Os rapazes saem de Londres para restabelecer-se de uma gripe
1919	
Fevereiro	Os rapazes tornam a Londres. K assiste a conferências na U. de L. N estuda Direito
6 de junho	AB chega a Londres depois de mais de quatro anos e meio
14 de junho	K preside a uma reunião da OEO, seu primeiro trabalho para a Estrela desde que AB saiu da Inglaterra em 1914

Julho	K joga golfe na Escócia e torna-se bom jogador
Outubro	K e N vão a Paris com AB. Quando voltam a Londres, vão morar num apartamento em St. James Street
1920	
13 de janeiro	N é aprovado nos exames de Direito Constitucional e História do Direito
24 de janeiro	K vai a Paris e hospeda-se em casa dos Blech, enquanto que N permanece em Londres
Janeiro	K faz amizade com os de Manziarly e Isabelle Mallet, e renova sua amizade com Ruspoli
8 de fevereiro	K sente uma presença invisível. K e Ruspoli igualmente infelizes
12 de fevereiro	K vai para o Sul da França com Max Wardall
28 de fevereiro	K volta a Paris para morar sozinho num apartamento
24 de março	N é impedido de ir à Índia por AB
Abril	GA casa com Rukmini Devi na Índia
6 de maio	K pensa continuamente, todos os dias, no Senhor Buda, e medita
20 de julho	K reúne-se aos de Manziarly em Amphion, perto de Genebra
25 de julho	Reaviva-se o interesse de K pela ST e pela OEO. Ele ouve dizer que Raja chegou a Londres com Rajagopal
31 de julho	K afirma sua crença nos Mestres, mas rebela-se contra certas coisas que lhe parecem "monstruosamente deletérias" na ST
30 de setembro	K e N regressam a Londres e ficam num apartamento novo
Outubro	K encontra-se com Rajagopal
5 de outubro	N passa no exame de Direito Penal
8 de dezembro	K volta a Paris e hospeda-se num hotel da Rue de Ponthieu
28 de dezembro	K fala voluntariamente numa reunião da ST
1921	
1.º de janeiro	As notas editoriais de K tornam a aparecer no <i>Herald</i>
Meados de maio	N tem a primeira hemorragia
22 de maio	K está meditando pouco. Conclui que precisa ter uma filosofia de vida
29 de maio	N vai a Paris para ficar sob os cuidados do Dr. Carton
23-26 de julho	AB e K comparecem ao primeiro Congresso Mundial da ST em Paris
27-28 de julho	Primeiro Congresso Mundial da OEO. K toma tudo em suas mãos e surpreende a própria AB
1.º de agosto	K e N vão para Boissy-St. Leger
4 de setembro	K e N vão para a Suíça com Rajagopal
15 de setembro	K vai para a Holanda, vê o Castelo de Eerde pela primeira vez; conhece Helen Knothe e apaixona-se por ela
20 de outubro	K vai para Londres, depois para Amsterdã, a fim de assistir às Convenções da ST e da OEO

19 de novembro	K e N (que se acredita estar curado) saem de Marselha no rumo da Índia
3 de dezembro	K e N são recebidos por AB em Bombaim
5 de dezembro	O grupo chega a Adyar
14 de dezembro	Conferido a AB em Benares o título de doutor <i>honoris causa</i>
Fim de dezembro	K pronuncia uma das quatro conferências da Convenção em Benares
1922	
11 de janeiro	K fala bem na reunião de Adyar da OEO
Meados de janeiro	K e N encontram-se com o pai
22 de março	K e N embarcam em Colombo, em companhia de Raja, para assistir à Convenção da ST em Sydney
12 de abril	Chegam a Sydney e são recebidos por CWL, que não viam desde julho de 1912
19 de abril	Começam as desavenças na Convenção entre CWL e a facção de Martyn
29 de abril	Nitya adoece de novo. Ele e K vão para Katoomba
9 de maio	AB chega a Sydney
Maio-junho	Barulho nos jornais
15 de maio	K, N, Raja e outros procuram voluntariamente o Departamento de Polícia para refutar as acusações de imoralidade contra CWL
Fim de maio	Tomada a decisão de voltar à Europa via São Francisco e passar o verão no Vale de Ojai
1.º (?) de junho	Mensagem do Mestre Kuthumi entregue a K
3 de julho	K e N chegam a São Francisco
6 de julho	Chegam a Ojai
Meados de julho	Nitya passa muito mal outra vez. Rosalind Williams vem tratar dele
5 de agosto	K principia a meditar sobre a mensagem do Mestre
17-20 de agosto	K passa por uma experiência que lhe modifica completamente a vida. CWL sustenta que essa é a sua terceira Iniciação
Fim de agosto	Começa o estranho "processo" de K
1923	
Janeiro	K principia a escrever uma mensagem mensal para os Grupos de Autopreparação, assim como notas editoriais. Seu primeiro poema é publicado no <i>Herald</i> .
Fevereiro	K começa a trabalhar para a OED, falando e angariando fundos
Meados de fevereiro	Eles compram o chalé que ocupam e seis acres com uma casa maior dentro deles
Maio	K realiza uma <i>tournee</i> de conferências pelos Estados Unidos. AB e CWL são incapazes de explicar o "processo" de K
11 de junho	K e N chegam à Inglaterra
18-29 de julho	Congressos da ST e da OEO em Viena; como AB não pode estar presente, K preside ao Congresso da OEO

De 30 de julho a 22 de setembro	K e N passam esse período em Ehrwald, no Tirol austríaco, com um grupo de amigos. O "processo" de K revela-se muito penoso
Fim de setembro	K e o grupo visitam o Castelo de Eerde, o qual, com um terreno de 5.000 acres, é oferecido a K pelo Barão van Pallandt
22 de outubro	K e N voltam à América com Rajagopal
8 de novembro	Chegam a Ojai e passam a viver na casa maior, a que dão o nome de Arya Vihara
20 de novembro	Recomeça o "processo" de K, que continua até o dia 11 de abril de 1924
1924	
Fevereiro	O "processo" de K atinge um clímax, mas ainda continua
Abril	Chega a Dra. Locke, mandada de Sydney por CWL para verificar se o corpo de K não está sendo submetido a um esforço excessivo
11 de abril	Descrita por N como uma noite maravilhosa para todos. A Dra. Locke está presente
15 de abril	AB chega à Inglaterra
15 de junho	K, N e Rajagopal chegam à Inglaterra
Julho	AB, K e N vão a Paris. É a primeira vez que os dois irmãos andam de avião
9-15 de agosto	Convenções da ST e da OEO em Arnheim, na Holanda, seguidas pelo primeiro Acampamento da Estrela em Ommen
18 de agosto	K e N, em companhia de um grupo de amigos, vão para Pergine, perto de Trento
11 de agosto	Recomeça o "processo" de K
31 de agosto	K principia a falar ao grupo
24 de setembro	Interrompe-se o "processo"
28 de setembro	Todos deixam Pergine
2 de novembro	K e N embarcam em Veneza rumo a Bombaim em companhia de EL
18 de novembro	Chegada a Bombaim, onde são recebidos por AB
24 de novembro	Chegada a Adyar
1925	
Princípio de janeiro	K vai a Madanapalle à procura de um sítio apropriado à construção de uma universidade. Encontra o local no Vale de Tettu (cujo nome é depois mudado para Rishi) adquirido em 1926
26 de janeiro	N, novamente muito doente, vai para Ootacamund com a Sra. de Manziarly
3 de abril	K, N, Raja, Rama Rao e EL chegam a Sydney, onde são recebidos por CWL
7 de abril	Um especialista examina N e ordena-lhe que vá para as montanhas
10 de abril	Inaugura-se a Convenção da OEO
19 de abril	K, N, Rosalind, a Sra. Roberts e Rama Rao mudam-se para um chalé em Leura
8 de maio	Muitos progressos esotéricos no Festival de Wesak

25 de maio	K fala no Solar
1.º de junho	O <i>Herald</i> anuncia que K não poderá comparecer ao Acampamento de Ommen em agosto, em virtude da saúde de N
2 de junho	CWL diz a EL que o "processo" de K é o forçamento dos espirilos em cada átomo
24 de junho	K, N, Rosalind e Rama Rao deixam Sydney rumo a São Francisco
15 de julho	Chegam a Ojai depois de uma viagem terrível. N passa muito mal
18 de julho	AB, EL e Shiva Rao chegam à Inglaterra
24 de julho	AB adia as conferências que devia pronunciar no Queen's Hall e vai para Huizen
7 de agosto	GA afirma que K e outros passaram pela quarta Iniciação
10 de agosto	GA "traz" os nomes de dez dos doze Apóstolos
11 de agosto	AB anuncia no Acampamento de Ommen os nomes de sete Apóstolos
14 de agosto	GA afirma que K e outros passaram pela Iniciação final. EL regressa a Londres para encontrar uma carta de K cheia de um triste ceticismo
24 de agosto	Rajagopal chega a Ojai, a mandado de AB, para ajudar a tratar de N
16 de setembro	Com muito tato, K nega-se a confirmar as Iniciações "trazidas" em Huizen
23 de outubro	K, Rajagopal e Rosalind chegam à Inglaterra, deixando a Sra. de Manziarly e Rama Rao tomando conta de N. K sente-se muito infeliz e muito cético em relação às Iniciações e aos Apóstolos
2 de novembro	AB e K falam numa reunião em Londres sem mencionar os Apóstolos
8 de novembro	AB, K, EL, Rajagopal, Rosalind, Shiva Rao, Wedgwood, GA e Rukmini embarcam em Nápoles rumo a Colombo
13 de novembro	N morre em Ojai às 10 horas e 37 minutos da manhã.
14 de novembro	K recebe a notícia da morte de N. Depois de dez dias de sofrimento, K recobra a serenidade e escreve um artigo sobre N
25 de novembro	Grupo chega a Adyar. Rajagopal é nomeado secretário-geral da OEO em lugar de N
3 de dezembro	CWL e o seu grupo chegam a Adyar, vindos de Sydney. Pouco depois, AB faz a derradeira tentativa para conseguir que K reconheça os Apóstolos
21 de dezembro	K oficia pela primeira vez uma cerimônia segundo o ritual hindu reformado
24-27 de dezembro	Convenção da ST
28 de dezembro	Inicia-se a Convenção da OEO. O Senhor fala através de K na reunião matutina
1926	
Janeiro	CWL e o seu grupo retornam a Sydney
6 de fevereiro	K dirige-se a Benares a fim de falar às crianças da escola da ST

De 25 de março a 19 de abril	K passa esse tempo em Ootacamund restabelecendo-se de uma intoxicação alimentar
Maio	Muitos repórteres em Bombaim, de onde AB e K viajam para a Inglaterra
3-19 de julho	Primeira reunião no Castelo de Eerde com 35 pessoas convidadas por K
7 de julho	K começa a falar todas as manhãs
19 de julho	Todos os presentes acreditam que o Senhor falou pela boca de K durante uma hora na palestra da manhã
24-29 de julho	Acampamento de Ommen. Abre-se a Convenção em presença de AB e Wedgwood
27 de julho	O Senhor fala pela boca de K diante da fogueira do Acampamento à noite. Wedgwood diz a AB que é o famoso Mágico Negro quem está falando através de K. AB conta a K o que ouviu de Wedgwood e K declara que nunca mais falará em público se ela acreditar numa coisa dessas. AB fica muito perturbada
19 de agosto	AB, K, Rosalind e Rajagopal embarcam para os Estados Unidos. Repentina decisão de AB de acompanhar K e os demais
26 de agosto	O grupo chega a Nova Iorque. Os repórteres enxameiam a bordo do navio
27 de agosto	K é entrevistado, sozinho, por 40 repórteres. Ele causa boa impressão. Faz-se também muita publicidade em torno dele em Chicago, aonde vão para assistir à Convenção, depois de Nova Iorque
3 de outubro	K leva AB para Ojai pela primeira vez
Meados de outubro	Em virtude de um inchaço doloroso que lhe apareceu no peito; K é aconselhado pelos médicos a não ir à Índia, como fora planejado. AB decide passar o inverno com ele em Ojai
Novembro	AB adquire terras no Vale de Ojai para o trabalho de K
1927	
Janeiro	Reinicia-se o "processo" de K com dores intensas. Ele escreve poemas todos os dias
14 de janeiro	AB faz uma declaração à Associated Press dos Estados Unidos segundo a qual "O Mestre Universal está aqui"
19 de abril	AB, K, Rosalind e Rajagopal chegam à Inglaterra
25 de maio	K vai a Paris onde diz, numa palestra pronunciada durante uma reunião da S.E., que os Mestres não passam de "incidentes". Isso escandaliza e perturba muita gente
19 de junho	Uma assembléia maior do que as anteriores reúne-se no Castelo de Eerde. Depois da sua primeira palestra, K é obrigado a ficar de cama por dez dias, acometido de bronquite
24 de junho	GA afirma numa reunião em Londres que não concorda como o pensamento de AB, segundo o qual a consciência de K se fundiu com a do Senhor

28 de junho	EL e Rajagopal estabelecem novos objetivos para a OEO. O nome é mudado para Ordem da Estrela, e o da revista <i>Herald</i> para o de <i>Star Review</i> (Revista da Estrela). Propõe-se também a publicação de um <i>International Star Bulletin</i> (Boletim Internacional da Estrela)
30 de junho	K reinicia suas palestras. Anseia por tornar-se um saniasi
22 de julho	Raja chega de Huizen e, discursando, causa consternação entre os presentes
23 de julho	K fala na manhã seguinte censurando Raja
24 de julho	Raja declara que a reunião foi um fracasso
29 de julho	K dirige a palavra ao Conselho da Estrela, dizendo estar agora certo da sua missão
2 de agosto	K dá sua primeira resposta à pergunta vital sobre se acredita ou não nos Mestres
7-12 de agosto	Acampamento da Estrela em Ommen com a presença de AB e Raja. K fala de sua união com o Amado
15 de agosto	K fala no Acampamento de Serviço após a partida de AB. O relato da fala de K deixa-a profundamente perturbada
Fim de agosto	K vai passar algumas semanas na Suíça
21 de setembro	K vai a Paris e posa durante oito dias para o escultor Antoine Bourdelle
30 de setembro	K vai de avião para Londres a fim de comemorar com AB o octogésimo aniversário dela no dia 1.º de outubro
3 de outubro	Rosalind e Rajagopal casam-se em Londres
13 de outubro	AB e K embarcam em Marselha com destino à Índia
27 de outubro	AB e K desembarcam em Bombaim, onde enfrentam uma multidão de repórteres. AB "dá testemunho" de que um fragmento da consciência de K está agora fundida com a do Senhor
Novembro	K em Adyar. Pronuncia uma conferência pública em Madrastra
4 de dezembro	CWL chega a Adyar para a convenção da ST; mostra-se muito reverente em relação a K. AB e CWL deixam claro durante a Convenção que K é o Mestre. AB declara-se "sua discípula devotada"
1928	
11 de janeiro (Dia da Estrela)	GA fica "furioso" por causa de K, pois não acredita que ele seja o Mestre. Primeiro Acampamento da Estrela em Guindy
Janeiro	Organizada a Fundação do Vale de Rishi
1-6 de fevereiro	Primeiro Acampamento em Benares
Fevereiro	K faz uma <i>tournee</i> pela Índia
29 de fevereiro	K, exausto, viaja em companhia de Jadu para a Europa. Pela primeira vez pronuncia palestras a bordo, a pedido dos passageiros.
31 de março	K pronuncia sua primeira conferência pública em Londres na Friends Meeting House
3 de abril	K embarca para Nova Iorque depois de visitar Paris, Eerde e Londres

Abril	K descansa em Ojai
Maio	K mostra-se aborrecido por ter sido arrastado ao movimento da Mãe Universal
15 de maio	K fala em público pela primeira vez nos Estados Unidos para 16.000 pessoas no Hollywood Bowl
21-28 de maio	Primeiro Acampamento da Estrela em Ojai nas terras da Fundação do Vale Feliz
14 de junho	K chega à Inglaterra em companhia de Rajagopal e Jadu
18 de junho	K faz conferência em Kingsway Hall
23 de junho	K faz conferência na Salle Pleyel, em Paris
27 de junho	K fala pelo rádio da Torre Eiffel
30 de junho	A maior de todas as assembléias até então reúne-se em Eerde. As conseqüências, no entanto, não são tão harmoniosas
8 de julho	Primeiro discurso de K para a turma reunida em Eerde, depois de uma semana de doença. AB está muito doente em Londres
30 de julho	K vai passar uma noite em Londres para estar com AB
2-10 de agosto	Acampamento de Ommen
9 de agosto	AB retorna à Índia
Agosto-setembro	K em St. Moritz com Raja
20 de outubro	K viaja em companhia de Jadu para Colombo
Fim de outubro	AB fecha a S.E. em todo o mundo
6 de novembro	K chega a Adyar
7-14 de dezembro	Reunião de inverno em Benares na mesma linha das reuniões de Eerde
Dezembro	AB confessa a K que gostaria de abrir mão da presidência da ST a fim de segui-lo aonde quer que ele vá, mas o Mestre dela não lho permite
Dezembro	Aquisição de terras em Rajghat, Benares, a fim de nelas se construir uma escola
23-28 de dezembro	Convenção da ST em Benares. K preside à Convenção na ausência de AB. AB baixa instruções no sentido de que não se realizem cerimônias durante a Convenção. GA celebra a missa fora dos terrenos da ST
1929	
Janeiro	K regressa a Adyar
16 de janeiro	Inaugura-se em Adyar a sede da Estrela
Fevereiro	K viaja para a Europa em companhia de Jadu
Março	K retorna aos Estados Unidos com Jadu. No dia 5, a bordo, K escreve à Sra. de Manziarly: "Nunca abandonarei ninguém, mas todos me abandonarão"
19 de março	K em Ojai surpreende-se ao encontrar antagonismo contra ele entre os membros da Estrela
Maio	K em Ojai adocece e fica muito fraco. Um novo médico aconselha-o a tomar muito cuidado, pois a bronquite constante acabou por enfraquecer-lhe o pulmão. Em conseqüência disso, ele cancela as conferências que deveria pronunciar no Queen's Hall, em Londres, programadas para julho. Os jornais anunciam uma cisão entre K e AB. K declara absurda a notícia

De 27 de maio a 4 de junho	Acampamento de Ojai. K declara numa reunião: "Eu sou a chama plena que é a glória da vida"
18 de junho	K chega a Londres em companhia de Jadu e dos Rajagopal
25 de junho	K vai com Jadu para os Alpes franceses a fim de descansar
De 10 de julho a 1.º de agosto	Reunião em Eerde
3 de agosto	K dissolve a Ordem da Estrela no Acampamento de Ommen
1.º de outubro	Reabre-se a S.E.
11 de outubro	K volta da Índia com AB
23 de outubro	Eles chegam a Bombaim e ali ficam alguns dias, durante os quais K fala por três vezes
10-17 de novembro	Acampamento em Benares
Fim de novembro	K faz uma <i>tournee</i> pelo Norte da Índia
23-27 de dezembro	Convenção da ST em Adyar. CWL, que veio de Sydney, volta-se contra K e sustenta que "o Advento gorou"
26 de dezembro	K escreve a EL dizendo que vai pedir demissão da ST
De 28 de dezembro a 3 de janeiro	Acampamento de K em Guindy
1930	
1.º de fevereiro	K e Jadu deixam Bombaim com destino à Inglaterra, a caminho da América
21 de março	Chegam a Ojai
De 27 de maio a 1.º de junho	Primeiro Acampamento em Ojai franqueado ao público
Junho	K excursiona pelos Estados Unidos
26 de junho	K embarca em Nova Iorque com destino à Inglaterra em companhia de Rajagopal
16-25 de julho	Reunião de Eerde
De 26 de julho a 7 de agosto	Primeiro Acampamento de Ommen franqueado ao público
De 15 de outubro a 5 de novembro	K na França e na Suíça. Tendo tido bronquite, cancela a <i>tournee</i> italiana
6-30 de novembro	K em Taormina, restabelecendo-se
9-14 de dezembro	K fala em Atenas
17-23 de dezembro	K em Bucareste, onde chegou de navio, via Constantinopla. É guardado por policiais noite e dia, visto que sua vida foi ameaçada por estudantes nacionalistas católicos
1931	
5-8 de janeiro	K na Iugoslávia
De 10 de janeiro a Fevereiro	K na Hungria, onde fica doente
6-10 de fevereiro	Última reunião no Castelo de Eerde
7 e 9 de março	K pronuncia uma conferência pública em Londres, na Friends Meeting House
Março-maio	K excursiona pelo Norte da Europa

26 de março	Assinada a escritura de transferência, pela qual se devolve Eerde ao Barão van Pallandt
De 28 de julho a	
6 de agosto	Acampamento de Ommen
19 de agosto	Morte de Jadu no Arizona durante uma <i>tournee</i> de conferências
Outubro	K regressa a Ojai
Dezembro	K em samádi em Ojai
1932	
Janeiro-abril	K fala todos os domingos no Carvalhal de Ojai
2-8 de junho	Acampamento de Ojai
De 13 de julho a	
6 de novembro	K excursiona pelos Estados Unidos e pelo Canadá
7 de dezembro	K e Rajagopal chegam a Adyar depois de passar pela Inglaterra. K vê AB, que perdeu a memória
De 28 de dezembro a	Acampamento de K em Guindy seguindo-se à Convenção
4 de janeiro	da ST. K não fala na Convenção
1933	
7-17 de janeiro	K em Benares, onde pronuncia seis conferências públicas
De 21 de janeiro a	
27 de fevereiro	K excursiona pelo Norte da Índia
Março	K apanha catapora em Benares
Abril	K recupera-se perto de Darjeeling
2 de maio	K diz adeus a AB em Adyar
Maio	K embarca em Bombaim em companhia de Rajagopal
20 de setembro	Morte de AB
1934	
1.º de março	Morte de CWL

Outras obras de interesse:

O BUDISMO E O CAMINHO DA VIDA —
Christmas Humphreys

A EVOLUÇÃO FUTURA DO HOMEM —
Sri Aurobindo

TEXTOS BUDISTAS E ZEN-BUDISTAS —
Ricardo Mário Gonçalves (org.)

PSICANÁLISE E ZEN-BUDISMO — *Fromm,*
Suzuki e De Martino

IOGA E SAÚDE — *Yesudian e Haich*

IOGA PARA A SUA ESPINHA — *Pandit*
Shiv Sharma

ASANAS — *Swami Kuvalayananda*

MANUAL DE IOGA — *Georg Feurstein*

NOVAS PERSPECTIVAS DA
PARAPSICOLOGIA — *B. Rhine e R. Brier*

EXPERIÊNCIAS PSÍQUICAS ALÉM DA
CORTINA DE FERRO — *Ostrander e*
Schroeder

A ARTE DE VIVER ENSINADA PELOS
CLÁSSICOS

PSIQUIATRIA PARA A VIDA PRÁTICA —
Dr. Jean Rosenbaun

PENSAMENTOS — *Pascal*

A SABEDORIA DA BÍBLIA

Peça catálogo gratuito à

EDITORA CULTRIX

Rua Conselheiro Furtado, 648, fone 278-4811
01511 São Paulo, SP

KRISHNAMURTI: OS ANOS DO DESPERTAR

Mary Lutyens

No curso dos últimos cinqüenta anos, Krishnamurti tem exercido, como mestre religioso, uma influência de âmbito mundial que cresce a cada dia que passa. Este livro não se ocupa dos seus atuais ensinamentos, encontráveis nas várias obras dele publicadas pela Cultrix, mas sim da primeira parte de sua vida. Traça-lhe o desenvolvimento desde os dias em que, menino na Índia, foi declarado pelos líderes da Sociedade Teosófica o veículo do vindouro Messias, até quando, aos trinta e quatro anos de idade, rompeu completamente com as influências e organizações que buscavam confiná-lo ao papel messiânico tradicional. Desde então, percorreu Krishnamurti seu próprio caminho como um mestre original, viajando continuamente pelo mundo, escrevendo livros e proferindo conferências. Nascido na Índia do Sul, educado na Inglaterra e em Paris, e tendo vivido nos Estados Unidos, Krishnamurti não pertence nem ao Oriente nem ao Ocidente: é verdadeiramente internacional, na sua condição de um dos mais influentes e mais profundos pensadores que nossa época conheceu.

EDITORA CULTRIX